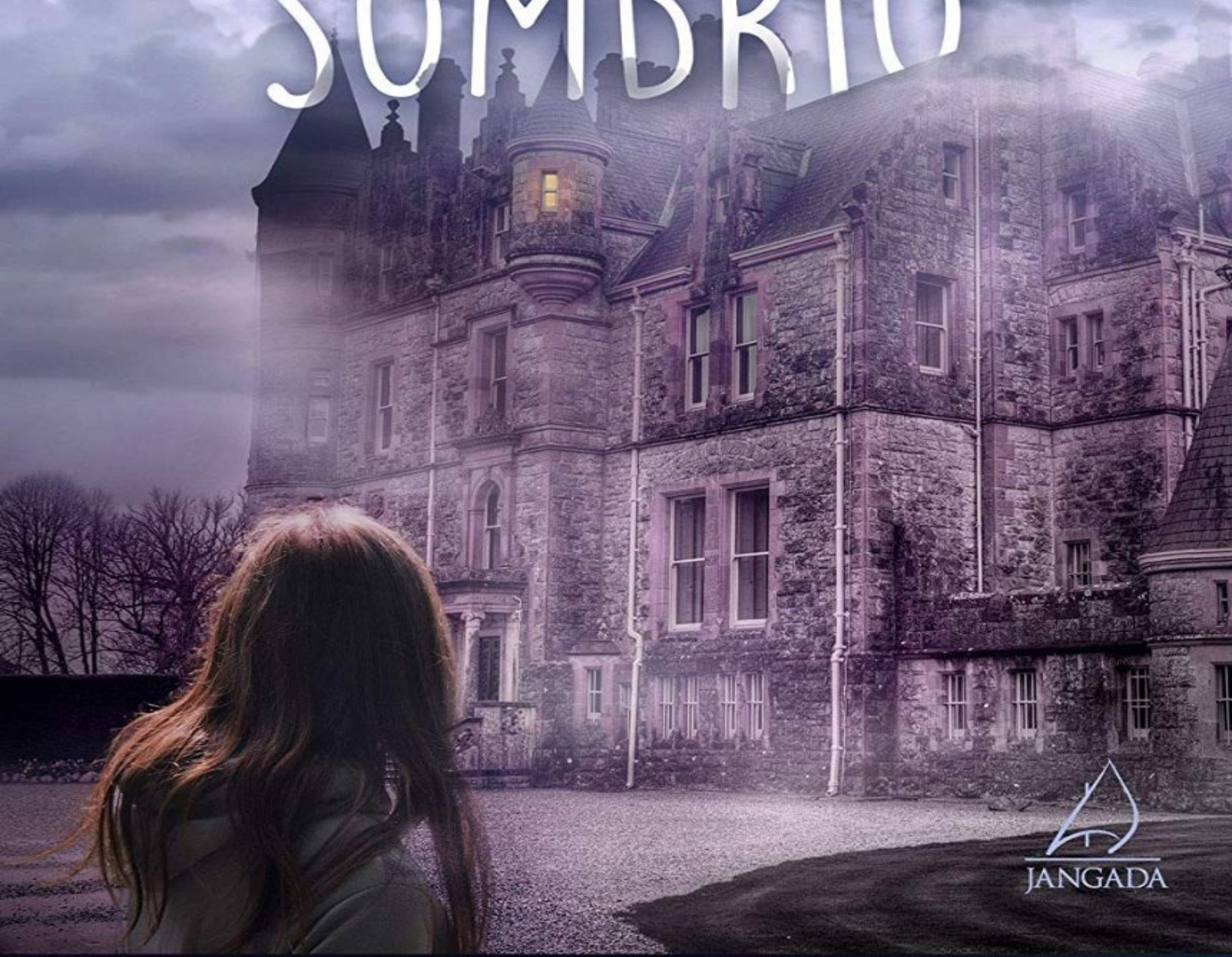


Temple Mathews

A GAROTA DO ORFANATO SOMBRIO





A GAROTA
DO ORFANATO
SOMBRIO



Clube Estrada dos livros

Me dê um livro, que eu lhe dou um sonho

TEMPLE MATHEWS



A GAROTA DO ORFANATO SOMBRIO

Tradução

Denise de Carvalho Rocha



Título do original: *Bad Girl Gone*

Copyright © 2017 Temple Mathews

Publicado mediante acordo com St. Martin's Press, LLC.

Copyright da edição brasileira © 2018 Editora Pensamento-Cultrix Ltda.

Texto de acordo com as novas regras ortográficas da língua portuguesa.

1ª edição 2018.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão por escrito, exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos de revistas.

A Editora Jangada não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados neste livro.

Esta é uma obra de ficção. Todos os personagens, organizações e acontecimentos retratados neste romance são produtos da imaginação do autor e usados de modo fictício.

Obs. Este livro não pode ser exportado para Portugal, Angola, Moçambique.

Editor: Adilson Silva Ramachandra

Editora de texto: Denise de Carvalho Rocha

Gerente editorial: Roseli de S. Ferraz

Produção editorial: Indiara Faria Kayo

Editoração eletrônica: Join Bureau

Revisão: Vivian Miwa Matsushita

Produção de ebook: S2 Books

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mathews, Temple

A garota do orfanato sombrio/Temple Mathews; tradução Denise de Carvalho Rocha. – 1. ed. – São Paulo: Editora Jangada, 2018.

Título original: *Bad girl gone*.

ISBN 978-85-5539-113-2

1. Ficção norte-americana 2. Suspense – Ficção I. Título.

18-16783

CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Iolanda Rodrigues Biode – Bibliotecária – CRB-8/10014

1ª Edição digital: 2018

eISBN: 978-85-5539-118-7

Jangada é um selo editorial da Pensamento-Cultrix Ltda.

Direitos de tradução para o Brasil adquiridos com exclusividade pela

EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA., que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Rua Dr. Mário Vicente, 368 – 04270-000 – São Paulo, SP

Fone: (11) 2066-9000 – Fax: (11) 2066-1512

<http://www.editorajangada.com.br>

E-mail: atendimento@editorajangada.com.br

Foi feito o depósito legal.

Dedicado aos meus tesouros,
Manon Lucy Mathews e Piedad Suarez.



SUMÁRIO

Capa
Folha de Rosto
Créditos
Dedicatória
Despertar
Água
Refeitório
Apresentações
Chuveiro
Fuga
Crime
Amor
Regras
Confissões
Vingança
Água
Obituário
Funeral
Enterrada
Colégio
Faca
Diário
Estrago
Querida

Dança

Prisioneira

Intrusos

Caos

Sedução

Ouija

Mamãe

Trágico

Investigação

Furto

Machado

Garotas

Assassino

Poder

Zen

Ponto fraco

Margaridas

Andy

Dani

Karma

Ficar

Agradecimentos

Próximos lançamentos



Despertar

QUANDO TENTEI ME LEMBRAR POR QUE, afinal de contas, eu estava deitada num quarto escuro e frio, minha mente não conseguiu se concentrar.

Eu me sentia emergindo lentamente de um pesadelo, arrastando-me para longe das suas garras. Essa geralmente é uma sensação boa, porque você sabe que está apenas sonhando e o pesadelo acabou. Só que desta vez não foi assim. Minhas mãos estavam frias e úmidas. Agarrei o lençol até as articulações ficarem brancas. *Socorro!*, pensei. *Alguém, por favor, me ajude!*

Eu não tinha ideia de onde estava e, por um segundo aterrador, não conseguia nem me lembrar de *quem* eu era. Mas então me lembrei do meu nome. Echo. Echo Stone. Meu nome verdadeiro é Eileen. Mas, quando era bem pequena, andava por aí repetindo tudo que meus pais diziam e eles começaram a me chamar de “Echo”, e o apelido pegou.

A lembrança do apelido e de como o ganhei fez o meu cérebro pegar no tranco. Eu sabia quem era. Lembrei-me de que tinha 16 anos e morava em Kirkland, no estado de Washington, com meus pais. A minha memória estava voltando. Minha mãe era dentista e meu pai, professor de Inglês numa escola secundária. Ótimo, eu conseguia me lembrar de partes da minha vida. Mas estava num quarto escuro e frio, e não fazia ideia de como tinha ido parar ali. Reprimi um grito, o meu peito cada vez mais apertado. *Não surte, Echo, aguente firme*, disse a mim mesma. *Relaxe e tenha bons pensamentos.*

Pensei em Andy, meu namorado: um metro e oitenta de altura, ombros largos, olhos azuis e longos cabelos castanho-dourados. Ele adorava me dar pedacinhos de *cookie* na boca e me chamava de Coelhinha. Eu o chamava de Lobinho. Às vezes, ele ficava com soluço sem motivo nenhum e geralmente se livrava deles dando risada. Pensar em Andy logo me aqueceu por dentro, mesmo que o quarto estivesse congelando.

Onde eu estava? Eu tremia e ao mesmo tempo estava encharcada de suor, a pele pegajosa. Minha mão voou para o pescoço, à procura da corrente com a medalhinha do meu leal São Cristóvão. Mas ela não estava ali, onde a minha mãe a colocara para me proteger nas viagens. Será que me protegeria agora? Eu nunca havia perdido aquela corrente. Devia ter se quebrado. E então tive um pensamento ruim. E se alguém tivesse arrancado a corrente do meu pescoço? Estremeci. *Onde você está, Andy? Preciso de você!*

Abri os olhos ao máximo. Estava escuro feito breu. Meu coração batendo era a prova de que aquilo não era um pesadelo, era real. Passei os braços em volta de mim mesma e respirei fundo, tentando me acalmar. Meus ombros estavam rígidos. Rocei a pele nos lençóis sob o meu corpo. Os que estavam na minha cama, em casa, eram macios. Estes eram ásperos e grosseiros. Eu estava em algum lugar totalmente estranho. Na minha cabeça, eu falava comigo mesma, num tom frenético, cheio de medo: *O que estou fazendo aqui?! O que estou fazendo aqui?!*

Alguém nas proximidades estava chorando. Eu sentia um nó no estômago e a garganta arranhando, como se tivesse gritado demais. Minha cabeça doía também e presumi que talvez eu tivesse levado um tombo ou algo pesado desabara sobre mim. Massageei o couro cabeludo, suavemente a princípio, depois com mais vigor, apalpando, procurando um galo. Não encontrei nada... nem um galo, nem um corte. Meu crânio estava intacto, embora meus longos cabelos castanho-avermelhados estivessem embaraçados e oleosos. Respirei fundo pelo nariz, procurando aromas familiares. Os bolinhos de canela da minha mãe, a loção pós-barba do meu pai. Mas nada cheirava vagamente familiar, e os odores que *de fato* chegavam ao meu nariz eram horríveis. Fumaça. Vinagre. Enxofre.

Estendi o braço para ver se encontrava um abajur na mesinha de cabeceira, mas meus dedos tocaram algo úmido e fibroso. *Ai, meu Deus!* O nó no meu estômago apertou um pouco mais e encolhi o braço. Queria que meus olhos se

ajustassem à escuridão, mas, quando pisquei, surgiram na minha frente estranhas figuras pulsantes. Era só a minha mente me pregando peças, não era?

Respirei fundo cinco vezes, pelo nariz, e soltei o ar devagar, como a minha avó Tilly tinha me ensinado anos antes. Mas cinco inspirações não foram suficientes. Então respirei fundo mais dez vezes e, por fim, meu ritmo cardíaco diminuiu, passando do pânico galopante para um ritmo constante e cauteloso. Logo comecei a distinguir formas. Havia *uma garota* na cama ao lado da minha? Os cabelos dela eram incrivelmente longos e grossos; os cachos, espalhados pelo travesseiro. Estavam sujos também. Foi neles que eu devia ter tocado ao tentar alcançar o abajur. Meu coração voltou ao seu ritmo punitivo, como um pulso se abrindo e fechando no meu peito. O choro nas proximidades parou. Mas então foi substituído por algo pior: um som rasgado, como osso sendo cortado por uma serra enferrujada. E depois um gorgolejo... seguido por um rugido baixo e selvagem. Uma gargalhada distante. *O que, pelo amor de Deus, estava acontecendo?*

Eu estava aterrorizada e respirando tão alto que fiquei com receio de acordar a menina ao lado. Algo me dizia que eu devia ficar quieta e manter a boca fechada. Estupidamente, ignorei isso. Minha voz estava rouca, minha garganta doendo...

– Mãe? Pai?

Nada.

– ANDY?

As palavras soaram fracas no silêncio sepulcral que se seguiu. Apurei os ouvidos para tentar distinguir o ruído reconfortante dos passos dos meus pais, mas o que chegou até mim foram mais ruídos cruéis flutuando na escuridão.

Ouvi um relógio distante tiquetaqueando e um gemido estranho, depois uma tosse. Mas não era a tosse da minha mãe ou do meu pai; era uma tosse de criança – uma garota, presumi. Queria desesperadamente que isso fosse um pesadelo. Então fechei os olhos e tentei voltar a dormir. Mas os sons terríveis continuaram: o choro suave, quase melódico; a tosse rítmica e persistente; os gritos

lamentosos e os ruídos metálicos; a água corrente. Não conseguia entender. Abri os olhos novamente.

– PAPAI?

Um eco na escuridão. Distante. Fantasmagórico. Sarcástico.

“Papai? Papai? Papai?”

Senti algo na minha cama. Os pelos do meu pescoço se arrepiaram. Imaginei que, se balançasse os dedos na borda do colchão, eu os sentiria sendo abocanhados por alguma criatura, que me arrastaria para dentro do seu poço fétido. Segurei a respiração e fiquei ouvindo. E lá estava. Havia alguém, ou alguma *coisa*, respirando embaixo de mim.

Deslizei até a beirada da cama e baixei lentamente a cabeça, minhas íris se dilatando. Fitei as sombras e vi um par de olhos ferais olhando para mim. O pânico ácido inundou minhas veias quando me ergui num sobressalto, pensando, *Por favor não me mate! Se me tocar, meu namorado vai perseguir você e te dar uma surra!*

Ouvi um som sussurrante, depois passos. A criatura saltou para longe da minha cama. Seus olhos me encontraram, então ela correu para fora do quarto, sobre duas pernas, acho; só vi um borrão branco. Parecia humano, mas poderia ser outra coisa. Fosse o que fosse, graças a Deus estava correndo para longe de mim. Ou, espere! Talvez ele fosse se reunir com outros da sua espécie e voltar para me atacar em bando. Minha pele começou a formigar. *Saia daqui!*

Eu não podia ficar mais naquele quarto. Tinha que me levantar e sair daquele lugar. Meus pés descalços tocaram o piso frio de madeira. Dei alguns passos hesitantes nas sombras. Uma tábua do assoalho rangeu sob os meus pés e congelei. Meus olhos tinham se ajustado à escuridão e eu podia ver formas. Mais adiante vi uma tênue poça de luz. Andei na direção dela.

Caminhei lentamente, dando passos cautelosos, enquanto meus olhos vasculhavam o lugar. O corredor parecia um lugar perfeito para uma emboscada, então fiquei alerta, os músculos retesados.

Passei por uma porta fechada à minha direita, outra à esquerda. Senti cheiro

de fumaça. Ouvi barulho de água, como se alguém estivesse tomando banho no andar de cima. Mantive o olhar fixo na poça de luz que vinha de debaixo de uma grande porta, no final do corredor. Quando me aproximei, pude ver que a porta era feita de uma grossa lâmina de madeira de carvalho e parecia pesar uma tonelada. No meio dela havia um grosso anel de bronze. À minha direita havia um relógio de pêndulo muito alto e antigo, que tiquetaqueava como um metrônomo, mas não tinha ponteiros para marcar as horas. Aquilo me deixou com medo e irritada. *O que eu estava fazendo num lugar com um relógio sem ponteiros?*

Aproximei-me da espessa porta. Meu estômago, contraído de medo. Algo estava terrivelmente errado. Eu me sentia perdida, desorientada. Sentia não só que estava no lugar errado, mas que, de alguma forma, havia algo errado *em mim!* Fui surpreendida por um pensamento terrível. E se eu nunca mais visse Andy?

Ergui uma mão na direção da aldrava, mas parei. Porque senti alguém atrás de mim.

– Eu não faria isso se fosse você – disse uma voz, num tom que não era mais que um sussurro.

Eu me virei e vi um garoto de compleição delgada, magro como um bambu, com um cabelo comprido e branco, comendo uma maçã do amor vermelha. Os pelos da minha nuca se eriçaram.

– Uau! Você é bonita! – disse ele.

Eu poderia ter corado. Nunca pensei em mim mesma como uma garota bonita. Meu nariz é torto e, desde que alguém me disse que meus olhos são muito separados, vivo convencida disso.

– Quer uma mordida? – ele perguntou, estendendo a maçã.

Apavorada demais para falar alguma coisa, só sacudi a cabeça, recusando. Meus ombros começaram a enrijecer.

– Me espiando embaixo da cama daquele jeito... você me assustou – ele disse. O cabelo do garoto era tão branco que desconfiei que deveria ter sido isso que

eu vi quando ele disparou do quarto.

– Você estava embaixo da cama?

Ele assentiu e deu outra mordida na maçã. O garoto tinha uma aparência muito estranha. Parecia abatido e triste.

– Onde estou? – perguntei.

Ele ignorou a pergunta.

– Sou Mick. Às vezes o meu próprio quarto me assusta. Então durmo embaixo da cama de outras pessoas. Você me assustou. Foi por isso que corri. Você gostou?

Gostei *do quê?*, estava prestes a perguntar quando a pesada porta se abriu, rangendo como os portões do inferno e lançando um luz forte no corredor. O “Alemão” de cabelos brancos se afastou, deixando uma trilha de pegadas úmidas. Mas que droga era aquela?

Protegi os olhos da luz forte e vi através dos dedos uma mulher alta, de ombros largos, vestida com algo entre o uniforme de enfermeira dos filmes antigos e o hábito de uma freira. Seu cabelo era preto e tinha uma mecha prateada num dos lados. Ela tinha uma vaga aparência de ave de rapina, a pele flácida, e por um instante olhou para mim com curiosidade, como se me conhecesse ou algo assim. Mas em seguida me fitou como se eu não passasse de uma barata. Eu queria perguntar o que estava acontecendo, mas as palavras ficaram presas na garganta, bloqueando a minha traqueia. De alguma maneira, lembrei-me de respirar. Eu podia sentir as gotas de suor se formando sobre o meu lábio superior.

– Pode me dizer... – comecei a perguntar, mas a mulher ergueu uma das mãos de ave de rapina. Eu me calei e escondi as minhas, trêmulas, sob as axilas.

– Você é nova aqui. Não conhece as regras. Então não vou discipliná-la. *Desta vez.* Mas a regra número um é: Não Perambular pelos Corredores à Noite. Agora volte para a cama!

A última coisa que eu queria era voltar para aquela cama. Mas a voz dela era alta e autoritária e ela parecia capaz de me matar com um movimento do pulso.

Eu tinha que fazer o que aquela mulher estava mandando; estava apavorada demais para fazer outra coisa. Atravessei novamente a escuridão, encontrei o quarto e me deitei, mas estava com medo demais para dormir.

Sono, me tire desta. Me ajude a escapar desta loucura.

Meu pai sempre me dizia que, se eu quisesse dormir, deveria pensar em coisas boas, que me deixassem feliz. Então me lembrei dos meus primeiros tempos com Andy. Eu tinha 14 anos na época. Era um dia quente de primavera e o pai dele não estava em casa. Ele estava tentando encaçar uma bola de basquete numa tabela postada na entrada de carros da casa dele. Eu estava encostada num velho carvalho, tentando parecer indiferente. A bola saltou da parte de trás do aro e ele pulou para o rebote, mas perdeu. Então ela rolou direito para os meus pés. Eu pensei, *Será que ele fez de propósito?* Ele se aproximou de mim com seu sorriso torto e sexy e seus olhos calorosos e amigáveis.

– E aí, vizinha?

Eu odiava quando ele me chamava assim. Parecia tão impessoal... Peguei a bola do chão.

– Suponho que você queira isso de volta. – Falei com o meu tom de voz mais aveludado...

– Não estou com nenhuma pressa – disse ele.

Ele está *dando em cima de mim!* *Caramba!* Meu coração deu um salto.

Como um potrinho assustado, passei por ele com a bola na mão, driblando-o algumas vezes antes de lançar a bola no aro. Foi a melhor ou a pior jogada da minha vida, dependendo do ponto de vista. A bola passou longe da cesta e bateu numa vidraça da garagem. Ouvimos o barulho de vidro estilhaçado.

– Bela jogada... – Ele estava sorrindo quando se aproximou.

– Ai, meu Deus! Sinto muito, sou uma idiota... Eu pago o conserto. Se não fosse tão burra... Não devia ter feito isso... Cabulei todas as minhas aulas de educação física... Tenho um cérebro de lagartixa e...

Ele me pegou nos braços. O que estava acontecendo ali? Isso mesmo, ele simplesmente me beijou na boca. Um tremor sacudiu o chão. Ou pelo menos foi

o que me pareceu. Quando ele parou de me beijar, estava sorrindo de novo.

– Funcionou – disse ele.

– O que funcionou?

– Eu te beijar.

– Funcionou por quê?

– Consegui fazer você parar de falar – disse ele.

Fiquei chocada, indignada, perplexa e boquiaberta. Ele me beijou de novo, provavelmente para me calar outra vez. Quando o segundo beijo terminou, ele sorriu e tocou a minha bochecha.

– Eu estava brincando, quanto a fazer você parar de falar – disse ele. – Gosto do som da sua voz.

– Obrigada – murmurei.

– Você beija bem – disse ele. – Onde aprendeu a beijar assim?

– Hum, com você, acho, agora. – Eu estava falando a verdade.

Até esse dia, a grande maioria dos meus beijos tinha sido em cachorros e bichos de pelúcia. Esse era um novo território.

– Não se preocupe com a vidraça – disse ele.

Depois ele pegou a bola de basquete e começou a batê-la no chão.

– Temos que fazer isso outras vezes – disse ele.

– Eu... não quero quebrar outra vidraça.

– Eu estava falando dos beijos.

Recordar esse dia com Andy surtiu efeito. Relaxei, a exaustão me venceu e mergulhei num sono que me engolfou como uma onda. Meu último pensamento consciente foi o de estar feliz por ter caído no sono, porque mal podia esperar que aquele pesadelo insano acabasse.



Água

TIVE SONHOS HORRÍVEIS. Estava sendo perseguida por formas indistintas na escuridão. Então parei e fui tomada por uma sensação estranha. Uma onda lenta e quente começou a avançar pela minha mão e rapidamente se espalhou pelo meu estômago. O sonho mudou. Eu estava correndo para o banheiro e, claro, a droga da porta estava trancada. Então ouvi um clique e ela se abriu, mas não era mais um banheiro. Era uma arena com um assoalho branco que se estendia até o infinito. Eu me virei e corri até não aguentar mais, então senti um calor entre as pernas. E os lençóis molhados.

Abri os olhos e vi uma dezena de adolescentes espremidos no meu pequeno quarto, olhando para mim como se eu fosse um rato de laboratório. Ninguém ria ou falava; apenas me olhavam com olhos frios. Era apavorante.

O Alemão, o garoto magricela de cabelo branco da noite anterior, segurava uma tigela de água morna e, dentro dela, estava mergulhada a minha mão esquerda. Ok, então agora eu sabia com certeza que o velho truque da “mão na água morna”[1] realmente funcionava. Pulei de susto e gritei com toda a força dos meus pulmões.

– Fora daqui todos vocês!

Ninguém se mexeu. Mas aí uma garota gordinha soltou um grunhido e eles simplesmente saíram do quarto, enquanto a tigela com água caía no chão com estardalhaço. O Alemão devia ter se molhado, porque, assim como na noite anterior, ele deixou pegadas úmidas atrás de si.

Fiquei sentada por um instante sobre a mancha úmida do meu próprio xixi, totalmente humilhada. A menina de cabelos compridos não estava mais na cama. Eu estava sozinha, depois de ter caído na armadilha daquele grupo de adolescentes cretinos, e molhado as calças. Perfeito. Ótimo. Olhei em volta para

ver se achava meu celular e conseguia ligar para Andy ou meus pais. Não vi telefone nenhum. Também não havia TV ou computador no quarto.

A mulher alta, com cara de pássaro, apareceu na porta com um olhar zangado:

– Você não é crecidinha demais para molhar a cama?

– Eu não tive... – comecei a protestar, mas aparentemente ela não deixava ninguém terminar uma frase.

– Como você vai ter que lavar seus lençóis e as suas roupas, vou deixá-la responsável pelo serviço de lavanderia. Todos os quartos têm um cesto de vime. A lavadeira fica no porão.

Ela apontou para o corredor. Eu estava olhando para ela, mas seus olhos ficavam se desviando a todo instante, como se eu fosse tão feia que ela não conseguisse me fitar por muito tempo.

– No final do corredor, descendo as escadas. Você vai encontrar.

Olhei para minhas calças e lençóis molhados. Que desgosto... Quando voltei a olhar para a porta, ela já tinha desaparecido. Afastou-se rápido, como se não visse a hora de ficar longe de mim. Mas eu queria respostas e o quanto antes. Corri para o corredor e gritei para as costas largas da mulher:

– Ei! *Espere!*

Ela se virou bem devagar, os olhos cautelosos, talvez até temerosos, mas se recompôs e seu olhar voltou a expressar a mesma fúria. Agora ela estreitava os olhos para mim e me fulminava. Eu estava apavorada, mas não a ponto de desistir de perguntar:

– Onde estou e como faço para sair daqui? Quero saber *agora!*

Pisquei e de repente ela estava a um palmo do meu nariz. Com as veias do pescoço pulsando, grande e forte o bastante para arrancar a minha cabeça, e parecia querer fazer justamente isso.

– Você *não* está em condições de dar *nenhuma* ordem aqui. Você agora é moradora da Casa do Meio. Recomendo que faça o que mandam, siga as ordens

e, se fizer isso... *um dia* posso responder a todas as suas perguntas. Até lá, não volte a me perguntar mais nada.

Ela me deu as costas e foi embora. Desta vez não fui atrás dela.

Casa do Meio?

Voltei para o meu quarto e fiquei parada lá em pé, por um instante, observando tudo. Havia duas camas, duas mesinhas de cabeceira com abajures e uma janela com as persianas abaixadas. Bem devagar, ergui um pouco a persiana para olhar lá fora e vi árvores e um muro alto de pedra. Eu estava presa ali. Tentei abrir a janela, mas ela estava selada com tinta, por isso fechei novamente a persiana e decidi que por ora faria o que haviam mandado. Descobriria uma brecha e, então, quando isso acontecesse, eu daria o fora dali o mais depressa possível.

Irritada, arranquei os lençóis e as cobertas do colchão velho e cheio de calombos. Alguém tinha deixado calças de pijama de algodão bege dobradas sobre a cadeira ao lado da minha cama. Tirei as calças molhadas e vesti o pijama seco. Depois enfiei tudo dentro do cesto de vime surrado que havia no canto do quarto e arrastei-o até o corredor, pela alça de corda na lateral. O ar à minha volta era frio e pesado.

Meus pés escorregaram em alguma coisa e quase caí sentada no chão, mas consegui recuperar o equilíbrio. Estendi o braço e senti a umidade no meu pé. Sangue. Não meu. Mas definitivamente era sangue. Estavam tentando me assustar e tinham conseguido, pois eu sentia um nó no estômago, minha pele estava fria e meu coração batia na boca.

Peguei o cesto e arrastei-o pelo corredor. Com a minha visão periférica, podia ver alguns adolescentes me espiando dos quartos escuros, o branco dos olhos brilhantes me causando arrepios. Meu lábio inferior tremia, mas eu estava determinada a não chorar. Cerrei os dentes e continuei arrastando o cesto pelo corredor.

O primeiro quarto em que entrei era como o meu, com duas camas de solteiro.

Os lençóis e cobertores tinham sido retirados dos colchões velhos. O cesto de roupa suja no canto estava transbordando de roupas de cama, camisas, calças e roupas de baixo usadas. Comecei a pegar a roupa e parei de repente. Pânico percorreu a minha espinha. Havia um *dedo* na pilha de roupa. Respirei fundo. Eles estavam zoando comigo outra vez, assim como tinham feito com o sangue.

– Muito engraçado. Vocês podem aparecer agora – eu disse.

Nada. Encostei no dedo com a ponta da unha, mas ele não se mexeu. Estava acinzentado. Ah, caramba. Sem conseguir me conter, toquei nele. Não era apenas um dedo, era quase uma *mão inteira*. E estava fria. Estremecendo, peguei a mão pelo dedo e tirei-a do cesto. Uma massa sangrenta. Soltei um grito e atirei-a do outro lado do quarto, onde ela quicou na parede. Meu estômago revirou, até que olhei mais atentamente e vi que era só uma mão de borracha idiota. Outra gracinha dos adolescentes. Que maravilha. Bem-vinda ao manicômio. Balancei a cabeça. Já estava farta daquela loucura toda. Decidi que não ia mais deixar que me fizessem de palhaça. Eu levaria aquela droga de roupa para a lavanderia e, enquanto isso, descobriria um jeito de sair dali. Se não conseguisse encontrar a saída, teria uma boa conversa com aquela varapau e descobriria que raios era aquela Casa do Meio.

Não parava de pensar em tudo que poderia ter me levado a ir parar naquele lugar. Pensei em desastres naturais, inundações ou terremotos talvez. Devia ter batido a cabeça, me perdido numa tempestade e chegado inconsciente àquele lugar. Jesus! Vi outra mão numa cesta de roupa suja. Agarrei-a com raiva, pronta para atirá-la também do outro lado do quarto, mas desta vez ela me agarrou!

Soltei um grito e pulei para trás, caindo sentada no chão, quando um garoto atarracado rastejou para fora do cesto. Ele tinha uma cabeça grande e era careca, seu pescoço era grosso e tinha cicatrizes na diagonal, espalhadas pelo crânio todo, parecendo zíperes. Agora os adolescentes estavam me olhando do corredor, os olhos arregalados, os rostos sinistros e sem expressão.

– Novata babaca... – murmurou uma garota.

Fiquei sentada em silêncio por alguns segundos até minha pulsação acelerada voltar ao normal.

Então me levantei e peguei a roupa suja do cesto. O que mais eu podia fazer? Obviamente estava naquele lugar por alguma razão e, por ora, seguir as regras parecia a melhor estratégia. Que aqueles pestinhas continuassem com suas piadinhas sem graça...

Continuei seguindo aos trancos e barrancos pelo corredor e arrastando os cestos pela alça. Minhas costas estavam me matando. Cheguei ao final do corredor e levei minha carga fedorenta escada abaixo. No trajeto, ouvi barulhos, como se as paredes estivessem cheias de ratos correndo de um lado para o outro. Ouvi uivos e gemidos também, mas ignorei tudo, jurando sair daquele lugar assim que fosse possível. Não via a hora de fazer algo normal, como andar de bicicleta ou caminhar no parque com Andy. Esperava que ele estivesse bem. Se eu tinha ido parar ali, onde *ele* estaria?

A lavanderia tinha uma única lâmpada, sem lustre, e tão fraca que a escuridão continuava a envolver uma enorme caldeira velha, que gemia e chiava como um animal moribundo. As paredes de concreto estavam úmidas e havia uma janela, fechada com barras, na parede mais distante. Nem me dei ao trabalho de tentar abri-la. Encontrei o sabão em pó e abasteci as máquinas de lavar antigas e cheias de ferrugem. Lembrei-me de todas as vezes em que eu tinha praguejado e me queixado à minha mãe por ter que ajudá-la com a roupa suja. Agora eu faria isso com o maior prazer, durante um dia inteiro, se ao menos pudesse estar com ela. Liguei a primeira máquina, mas nada aconteceu.

Chutei a infeliz (sempre vale a pena tentar), mas assim que meu pé descalço atingiu a lateral da máquina, alguém gritou. Mais novidades... Tudo o que eu precisava. Uma cabeça surgiu atrás da lavadora. Era um garoto, da minha idade, com os cabelos castanhos caindo sobre os olhos. Quando ele afastou as mechas, vi que era bonito. Tinha olhos cor de avelã, belos e calorosos. E uma boca bem atraente, mas ela estava contraída num sorrisinho que ele provavelmente achava

sexy, mas me lembrava o insuportável husky siberiano do meu vizinho, que havia abocanhado a minha perna uma vez.

– Suponho que todos vocês aqui se achem muito espertos – eu disse. – Mas, na verdade, não estão me assustando. Estão apenas me irritando.

Ele retraiu a cabeça, como se eu tivesse acabado de lhe dar uma bofetada.

– Eu não estava tentando assustar você. Estou tentando consertar o plugue. É por isso que a máquina que você está vandalizando não ligou.

Ele ergueu o plugue que tinha consertado com fita isolante e o encaixou na tomada.

– Experimente agora. Mas, de preferência, sem chutes.

Apertei o botão de ligar e o motor da máquina começou a roncar, obediente. Supus que deveria agradecê-lo, mas não estava com disposição para agradecer ninguém.

– Você sempre anda por aí chutando as coisas que não cooperam? – ele perguntou, afastando as mechas dos olhos novamente.

– Quem liga para o que eu faço? – respondeu a Senhorita Petulante, sem o mínimo tato.

– Suponho que essa seja a pergunta da vez agora, não é?

– Não, a pergunta da vez é... onde estou?

– Você não sabe?

– Se soubesse, estaria perguntando?

Ele sorriu. Isso me irritou mais ainda. Eu estava prestes a lhe dizer o quanto, quando ele respondeu à minha pergunta.

– Você está na Casa do Meio.

– Casa o *quê*?

Ele me olhou como se eu fosse uma idiota.

– Casa do Meio. É um orfanato.

– E como é que eu vim parar aqui?

Ele me fitou por um longo tempo, apertando os olhos como se fosse míope e quisesse enxergar algo a distância.

– Cada um de nós chegou à Casa do Meio de um jeito diferente.

– Bem, muito obrigada pela resposta absolutamente vaga e misteriosa. Aí é que está. Eu não pertencço a este lugar. Não sou órfã. Meus pais estão vivos e muito bem, obrigada.

Ele olhou para mim de um jeito pensativo e parecia prestes a falar alguma coisa quando uma campainha tocou.

– Café da manhã – disse, já começando a subir as escadas para fora do porão, dois degraus por vez.

Eu queria respostas, mas por acaso também estava com fome. Com *muita* fome, na verdade. E tinha duas opções. Ou poderia ficar naquela lavanderia úmida e malcheirosa, assistindo as roupas sendo lavadas dentro das máquinas, ou poderia seguir Olhos de Avelã até o andar de cima. Subi os degraus e segui o cheiro de bacon frito, do outro lado das portas duplas.

[1]O autor se refere à brincadeira comum, nos Estados Unidos, de mergulhar a mão de uma pessoa adormecida na água morna, na tentativa de induzi-la a urinar na cama. (N.T.)



REFEITÓRIO

O REFEITÓRIO ESTAVA CHEIO DE ADOLESCENTES sentados em mesas de madeira baixas e compridas, debruçados sobre suas tigelas e pratos, mastigando como animais selvagens. Por que eles se davam ao trabalho de usar pratos e talheres se deixavam a comida voar para todos os lados e o leite respingar das tigelas, e todos agiam como se aquilo fosse a coisa mais normal do mundo? Um gato preto passou por mim e entrou embaixo de uma mesa, para lambear o leite derramado.

Torcendo para que o trote já tivesse acabado e aquela iniciação não seguisse adiante, entrei no refeitório e todos pararam de mastigar por um instante. Dezenas de olhos acompanharam meus movimentos, enquanto eu procurava ansiosamente um lugar vazio. Por acaso havia um bem ao lado de Olhos de Avelã. Ele me viu e esperou por um instante dolorosamente longo para me acenar de má vontade. Não era a minha primeira opção, ele já tinha sido rude comigo no porão, mas todo mundo ali estava se comportando um pouco pior, então me aproximei da mesa dele. Um garoto desengonçado, com sardas, longos cabelos ruivos e dentes salientes estava sentado do outro lado da mesa, em frente ao lugar vago. Ele tossiu alto, cobrindo a boca com a mão, e mais olhares recaíram sobre mim.

Sentei-me entre Sardento e Olhos de Avelã, mas quase me levantei num salto, porque o assento do banco estava absolutamente gelado. Era como se o meu traseiro estivesse sobre um bloco de gelo. Confusa, deslizei a mão pelo assento. A madeira estava fria o suficiente para congelar água, mas não havia gelo ou nenhuma outra coisa ali que explicasse por que estava tão fria. Estremeci. Aquele lugar ficava mais estranho a cada segundo.

A voz na minha cabeça não parava de repetir, *Eu não deveria estar neste lugar. Eu não deveria estar neste lugar. Eu não deveria estar neste lugar.*

Sempre achei que eu tinha um bom karma. Mas que droga era aquela? O que eu tinha feito para merecer aquilo?

Cada um dos adolescentes no refeitório estava de olho em mim, inclusive o Alemão, com seus longos cabelos brancos. Eu os encarei de volta, pelo que pareceu uma eternidade, até que eles começaram a desviar os olhos e a voltar a comer. Mas não comiam simplesmente. Devoravam a comida ruidosamente, como se estivessem em algum tipo de competição ou algo assim, para ver quem limpava o prato mais depressa. Balancei a cabeça em desaprovação, ouvindo minha barriga roncar, enquanto procurava meu café da manhã de sempre, composto de frutas, iogurte e granola – a refeição matinal que minha mãe preparava para mim desde que eu me conhecia por gente. Mas não havia nenhuma fruta ou iogurte à vista. Coloquei uma porção de ovos mexidos de aparência insossa no meu prato e peguei uma fatia de torrada.

– Com os cumprimentos de Cole – disse Olhos de Avelã, empurrando um prato cheio de pãezinhos doces na minha direção. Peguei um. Minha mãe iria me matar. Eu costumava comer porcarias só quando estava estressada e agora andava totalmente estressada, particularmente nesse dia estranhíssimo e fantasmagórico.

– Você tem nome? – ele perguntou.

– Meu nome é Echo.

– O que os seus pais são? Hippies?

– Não. Quando tinha 2 anos, eu ficava repetindo tudo que diziam. Então começaram a me chamar de Echo.

– Qual seu nome de verdade?

– Só digo para os meus amigos mais chegados.

Cole assentiu com a cabeça, sem perder a calma.

– Ok, um prazer conhecer você também, Echo. É melhor você se apressar e comer sua comida até que não reste mais nada no prato. Caso não tenha reparado ainda, todo mundo aqui adora comer. Vá em frente e raspe o prato. O almoço é só daqui a algumas horas.

Comi meus ovos mexidos, que podiam não parecer grande coisa, mas até que tinham um gosto bom. Me servi um copo de leite e bebi um gole enquanto mastigava a torrada. Minha bunda ainda estava congelando, mas comi sem parar, sucumbindo à tentação e devorando outro pãozinho doce, sem nem começar a sentir o estômago cheio, o que era impressionante. Quando limpava meu bigode de leite, sem querer soltei um arroteo considerável. Todos os olhos se voltaram para mim. Então o Alemão soltou um arroteo também e alguém deu uma risadinha. Mas o clima leve não durou muito. Eu estava pensando no quanto todo mundo ali parecia esquisito quando, do nada, fui atingida na cabeça por um pãozinho doce. As migalhas se espalharam à minha volta.

– Mas que droga é essa? – gritei.

Eu não sabia quem tinha atirado o pãozinho. Foi como se o próprio pãozinho tivesse decidido me atacar e simplesmente voado do prato por vontade própria. Todo o rebanho olhou novamente para mim. Minhas orelhas começaram a arder de vergonha. Eu me vinguei do pãozinho na cabeça dando uma mordida num deles. Estava delicioso, então enfiei o resto na boca. Enquanto mastigava como um cachorro faminto, vi algo com o canto do olho que pareceu uma faísca ou lampejo.

Uma caixa de cereal na minha frente irrompeu em chamas. Quase morri de susto. O que estava *acontecendo*? Eu estava tentando descobrir, mas minha cabeça parecia vazia. Isso não era nenhuma surpresa, porque eu estava com dificuldade para engolir e aos poucos fui me dando conta de que estava sufocando. O pânico se espalhou pelo meu peito. Eu estava ficando roxa! Abri a boca para pedir ajuda, mas nenhum som saiu. Fiquei ali engasgada, sacudindo os braços como uma idiota. Ninguém moveu um músculo para me ajudar. Eu deveria ter ficado furiosa com a apatia geral, mas estava assustada demais para isso. Tudo o que eu podia fazer era pensar, *Por favor, não morra, por favor, não agora! Echo, não chegou a sua hora ainda!*

Comecei a ouvir um zumbido na cabeça. Eu estava começando a perder a consciência e implorei a Deus para não me deixar morrer ali, naquele ninho de

loucos. Alguma coisa bateu nas minhas costas e achei que estavam finalmente fazendo o que eu temia: me atacar em bando e acabar comigo. Mas era Cole, dando pancadinhas nas minhas costas. Estava tentando me salvar, mas só estava piorando as coisas, fazendo o corpo estranho afundar mais na minha garganta. Meus olhos vasculharam o lugar em busca de ajuda, mas cada um dos adolescentes presentes não fazia nada além de olhar para mim com uma expressão indiferente. O menino tampinha com as cicatrizes, o Cabeça de Zíper, lançou-me um sorrisinho maldoso e fez uma careta, como se também estivesse sufocando. Isso provocou algumas risadas. Apesar do terror que eu sentia, não consegui acreditar no quanto a atitude deles era cruel.

Eu me virei para Cole, que demonstrava uma calma quase sobrenatural. Os olhos dele me diziam para não entrar em pânico, mas a verdade era que eu já tinha entrado. O medo tinha tomado conta de mim. Meus braços e pernas estavam dormentes. Eu estava quase desmaiando. Cole começou a aplicar a manobra de Heimlich, passando os braços em torno do meu peito e comprimindo. Um rompante de medo percorreu a minha espinha quando meu cérebro explodiu num caleidoscópio de estrelas vermelhas e amarelas. Eu estava morrendo. Lutei um pouco mais, usando minhas últimas reservas de forças para gritar.

– Me solta!

Cole me soltou e percebi que eu tinha acabado de gritar. Ele tinha conseguido desobstruir minha traqueia, desalojando o pedaço de comida que estava tentando me matar e eu estava respirando outra vez, sorvendo o ar como se tivesse voltado à superfície depois de um longo mergulho. Os adolescentes continuavam olhando para mim como um rebanho de ovelhas. Ninguém pareceu dar a mínima para o fato de eu ter quase morrido. Meu rosto queimava.

– Será que não veem que eu quase morri! O que há de *errado* com vocês? – gritei.

Uma pausa, depois mais risadas. Cretinos sádicos! Passei os olhos pelos rostos jovens e estranhos, todos parecendo cansados e abatidos. Eu estava

furiosa, mas ainda assim... quase me senti mal por eles. Estavam apavorados e ao mesmo tempo pareciam indefesos. Não me contive e deixei a raiva explodir dentro de mim.

– Eu não devia estar aqui! Não sou órfã. Meus pais estão vivos!

Silêncio mortal. Durante dez longos segundos. Depois a sala veio abaixo com risadas cruéis e zombarias que gelaram meu coração. O Cabeça de Zíper grunhiu como um porco e depois caçou de mim, imitando minha voz:

– “Vivos, eu disse. Meu papai e minha mamãe estão vivos!”

Mais risadas. Eles estavam se divertindo às minhas custas.

Ergui a cabeça e andei com passos duros até a porta. Queria que Andy estivesse ali. Ele ia dar uma surra naqueles cretinos.

– Echo, espere! – gritou Cole.

– Echo? Esse é o nome dela? – perguntou Cabeça de Zíper.

Isso deu início a uma brincadeira que eu já conhecia havia muito tempo.

– Echo... Echo... Echo...

Muito engraçado. A grande brincadeira sem graça nenhuma. A mesma que eu tinha ouvido durante toda a minha vida. A vida que eu queria desesperadamente de volta.



APRESENTAÇÕES

SAÍ DO REFEITÓRIO E CORRI PELO CORREDOR, em direção ao meu quarto. Não ia deixar ninguém me ver chorando. Bati a porta com toda a força e me joguei na cama. Sentindo-me segura atrás da porta fechada, dei vazão às lágrimas, sem mais tentar reprimi-las. Esperava que o choro aliviasse a dor que ameaçava me engolfar. Era como se eu tivesse não só perdido o rumo de casa, mas chegado muito perto de perder a *mim mesma*. Pensei na minha mãe e no meu pai e em Andy. Continuava lutando contra a sensação de que algo terrível tinha acontecido. Os soluços vinham lá do fundo do meu ser e sacudiam o meu corpo até fazer minha barriga doer.

Ouvi então uma batida na porta.

– Vá embora!

– Mas você não sabe nem quem é... – disse Cole.

No fundo, fiquei aliviada ao perceber que era ele e não a mulher grandalhona ou outro bando sádico de aberrações.

– Por favor, vá embora – repeti.

– Tem certeza?

Quando ele viu que demorei para responder, entrou. Enxuguei as lágrimas e me encolhi mais na cama. Ele se sentou aos pés dela. Seus dedos tocaram meu tornozelo. Me surpreendi ao sentir a leveza do seu toque. Espere aí. Ele por acaso *estava dando em cima de mim*, agora?

– Vou te ajudar com a roupa suja – disse, gentilmente. – Mas é melhor a gente ir logo. Você não vai querer irritar a diretora Torvovs, pode acreditar.

Ele se levantou e senti a mão dele no meu punho. Estranhamente, não me afastei. Deixei que ele me ajudasse a levantar. Mais uma vez notei seus lábios sedutores. E me obriguei a parar de pensar naquilo.

– Vamos. Vai ser moleza – garantiu.

Como uma criancinha do jardim de infância levantando-se depois da “hora do cochilo”, segui Cole escadas abaixo e começamos a distribuir a roupa pelas máquinas. Eu tinha um milhão de perguntas e me pus a fazê-las sem sequer respirar. Ele pensou em cada uma delas e, no final, só respondeu duas. Mas eram duas importantes.

Sim, existia um jeito de sair dali e, *sim*, ele me ajudaria.

Pela primeira vez, desde que acordara naquele manicômio, eu me sentia mais animada. Queria saber como fugiríamos dali e por que ele estava me ajudando, mas não o pressionei, porque não queria que mudasse de ideia. Ele tirou a roupa da secadora e estávamos dobrando as toalhas quando Cole me perguntou:

– A sua mãe e o seu pai, como eles eram?

A pergunta feita no passado foi como um punhal no meu peito. Meus pelos arrepiaram.

– O que você quer dizer com “eles eram”? Eu já te falei, eles estão vivos!

Ele não perdeu a calma. Embora meus olhos estivessem ardendo de raiva. Mesmo assim, falou com suavidade.

– Me fale sobre eles.

Eu queria contar sobre a minha mãe, uma mulher linda e adorável; sobre o meu pai, um homem forte e inteligente, o quanto significavam para mim e como eu sentia falta deles, como lamentava não estar com eles. Mas eu sabia que, se abrisse o meu coração, começaria a chorar outra vez. Porque aquele medo insano estava se esgueirando dentro de mim. O medo de que, por mais louco e injusto que pudesse parecer, o fato de eu estar naquele lugar talvez tivesse uma justificativa. De que meu pai e minha mãe estivessem *mortos*. Não! Coisas assim não aconteciam com garotas como eu. Afastei o pensamento e reprimi o medo.

– Tive uma ideia melhor. Você pode conhecê-los. Posso trazê-los um dia, depois que me tirar daqui, e você pode perguntar tudo que quiser.

– Posso sentir, pelo jeito como fala, que você realmente os amava.

– Cole, pare! Eu *amo* meus pais. Não “amava”. Amo. Nada de usar o pretérito, ok?

Ele assentiu com a cabeça, os olhos cheios de compaixão.

– Desculpe, entendi. Você os ama. Sempre vai amá-los. Para sempre. Pode acreditar, eu entendo.

Mas eu não tinha certeza de que ele entendia. Achava que ninguém ali entendia. Por isso eu tinha que escapar dali. A cada minuto que passava ali dentro, eu sentia que aquele lugar estava me transformando numa pessoa que eu não queria ser, e eu não podia deixar que isso acontecesse em hipótese alguma.

Levamos a roupa limpa para o andar de cima, dobramos e separamos tudo, depois a distribuímos pelos quartos. Enquanto fazíamos isso, Cole me apresentou a alguns dos garotos que tinham me atormentado, tentando fazer com que parecessem mais simpáticos, o que era inútil, porque a minha intenção era dar o fora dali o mais rápido possível. Mas ele me ajudaria a fugir, então não quis ser rude.

No quarto número Um, conheci seu colega de quarto, o outro garoto que estava sentado perto de mim no café da manhã, sardento, de cabelo ruivo. O nome dele era Dougie; ele tinha 11 anos e era alto para a sua idade, e todo desengonçado. Embora o quarto estivesse congelando, ele estava sem camisa, a pele toda arrepiada. Estremeci quando ele me cumprimentou com a cabeça e bateu o punho fechado no meu, quando Cole nos apresentou.

– O que está rolando, Cole?

– Só estou mostrando tudo à recém-chegada.

Dougie assentiu.

– Entretenimento incrível no café da manhã... Coisa de primeiro nível – disse ele.

Aparentemente ele se achava muito divertido, porque começou a rir como um ganso. Eu lhe lancei um sorriso de rainha do baile.

– Muito obrigada. Você sabe como fazer uma garota se sentir bem-vinda.

– Relaxa. Ninguém leva nada para o lado pessoal aqui. É assim que a gente sobrevive. Você vai aprender – disse Dougie. – Cara, sou eu ou este lugar está abafado pra caramba?

Dougie estava ficando agitado, e começou a dar tapões nos seus ombros nus.

– Droga, não deveria ter batido nele. Foi só um tapinha, mas ele chorou tão alto! Chorou pra caramba! – disse Dougie.

– Deixa isso pra lá, cara – disse Cole.

Mas Dougie estava muito aborrecido.

– Acha que eu não faria isso se pudesse?

Olhei para Cole, que fez um gesto mostrando que era hora de sair dali, o que achei ótimo, porque Dougie estava começando a tirar a cueca xadrez para suportar o “calor”. Aquele garoto com certeza não batia bem.

No corredor, fiz Cole parar e falei baixinho.

– O que há com Dougie?

– O irmão menor estava azucrinando, sabe como é. Então ele pegou o moleque e bateu nele. E o menino chorou como se o estivessem matando.

– Então ele pode se redimir, ter outra chance de ser bom com ele, certo?

– Tudo é possível – disse Cole. Seu olhar me dizia para esquecer o assunto e foi o que fiz.

Fomos para o quarto Dois, onde despejamos a roupa de uma garotinha loira, Beth, que estava lendo um livro, as páginas com as bordas queimadas, como se ela o tivesse resgatado de um incêndio. Uma dezena de velas iluminava o quarto, que cheirava a lavanda. Beth olhou para mim.

– E aí, novata?

– Oi.

– Bem-vinda à Casa do Meio.

– Obrigada.

Eu estava sendo sincera. Era bom conhecer outro ser humano disposto a ser educado comigo. A colega de quarto de Beth era Marsha, mais perto da minha idade, talvez 14. Ela tinha cabelos encaracolados e, pelas acnes no rosto e o corpo, estava na puberdade. Também lia um livro e só me lançou um olhar de desprezo, pelo jeito se sentindo muito superior para falar comigo.

– Muito prazer em conhecê-la também – eu disse com um sorrisinho

sarcástico.

Marsha cerrou os dentes e me lançou um olhar rápido.

Um livro grosso na prateleira caiu e bateu ruidosamente no chão. Eu me encolhi quando metade das velas apagou. Olhei para baixo e vi que o livro se chamava *História do Ocultismo*. E então as velas de repente se acenderam novamente. O livro caído e as velas que acendiam sozinhas não surpreenderam Marsha e Beth nem um pouco. Estremeci pela centésima vez desde que tinha acordado naquele lugar.

Cole e eu saímos do quarto e ele me apresentou Cameron, um grandalhão com a pele da cor do cacau, e olhos doces e curiosos. Ele usava grandes óculos pretos, de aro redondo e lentes grossas, e tamborilava com os dedos, no ritmo de uma música que só ele ouvia, enquanto contemplava dois peixinhos dourados nadando num grande aquário. Os peixes pareciam estar nadando contra algum tipo de corrente, mas eu não consegui ver uma bomba-d'água em lugar nenhum. Outra esquisitice da Casa do Meio, sem dúvida. Fiz uma oração silenciosa aos céus: *Por favor, não me deixe enlouquecer!* Eu não queria terminar como um daqueles moradores bizarros.

– Peixinhos bonitos. – Que comunicativa eu era...

– Valeu – ele disse, a voz soando estranhamente aquática, como se estivesse fazendo um gargarejo ou algo assim. – Um é um cauda-de-cometa, o outro é um peixinho-dourado. *Carassius auratus*. São membros da família das carpas.

Cameron sorriu para mim. Aparentemente ele realmente adorava aqueles peixes. Eu sorri de volta, e por um instante sentimos uma conexão quando ele me fitou nos olhos.

– Legal conhecer você – disse ele. – Feliz caçada.

Meu coração apertou um pouco no peito.

– O que quis dizer com isso? Feliz caçada?

– Você vai descobrir – disse ele.

Então ele fechou os olhos, inclinou-se mais na direção do aquário e voltou a tamborilar os dedos no ritmo da música em sua cabeça. Mais mistério. Ótimo.

Tudo o que eu precisava.

Cole e eu voltamos para o corredor.

– Este lugar é bem estranho... Você sabe disso, não sabe?

– Sim, eu sei.

Suspirei. *Aguente firme, Echo, dê um jeito e só aguente firme...*

– Legal você me apresentar todo mundo, mas não vai servir pra muita coisa, porque não vou ficar aqui, você sabe.

Ele me lançou outro dos seus olhares pensativos.

– Como quiser...

Nos minutos seguintes distribuímos a roupa limpa por diferentes quartos, passando de uma “atração circense” para outra. Então nos dirigimos para o nosso destino final, meu quarto, no final do corredor. Vi de relance o mesmo gato do café da manhã disparando para dentro. Quando entramos, havia uma menina, de cerca de 12 anos, sentada na cama ao lado da minha. Ela era linda, com olhos ligeiramente puxados, o que me fez pensar que talvez um dos seus pais fosse oriental. Seu rosto era redondo como a lua e os cabelos eram longuíssimos e cheios de luzes. Ela estava pintando as unhas dos pés.

– Lucy, essa é Echo – disse Cole.

– Vi você no refeitório – ela disse.

– Sério? Acho que não vi você.

– Mas eu estava lá. Só não era um dos que estava zoando com a sua cara.

– Ah. Bem. Obrigada.

Tentei sorrir para ela. A menina bocejou e se espreguiçou na cama, arqueando as costas e me lançando um sorriso educado em resposta. Palavras gentis e um sorriso? Mal conseguia acreditar. Não vi nem sinal do gato, que deveria estar embaixo da cama ou tinha se esgueirado para fora.

– O gato é seu? – perguntei.

Ignorando a minha pergunta, ela se levantou e começou a arrumar a cama, com movimentos rápidos e eficientes. Comecei a fazer o mesmo e Cole me

ajudou. A cena parecia estranhamente doméstica e eu imediatamente pensei em Andy. Duvido que ele teria gostado de ver um cara me ajudando a fazer a cama.

– Não precisa, obrigada.

– Tudo bem.

– Eu disse que *não precisa!*

Cole se afastou, magoado. Sua tristeza repentina mexeu comigo. Antes que eu pudesse dizer mais alguma coisa, ele saiu do quarto.

– A gente se vê mais tarde.

Lucy se levantou e abriu uma gaveta, tirando dali uma sacola plástica e estendendo-a para mim.

– Tome. Caso queira tomar um banho.

– O que é isso?

Lucy se jogou na cama e colocou os braços em torno do travesseiro.

– Eram de Tawny. São seus agora.

– Tawny? Quem era? Pra onde ela foi?

– Era minha colega de quarto. Ela foi embora.

Eu olhei para a sacola. Dentro havia xampu, condicionador, uma escova de cabelos, pasta e escova de dentes.

– Foi embora para onde? Você quer dizer que ela foi adotada ou coisa assim?

Mas Lucy já tinha fechado os olhos e não abriu mais a boca.

– Lucy?

Ela estava dormindo profundamente. Eu me sentia exausta e malcheirosa. Olhei para o xampu. Talvez um banho fosse exatamente o que eu precisava.



CHUVEIRO

PEGUEI UMA TOALHA E VAGUEEI pelos corredores frios até encontrar o banheiro feminino. Era um cômodo de dar medo, com azulejos verdes e canos grossos e enferrujados em todas as paredes. Felizmente, eu estava sozinha. Tirei as roupas o mais rápido possível e abri a torneira de um dos chuveiros. Os canos velhos estremeceram, depois chiaram e soltaram todo tipo de barulho. A água estava fria, mas eu não estava a fim de ficar ali nua, esperando que esquentasse, então entrei de cabeça. Em segundos comecei a bater os dentes. Abri a torneira de água quente. Os canos gemeram em protesto, mas a ducha passou de congelante a morna, depois para um pouco mais que morna e, finalmente, para uma temperatura quente e agradável.

Eu me ensaboei e tratei de me enxaguar o mais rápido possível. A água quente fez maravilhas pelos meus músculos tensos, mas meu cabelo estava um desastre. Esfreguei o xampu que Lucy me dera no couro cabeludo e estava me sentindo quase normal quando a água começou a esquentar demais.

– Aiiii!

Minha pele estava queimando e eu tinha sabão nos olhos.

– Droga! – praguejei.

Estendi a mão na direção da toalha, mas não a encontrei, nem encontrei as minhas roupas. E então ouvi. Uma risada. Fiquei ali parada de olhos fechados, a pele ardendo, coberta de sabão. Senti algo nos dedos dos pés. Tirei o sabão dos olhos com as mãos e olhei para baixo. Quase desmaiei quando vi *sanguessugas* pretas e escorregadias saindo do ralo e subindo nos meus pés. Meu corpo inteiro se contorceu e um grito lancinante saiu da minha garganta.

Corri para fora do chuveiro, certa de que iria desabar no piso escorregadio e cair sentada no chão. Mas por milagre consegui me manter de pé e, quando olhei

para baixo novamente, as sanguessugas tinham desaparecido. Eu tinha imaginado a coisa toda.

Olhei em volta e vi umas seis garotas rindo, enquanto davam descarga sem parar. Por isso a água do chuveiro tinha ficado escaldante. Fiquei ali parada nua, furiosa demais e com o orgulho muito ferido para me lembrar de me cobrir.

– Dá pra devolver as minhas roupas! – gritei.

Algumas garotas se encolheram um pouco. Outra, toda roliça e de marias-chiquinhas (uma escolha de penteado lamentável, eu diria), deu um passo à frente e apontou o dedo para mim, acusando-me. Ela era a garota corpulenta que estava no meu quarto antes. Notei que seus dedos eram curtos e grossos, as unhas roídas. A blusa que usava estava justa demais e seu hálito era ruim. Cruzes!

– “Eu não devia estar aqui!” – ela me imitou, caçoando do meu surto no café da manhã.

– O que você quer? – perguntei.

– Você acha que é melhor do que nós? Bem, vou esclarecer uma coisinha pra você, novata. Na Casa do Meio, você não é *nada*! Assim como o resto de nós. E para a sua informação, você não vai a lugar nenhum.

– “Eu não devia estar aqui!” – me imitou outra garota.

– Vocês não sabem o que estão falando – eu disse. Estava tentando parecer calma, mas minha voz tremeu. Então vi minhas roupas e a toalha enfiadas num cesto de roupa suja e corri para pegá-las. Minha velocidade me surpreendeu, porque consegui me desviar de duas meninas que estavam tentando me interceptar. Uma delas tentou pegar a toalha antes de mim, mas eu a empurrei com toda a força contra a parede.

– Ei! – ela gritou.

A de marias-chiquinhas apontou o dedo para mim outra vez e seus olhos se estreitaram com raiva.

– Sabe o que você é? – ela disse, olhando bem na minha cara. – Burra! Tão burra que não sabe nem que é burra. Se soubesse o que é melhor pra você,

tentaria se entrosar.

– E como eu faço isso? Torturando as pessoas, como vocês? Acho que não. Além disso, não preciso “me entrosar”, porque não vou ficar aqui!

Marias-chiquinhas fechou e retraiu o punho, como se fosse me bater. Então fez um movimento com o braço na minha direção e tive de dar um salto para trás tão rápido que escorreguei. Marias-chiquinhas caiu na risada, resfolegando como um cavalo. Ponto para ela.

– Por favor, me deixem em paz. Eu logo vou embora, nem vou incomodar vocês – implorei.

A garota balançou a cabeça e olhou para as outras.

– O que eu disse? Ela é uma idiota. Ainda está em negação.

Uma das garotas pareceu que ia me atacar, mas então me levantei de qualquer jeito e fechei as mãos em punho. Marias-chiquinhas soltou uma risada.

– Ora, vejam só, ela é uma piranha cheia de coragem!

Riu mais uma vez, a barriga sacudindo. As outras meninas riram com ela e, quando Marias-chiquinhas se virou para a porta, as outras a acompanharam, lançando olhares de desprezo por sobre o ombro. Acabei de me enxaguar, sequei-me e num minuto estava vestida e já corria para o meu quarto. Não tinha sido um banho dos mais relaxantes...

O resto da manhã passou sem nenhum incidente. Na hora do almoço (uma orgia de comida não muito diferente do café da manhã), eu me sentei novamente com Cole e Dougie. O garoto ruivo educadamente me serviu da água de um jarro. Estava tão gelada que meus dentes doeram. O almoço era composto de *cheeseburger*, batata frita, milk-shake, seis tipos de pizza, refrigerante, cachorro-quente, frango frito, polenta frita e barras de caramelo. Nada de salada ou legumes.

Eu me senti culpada, mas disse a mim mesma que não tinha outra escolha. Enchi o prato com dois *cheeseburgers*, bacon e batata frita. Para beber, optei por um milk-shake de morango. Deus! Minha mãe ia me matar se me visse comendo aquilo no almoço. No entanto, comi como se o mundo fosse acabar no

dia seguinte: mastigando, engolindo ruidosamente e arrotando como todo mundo ali. Do outro lado do refeitório, a garota atarracada de marias-chiquinhas olhava para mim. Eu a encarei também e ela me mostrou o dedo do meio.

– Vejo que conheceu Darby – comentou Cole.

– É, a gente se cruzou no chuveiro.

– Espero que acabem fazendo amizade. Ela pode ser uma ótima aliada – ele disse.

Balancei a cabeça, descrente.

– Não preciso de amigas como ela. Essa é a garota mais babaca que já encontrei na vida. Depois do absurdo que ela fez, só tenho vontade de matá-la.

Cole tocou a minha mão. Ela formigou. Mais uma vez, ele mexia comigo.

– Você não devia ficar tão furiosa com todo mundo.

– Não estou furiosa com todo mundo! – Eu sabia que estava falando exatamente como se estivesse *de fato* furiosa com todo mundo. E me senti uma idiota.

– Você ficaria surpresa se soubesse como pode ser fácil viver na Casa do Meio – disse Cole.

Acabei me acalmando e tratei de devorar meu prato. Assim como no café da manhã, meu apetite era voraz. Continuei comendo até que alguns adolescentes começaram a limpar as mesas do refeitório. Mesmo assim, estranhamente, não me sentia saciada. Sabia que era por causa da adrenalina que ainda corria nas minhas veias. Mesmo assim, aquela gula toda era bizarra. Vi a senhorita Torvours no corredor. Me levantei e corri atrás dela. Quando ela me viu chegando, acelerou o passo. Estava fugindo de mim. Por que ela sentia tanta antipatia por mim? Corri ainda mais e a ultrapassei, bloqueando sua passagem.

– Com licença, mas... realmente preciso falar com a senhora. Sei que isso é algum tipo de orfanato, e é muito bom – menti –, mas eu realmente *não* devia estar aqui.

– Já terminou? – disse ela.

– Não. Sei que meus pais estão vivos. E posso provar. Me deixe ir embora e

podemos esclarecer tudo.

Cole entrou no corredor e ela fez sinal para ele. Ele se aproximou no ato.

– Cole, a senhorita Stone obviamente precisa de um tutor. Você, por favor, pode fazer isso por mim? Certifique-se de que ela tenha processado, que termine seu aprendizado.

– Claro, senhorita Torvous.

– Ótimo. Não admito erros. Faça com que tudo transcorra sem problemas.

A senhorita Torvous se virou, afastando-se rapidamente.

Processado? Que diabos ela queria dizer com aquilo?

– Echo, escute...

– Ah, pelo amor de Deus, pra mim já chega!

Surtei. Corri pelo corredor procurando uma saída. Estava farta de tudo aquilo! Tinha que sair dali antes que minha cabeça explodisse. Procurei freneticamente uma saída, mas tudo o que encontrei foram mais portas levando a mais corredores, como se o lugar fosse algum tipo de labirinto insano. Subi as escadas para o terceiro andar e abri duas cortinas pesadas. A luz do sol explodiu no meu rosto. Pude ver árvores e um lago através da vidraça. O que, na região em que eu morava, significava que eu podia estar em praticamente qualquer lugar. A janela estava travada. Seguir em frente não pareceu uma boa estratégia. Então voltei e encontrei outra escada. Desci por ela, passando pelo primeiro andar, e me vi em outra parte do porão, rezando para encontrar algum tipo de saída subterrânea. Ouvi uma voz atrás de mim.

– Echo! Espere! Por favor, pare de fugir de mim.

Que se dane!, pensei. Continuei correndo e cheguei a uma porta. Puxei e ela se abriu, fechando atrás de mim e trancando automaticamente. Eu estava num longo corredor, com uma luz que piscava no final. Andei pelo corredor tão rápido que quase atravessassei uma janela, que estava aberta. Senti o cheiro de ar fresco e quase pude experimentar o gosto da liberdade.

Havia apenas um problema. A janela tinha barras. E Cole já estava na porta, batendo.

– Echo, pode abrir, por favor? Você não precisa fazer isso.

Que ele fosse para o inferno. Eu tinha que conseguir sair daquela prisão abandonada por Deus. As barras eram de ferro e ficavam a uns dez centímetros uma da outra. Por um segundo, tive a impressão de que poderia me espremer através delas, mesmo sabendo que minha cabeça nunca passaria. Estava pensando seriamente em fazer essa loucura quando senti uma mão no meu ombro. Girei o corpo. Era Cole. Ou ele tinha a chave ou era um ótimo arrombador de portas.

– Que droga! Como você entrou aqui?

Ele ignorou minha pergunta e balançou lentamente a cabeça, como se eu fosse uma criança pequena fazendo uma pergunta boba.

– Isso não é necessário.

– Cole, eu tenho que sair daqui. Eu *tenho*!

– Você vai sair.

– Como?

– Eu vou te mostrar. Esta noite.

Eu podia dizer, só de olhar nos olhos dele, que estava falando sério. Eu quase o abracei.

– Obrigada.

Ele sorriu, meio tímido. Eu não tinha tempo para ficar de paquerinha com ninguém.

Pensei em Andy. Mal podia esperar para vê-lo. E minha mãe e meu pai. Deviam estar loucos de preocupação. Aquela noite. Finalmente. Aquela noite seria o dia D.



Luca

MAIS UMA VEZ DEVOREI O JANTAR, outra refeição absurdamente gordurosa, salgada, calórica e deliciosa. Eu ainda estava atraindo mais olhares do que gostaria, mas ninguém estava mostrando o dedo do meio para mim e nada estava congelando ou pegando fogo, e os pãezinhos doces estavam aparentemente decididos a mostrar misericórdia, em vez de atacar. Cabeça de Zíper, inclusive, até sorriu para mim. À sua maneira, ele tinha lá sua simpatia, e eu me perguntava o que teria acontecido com aquele pobre menino. Devia ter se machucado em algum acidente de carro. E pelas cicatrizes em sua cabeça, havia atravessado o para-brisas. Tinha sorte de estar vivo.

Voltei a comer. Toda vez que desviava os olhos do prato, via alguém me olhando. Eu podia sentir o peso dos olhares sobre mim e, embora tudo estivesse muito saboroso, eu me forcei a parar de comer e sair do refeitório.

Depois do jantar, não tinha vontade de escovar os dentes. Mas, sem querer decepcionar minha mãe, aparecendo com comida presa entre os incisivos, fui para o meu quarto e me sentei na cama para conversar com Lucy. Ela tinha o hábito irritante de lambe os dedos toda vez que virava uma página da revista em seu colo. Notei que também lambia muito os lábios e, uma vez ou outra, os nós dos dedos. Credo. Só senti mais simpatia por ela quando começou a falar sobre os pais.

– Minha mãe é esteticista e meu pai, motorista de caminhão. Não é fácil, sabe, manobrar essas jamantas pelos quatro cantos do país.

O que mais gostei nela foi que, embora órfã, falava dos pais no tempo presente. Imaginei que assim se sentisse de alguma forma mais próxima a eles. Eu queria saber como tinham morrido, mas achei rude perguntar. Ela me diria quando sentisse vontade, e para mim estava bem assim.

Mais tarde, voltei a pôr jeans e camiseta. Lucy me emprestou um moletom com capuz e Cole veio me pegar. Estávamos prontos para dar o fora dali.

– Tchau, Lucy. Foi um prazer te conhecer.

– Vejo você mais tarde – disse ela, espreguiçando-se na cama.

Não, você não vai me ver mais tarde, pensei, enquanto saía do quarto e seguia Cole pelo corredor, procurando não fazer barulho. As tábuas do assoalho rangiam. Meu coração estava acelerado e eu tremia, torcendo para que a senhorita Torvous não aparecesse para nos confrontar. Mas Cole não parecia nem um pouco nervoso. Andava normalmente, como se não estivessemos fazendo nada de mais. Só estávamos fugindo, nada além disso. Eu tinha que admitir que ele tinha sangue frio.

Cole me levou até uma porta lateral. Paramos na frente dela e ele girou a maçaneta. Eu me encolhi, esperando que um alarme nos denunciasse, mas tudo continuou em silêncio. Não ouvi nada além de risadas distantes e, de repente, já estávamos lá fora, livres.

Pela primeira vez, dei uma boa olhada no prédio. Era um enorme *château*, uma construção românica antiga de pedra, de cinco andares, com duas torres cilíndricas mais altas e um telhado de ardósia inclinado. Perfeito para quem gostava de filmes de terror. Eu jurava que o prédio também olhava para mim, então não senti nenhuma vontade de me demorar ali. Olhei para os muros altos de pedra que cercavam o lugar e me perguntei como iríamos escalá-los. Cole pegou a minha mão e me levou até um enorme portão de ferro. Foi como mágica ou algo assim, pois ele mal precisou esbarrar nele para que se abrisse. Sorri e olhei em seus olhos. Eles eram lindos. Fiquei tão feliz que poderia beijá-lo, mas reprimi o impulso e atravessei rapidamente o portão (liberdade!), preparando-me para cruzar um extenso gramado. Olhei para trás, esperando que Cole estivesse atrás de mim, mas ele continuava parado ao lado do portão, como uma estátua.

– Você não vem? – perguntei.

– Algumas coisas é melhor descobrir sozinho – disse ele, cheio de mistério.

Eu tinha começado a me sentir mais segura ao lado dele. Lamentava que não

fugisse comigo.

– Vejo você mais tarde – disse ele.

– Duvido muito – respondi. Eu não queria ser cruel, mas nem em um milhão de anos eu voltaria àquele lugar horrível. Dei uma última olhada na Casa do Meio, depois me virei e mergulhei na noite, cheia de pressa. Quando já estava numa longa calçada em declive, olhei de novo e ele ainda estava parado lá, observando-me partir.

Olhei para a direita e vi o que esperava que fosse o lago Washington brilhando ao luar. Em instantes, cheguei a uma estrada e comecei a correr pelo acostamento. Não demorou muito para eu reconhecer o lugar. Eu estava na Holmes Point Drive. Meu coração deu um salto de alegria e me enchi de esperança. Não estava tão longe de casa assim!

Pelo pouco que eu sabia da Casa do Meio, ela poderia ficar em outro estado ou até em outro país, mas a sorte estava do meu lado: ela ficava tão perto que eu poderia ir andando para casa. Subi a Holmes Point até o quilômetro 76 e depois peguei a Juanita Drive. Sempre que via faróis, abaixava-me atrás dos arbustos. A última coisa que eu queria era ser pega pelos policiais de Kirkland por andar sozinha pelas ruas, tarde da noite.

Atravessando a noite fria, saboreei a sensação emocionante de estar perto de casa. Eu costumava me esgueirar pela noite com a minha amiga Dani Cooper. Uma vez, organizamos uma clássica “noite da liberdade”. Os pais dela pensavam que ela dormiria na minha casa e os meus pais, que eu dormiria na dela. Eles nos levaram de carro até a frente da casa uma da outra, então escondemos nossas mochilas e nos encontramos em frente à escola primária. Era estranho estar à noite sozinhas na rua, as calçadas sem crianças, os edifícios antigos às escuras e com um ar sinistro.

Nossa intenção era aparecer na festa do pijama das líderes de torcida e tínhamos que atravessar o centro de Kirkland para chegar lá.

Eu me lembro de que a minha pele formigava de emoção enquanto nos esgueirávamos nas sombras, evitando as luzes da rua, como agentes secretos ou

coisa assim. Nos sentíamos totalmente vulneráveis e ainda assim, de alguma forma, invencíveis também. Corríamos como loucas, rindo e gritando. Estávamos voando alto. Foi uma aventura e tanto.

Mas nunca conseguimos chegar a tal festa do pijama. Fomos apanhadas pela polícia, que aparentemente não tinha nada melhor a fazer do que pegar adolescentes na rua depois do toque de recolher. Quando meus pais vieram nos resgatar, meu pai fez o máximo para parecer zangado, mas acho que ele estava secretamente orgulhoso da ousadia da filha.

E agora ali estava eu novamente, esgueirando-me pelas ruas à noite, como num sonho, fazendo tudo para não ser vista, nem pega por policiais ou qualquer outra pessoa. Entrei na Juanita Drive e atravessei toda a praia onde tinha aprendido a nadar. Quase não havia carros na rua, então eu só tinha que me esconder nas sombras de vez em quando.

Quando cheguei ao final da Juanita, virei à direita na 98th Street. Logo estaria em Kirkland e no meu “lar doce lar”.

Eu me sentia nas nuvens. Paisagens, sons e aromas se destacavam na noite, como se eu estivesse sob o efeito de alguma droga alucinógena. Ouvia os grilos e sapos, com meus sentidos superaguçados. Eu me sentia incrivelmente viva. E tudo graças àquele estranho, mas gentil e prestativo garoto bonito (ok, *muito* gato), que eu tinha deixado parado no portão da Casa do Meio. Eu devia ter conversado com ele, pelo menos dito alguma coisa simpática, e agradecido. Mas para quê? Nunca mais o veria outra vez.

Estava tão eletrizada que nem sentia cansaço. Aumentei o ritmo e comecei a correr. Corri até sentir as panturrilhas arderem, mas não estava nem aí com a dor; ela só me fazia correr ainda mais. Nunca corri tão rápido em toda a minha vida! A noite passava por mim num borrão.

Mas então minha cabeça começou a ficar estranha. O esforço estava começando a me deixar exausta, pensei. Eu me sentia zozza, a cabeça vazia. Não dei importância. Tinha que chegar em casa. Tinha que ver minha mãe e meu pai.

Tinha que provar para todo mundo, e mais para mim mesma, que eles estavam vivos e bem.

Mas, no fundo, fiquei preocupada e isso me fez começar a ver imagens angustiantes e violentas e a ter sensações. Sombras indistintas me assediavam. Minha cabeça começou a latejar tanto que parecia querer explodir. Senti uma pontada no coração. Sacudi a cabeça, para afastar tudo isso, e continuei firme.

– Pare! – gritei para mim mesma.

Ansiava por ar. Então, com determinação, aumentei o ritmo, mesmo sabendo que a qualquer momento eu podia desmaiar. Meus pais estavam vivos, e eu ia provar isso. Pensava até em voltar à Casa do Meio para mostrar os meus pais e esfregar na cara deles que todos ali eram pirados.

Forcei minhas pernas a andar mais rápido ainda. A 98th se transformou na Market Street. Cortei pela 1th Street para sair na avenida principal. Então entrei na 9th. Depois na 8th. Eu morava na 12th, portanto estava quase em casa. A cada segundo que passava, eu me sentia como que catapultada para a frente, como num filme em que dezenas de quadros foram suprimidos. Sabia que meu cérebro estava precisando tanto de oxigênio que me pregava peças. Eu devia parar e tentar recuperar o fôlego. Mas algo me puxava como se eu fosse uma marionete movida por barbantes e eu desapareci para a frente. Estava na 14th Street. Agora na 15th. Vi faróis varrendo a rua à minha frente e olhei para trás. Havia um carro de polícia atrás de mim. Eu me arrastei para um beco na 13th. Mas cometi um grande erro: era um beco sem saída. Me abaixei nas sombras e me espremi na frente de uma porta de garagem.

Segurei a respiração. O carro de polícia passou por mim bem devagar, entrou em outra rua e deu a volta para fazer outra ronda. A manobra foi agonizantemente lenta, os pneus rangendo no cascalho, o barulho para mim um tormento. Os policiais deviam estar brincando comigo, pensei, tentando assustar uma adolescente boba. Uma policial empunhando uma espingarda baixou o vidro do carro e olhou vagamente na minha direção. Meu coração estava na garganta. Eu sabia que ela estava olhando para mim. Eu estava tensa, pronta para

correr. Mas seus olhos pareciam distraídos, como se ela estivesse imersa em pensamentos e, milagrosamente, passaram por mim sem me ver. Eu podia ouvir o chiado do rádio na viatura. Uma voz desviou a atenção dos policiais e a viatura acelerou.

Suspirei. Uau. Devia ter um anjo olhando por mim essa noite. Voltei a ficar sozinha na escuridão. Balancei a cabeça, sem acreditar, e sorri. *Não tinham me pegado!* Saí correndo, disparando para a 12th, e entrei à direita. Passei pela casa da esquina pronta para enfrentar Wesley, o husky siberiano, que certamente latiria para mim e me perseguiria como sempre. Mas essa noite eu estava com sorte. Ele estava no quintal, mas só levantou o focinho e olhou quando passei, mantendo a boca fechada. Continuei correndo.

E, então, à distância, lá estava. A minha casa. O meu lar. Me enchi de felicidade. Parei onde estava e, então, senti meu mundo sair um pouco do eixo... Eu estava com dificuldade para entender por que minha casa parecia escura e estranha... como uma máscara mortuária: a porta da frente, o nariz; as duas janelas escuras, uma de cada lado, pareciam olhos fechados. Alguma coisa horrível tinha acontecido naquela casa. A morte pairava ali como uma névoa. Talvez eu estivesse errada, tirando conclusões precipitadas. Talvez minha mãe e meu pai só estivessem dormindo. Mas por que a luz da varanda não estava acesa? Eles sempre a deixavam acesa. Calafrios percorreram meus braços enquanto eu avançava, chegando perto da verdade. Pisquei, sem querer acreditar no que via. Senti como se tivessem passado arame farpado em volta do meu estômago. Minha casa estava cercada com uma fita amarela com a inscrição: CENA DE CRIME. NÃO ULTRAPASSE.



CORRI PARA A PORTA DA FRENTE, o cérebro zunindo, mas ela estava trancada. Procurei a chave escondida na pedra falsa, então destranquei a porta e a abri.

– Mãe! Pai!

Um silêncio implacável me recebeu. Estendi a mão até o interruptor, mas me detive. Não queria que um carro da polícia passasse e me visse ali dentro, com a luz acesa. Procurei a lanterna de emergência dentro do armário do saguão, liguei-a e comecei minha busca, vasculhando a entrada, aos pés da escada. Um abajur estava caído, a cúpula cor de vinho rasgada. Uma mesa com tampo de vidro estava estilhaçada. As fotos de família tinham sido arrancadas das paredes e estavam caídas no chão.

– Papai?

Encontrei a foto de seu troféu de golfe no chão e a toquei com delicadeza. Iluminei os arredores com o facho da lanterna e vi mais porta-retratos quebrados. A situação parecia ruim, muito ruim. E ficou ainda pior. Havia sangue nas paredes. O impensável estava começando a se esgueirar pelo meu cérebro, roendo tudo em sua passagem como um inseto asqueroso.

– Não... – sussurrei. – Não pode ser. – Minha voz soava distorcida, como se viesse de outra pessoa. – Isso não está acontecendo.

Encontrei uma poça de sangue seco. Meus joelhos fraquejaram. Era isso. Tinha sido assim que tudo acontecera. Eu podia sentir o cheiro de sangue. A cena do crime. Fora ali que o assassinato ocorrera.

– Ah, meu Deus...

De quem era aquele sangue?! Uma voz gritou dentro da minha cabeça. *Da minha mãe ou do meu pai!*

Eu queria ser corajosa. Forte. Mas lágrimas inundaram meus olhos. Comecei a chorar. Uma dor aguda no meu coração me engolfou. Eu queria que a terra me engolisse. Meu choro ecoava pela casa, mas por fim parei e cerrei os dentes. Por que estava tirando conclusões precipitadas? Eu precisava de mais informações, então corri para o andar de cima.

– Mamãe! Papai!

No quarto deles, a cama de dossel estava desarrumada, os lençóis, cobertores e travesseiros espalhados por toda parte. Mas não havia sangue! Olhei no banheiro da suíte, no closet. Mas eles não estavam lá. Eu continuava sacudindo a cabeça em negação. A horrível suspeita que estava se confirmando rasgava meu peito. Peguei o roupão da minha mãe e me agarrei a ele, sentindo seu aroma. A sensação de perda me revirava por dentro.

Eu continuava cheia de esperança, continuava acreditando. Mas tudo indicava o contrário. Tinham me enviado para a Casa do Meio porque meus pais tinham morrido. Minha mãe e meu pai estavam mortos.

Mortos. Assassinados. Só conseguia pensar que eu queria me juntar a eles, onde quer que estivessem. Eu estava pensando em maneiras de fazer isso quando vi uma luz se acender no segundo andar da casa vizinha. Era ele! Andy! Corri para a janela, abri a vidraça e gritei.

– Andy!

Ele não me ouviu. Estava com fones de ouvido. Acenei com os braços e balancei o feixe da lanterna para a frente e para trás. Mas a cabeça dele estava enterrada no laptop. Eu me virei para ir à casa dele – queria correr para os braços do meu namorado e chorar. Mas vi as luzes de um farol passando pela parede do quarto dele. Do lado de fora, um carro se aproximava. De início pensei que era uma viatura de polícia, mas depois o reconheci. Era o carro azul da minha mãe! Duas pessoas sentadas na frente. Disparei escada abaixo antes mesmo de pensar, correndo numa velocidade sobre-humana. Passei pela porta da frente sem nem me lembrar de abri-la.

A garoa que caía me refrescou quando desacelerei o passo e andei até o carro.

Eu tinha que ter certeza de que eram eles. Não queria topa com dois estranhos e matá-los de susto.

A uns seis metros do carro, ouvi o choro. Vindo da mulher no banco do motorista. A três metros, a voz de um homem. Parecia com a voz do meu pai. Eu me aproximei, tremendo de expectativa. Eu sabia! Sabia que estavam vivos! Me aproximei com cautela, para poder vê-los através do para-brisa dianteiro.

Meu pai, tão bonito... Fios grisalhos nas têmporas, a linha do cabelo um pouco recuada, mas feições fortes, firmes, refinadas. Ele estava consolando minha mãe, atrás do volante. Notei malas empilhadas no banco de trás. Minha mãe era uma mulher bonita, mas estava com uma aparência horrível! O rosto manchado, os olhos vermelhos de tanto chorar, os cabelos desarrumados. Ela estava chorando, o peito subindo e descendo a cada soluço.

– Mãe, está tudo bem!

Ela chorava tão alto que não me ouvia. Deviam estar pensando que eu tinha fugido! Meu coração não cabia no peito. O mal-entendido seria desfeito agora. O pesadelo coletivo da minha família chegaria ao fim e nos abraçaríamos tão forte que não conseguiríamos nem respirar.

– Mãe...

Dei um passo na direção do carro. Meu pai estava abraçando minha mãe, enxugando suas lágrimas. Pude ver que ele também estava chorando. Ele olhou pela janela, mas não deu nenhum sinal de ter me visto; não vi nenhum reconhecimento em seus olhos. Talvez eu só parecesse uma desmiolada vagando pela noite.

– Não chorem! Estou bem – eu disse.

Mamãe de repente deu partida no carro. Eles deviam querer que eu entrasse no banco de trás. Provavelmente não viam a hora de sair da nossa casa e se afastar da horrível cena de tragédia ocorrida ali, fosse lá o que fosse. Quando abri a porta de trás, com a intenção de entrar no carro, o sedã arrancou, os pneus guinchando no asfalto.

– Esperem!

Arregalei os olhos. Que diabos estava acontecendo? Mamãe não parou; pelo contrário, acelerou.

– Esperem! Estou AQUI! – gritei.

Aquilo não parecia ser possível, mas, mergulhados na dor, eles não me viram. O carro acelerou pela 12th e virou à esquerda. Estavam indo para a rua principal, a Market Street. Cerrei os dentes. Não ia deixá-los fugir, de jeito nenhum. Comecei a correr a toda velocidade, tentando alcançá-los. Desci uma viela, tão rápido que surpreendi até a mim mesma. Depois disparei por uma rua, correndo bem no meio dela, e os faróis do carro dos meus pais ofuscaram meus olhos. Eu os estreitei por causa do brilho e acenei com os braços.

– Parem! Sou eu! Echo! Estou bem! Estou viva!

Sorri por entre as lágrimas de alegria, sabendo que eles parariam e sairiam do carro no mesmo instante, correndo para os meus braços, para o maior abraço em família de toda a nossa vida. Mas algo estava terrivelmente errado. O carro. Não. Estava. Desacelerando. Mas que droga estava acontecendo?

– Não! Pare! Mãe! Sou eu!

Os faróis do carro continuaram se aproximando. Eu sabia que devia saltar para fora do caminho dele, mas não consegui.

– ESTOU VIVA! – gritei a plenos pulmões.

Abri os braços, como Cristo na cruz, no mesmo instante em que tudo ficou borrado e em câmera lenta. Eu não estava me movendo. Eles iam colidir comigo. Eu não queria morrer, mas algo estava me forçando a ficar parada, meus pés estavam colados no asfalto.

– Olhem pra mim! – berrei.

Então o impossível aconteceu. O carro da minha mãe, com papai a bordo, passou *através* de mim. Senti um vento com a força de um vendaval, e a experiência encheu a minha mente com uma miríade de sons, imagens, memórias e centenas de outras sensações do passado. Num segundo que pareceu uma vida inteira, tudo desapareceu. Eu me virei lentamente e olhei meus pais se

afastando a toda velocidade na noite. Era como se eu tivesse levado uma surra. E então tomei consciência da terrível verdade.

Você estava certa o tempo todo, Echo. Os seus pais estão vivos. Mas você não está.

Nesse momento, desejei estar morta. Mas eu sabia... Meu desejo já tinha sido realizado.



CORRI O MAIS RÁPIDO QUE PUDE pelo terreno nos fundos de uma casa e entrei num parque nas proximidades. Eu tinha de fugir dali, das lembranças, de tudo. Achei que se corresse bem rápido, conseguiria atravessar aquele pesadelo e sair do outro lado, acordada e viva.

Disparei por um bosque de velhas árvores, nas profundezas do parque. Acelerei o passo, querendo abrir uma boa distância entre mim e a minha dor. Eu não podia estar morta! Corri o mais que pude. À certa altura, numa clareira, ergui os braços e senti que meus pés tinham se erguido do solo. Parei e flutuei para baixo outra vez. Era duro engolir a verdade de que eu estava morta, então me recusava a aceitá-la. Deveria haver um jeito de sair daquela situação.

Uma tênue esperança se esgueirou pelo meu cérebro.

– Andy!

Andy iria me ajudar! Comecei a correr outra vez, voando pela floresta de volta para o meu bairro. Agora eu sabia a verdade. A razão por que conseguia correr tão rápido não era a adrenalina, era porque eu estava mais leve, depois de ter abandonado meu corpo físico. Minha vida tinha chegado ao fim. Dezesseis anos se extinguido num piscar de olhos.

Não!; gritei para mim mesma. *Estou viva! Não estou morta! Não posso estar!*

Eu precisava de Andy, precisava tanto dele que meu coração se contraía a cada batida. Corri como louca e cheguei à casa dele num piscar de olhos. A voz do medo em minha cabeça falou novamente.

Você só vai piorar a sua dor.

Fiquei imaginando como iria subir até o quarto dele. Como se obedecesse a um comando, eu vi meu corpo subindo pela parede lateral da casa como uma lagartixa. *Isso não é real. Isso é um sonho.* Mas eu sabia que era real, que esse era o meu jeito normal agora. Estremeci de repugnância – era tão estranho

escalar a parede como uma criatura rastejante! Mas continuei, impulsionada pela crença de que ia ver e abraçar o meu verdadeiro amor e me agarrar a ele como se fosse a última pessoa da Terra. Cheguei à janela.

De algum jeito, consegui me segurar na lateral da casa, como se minhas mãos e pés tivessem alguma substância pegajosa. Olhei para Andy. Os olhos dele estavam vermelhos. Ele tinha chorado. Meu coração se apertou. Vi a janela do banheiro aberta à minha esquerda. Deslizei até lá e a escalei, tomando cuidado para não derrubar nada que estivesse no parapeito.

Meus pés pisavam de leve no carpete enquanto eu me movia pelo corredor. A porta do quarto de Andy estava parcialmente aberta, então a empurrei lentamente, pois não queria assustá-lo. O medo falou mais alto. *Ele não vai querer ver você.*

– Andy?

Minha voz não passava de um murmúrio. Esperei, o coração acelerado. Ele não olhou para mim. Ainda estava com o fone de ouvido. Eu podia ouvir a música. Era “Love Me Anyway”, de Manon Denat. A nossa música! Meu coração quase parou de emoção. Dei um passo à frente e com a minha visão periférica pude ver o quadro de avisos, cheio de recortes de jornal e páginas impressas da internet. Mas eu não tinha tempo para parar e olhar qualquer outro lugar que não fossem os olhos incríveis do meu namorado. Acenei para chamar a atenção dele e falei mais alto desta vez.

– Andy?

Ele não olhou para mim. Estava escrevendo em seu laptop. Fez uma pausa para enxugar uma lágrima e depois voltou a escrever. Eu sabia que estava invadindo a privacidade dele, mas tinha que saber o que ele estava escrevendo, então cheguei mais perto, fiquei atrás dele e dei uma espiada sobre o seu ombro. E li, saboreando cada palavra.

Minha doce Echo. Amo você mais do que a minha própria vida. Quero te abraçar. Quero te beijar. Quero ter dizer tudo o que sempre quis, mas não

disse por medo de assustá-la. Agora sei que deveria ter falado; deveria ter ficado no alto de uma montanha e gritado para o mundo, deveria ter dito um milhão de vezes, te amo, te amo, sempre vou te amar. Agora é tarde demais, e cada momento que passo acordado é um pesadelo para mim.

Uma lágrima escorreu pela minha bochecha.

– Não é tarde demais – eu disse.

Ele não me ouviu.

– ANDY!

Eu estava gritando agora, repetindo o nome dele sem parar.

Ele não pode ouvir você, disse a voz problemática do medo na minha cabeça.

Ele pode, sim! Ele vai ouvir!

Respirei fundo e gritei o nome dele novamente.

– ANDY!

– Andy?

Era como se a minha voz reverberasse e eu a ouvisse duas vezes. Era fantasmagórico. O eco, meu apelido – tinha um tom mais profundo e agourento. Andy olhou para a frente. Direto nos meus olhos. Segurei a respiração. Senti uma onda de alívio dentro de mim e todo o meu corpo formigou.

– Ah, *baby*, senti tanto a sua falta!

Ele piscou.

– Andy?

A voz reverberou novamente. A porta do quarto se abriu e o pai dele, Hank, entrou. Senti como se tivesse levado um chute no estômago. Andy não estava olhando para mim; ele estava olhando *através* de mim – para o pai dele.

– O que está fazendo? – perguntou Hank.

Andy fechou o laptop rapidamente antes que o pai pudesse ler o que havia na tela. Hank olhou para o quadro de avisos e apontou os recortes fixados ali. Meus olhos seguiram o dedo dele e senti uma sensação de náusea quando li as manchetes:

Garota do bairro encontrada morta
Garota morta perto do Lago Washington
Menina morta, suspeita de roubo

Havia em torno de uma dezena de artigos disputando espaço no quadro, mas não consegui olhar para nenhum deles. Exceto um. O que mostrava minha foto do anuário – a que eu detestava –, com um olhar surpreso e um sorriso forçado no rosto. Odiei aquela foto desde o dia em que o anuário saiu. Eu parecia uma garota totalmente desorientada, sem a mais leve noção do que iria me tornar. Como se temesse a vida. Agora, a foto parecia quase um presságio, como se eu sempre soubesse que algo terrível iria acontecer comigo.

– Não vai fazer nenhum bem a você ficar pensando nisso, Andy – disse Hank.

Ele estendeu o braço e tirou o alfinete de um dos recortes do quadro. Ele caiu do painel de cortiça e flutuou até o chão.

Andy saltou da cama e o pegou.

– Não vou simplesmente esquecê-la!

– Ninguém está dizendo para fazer isso.

– Engraçado, parece que é exatamente isso que você está dizendo! Ela ainda nem foi enterrada e você vem aqui me dizer isso! Se toca, pai!

– Não fale assim comigo. – Os olhos de Hank endureceram.

– Falo com você do jeito que eu quiser. Você não entende, não é? Eu amava Echo!

Ali estava outra vez, como um golpe de marreta no meu estômago. As pessoas falavam de mim *no passado*. Eu era passado. Minha vida já era. A ideia, horripilante, começava a afundar no meu cérebro.

Se eu não tinha nem sido enterrada, isso significava que meu funeral ainda não tinha acontecido. Visto que, aparentemente, eu tinha sido assassinada, eles deviam estar fazendo uma autópsia. Imaginei meu corpo numa laje de mármore, sendo todo retalhado, e um arrepio me percorreu.

Andy estava tão perto que eu podia sentir o cheiro dele. Estendi a mão e tentei tocar seu rosto, mas não consegui fazer contato. Eu era um ser etéreo, transparente, sem forma ou substância. Ele não podia me sentir. Falei com ele, rezando para que, de algum modo, ele ouvisse a minha voz.

– Ah, *baby*, sinto muito. Sinto sua falta...

Fechei os olhos e implorei aos céus para que eu estivesse sonhando e acordasse longe dali, daquele quarto, daquela horrível verdade. Eu só queria sonhar com nós dois sozinhos em algum lugar, no nosso lugar, à beira-rio, sobre a grama macia num dia de primavera, de mãos dadas, olhando as nuvens, ouvindo o vento soprar nos arbustos, rindo de nada, absortos no momento, satisfeitos com o simples prazer de estarmos na companhia um do outro.

Ouvi um choro suave. Era meu. Ouvi minha voz do medo novamente. Era como uma mão fria na minha nuca, fazendo um calafrio percorrer minha espinha. A voz dizia: *Você tem que se afastar dele.*

Não posso.

Você não tem escolha.

E se a voz estivesse certa? E se eu não tivesse escolha e fosse obrigada a deixar Andy e esquecê-lo? Isso era impensável.

Andy e o pai discutiam. Minha cabeça rodopiava. As vozes deles pareciam abafadas e distorcidas, como se *eles* fossem os fantasmas e eu estivesse viva. Eu me sentia fraca, privada de oxigênio. Meus joelhos estavam bambos e meu coração batia na garganta. Os olhos de Andy se estreitaram e uma centelha do que poderia ser medo surgiu nos olhos dele. *Não, não, não!* Ele estava olhando para mim quando gritou.

– Sai daqui!

Foi como uma bofetada. Estrelas explodiram na minha cabeça.

Fui jogada para trás pela minha própria repulsa e voei através da parede, pousando no gramado abaixo. Ouvi Andy gritar novamente.

Sai daqui!

As palavras reverberaram na minha cabeça. *Ele estava falando com o pai.*

Ou será que não?

Passei os braços em torno de mim mesma, tentando me proteger do frio. Tinha que enfrentar os fatos. Eu estava morta. Morta como um prego num caixão.



REGRAS

TENTEI FAZER UMA RETROSPECTIVA, lembrar-me do que tinha acontecido na minha casa, mas toda vez que tentava, uma pontada na cabeça nublava meu cérebro. E quanto mais eu tentava me lembrar, mais intensa ficava a dor. Dizer que isso me deixava *triste* era muito pouco para descrever como eu me sentia. Eu estava *arrasada*. O que eu tinha feito para merecer aquilo? Estava seguindo todas as regras – deveria estar vivendo uma vida maravilhosa! E então comecei a correr com fúria, sem saber para onde, mas não sem intenção. Queria saber quem era o meu assassino e estrangulá-lo até que confessasse por que tinha feito aquilo comigo.

Quem poderia querer me matar? E por quê? Que diabos eu tinha feito? Minha raiva e confusão me fizeram correr ainda mais rápido. Corri através de uma cerca, de um carro, de um homem passeando com um cachorro. Eu era como um vento soprando com a força de um furacão pela noite.

Parei, esperando me sentir cansada, mas não estava nem transpirando. Será que eu não transpiraria mais, agora eu era um fantasma? Será que as minhas axilas não teriam mais cheiro de suor? Corri novamente, desta vez sem destino, meus pés eram apenas borrões. Disparei através de uma moita e entrei numa rua. Vi os faróis de um carro. O motor roncou na minha direção, chegando perigosamente perto, mas a motorista nem reparou em mim. Por que deveria?

Eu tinha dirigido o carro de minha mãe só algumas vezes, praticando no estacionamento de uma escola aos domingos, com papai como copiloto. Ele quase morria de medo, mas fingia que eu estava indo muito bem quando acelerava e freava, acelerava e freava, até finalmente entender o mecanismo da coisa. Agora, pensei, essas aulas me serviriam para quê? Obrigada, papai, por ter me ensinado a dirigir. Tenho certeza de que isso vai ser muito útil agora que estou morta.

Eu me sentei no meio da rua. Estava tentando morrer outra vez. Os carros passavam através de mim rugindo, sem que eu nada sentisse a não ser um golpe de ar.

Comecei a chorar. Com cada lágrima vinha outro pensamento, outra imagem. Perder mamãe e papai. Perder Andy. Não ir ao meu baile de formatura. Nunca me formar no ensino médio. Nunca tirar carta de motorista. Os carros passavam a toda por mim e eu nem me importava em olhar. Apenas fitava o asfalto. Não tinha ideia do que fazer. Na minha cabeça, eu perambulava pelo mundo sem destino, como um animal perdido na floresta. E então me dei conta de uma coisa e me levantei. Eu sabia exatamente o que faria. Iria descobrir quem tinha me matado e o faria pagar por isso. Jurei que encontraria meu assassino, mesmo que isso fosse a última coisa que eu fizesse na terra.

Mas a pergunta era: como? Por onde começar? Vagueei por Kirkland, subi e desci as ruas da cidade onde eu tinha crescido. Cada lembrança me fazia romper em lágrimas e eu chorei pelo que pareceram horas. Será que o tempo passava da mesma maneira agora que eu estava... morta? Será que existe tempo no mundo dos fantasmas? Do que eu seria capaz? O que eu podia fazer ou não fazer? Eu tinha tantas perguntas... Mas aos poucos fui me dando conta de que a única maneira de começar a compreender o meu atual estado, de conseguir respostas, era voltar para o lugar que eu tinha achado tão horrível: a Casa do Meio.

Com sombria determinação, fiz o mesmo trajeto de volta até a Market Street, sem me incomodar em correr, mas ainda avançando rápido, até chegar à Juanita Drive minutos depois. Virei à esquerda e fui até a Holmes Point Drive. Passei a correr num ritmo mais lento e fechei os olhos, enquanto dava grandes saltos no ar.

Cole estava esperando por mim no mesmo lugar, como se nem um minuto tivesse se passado. Ele estava tranquilo e seus olhos estavam cheios de compaixão. Andou até um banco de pedra e se sentou, fazendo um gesto para que eu me juntasse a ele. Obedeci.

– Bem-vinda de volta...

Eu estava perplexa demais para responder.

– O que você descobriu? – ele perguntou.

Por um instante, fiquei muda. Tinha que deixar a verdade vir à tona dentro de mim.

– Meus pais estão vivos...

– Ótimo.

– E eu... estou morta.

Ele deixou minhas palavras pairando no ar por alguns segundos.

– É, eu sei. Echo, sinto muito.

Fitei um pinheiro muito alto que havia ali perto. Seu tronco brilhava e ele pulsava de vida. Minha visão era inacreditável. Era como se eu pudesse ver cada fibra da casca da árvore. Meus sentidos estavam extremamente apurados. Eu podia sentir a vida vibrando em tudo à minha volta. Era irônico. Toda aquela vida à minha volta e eu... morta.

Cole colocou a mão delicadamente sobre a minha. Eu queria saber como eu conseguia sentir a mão de um fantasma sobre a minha mão de fantasma. Eu queria saber um monte de coisa. Mesmo que a sensação fosse boa – seu toque era tão terno –, afastei a mão. Andy. Eu não o trairia, mesmo depois da morte.

Olhei para Cole. O olhar dele era firme e cristalino. Engoli para me livrar do nó na garganta e falei, a voz saindo rouca e hesitante:

– Você já sabia, não é? Sabia o que ia acontecer comigo quando fosse para casa.

– Sim.

– Por que não me avisou?

– Era algo que você precisava descobrir sozinha. Tinha que ver por si mesma. Do seu próprio jeito. Todos nós tivemos.

Eu assenti. Fazia sentido. Os outros moradores da Casa do Meio poderiam ter me contado, mas eu não acreditaria. Tinha que descobrir por mim mesma. Mas ainda ansiava por respostas.

– Há certas coisas... que eu queria entender.
– Eu sei. Você deve ter milhões de perguntas.
– Por que não me lembro de nada? Quer dizer, por que não me lembro de morrer ou de ser assassinada? Quando penso nisso, tento buscar na minha mente uma lembrança, mas tudo que consigo é uma enxaqueca daquelas.

Cole abriu a boca como se fosse responder à minha pergunta, mas fechou-a novamente e olhou para a nossa direita.

Um a um, eles foram emergindo das sombras. Todos os adolescentes da Casa do Meio. Agora eu os via pelo que eles realmente eram. Fantasmas.

Cabeça de Zíper foi o primeiro a falar.

– Quando alguém morre de morte natural, como uma doença, e está cercado pelas pessoas que amava, passa da vida terrena para o Outro Mundo de um jeito mais suave, sem nenhum problema.

Cameron, o garoto de pele cor de cacau, dono do peixinho dourado, interrompeu Cabeça de Zíper:

– Mas, quando você é assassinado, morto a sangue frio, a história é bem diferente.

O gato preto do refeitório apareceu de repente e parou na minha frente, apoiando-se nas patas traseiras. Vi quando o animal se transfigurou em Lucy, minha colega de quarto de cabelos compridos. Quase desmaiei.

– Ser assassinado é algo pavoroso. Aconteceu com todos nós, da Casa do Meio. A experiência é tão traumática que a consciência da sua alma se estilhaça como vidro, em milhões de pedacinhos.

Darby, a de marias-chiquinhas, apareceu e balançou a cabeça, empurrando Lucy de lado.

– Bem, isso é muito poético, Lucy, mas que tal se alguém disser simplesmente como as coisas são de fato?

Darby se aproximou de mim e ficou cara a cara comigo.

– Esse negócio leva tempo, e exige um baita esforço. Estou falando de recuperar a memória depois da morte. Não adianta você querer forçar as coisas.

É um saco, mas é um processo, sacou?

Ela colocou as mãos nos quadris e tive a impressão de que queria me bater só para ter certeza de que eu tinha entendido sua mensagem.

– Ok – balbuciei.

Lembrei-me da senhorita Torvours usando essa palavra específica. *Processar*. Se isso fosse “processar”, eu não estava gostando nem um pouco. Contemplei os adolescentes da Casa do Meio que agora estavam à minha volta. Olhei cada um deles nos olhos. Cabeça de Zíper; Lucy, o gato preto; Cameron, o Cara dos Peixes, que usava óculos; Darby Marias-Chiquinhas; Mick Cabelos Brancos e Dougie sardento. Eu não sabia o que tinha acontecido, mas, por mais ameaçadores que parecessem antes, agora todos, até mesmo Darby, pareciam *meus melhores amigos*! Meu lábio inferior começou a tremer e eu podia ouvir o tremor na minha voz quando falei:

– Por que vocês todos foram tão *cru... cru... éis* comigo?

Darby bateu no meu ombro com a sua mão enorme.

– Todos os recém-chegados passam pelo trote. Isso faz com que fiquem mais fortes. Ser fantasma não é moleza. Você tem que ter colhões!

Ótimo. Agora eu não só tinha que me adaptar ao fato de estar morta, como também tinha de dar um jeito de arranjar colhões. Tudo aquilo era muito bizarro. Eu estava morta. Talvez, pensei, já tivesse até ido para o inferno.



COMISSOES

AGORA QUE EU SABIA QUE OS OUTROS adolescentes eram fantasmas, percebia coisas sobre eles que antes havia ignorado. A pele deles era diferente: pálida, ou mais do que isso. Ela quase brilhava, como se fosse iluminada por dentro, por uma lua branco-leitosa. Mick, o menino de pés molhados, tirou uma barra de chocolate do bolso e a mordeu.

Percebi algo e pensei em voz alta.

– Caramba! Comi como um porco e nem me senti cheia. Porque sou um...

– Diga em voz alta! – mandou Darby.

– Não...

– Vai, não seja frouxa, apenas diga!

– Sou um... fantasma...

A palavra ficou pairando no ar e ecoou pelo meu cérebro.

Cabeça de Zíper sorriu e depois falou.

– Ser um fantasma tem algumas regalias. Podemos comer tudo o que queremos. *Cheeseburger*, batata frita, *cupcake*, doces, sorvete, você escolhe.

Darby passou as mãos nas coxas.

– É. Assim como os adolescentes normais, mas dez vezes mais. Podemos comer como baleias e não engordamos um grama! Eu costumava me preocupar com o meu peso o tempo todo. Mas não me preocupo mais. Sou uma GGG. Uma Garota Grande e Gostosa. E qualquer um que diga outra coisa tem que se ver comigo.

Ninguém ousou contradizê-la. Olhei para o meu corpo e balancei a cabeça com descrença.

– Então... Vou ficar assim... com o mesmo cabelo... o mesmo peso... de quando eu estava...

– É legal. Vá em frente e diga – falou Dougie. – Você foi morta. Assassinada. Te transformaram num presuntão.

Eu continuava olhando o meu corpo. Uma lembrança pipocou na minha cabeça. Eu estava numa confeitaria, a Krispy Kreme, devorando duas rosquinhas com cobertura de glacê. Meus olhos estavam vermelhos de tanto chorar. Tinha ido com o Andy. Essa era a minha terapia, os doces eram meus remédios.

Antes da minha morte prematura, eu estava estressada – com quase tudo que estava acontecendo na minha vida, não só por causa de Andy – e já tinha comido várias rosquinhas da Krispy Kreme e engordado um quilo. Meu peso passara de 50 para 51. Grande coisa.

– Isso é injusto. O que eu fiz para merecer isso? – eu disse.

O que ganhei do grupo foram apenas olhares enviesados.

– Você não fez nada! – disse Cameron. Ele de repente ficou muito bravo, assim como Darby.

– Acha que algum de nós fez alguma coisa para merecer ser assassinado? – ela disse. – Jesus!

– Às vezes, coisas ruins acontecem com pessoas boas – disse Cabeça de Zíper. – Não há explicação para isso. Acontece uma merda e depois você morre.

Eu tinha ouvido essa frase deprimente muitas vezes, mas naquele momento ela me pareceu estranhamente reconfortante. Fiquei um pouco aliviada, pois antes eu acreditava que alguém só podia ser assassinado se tivesse feito algo muito errado. Claro que aqueles adolescentes estavam certos. Eu era inocente. Estava começando a me sentir melhor, mas a verdade é que o fato de a minha vida ter sido tirada de mim era algo horrível demais.

Eu só queria começar a correr novamente, mas sabia que era tarde demais para isso. Não havia como evitar a vida após a morte fugindo dela. Eu tinha que ficar amargando naquele purgatório. Olhei para os meus companheiros da Casa do Meio. Eles pareciam ler as perguntas nos meus olhos. Eu queria saber como eles tinham morrido, se é que algum deles sabia. Mas não disseram nada, então perguntei.

– Como você todos...

– Desapareci do iate do meu padrasto e provavelmente morri afogado – disse Mick. – Meu corpo não foi encontrado. Até agora.

As coisas começavam a fazer sentido. Afogado. Isso explicava as pegadas molhadas que ele deixava.

– Fui empurrado de uma varanda do sexto andar – disse Cabeça de Zíper, apontando para as cicatrizes na cabeça. – Essas belezinhas aqui... foram o resultado da minha cabeça indo de encontro a uma grade de ferros pontiagudos...

– Com um cabeção assim, como ele poderia passar entre as barras? – disse Dougie.

– Conte o resto – disse Cameron.

– Ah, caiu um raio na grade de ferro. Enquanto eu estava ali, empalado.

Cabeça de Zíper esfregou as cicatrizes na cabeça e o gesto causou faíscas. Era a coisa mais estranha que eu já tinha visto. Mas tinha a sensação de que a história não acabava ali.

Dougie e Cameron começaram a empurrar um ao outro enquanto gritavam e se xingavam, dando risada.

– Uma experiência eletrizante! – disse Dougie.

– Nossa, estou morrendo de rir... – disse Cabeça de Zíper sarcasticamente. Então continuou a me explicar. – Os médicos tentaram me salvar, mas meu cérebro não quis mais funcionar. Morri na UTI.

– Ok, ok, dá uma olhada nisso – disse Darby.

Ela apontou para si mesma. Seu rosto mudou quando perfurações de bala apareceram em seu corpo – quatro no peito e uma na testa.

– Dispararam cinco vezes. Por engano, só pode ser. Quem ia querer atirar em mim?

Dougie e Cabeça de Zíper começaram a rir, mas Darby endureceu o olhar e voltou a me encarar.

– Foi muito doloroso, mas agora consigo me lembrar do que aconteceu. Posso ver o idiota com a arma, seu rosto como o de um pitbull. Ainda não encontrei o

cara. Era um bandido qualquer, e quando encontrar, vou assombrá-lo tanto que ele vai querer atirar cinco vezes *em si mesmo*. Na cara. Embora, pensando bem, seria meio difícil fazer isso.

– Eu... sinto muito – eu disse.

Darby olhou para mim como se estivesse prestes a me xingar, mas em vez disso balançou a cabeça em agradecimento, olhando para o chão.

Ouvi-los falar sobre seus próprios assassinatos estava dando um nó no meu cérebro. Tinha tantas perguntas na minha cabeça que parecia que, se eu abrisse a boca, as palavras voariam dela como morcegos de uma caverna. Tentei ficar calada, mas não consegui.

– Isso não é justo! Eu não posso estar morta! Quem me matou?

– As memórias vão voltar. Aos poucos, fragmentos – disse Cole.

Balancei a cabeça.

– O que significa ser um fantasma? Quero dizer, o que sou agora, exatamente?

– Você é como nós – disse Lucy. – Um Mediano.

– Mediano?

Ela continuou.

– Não está viva, obviamente, mas ainda não fez a passagem para o seu destino final, o plano eterno, onde vai ficar esperando pelo dia em que poderá renascer. Você me perguntou como Tawny fez a passagem. Bem, ela fez isso encontrando seu assassino e se vingando. É para isso que serve a Casa do Meio. É o lugar onde ficamos até resolver nossas pendências.

– E depois que fazemos isso, avançamos, com os Posteriores, para esperar o momento de renascer – disse Mick, parecendo esperançoso.

Pensei na ideia de renascer. O conceito me acalmou, mas apenas por um instante. A imagem de Andy surgiu na minha cabeça. Eu não conseguia apagá-la e nunca faria isso. Não queria fazer parte de nenhum tipo de existência em que ele não estivesse.

– Levei três meses para descobrir quem me matou, mas me lembrei – disse Dougie. – Eu não estava pensando em nada, nem estava tentando me lembrar, quando, de repente, ouvi uma porta batendo, bem alto, e *Pá!*, a imagem surgiu na minha cabeça. A porta batendo desencadeou uma memória. Lembrei de ter sido trancado num freezer. Foi o desmiolado do meu tio. Fiquei lá congelando até a morte enquanto gritava, pedindo ajuda e batendo numa porta de aço de seis polegadas de espessura, até meus dedos sangrarem. Não é um jeito bom de se bater as botas, isso posso dizer com certeza.

Lamentei por aquele menino.

– Que maneira horrível de morrer...

– Não existe uma maneira boa de morrer, garota! – disse Darby.

– Seu tio. Você o assombrou, ou o matou, ou o quê? – perguntei.

– Ainda não fiz nada, ele está fora do país. Ele, tipo, importa embutidos e fica várias semanas fora da cidade. Vamos pegar o FDP um dia desses. Meu sonho é pegá-lo de um jeito que ele não tenha alternativa senão confessar, para toda a família.

Os outros assentiram com a cabeça. Cameron deu um tapinha nas costas de Dougie.

– A gente vai pegar o cara. Pode confiar, mano.

Cameron respirou fundo e depois compartilhou sua história.

– Fui atingido na parte de trás da cabeça – disse ele, levantando o cabelo para mostrar um buraco medonho. – Foi um golpe poderoso, bem na nuca, provavelmente feito por um martelo. Eu estava consertando o telhado da minha tia. Pode ter sido ela, porque todo mundo diz que ela é louca; tem onze gatos...

Lucy olhou-o com desprezo.

– E qual o problema em se ter onze gatos?

Cameron a ignorou e continuou.

– Pode ter sido a minha prima Cindy, a filha gótica e esquisita da minha tia. Ela dava em cima de mim, mas eu não queria mais nada com ela.

– Mais nada? – estranhei.

– Perdi o interesse depois do primeiro beijo. Ela tinha bafo de onça. Eu simplesmente não estava mais a fim. Mas pode ter sido o namorado ciumento dela. Vai saber... Não me lembro de nada.

Agora era a vez de Lucy contar sua história.

– Comigo foi veneno. As pessoas dizem que foi minha mãe, mas acho que foi a melhor “amiga” dela, Sandra. Mamãe e papai estavam dando um tempo e fiquei com Sandra. Mamãe estava por perto, mas fui ficando cada vez mais doente, e Sandra é adepta da Ciência Cristã, então a gente só rezava. E... aqui estou eu.

Olhei para eles, para aquele grupo de adolescentes que tinha sofrido mortes terríveis. Por um instante, senti tanta compaixão por eles que esqueci meus próprios problemas. Passei os braços em torno de mim mesma e, quando senti o toque dos meus dedos na minha pele, algo me ocorreu.

– Ei, se sou um fantasma, como posso sentir meu próprio corpo? – Estendi o braço e toquei Cole. – Como é que posso tocar e sentir você? – Eu me curvei e peguei uma pedra. E como posso tocar e sentir isso?

– Os fantasmas podem tocar e sentir uns aos outros, mas não os vivos. Os vivos não podem nem ver nem ouvir a gente – disse Cole.

– E podemos tocar coisas e andar por aí – acrescentou Cabeça de Zíper. – Às vezes, quando coisas materiais entram em contato conosco, quase nem sentimos; elas passam através de nós. É esquisito, eu sei.

Embora eu não compreendesse de fato, assenti com a cabeça. Demoraria algum tempo para eu me acostumar.

– É melhor a gente ir andando, pessoal – disse Cole, olhando para mim. Seu olhar me dizia que eu deveria ir com eles.

– Temos algo importante a fazer...?

– Na verdade, sim. Temos que encontrar uma pessoa.

– Quem?

– Meu padrasto – disse Mick. – Joshua Everett Mowrer. Você vem com a gente?

– Melhor não levar essa garota, não – disse Darby. – Ela só vai atrapalhar.

– Mick é quem decide – disse Cabeça de Zíper.

– Se você quiser vir, por mim tudo bem – disse Mick.

– Podem me chamar de covarde, mas não vou a lugar nenhum a menos que saiba aonde estamos indo e o que vamos fazer – eu disse.

– Vamos sair por aí para assombrar os vivos – disse Dougie.

Cole deu um tapinha no meu ombro.

– Vai fazer bem a você. Venha. Fique perto de mim.

Eles saíram pela noite. Fiquei um pouco para trás, perguntando-me o que deveria fazer. Então a ficha caiu. Eu tinha que segui-los. Para descobrir quem era o meu assassino, eu teria que observar, ouvir e aprender.



v ingança

O GRUPO AVANÇAVA COM UMA RAPIDEZ INCRÍVEL. Não estávamos voando, mas correndo com tamanha velocidade que a sensação era de que nos movíamos num minifuracão. Andávamos nas ruas fazendo a maior algazarra, fantasmas invisíveis que éramos aos olhos dos vivos. Só de vez em quando um cão, gato ou esquilo dava sinal de que nos via. Tentei novamente me lembrar do que tinha acontecido comigo.

Vi o corredor de uma escola, depois uma imagem de mim mesma dirigindo meu carro, rápido. Alguém estava me perseguindo. Eu estava prestes a me lembrar quando meu cérebro latejou de dor. Cambaleei e cerrei os dentes. *Vamos, Echo, lembre-se!* Darby estava me observando. Eu estava esperando outra bronca, mas seus olhos se suavizaram um pouco.

– Está tentando forçar sua memória, não é?

– Sim, acho que sim.

Minha cabeça doía tanto que parecia que alguém tinha me acertado com uma pedra.

– E dói pra caramba, não dói?

– Sim.

– Então não force, desista. Pense em outra coisa.

Eu fiz o que ela disse. Pensei em Andy. Nós dois no quarto dele uma tarde, quando o pai não estava. Nós nos beijamos. E nos acariciamos. Foi delicioso. Minha dor de cabeça diminuiu. Darby ainda estava me observando.

– Melhor?

– Sim.

– Ei, você vai descobrir quem foi. E então, talvez, se não me irritar demais, posso ajudar você a dar um pé na bunda desse cretino.

Ela tinha sido a mais cruel comigo na Casa do Meio, mas agora eu estava começando a gostar um pouco dela. Cole estava certo. Ela seria uma poderosa aliada. Darby se elevou no ar e voou. Os outros a seguiram. Eu estava correndo rápido, mas o medo me prendia à terra. Até que Cole se virou e acenou para mim. Embora eu já tivesse me erguido do chão antes, não tinha nem ideia do que devia fazer para voar. Qual o primeiro passo? Corri mais rápido, minhas pernas virando um borrão, e comecei a me imaginar no ar, e então aconteceu... Levantei voo e parei no ar. Sobrevoei Kirkland, olhando as luzes mais abaixo. Era como um sonho. Eu quase me senti alegre. Mas a realidade da minha situação voltou a me atingir. De repente, tive esperança de que *tudo aquilo* fosse de fato um sonho. Mas não era. Eu estava M.O.R.T.A.

Chegamos à Marina de Kirkland e a sobrevoamos em círculos. Cole pegou a minha mão e me ajudou a pousar.

– Puxa... obrigada. Isso foi...

– Incrível?

– Eu ia dizer impressionante, mas, sim, foi incrível também.

Ele sorriu para mim. Eu estava me sentindo um pouco bipolar. Ei, eu estava morta, mas pelo menos *podia voar e meu colega era muito gato*. Eu disse a mim mesma para parar de pensar naquilo. Tinha que parar de divagar e encontrar um jeito de voltar para a minha antiga vida com Andy.

O estacionamento estava vazio, exceto por um pequeno reboque de barcos e algumas picapes. Mick escalou o relógio da torre da marina.

– Nove e quinze. Ele deve chegar a qualquer momento.

Depois de alguns instantes, um Mercedes Benz entrou no estacionamento e escolheu uma vaga. Um homem alto saiu do carro. Ele era esguio e tinha um ar de quem diz “sei que eu sou o tal”. Não simpatizei com ele de imediato.

– Lá vai o babaca – disse Mick. – Meu querido padrasto.

– Foi ele quem... – comecei a dizer.

– Me assassinou? Sim. Tenho noventa e oito por cento de certeza de que foi

ele.

– Então, que diabos estamos esperando? – perguntou Darby. – Noventa e oito por cento já está bom pra mim. O que está esperando, Mick?

– Porque ele quer estar cem por cento certo, é por isso – disse Cole. – E ele tem razão.

Observei enquanto o homem, Joshua Mowrer, abria o porta-malas da sua Mercedes vinho e tirava dali duas bolsas esportivas azuis. Ouvi um retinir de metal quando ele as deixou cair no pavimento. Trancou o carro com o controle remoto e pegou as bolsas, os ombros afundando sob o peso delas. Havia um portão trancado para chegar ao ancoradouro e ele tinha a chave. A grade do portão causou uma sensação estranha no meu estômago quando a atravessamos.

Mowrer caminhou até um iate de quarenta pés chamado “Merecido”. Subiu no barco levando as bolsas esportivas e as deixou no convés. Flutuei pelo iate com ele. O homem olhou na minha direção e me encolhi. Mas é claro que ele não podia me ver. É um sentimento péssimo esse de saber que os vivos não podem nos ver. O homem lançou um olhar culpado para o estacionamento, assegurando-se de que ninguém estava olhando. Ele achava que estava seguro. Nenhuma pessoa *viva* estava olhando. Mas *nós* estávamos.

Ele ligou os poderosos motores do iate e navegou para fora da marina.

– Vamos – disse Cole. – Vamos aproveitar o passeio lá na proa.

Ele pegou minha mão – e de novo percebi seu toque gentil, nem um pouco desagradável – e me levou para a frente do barco, fustigado por um vento forte. Agora que eu era fantasma, o vento parecia diferente. Não açoitava meu rosto como quando eu estava viva. Ele passava *através* de mim, o que eu tinha que admitir que era uma sensação única. Fechei os olhos por um instante, para aproveitar melhor a sensação. Era como voar para as estrelas. Depois de alguns segundos, senti um puxão no meu jeans, perto do calcanhar. Pisquei e olhei para baixo. Eu tinha flutuado como um balão e Cole estava segurando a bainha do meu jeans, para que eu não mergulhasse no céu noturno.

– Uau! – exclamei, extasiada.

- Está tudo bem? – ele perguntou.
- Como faço para descer?
- É só dar um impulso com todo o seu corpo.

Fiz o que ele disse e aterrissei na proa.

- Obrigada.

Cole estava me olhando daquele jeito que os garotos olham quando estão prestes a beijar uma garota. Mas não foi o que aconteceu. Eu me afastei um centímetro dele e dos seus lábios.

- O que estamos fazendo aqui? – perguntei.

Cole se virou e indicou com o queixo o padrasto de Mick, na parte de trás, pilotando o barco.

– O cara vem aqui duas ou três vezes por semana, desliga o motor no mesmo ponto e fica simplesmente no lugar, ao sabor do vento. É como se estivesse de olho em alguma coisa e soubesse muito bem o que é.

- E o que seria?
- O corpo de Mick.

O pensamento me causou um arrepio. E também me lembrou do meu próprio corpo, que devia estar abandonado em algum lugar. Eu me lembrei de que tinha me convencido de que nunca me cremariam. Nunca tinha falado sobre isso com meus pais, mas não me sentia preparada para ver meu corpo queimando numa pira e depois ser despejado numa urna funerária.

Mowrer puxou uma alavanca para trás e deu marcha à ré no barco, depois deixou-o em ponto morto e parou. Desligou o motor e ficou ali, ao sabor das ondas. A lua marfim estava no céu e banhava a superfície do lago com um brilho leitoso. Mowrer jogou uma âncora pesada na água.

- Vamos pegar o cara agora e acabar logo com isso – disse Darby.
- Não – opôs-se Mick. – Vamos esperar. Como sempre.

Darby soltou um suspiro e saiu andando pela lateral do barco, que balançava sem provocar nenhuma ondulação na água.

Mowrer andou na minha direção e não consegui suportar a proximidade, por

isso fui para a direita. Uma onda balançou o barco e, para recuperar o equilíbrio, ele deu uma guinada para a esquerda e... OPS! Colidi com ele. Mas, em vez de passar através de seu corpo, como acontecia com qualquer objeto sólido, *entrei* nele.

Fui bombardeada por uma sucessão rápida de imagens desagradáveis, que partiam da mente dele. O padrasto de Mick era um homem doente e corrompido, os pensamentos que povoavam seu cérebro eram um turbilhão de lembranças repulsivas. Vi o rosto de Mick. Mowrer estava se lembrando de como o matara, golpeando a cabeça do garoto com um grifo. Foi horrível ver a cena em câmera lenta na cabeça daquele homem pervertido! E depois ele amarrou Mick a alguma coisa pesada e jogou o corpo por sobre a amurada do barco. Foi nauseante. Tive que me afastar do cérebro daquele demente. Lançando mão de todas as minhas forças, arremeti meu corpo para a frente, desequilibrada. Com um som estranho de sucção, eu me vi fora da cabeça dele. Me virei e olhei para Mowrer, sentado ali, intrigado e odioso sob o céu noturno. Minha vontade era dar um murro na cara dele.

O padrasto de Mick se recompôs da *nossa* experiência, sacudiu a cabeça e foi para o andar de baixo do iate. Mick ficou olhando fixamente para mim.

– Você... viu *dentro* dele?

– Eu... sim – assenti ainda entorpecida. Mick percebeu que eu estava tremendo.

– Você está bem?

– Foi bizarro. Vi os pensamentos de seu padrasto ao mesmo tempo que ele. Esse cara matou mesmo você, Mick. Eu vi tudo.

– Eu sei – disse Mick.

– Legal, hora da curtição! – intrometeu-se Derby. Ela me deu um soco de leve no ombro. – Talvez você seja mais do que um peso morto, afinal!

Eu ainda estava abalada com a experiência de ver os pensamentos de Mowrer.

– Isso acontece muito? A gente entrar nas pessoas? Quero dizer, vocês fazem sempre isso? – perguntei.

– Não. Uma vez ouvi falar de um garoto que fazia isso. Mas ninguém que eu conheça na Casa do Meio pode entrar nos vivos – disse Cole.

– O que será que isso significa?

– Não sei muito bem. Posso ajudá-la a descobrir. Mas, vai por mim, isso leva um tempinho.

Aquela palavra novamente: o tempo. O tique-taque. Embora eu estivesse morta, sentia que estava ficando sem tempo.

Cole foi até Mick, que seguia Mowrer e agora o observava através de uma vigia. Na cabine, seu padraсто despia as roupas e vestia com dificuldade um traje de mergulho.

– Ele era muito rico – falou Mick sem demonstrar nenhuma emoção. – Trabalhava em alguma coisa com o mercado de ações, mas foi ganancioso demais e perdeu tudo. Acho que ele devia saber que estava indo à falência, porque comprou uma apólice de seguro para mim.

– Ele matou o próprio filho? Por *dinheiro*? – Eu não conseguia acreditar.

– Ele não é meu pai. Meu pai de verdade morreu. Esse pilantra apenas apareceu, conquistou a minha mãe e ficou com todo o dinheiro dela.

Mowrer emergiu do andar inferior e se paramentou com todo o equipamento de mergulho. Amarrou uma longa corda amarela numa alça no convés e a outra extremidade, nas bolsas esportivas azuis. No cinto, ele tinha um saquinho plástico cheio de fechos de plástico, do tipo que se usa para prender fios.

Jogou as bolsas esportivas sobre a amurada do barco. Elas afundaram rapidamente no lago, fazendo a água borbulhar. Então ele colocou a máscara de mergulho e, com uma lanterna à prova d'água na mão, mergulhou.

– Aqui vamos nós! – disse Mick.

Mick, Darby, Cameron e Dougie saltaram na água, sem espirrar uma gota sequer. Lucy subiu no teto da cabine, seus longos cabelos esvoaçando com a brisa.

– Prefiro ficar aqui.

Certo. Claro, seu lado felino odiava água. Eu não a culpava. O lago estava

frio e escuro e a perspectiva de mergulhar nele era assustadora. Mas Cole pegou a minha mão e me puxou com ele ao pular do iate.



A ÁGUA

SEGUREI A RESPIRAÇÃO. O pânico me assaltou quando atravessamos a superfície, quase sem provocar ondulações; depois mergulhamos cada vez mais fundo. Foi só um pouco mais devagar do que se deslocar pelo ar.

Cole me viu segurando a respiração.

– Você não precisa fazer isso, Echo. Podemos respirar aqui. Os fantasmas podem respirar em qualquer lugar, até enterrados a sete palmos.

Ótimo. *Que pensamento mais agradável!* Eu estava tão condicionada a segurar a respiração debaixo d'água que meu coração acelerou de medo, mas fui em frente e respirei pelo nariz. E funcionou! Consegui respirar normalmente. Echo Stone. A garota com guelras! Mais uma vez, achei muito estranho.

– Por que estamos aqui?

Minha voz parecia fraca e distante, mas Cole podia me ouvir muito bem.

– Mick quer ver o corpo dele.

O padrasto de Mick mergulhou cerca de 120 pés, até quase chegar ao fundo. Então vasculhou as profundezas sombrias do lago com o facho poderoso da lanterna de mergulho. Lodo e algas marinhas rodopiavam na água. Um salmão, uma truta e uma perca amarela se aproximaram, evitando a luz. Mowrer continuou sua busca com a lanterna. Ele parecia frustrado. Ouvi a voz de Cabeça de Zíper.

– Ah, Jesus, encontrei o que ele está procurando.

Cabeça de Zíper só tinha murmurado, e agora esfregava as cicatrizes na cabeça, provocando faíscas tênues na água. Foi o suficiente para chamar a atenção de Mowrer, que virou a lanterna na direção do garoto. E lá estava. Um corpo flutuando a três metros do fundo do lago, preso por uma corrente a um bloco de concreto.

As criaturas do lago tinham mordiscado e devorado o rosto e os braços de Mick, estendidos para cima como se buscassem ajuda. Senti náuseas quando vi as órbitas vazias.

Mowrer nadou rapidamente até o corpo e usou os fechos de plástico para prender as pesadas bolsas esportivas azuis ao cadáver em decomposição. Por fim, acrescentou tanto peso ao corpo de Mick que ele afundou até o leito do lago. Para concluir o trabalho, Mowrer encontrou várias pedras pesadas e empilhou-as em cima do corpo. Agora ele nunca seria encontrado.

Mowrer, porém, teria uma grande surpresa. Porque o corpo de Mick já *tinha* sido encontrado... por nós. Nadamos sem esforço até a superfície e voltamos para o iate.

– Cara, nunca pensei que eu ficaria tão nojento assim! – Mick estremeceu.

– Esqueça – disse Cabeça de Zíper. – Concentre-se só no que vai acontecer agora.

Mick assentiu. Os garotos da Casa do Meio agora faziam uma corrente, dando-se as mãos. Cole pegou a minha. Então falaram em uníssono:

– Nós, o júri da Casa do Meio, consideramos você, Joshua Everett Mowrer, culpado por assassinato. Que seu castigo seja proporcional ao seu crime.

O padraço de Mick irrompeu na superfície do lago e subiu a bordo do iate. Foi direto para o andar de baixo e Dougie o seguiu. Assim que o homem tirou o traje molhado, Dougie fez um movimento com as mãos.

– Hora de congelar sua bunda, babaca!

Em poucos segundos Dougie fez a temperatura cair uns vinte graus na cabine.

– Jesus! – gritou Mowrer.

Tremendo, ele vestiu as calças, as botas e um suéter grosso de lã e, contrariado, tirou uma parca do armário. Piscou, confuso ao ver sua respiração se condensando à sua frente, tentando entender por que havia cristais de gelo nas janelas. Seus dentes batiam enquanto ele praguejava.

– Que *loucura* é essa!

– Você ainda não viu nada... – murmurou Darby.

Lucy, na forma de um gato preto, entrou na cabine.

– Mas que m-merda é essa? – gaguejou Mowrer, tremendo de frio, ao ver o gato.

Ele tentou chutar Lucy, mas ela foi mais rápida e conseguiu se esquivar. Aí voou bem no rosto dele, sibilando alto, e com um salto poderoso fincou as garras na bochecha do homem, deixando ali quatro riscos sangrentos.

– Aiiiiiii!

Mowrer correu para fora da cabine, subiu no convés e olhou em volta freneticamente. Então começou a puxar rapidamente a âncora.

Todos estávamos flutuando acima do barco quando Cameron estendeu a mão e começou a desenhar círculos no ar.

Um redemoinho começou a se formar na água, fazendo o iate de Mowrer girar em círculos. Em segundos, as águas do lago ficaram turbulentas e perigosas. Cameron acenou para o céu.

– A probabilidade de chuva é de cem por cento.

Nuvens se formaram rapidamente. Trovões retumbaram. Chuva e granizo começaram a cair do céu.

– Isso não pode estar acontecendo! – gritou Mowrer.

– Mas está – disse Mick. – E é só para você.

Sabendo agora que ele tinha matado Mick brutalmente, eu não sentia dó. Tudo me parecia um grande espetáculo. Fiquei me perguntando se deveria me sentir culpada por ficar ali assistindo, enquanto outro ser humano sofria. Sempre acreditei em karma. Agora eu o via em ação.

Parecendo quase alegre, Darby entrou em cena, arregalando os olhos como um palhaço de circo. Uma visão do cadáver de Mick apareceu no iate.

– Uau! Esse é o tipo de poder que vocês conseguem depois que morrem?! – exclamei, admirada.

– É só uma alucinação, mas totalmente real para ele – disse ela.

– Isso vai deixar os funcionários da marina apavorados.

O padrasto de Mick colocou as mãos no peito.

– Me desculpe, sinto muito! Deus me perdoe! – lamentou.

– Um pouco tarde para isso... – disse Mick.

Fiquei assistindo enquanto Mick flutuava para baixo e abria a escotilha do motor. Cabeça de Zíper então pegou uma faca de mergulho da caixa de engrenagens e cortou uma mangueira de combustível, fazendo a gasolina se espalhar. Mick pairava sobre seu patético padrasto assassino.

– Isso foi bem divertido, “papi”. Espero que a minha mãe agora encontre alguém decente, seu filho da mãe imprestável!

Mick estava pronto para partir. Ele não pôde deixar de abrir um sorriso quando olhou para nós. Mas o sorriso não durou. Logo começou a parecer um pouco triste. Acho que parte dele seria triste para sempre.

– Vamos sair daqui.

Voltamos a flutuar e ficamos de pé sobre a superfície da água. Literalmente *sobre* ela. O mais incrível – eu mal podia acreditar nos meus olhos – é que apenas caminhamos sobre a superfície. Mick liderou o caminho de volta até as docas e todos nós o seguimos, exceto Lucy, que pegou uma carona no ombro de Darby. Eu me virei para Cole.

– Mick só queria dar um susto no padrasto? Vai deixá-lo vivo?

Cabeça de Zíper soltou uma risadinha.

– Espere só para ver – disse ele.

Mick se virou para Cabeça de Zíper.

– Gostaria de fazer as honras?

Cabeça de Zíper sorriu e esfregou as cicatrizes vigorosamente com as duas mãos. Elas começaram a estalar com a eletricidade.

– *Adiós, muchacho!* – disse ele.

Cabeça de Zíper apontou os dedos para o iate. Um longo arco de eletricidade cortou a água e atingiu em cheio o barco. Um estrondo de estourar os tímpanos

ecoou através da noite. Eu me encolhi quando o iate de Mowrer explodiu, transformando-se numa bola de chamas. Meu coração foi parar na boca.

– Caramba!...

Eu tinha acabado de presenciar, pela primeira vez, como os fantasmas assombravam os humanos e davam sua revanche.

Voamos para Briarcrest, um condomínio fora de Kirkland, onde ficava a antiga casa de Mick. Ele parou na entrada para carros e olhou pela janela. A mãe estava tocando um piano de cauda. “Sonata ao Luar”, de Beethoven. As notas fluíam e ecoavam fortes e lamentosas no ar da noite. Eu nunca tinha ouvido nada tão bonito. Quando ela acabou, acariciou o piano como se ele fosse um velho amigo e depois baixou a tampa. Mick chorava em silêncio.

– Adeus, mamãe... Espero revê-la um dia.

Eu podia sentir meu coração comprimido no peito. Mick abraçou cada um de nós, depois ergueu os braços e flutuou para cima, brilhando cada vez mais à medida que subia como um balão. Perplexa, não consegui evitar uma pergunta idiota.

– Para onde ele está indo?

– Está fazendo a passagem – explicou Cole. – Para se juntar aos Posteriores.

Inclinamos a cabeça para o céu, observando-o subir cada vez mais alto, até se transformar num pontinho de luz e depois se tornar uma estrela brilhante. Eu esperava que ele encontrasse paz, distante do tumulto e da crueldade deste mundo, e não levasse nada com ele a não ser lembranças boas das pessoas que amava.

– É assim que sempre acontece? – perguntei. – Fazemos a passagem para a Outra Vida depois que nosso assassino é punido pelo seu crime?

– Isso mesmo – explicou Cabeça de Zíper. – Quanto mais rápido você fizer a passagem, mais rápido pode reencarnar.

– O que quer dizer com “reencarnar”? – perguntei. – Está dizendo renascer como um bebê?

– Sim. Se apostarmos nossas cartas do jeito certo, ganhamos mais uma rodada – disse Darby.

Eu estava aprendendo. Não que já estivesse me acostumando a ser um fantasma, longe disso, mas, de um jeito meio estranho, as coisas estavam começando a fazer sentido para mim. Nesse instante, um desejo urgente tomou conta de mim. Eu *tinha* que descobrir quem tinha me matado.



DE VOLTA À CASA DO MEIO, entramos sem fazer barulho e cada um foi para seu quarto. A luz dos aposentos da senhorita Torvous estava acesa e, ao passar pela porta, ouvi uma música triste de amor que começava com o verso “O sol não brilha se ela se foi...”. Embora fosse difícil imaginar, parecia que a senhorita Torvous estava apaixonada. Parei para ouvir mais atentamente e percebi um leve choro. Pensei em tentar atravessar parcialmente a porta para dar uma olhada melhor, mas justo nesse momento o choro parou, assim como a música. Ela devia ter sentido a minha presença do lado de fora. Ouvi passos dentro do quarto.

Afastei-me o mais rápido que pude e deslizei pelo corredor, escondendo-me no recuo de uma porta justamente quando a senhorita Torvous abria a dela com vigor. Pude ouvir sua respiração descompassada. Olhou na minha direção, mas eu estava encostada à porta e ela não me viu. Esperei um instante, depois estiquei o pescoço para tentar vê-la. Seus olhos estavam vermelhos e ela enxugava as lágrimas. Então fechou a porta com força e eu me perguntei o que estaria acontecendo na vida dela.

Cole apareceu e foi comigo até o meu quarto.

– Ela estava chorando – sussurrei. – Parece uma mulher tão forte... O que poderia fazê-la chorar?

– Torvous chorando? Essa mulher tem um coração de pedra! Você deve ter imaginado coisas.

– Não, tenho certeza.

– Ela está sempre sozinha. Sei que não é feliz. Mas não faço ideia do que poderia atormentá-la. Quer dizer, além do fato de estar morta – disse ele.

– Eu me pergunto se ela está realmente morta, porque parece tão real, tão saudável... Sabe, saudável de um jeito assustador.

– Esse é o poder que ela tem. Aos olhos dos encarnados, parece uma pessoa viva. É por isso que consegue ser diretora da Casa do Meio. Pode tratar com o jardineiro e, de vez em quando, atender a uma alma curiosa que aparece na porta. As pessoas pensam que ela é, tipo, a velhinha louca dos gatos.

– E *nós* somos os gatos.

Chegamos ao meu quarto e abri a porta.

– Foi uma noite e tanto pra você, eu sei – disse Cole.

– Nem me fale...

Quando me lembrei de tudo o que tinha acontecido nas últimas horas, meu coração acelerou e fiquei tão zozza que pensei que fosse cair. Cole estendeu a mão para me ajudar. Assim que tocou minha bochecha, minha cabeça ficou vazia. Olhei nos olhos dele, que eram lindos à luz da vela acesa por Lucy no nosso quarto. Cole não parecia muito a fim de falar sobre o assunto... ou de ir embora. Seus olhos brilhavam e ele tinha um sorriso enigmático no rosto. Eu definitivamente me sentia atraída por ele. Mas onde eu estava com a cabeça? Estava morta e ainda era perdidamente apaixonada por Andy. Ele seria minha alma gêmea para sempre.

– Sei que demora para a gente se acostumar a tudo isso – Cole finalmente disse.

Senti o calor da ponta dos dedos dele. Eu me sentia inebriada naquele momento, sob o feitiço daquele garoto bonito. Um fantasma. E estava me deixando envolver por aquela sensação de êxtase.

– Não acho que um dia eu vá me acostumar... – murmurei.

– Você vai. Acredite. Boa noite.

Olhei para os lábios dele. Ele não ia me beijar? Cole se virou e foi embora. Senti uma pontada de desapontamento, um leve sentimento de frustração. Como se pudesse adivinhar meus sentimentos, ele parou e se voltou para mim.

– Echo?

– Sim?

– Posso te dar um abraço?

Nossa. Meu corpo todo ficou eletrizado. Assenti com a cabeça, tremendo, e ele me envolveu em seus braços. Nossos corpos se encaixaram perfeitamente. Agora eu sabia com certeza que até os fantasmas sentem desejo. O abraço foi dolorosamente curto, mas seu efeito foi poderoso. Senti como se estivesse nos braços... da minha própria família. Ao se afastar, pude ver que o rosto dele estava corado.

– Estar morto é uma merda, mas fico feliz que você esteja aqui.

– Queria poder dizer o mesmo – eu disse.

Ele franziu a testa.

– Não quis dizer isso...

– Sei o que quis dizer. Boa noite – disse ele.

Cole desviou os olhos e partiu, desta vez para não voltar, desaparecendo pelo corredor até entrar no próprio quarto. A sensação do abraço permaneceu no meu corpo.

No quarto, Lucy já dormia, ronronando. *Com certeza leva muito tempo para a gente se acostumar a isso...*, pensei. Desabei na cama, descansando meu esqueleto cansado. Espere aí, os mortos têm esqueleto? Parecia que sim. Eu me sentia igual a antes, como se ainda tivesse um corpo físico. Toquei meus braços, minhas pernas. Eles pareciam sólidos para mim. Mas eu sabia a verdade. Estava presa àquela existência intermediária, aterrorizada, arrancada da vida que ainda teria pela frente. Fechei os olhos e rezei para dormir logo. Queria sonhar com Andy, mas fiquei revirando na cama, sem conseguir conciliar o sono.

– Lucy? Está acordada?

Ela ficou de lado e abriu um olho.

– Sim, tenho sono leve.

Eu sabia que a acordara.

– Desculpe.

– Tudo bem. Tiro cochilos ao longo do dia.

– Por que todo mundo aqui na Casa do Meio tem algum poder superincrível?

– Ninguém sabe dizer. Parece que quem criou o universo concedeu algo especial a cada um de nós, para nos ajudar nesse intervalo de tempo. O que fizeram conosco foi injusto. Por isso é como se esse ser superior soubesse que precisaríamos de alguma vantagem para compensar o que sofremos.

Ela bocejou e se aconchegou na cama – a sua cauda aparecendo brevemente, balançando. Em segundos minha colega de quarto ronronava outra vez.

Fiquei deitada ali pelo que pareceu uma eternidade, pensando no meu futuro, que soava desanimador, na melhor das hipóteses. Fechei os olhos e voltei a me revirar na cama, incapaz de dormir.

Como isso pôde acontecer? Quem fez isso comigo? Eu queria tanto descobrir a identidade do meu algoz e fazê-lo pagar por isso! Ou será que tinha sido uma mulher? A dor e a raiva estavam me consumindo. Esgotada, acabei me rendendo ao sono.

Eu me vi num sonho fragmentado. Meu pai segurava minha mão e estávamos na região montanhosa de Patterson Bluff, com vista para a enseada de Puget, um dos meus lugares favoritos.

– Echo?

– Sim, pai?

– Não importa o que aconteça, lembre-se de que eu te amo com todo o meu coração.

Assenti. Meu estômago se contraiu. Sempre que alguém diz “não importa o que aconteça”, você *sabe* que algo está para acontecer, e NUNCA é algo bom. Olhei para ele enquanto o céu escurecia e as estrelas começavam a aparecer no céu. Eu queria falar, perguntar o que ele estava querendo dizer, mas estava apavorada demais. Então o penhasco desapareceu e eu me vi caindo.

O sonho mudou. Eu estava com Andy, olhando nos olhos dele, que estavam castanho-claros e brilhantes, e isso era estranho, porque eu sabia muito bem que os olhos dele eram azuis. Fiquei momentaneamente confusa, mas isso passou. O sonho continuou. Eu era mais jovem, totalmente apaixonada por ele, e estava

agachada, contemplando-o através de uma fenda na velha cerca que separava nossos quintais. Ele estava cortando a grama do quintal dos fundos com um cortador de grama. Tirou a camisa. Seus braços eram firmes e musculosos – ele tinha bíceps maravilhosos, com certeza – seu abdômen era chato e com músculos bem definidos, mas não cheia de gomos como a daqueles garotos obcecados por musculação. Eu me perguntava como seria sentir aquele corpo musculoso contra o meu. Sentia o meu corpo todo formigar, do couro cabeludo até os dedos dos pés. Medo e desejo travavam uma batalha dentro de mim.

O sonho mudou. Era um dia quente de verão. Fazíamos uma longa caminhada. Eu tremia quando peguei a mão de Andy. Sempre que ele estava por perto, eu tinha pensamentos pecaminosos. Andávamos em silêncio, o único som era o de um riacho nas proximidades.

Quando chegamos à grama macia e verde da margem do rio, ele me abraçou.

– Eu te amo.

– Eu te amo mais.

Nossos lábios estavam prestes a se encontrar quando a imagem de Andy se desfez e a cena mudou para a casa dos meus pais. O riacho ficou cor de sangue. Uma enxurrada violenta inundou a casa, derrubando as paredes. Uma chuva vermelha infiltrava-se do chão e se erguia em direção ao céu acinzentado.

Pela manhã, quando acordei, pensei que estava de volta ao meu antigo quarto, viva. Mas não. Eu estava li, na Casa do Meio. Morta e muito bem, obrigada, Universo. Fechei os olhos novamente. Talvez se eu ficasse ali por um tempo realmente logo e mantivesse os olhos fechados, conseguisse fazer aquela farsa sinistra acabar. Eu só precisava esvaziar a mente de tudo e me tornar uma com o cosmos.

Só consegui por trinta segundos. *Ah, dane-se.* Levantei da cama, a barriga roncando, e fui para o refeitório. Pretendia me entupir de comida.

Cole e os outros que estavam na caçada do dia anterior não estavam lá, por isso encontrei um lugar vago e fui me servir – torradas e panquecas. Empilhei

tudo no prato e devorei a comida. Adorava poder comer até quase explodir. E outra vantagem de ser fantasma era que eu nunca tinha de ir ao banheiro. Aparentemente tudo acontecia na minha cabeça.

Cole apareceu na porta do refeitório e fez sinal para que eu o seguisse. Eu poderia comer mais três ou quatro panquecas, mas algo no jeito como ele acenou me deixou curiosa. Eu me levantei e o segui.

– O que foi?

– Quero te mostrar uma coisa.

Ele me levou escada abaixo, até uma grande porta verde, e abriu-a para eu passar, como um cavalheiro de verdade. Era algum tipo de depósito, com caixas do chão até o teto, material de escritório em pilhas que ameaçavam cair a qualquer momento e centenas de livros velhos, com as lombadas rasgadas e abarrotando vários corredores de estantes. Cole encontrou uma escrivaninha antiga num canto, sobre a qual havia um monitor de computador CRT. Ele estava ligado a um antigo computador IBM, esquecido num canto, no chão.

– Acredite ou não, a conexão ainda é discada. É de uma lentidão desesperadora, mas funciona. Fiquei curioso, dei uma olhada para ver se tinha internet e descobri uma coisa que acho que você vai gostar. *Eileen*.

Foi uma agonia esperar até que o computador jurássico fizesse a conexão, o modem zumbindo e bipando. Mas a tela finalmente apareceu e carregou, bem devagar, na página 8 da seção “Cidade” do jornal *Seattle Times*. Na página do obituário, em letras tão pequenas que tive que forçar a vista para enxergar, li uma sentença que fez meu coração quase parar.

Eileen Stone, filha amada de James e Carolyn Stone, será sepultada na terça-feira, 17 de setembro, às 11 horas, na Casa Funerária Green, em Kirkland.

Cole e eu trocamos um olhar. A ideia me ocorreu em dois segundos. Eu estava prestes a fazer algo realmente bizarro.

– Cole, será que tenho coragem de fazer o que estou pensando?

– Sim, você vai ao seu próprio funeral.



FUNERAL

A CASA FUNERÁRIA GREEN ficava no alto de uma colina, num bairro luxuoso nos arredores de Kirkland, perto do amplo e arborizado Cemitério Kirkland, sem dúvida o lugar onde meus restos mortais iriam descansar. Uma ironia do destino, pois na infância eu costumava brincar ali, dançando entre os túmulos sem nenhum respeito aos mortos. Agora, outra criança provavelmente iria dançar sobre o meu caixão. Que maravilha.

Cole e eu nos aproximamos e ele estava sorrindo, embora seus olhos parecessem tristes.

- Posso chamá-la de Eileen?
- Se fizer isso, eu te mato.
- Sinto muito, mas alguém já fez isso antes de você.

Eu me perguntei como Cole teria morrido. Sabia que ele me contaria na hora certa.

Olhei para a casa funerária. Estava paralisada de medo. Sentia como se alguém me segurasse por um daqueles enforcadores de cães. Cole teve que praticamente me arrastar para lá, explicando que aquele podia ser o melhor lugar para despertar as minhas lembranças.

Entramos no salão principal e seguimos os acordes da música “Hora de Dizer Adeus”, que ecoavam pelo corredor forrado com um papel de parede florido. Eu me sentia extremamente triste.

- Isso é tão macabro... – eu disse.
- Sim, eu sei. Aguenta firme – ele me incentivou.
- Não sei... se consigo...
- Vou estar bem aqui, ao seu lado.

Entramos na capela, onde meus amigos e minha família estavam reunidos para dizer adeus. Mamãe e papai estavam lá, claro, junto com meu tio Daniel e

minha tia Liz; meus primos, Vincent e Brandon; minha professora de basquete, a senhorita Reiger; e o professor de quem eu mais gostava, o dr. Hemming, que dava aula de Psicologia e também de Artes Fotográficas. Como de costume, sua câmera onipresente estava no pescoço dele. Dezenas de adolescentes da minha escola estavam lá também, alguns deles meus amigos, outros nem tanto.

E lá estava Andy, seus ombros fortes caídos, uma imensa dor estampada nos olhos. Sentada algumas fileiras atrás, estava Dani Cooper, a única garota que ele já tinha levado ao cinema além de mim e que costumava ser minha amiga até ficar claro que eu e Andy éramos muito mais do que simples vizinhos. Sentada atrás de Dani estava a detestável Denise Wiggins e seu séquito de seguidoras cheias da grana.

Olhei na direção do meu caixão. Ele era de um elegante estilo barroco, com madeira cor de gengibre, alças polidas de metal e estofamento de cetim cor-de-rosa. Lentamente, fui chegando mais perto. E de repente estava fitando o meu próprio cadáver. Tinha certeza de que seria algo apavorante, mas tudo que pensei naquele momento foi: *Quem, pelo amor de Deus, fez essa maquiagem?! Nunca, na vida, eu tinha usado sombra azul nos olhos, e meus cílios estavam emplastados com uma camada grossa de rímel, como se tivessem colado pequenas taturanas pretas nos meus olhos. E por que meu cabelo estava com um penteado todo armado? Comecei a sentir muita raiva, pensando que eu não iria passar a eternidade parecendo uma cantora de música country. Mas então me acalmei um pouco quando vi que mamãe tinha escolhido meu vestido preferido, de algodão estampado cor de marfim, com minúsculas rosinhas vermelhas. Eu adorava aquele vestido. Porque era o favorito de Andy.*

As pessoas estavam fazendo seus discursos a meu respeito. Denise (a última pessoa que eu escolheria) subiu no púlpito. Loiríssima, nesse dia seu cabelo estava um espetáculo, e ela brincava com ele, jogando-o por cima dos ombros e tocando-o a todo instante. Aparentemente ela estava ali para que todos admirassem seu cabelo tanto quanto ela.

– Ela era uma garota *incrível*, uma das mais *incríveis* que já conheci, e uma

das minhas maiores amigas. Não sei... como vou conseguir superar a dor de perdê-la...

Achei que fosse vomitar, e queria fazer isso *em cima* dela. Denise estava voltando ao seu lugar, fungando como um *beagle* agora, enxugando as lágrimas com dramaticidade e murmurando de vez em quando a mesma palavra: “incrível”... Mas que hipocrisia! *Eu, uma das maiores amigas dela?* Na primeira semana de aula, aquela piranha e seu grupinho tinham me banido para o canto da classe reservado aos coitados dos alunos menos populares.

– Você até que é bonitinha -- lembro-me de ouvi-la dizer ao me encontrar no corredor. – Pena que tem um péssimo gosto para acessórios.

O comentário provocou risadinhas da corja desprezível que sempre acompanhava e eu fiquei ali, muda, chocada e estarecida demais para me defender. Denise adorava uma plateia, e agora ali estava ela, no meu funeral, usando a minha tragédia pessoal para exhibir o cabelo e encenar o seu papel de rainha do drama.

Voltei minha atenção para o meu corpo morto. Será que eu *era* bonita? A garota no esquife parecia uma boneca de porcelana gigante, não a garota que eu imaginava que fosse. Meu pai uma vez me disse que nós, seres humanos, temos muitas ilusões com relação a quem somos. O segredo, ele dizia, era estar pronto para rejeitar essas ilusões e nos ver pelo que realmente éramos. Eu estava disposta a fazer uma avaliação sincera de mim mesma, do meu caráter, mas como podia ver e aceitar quem eu era agora? *Morta?! Fala sério!*

A tristeza crescente estava começando a toldar meus pensamentos. Eu estava à beira das lágrimas e ao mesmo tempo não conseguia parar de pensar no quanto aquilo pareceria patético. Eu, olhando para mim mesma, chorando sobre o meu próprio cadáver e soluçando como uma viúva inconsolável, no meu próprio funeral. Era ridículo.

– Está tudo bem com você? – Cole perguntou.

– Não, mas vou ficar bem... Para alguém que está olhando o próprio corpo... Sim, estou bem. Estou ótima! – Mas é claro que eu estava arrasada.

As pessoas estavam em fila agora, para dar uma última olhada no meu cadáver. Eu já estava surtando. Tinha que sair dali. Sentia um grito preso na garganta e tratei de reprimi-lo, transformando-o no lamento triste de uma fera enjaulada. Oprimida naquele ambiente, tudo o que eu podia ver eram estrelas precipitando-se sobre mim, rompantes de luz branca. Corri o mais rápido que pude, cega, para a massa de luzes ofuscantes. Apertei os olhos ao máximo e corri.

Estava avançando rápido em direção à porta quando senti um solavanco e percebi que tinha “entrado” no corpo de alguém, assim como tinha acontecido com o padrasto de Mick, no iate! A dor que senti no coração (a mesma que sentia desde o dia em que acordei na Casa do Meio) agora se apoderava da minha alma, aguda, intensa, monstruosamente pungente. Minha visão se toldou e gritei como se estivesse ardendo no fogo do inferno.

Era tão estranho estar dentro de outro ser humano... Ao olhar para baixo, através de uma chuva de luzes rodopiantes, vi uma mão segurando uma faca de caça – a mesma que haviam cravado em meu peito! Estava tudo meio embaçado e incoerente, mas eu podia ver que a faca tinha perfurado minha pele, transpassado as costelas e atingido meu coração. Meu peito estava encharcado de sangue. Era o fim da linha para mim. Eu estava vendo o meu próprio assassino! Mas quem seria ele? Meus olhos não se abriam! *Vamos, Echo! Olhe! Olhe! É um homem? Uma mulher? Um adulto? Um adolescente? Por favor, por favor, quero muito ver!*

Lampejos da mente vil do assassino me assaltaram. Vi os corredores do meu colégio. Garotas lançando olhares temerosos quando eu passava. Agora estava tudo escuro, só via o brilho fraco de uma chama amarela. Uma vela? Eu não saberia dizer. A faca do assassino, aquela abominável faca de caça, sendo enterrada em mim. Essa pessoa era tão familiar! Mas eu não podia dizer quem ela era; só via uma silhueta. *Quem foi que enterrou a faca em meu peito? Eram as mãos de um homem? As mãos de um garoto? De uma mulher? Eu não*

poderia dizer; as imagens eram muito desfocadas e rápidas. Vamos, Echo! Concentre-se! Veja! Veja quem é!

Tentei com todas as minhas forças. Mas a transmigração durou apenas alguns segundos. O trauma que isso provocou em mim foi grande. Sentia um ardor em todas as células do meu corpo, como se eu tivesse mergulhado em lava derretida. Gritei até a minha garganta doer.

Daí acabou. Eu estava do lado de fora da casa funerária, deitada na grama, e Cole pairava sobre mim. As luzes ofuscantes tinham se dispersado e minha visão, voltado ao normal. Eu estava piscando, grata por conseguir enxergar um pássaro de peito vermelho num carvalho acima de mim.

– Aconteceu de novo, não foi? – Cole perguntou. – O mesmo que aconteceu no barco...

– Sim. Entrei no corpo de alguém...

– Acho que você descobriu qual é o seu poder.

– Descobri mais do que isso...

– Como assim?

– Cole, foi a pessoa que me assassinou! Eu vi a faca, lembrei agora que fui esfaqueada. Bem no coração.

Olhei para baixo. Por um instante, minha imagem se transformou. Pude ver sangue vertendo de um corte no meu peito. Ah... merda.

– Quem era?

– Eu... não sei. Não consegui ver.

Eu inspirava golfadas de ar, meu coração de fantasma martelando de puro pânico.

– Cole, o que há de errado comigo? Por que não consegui vê-lo?

– Relaxe. Tente ficar calma. Respire.

Fiz o que ele sugeriu. Cinco respirações longas e profundas. As imagens do meu peito ensanguentado desapareceram. Cole me puxou para eu ficar de pé, enquanto meu corpo espectral retornava ao normal. Pronto. Já me sentia melhor.

– Era alguém da escola. Eu vi coisas... lá.

– Ótimo. Esse é um ótimo começo.

Eu tinha feito alguns progressos, embora isso tivesse me custado uma dor excruciante. Agora eu sabia que o meu assassino, a pessoa que tinha me esfaqueado brutalmente no coração, estava presente no meu funeral. Mas quem era ela?



ENTRADA

MEU CAIXÃO ESTAVA SENDO CARREGADO e colocado num carro fúnebre por Andy, meu pai, meu tio e Ethan Johns, um *geek* de ciências que era um dos meus únicos amigos na escola. Ele era alto e forte como um touro, mas solitário. Nunca gostei do contentamento que sentia quando dissecava animais e uma vez tivemos uma discussão acalorada sobre os direitos dos animais. Ele tinha um jeito meio violento, mas duvido que deixaria de lado seus videogames para matar alguém.

Os garotos que tinham levado o meu caixão pareciam desconfortáveis em suas camisas engomadas, gravatas apertadas e calças sociais. Meu corpo foi transportado no carro funerário por duzentos metros, encosta acima, e depois descarregado. Cole e eu nos aproximamos do meu túmulo e observei os vivos enquanto o ministro fazia seu sermão de sempre.

– Das cinzas às cinzas, do pó ao pó. Que a alma de Eileen Echo Stone seja acolhida no céu, onde as mãos compassivas do Senhor vão confortá-la com amor e perdão eternos.

Bem, isso não aconteceu. Pelo menos ainda não. Examinei as pessoas presentes, analisando cuidadosamente seus rostos. Mamãe, papai, Andy, minha tia e meu tio, meus primos, Dani, Denise e sua tribo, outros garotos da escola, alguns vizinhos e professores. Por mais que eu tentasse, não conseguia me convencer de que uma daquelas pessoas havia me assassinado a sangue frio. No entanto, uma delas tinha feito exatamente isso.

O ministro concluiu seu sermão e as pessoas prestaram suas últimas condolências. Chorando, minha mãe e meu pai jogaram narcisos sobre meu caixão. Papai teve que puxar minha mãe pelo braço, num esforço para afastá-la dali. Ela não queria me deixar. Eu queria tanto poder confortá-la...

– Tudo bem, mamãe, estou bem, estou bem aqui. Nunca vou deixar você.

Corri e a abracei, passando meus braços fantasmas ao redor dela e do meu pai. Ela não podia sentir o meu abraço, mas acho que sentiu alguma coisa, porque parou de chorar e, quando meu pai começou a falar...

– Carolyn...

... ela o fez se calar.

– Shhh!

Minha mãe ouviu com atenção quando falei com ela novamente.

– Eu sempre, sempre, vou te amar. Nunca vou deixar você. Você vai estar sempre no meu coração.

Mamãe pareceu confusa, depois seu rosto se tornou uma máscara de dor. Será que ela tinha me ouvido? Eu me virei para Cole, agora ao meu lado.

– Ela pode me sentir? Me ouvir?

– Não, Echo. Qualquer coisa que você falar só vai servir para fazê-la pensar que está enlouquecendo. Vai achar que pirou.

Eu não estava totalmente convencida de que ele estava certo, mas recuei. Mamãe deixou que papai a levasse e eles caminharam lentamente, cheios de tristeza, em direção à limusine que os aguardava. Cada passo agora era parte de uma longa marcha cheia de sofrimento. Eu sentia que, de alguma forma, tinha conseguido fazer contato com ela. E não iria desistir de tentar. Mas sabia que tudo tinha sua hora certa.

Agora meus olhos se concentravam em Andy, que tinha na mão uma rosa branca solitária, a minha flor favorita, e a colocava delicadamente sobre o caixão. Andy era tão bonito... Minha vontade de estar com ele era tamanha que beirava o desespero. Lágrimas transbordavam dos seus olhos vermelhos e escorriam pelo seu rosto. Enquanto as enxugava, ele movia os lábios num sussurro.

– Adeus, Echo. Vou te amar pra sempre.

Depois dessas palavras, o amor da minha vida – minha alma gêmea – virou-se e se afastou do túmulo, com os olhos baixos. Meu peito estava tão pesado que a sensação era de que tinha pedras no peito.

Um grito subiu da minha garganta, cada vez mais alto – pelo menos no meu mundo, ele era ensurdecedor – e transformou-se num berro tão estridente que um bando de pardais disparou como balas de uma árvore nas proximidades.

Cole parecia querer me oferecer palavras de conforto, mas sabia muito bem que era melhor não dizer nada e esperar a dor aguda passar.

– Andy, espere! Não vá!

Corri na frente dele e tentei impedi-lo de continuar andando, mas meu eu spectral não tinha substância, então ele continuou seguindo em frente, olhando fixamente para o chão. E passou através de mim.

– Por que não consigo entrar nele? – gritei para Cole. – Me ajude!

– Não sei como o seu poder funciona. Já disse que só ouvi falar de uma pessoa na Casa do Meio que tinha esse mesmo poder, e isso faz muito tempo. Acho que talvez você só possa entrar nas pessoas que estão assustadas.

Mas eu não queria assustar Andy. Queria tomá-lo nos braços e ficar junto dele para sempre. Queria que ficássemos juntos eternamente. Uma rajada de vento varreu o lago e Andy parou, sentindo seu rosto ser acariciado. Rezei para que ele estivesse me sentindo, mas provavelmente era só uma esperança que eu tinha. Mas o que era o amor senão uma esperança?

– *Juro* que vou encontrar um jeito de voltar pra você – eu disse.

Ele começou a andar. Eu não poderia simplesmente deixá-lo sair da minha vida. Corri na frente dele e, tremendo, gritei o mais alto que podia.

– ANDY, ME OUÇA!

Ele parou e lentamente levantou o olhar da grama até um ponto atrás de mim.

– Echo... – disse bem baixinho.

– Sim! Sim, Andy, estou bem aqui! – gritei.

Meu coração de fantasma martelava no peito. Eu queria tanto acreditar que ele podia me ouvir...

– Eu te amava tanto...

Espere, do que ele estava falando? *Amava*?

– Andy, não vá embora; fique aqui comigo um minuto, por favor, *baby*... Me

mostre que você pode me ouvir. Levante a mão, como você fazia quando tocava meu pescoço.

Esperei, implorando para que o universo atendesse a esse pequeno pedido. Mas a mão dele permaneceu abaixada. Ele balançou a cabeça, endireitou as costas para enfrentar o mundo e se afastou do cemitério. Desabei no chão como uma boneca de pano. Olhei para o mundo de cabeça para baixo. Os pés de Cole apareceram. Ele se ajoelhou.

– Echo, você tem que se levantar. É importante. Alguém aqui é seu assassino. Você mesma disse. Por favor. Levante-se.

Com relutância, deixei que ele me ajudasse a ficar de pé.

– Ele não... Eu queria...

– Eu sei. Você o amava.

– Eu ainda o amo!

– Certo. Você o ama. E ele te ama. Mas, para ele, você já se foi... E se quiser descobrir quem fez isso com você, então é melhor começar a dar uma boa olhada em cada pessoa aqui.

Senti um leve tremor na voz de Cole. Será que ele estava com ciúme? Não, eu não ia entrar nessa. Eu tinha uma missão.

Enquanto o coveiro começava a cobrir meu túmulo com um monte de terra, as pessoas partiram, seguindo para os seus carros estacionados.

Dani, Denise, meus tios e meus primos, o pessoal da minha escola, a senhorita Reiger, o senhor Hemming. Concentrei-me para ver se conseguia detectar algum sinal de culpa ou malícia nos olhos deles. Nada. Baixei a cabeça, sentindo-me derrotada.

– Não consigo.

Eu não estava mais suportando ver as últimas pás cheias de terra serem jogadas sobre o meu túmulo, então me virei para ir embora. Cole estava ao meu lado quando percebi algo com o canto do olho. Um homem parado embaixo de uma árvore. Andei na direção dele para dar uma olhada mais de perto. Seria apenas um estranho qualquer? Ou um covarde observando meu sepultamento de

longe? Cheguei mais perto até reconhecê-lo. Era o velho Mike Walker, o cara estranho, de cabelo ruivo frisado, que ficava no refeitório. A expressão dele era impassível, mas os olhos pequenos e escuros estavam injetados. Os olhos dele, no entanto, estavam sempre injetados, porque ele era alcoólatra. Chupava balas de hortelã, mas mesmo assim dava para perceber que estava sempre com um hálito de bêbado.

Como sempre, seu rosto sulcado estava coberto por uma barba rala. Por que ele estaria ali? Não era meu amigo. Era um mentiroso patológico que estava sempre se vangloriando de ter sido produtor de Hollywood no passado. A verdade era que ele não fazia nada além de mentir. Hoje ele não só parecia bêbado, mas também se sentindo culpado. Lembro-me de um dia tê-lo ajudado na hora do almoço. Ele se aproximou e ficou em pé atrás de mim como se estivesse cheirando meu cabelo... Cruzes! Depois tocou meu ombro e me disse que eu era bonita e se ofereceu para me ajudar a entrar no mundo do cinema. Ah, claro. Eu me encolhi toda quando ele me tocou e não consegui reprimir uma expressão de nojo. Mais tarde naquele dia fui até um depósito de material de escritório e percebi que alguém tinha escorado a porta para que eu não pudesse sair. Chutei-a com tanta força que pensei que tinha quebrado o pé. Walker veio em meu “socorro” com uma expressão de pena, como se estivesse muito indignado que alguém tivesse feito uma coisa daquela comigo. Eu sabia que ele é quem tinha deixado aquele peso na porta, então saí dali o mais depressa possível. Cara mais estranho...

Como se sentisse a minha raiva, Walker lançou um olhar temeroso sobre o ombro e foi andando na direção da sua picape velha, coberta de adesivos com frases políticas de direita. Deu partida no carro e foi embora, os pneus de trás espalhando terra e folhas mortas. Só havia uma razão para ele estar ali. Culpa. Por ter me esfaqueado até a morte com uma faca de caça. Será que Walker estivera na capela? Será que era a pessoa em quem eu tinha entrado? Será que eram *dele* as visões?

– Cole?

- Sim?
- Acho que sei o que tenho que fazer.
- O quê?
- Ir ao meu colégio.



COLE E EU VOAMOS DE VOLTA À CASA DO MEIO – eu estava pegando o jeito daquela coisa incrível que era voar. Depois que os outros ouviram falar sobre meu encontro com o assassino, não viam a hora de me ajudar a confrontá-lo e persegui-lo até o túmulo. Eu havia tido um sonho agitado aquela noite, com um garoto sem rosto que estendia a mão para mim. Será que Andy já estava desaparecendo dos meus sonhos? Ou será que era Cole querendo fazer parte deles?

De manhã, Cole guardou um lugar para mim no refeitório. Não contei nada sobre o sonho, mas, quando disse que costumava ter sonhos estranhos e confusos, ele me tocou de novo com ternura no ombro e sua mão se demorou ali.

– Você vai ficar bem. Pode confiar no que digo.

Tentei negar que ele estivesse começando a me impressionar. Mas não pude. Cole era praticamente irresistível, um misto tão maravilhoso de força e ternura que chegava a me irritar. E seus olhos belos e penetrantes me fascinavam.

Depois do café da manhã, era hora de entrar em ação. Cole reuniu o mesmo grupo – todos que ajudaram a perseguir o padrasto de Mick. Fiquei diante deles, prestes a lhes pedir um favor. Estava tentando falar, mas as palavras estavam presas na minha garganta.

– Echo quer pedir uma coisa a vocês – falou Cole, para me ajudar.

– Então desembucha. Não tenho o dia todo – disse Darby, com irritação.

– Vocês podem me ajudar? A encontrar meu assassino?

Todos fizeram uma cara de espanto, desviaram os olhos e balançaram a cabeça. Tive a impressão de que eu tinha hostilizado todos eles e não ia conseguir nenhuma ajuda. Mas, de repente, começaram a rir, gritar e se cumprimentar, comemorando, e Darby bateu as palmas das mãos ruidosamente.

– É isso aí! Essa é a nossa praia, garota!

Não pude deixar de sorrir. Eles tinham me cativado.

– Tenho que dizer... É preciso muita coragem para ir ao próprio funeral! – disse Darby. Pelo jeito como eles me olharam, eu podia dizer que estavam todos impressionados.

Voamos pela paisagem silvestre, passando por um bando de gansos – oh, olá amiguinhos! – e aterrissamos perto da minha escola. Eu estava com Cole e meus novos amigos da Casa do Meio, Lucy, Darby, Cameron, Cabeça de Zíper e Dougie. Toda vez que eu olhava para Cole, a voz irritante na minha cabeça dizia: “*Será que ele seria o namorado perfeito?*”. E eu respondia, “*Que papo de louco!*”. Com certeza! Estávamos no alto de uma colina arborizada com vista para o Colégio Washington. Era um edifício antigo com vários anexos incompatíveis, que faziam com que o colégio parecesse o resultado de uma briga entre dois arquitetos rabugentos. Embora eu tivesse a impressão de que já havia se passado uma vida inteira, a verdade era que só fazia quatro dias desde que eu deixara de cruzar aqueles corredores.

– Esse cara, Walker, como é que ele é? – perguntou Cole.

– Todo mundo aqui o conhece por João Grandão, o cara do almoço. Está sempre no colégio. Fica no refeitório e trabalha na fila da gororoba, servindo aqueles deliciosos pratos cheios de amido. Creme de milho, purê de batatas, risoto, feijão. Esse tipo de coisa. Vamos.

Descemos a colina. Pensei em Mike Walker. Ele fazia cara feia para os meninos e olhava com malícia para as garotas. Sempre segurávamos a bandeja na frente dos peitos para que ele não pudesse vê-los, e isso o irritava. Ele tinha mais pelos nos braços do que um orangotango e sempre os sujava com purê de batatas. E ficava circulando pela escola quase sempre com cara de quem tinha feito coisa errada.

Flutuamos na direção da entrada da frente e, quando dei uma olhada nos meus companheiros, percebi que éramos uma tropa de defuntos esquisitões. A maioria deles era muito jovem para o ensino médio, mas não parecia nem um pouco

intimidada. Acho que, depois que você é assassinado, pouca coisa neste mundo pode te assustar. Minha nova tribo. Muito bizarra para uma escola.

Atravessamos as portas da frente. Os corredores estavam lotados de alunos correndo para não se atrasar para a aula seguinte. Cabeça de Zíper continuava olhando para as meninas mais baixinhas e estava na cara que ele estava morto de vontade de se aproximar de uma delas. Pobre adolescente morto. Fiz uma anotação mental para ter uma conversa com ele sobre garotas. Topamos com um garoto macilento, de bigode ralo, torcendo a orelha de um aluno mais novo e muito menor, Denny McCarthy. Reconheci o vilão gorducho como Gary Magar, um aluno do último ano com um complexo incipiente de supervilão e que vivia falando que era dono da escola e uma vez tinha apertado meu mamilo esquerdo. Ele estava rindo, enquanto as lágrimas se formavam nos olhos do pequeno Denny. Balancei a cabeça.

– Nossa, eu realmente não gosto desse cara. Esse babaca sempre me deixou enojada. E ninguém nunca faz nada a respeito. Sempre vence o mais forte.

– Não desta vez. Nós damos um jeito nisso – disse Cameron.

Ele sorriu para Cole, que assentiu com a cabeça para Darby, que desenrolou a mangueira de um extintor. Cabeça de Zíper girou a válvula. A água explodiu da mangueira e pegou Magar em cheio, arrancando os pés dele do chão.

– Hey! Aaaargh! Merda! – gritou o menino.

Ele se levantou, furioso, e eles o derrubaram de novo. A pressão da água era tão forte que o lançou de costas contra um armário. Os olhos de Denny se arregalaram.

– Legal!

Denny saiu correndo. Sorri para Cole.

– Valeu! – agradei.

– Disponha – ele respondeu.

Assistimos enquanto Gary Magar se arrastava de joelhos até o banheiro. Parecendo ansiosa para entrar lá também, Darby esfregava as mãos.

– Que cena mais encantadora!

- Sei de um outro grupinho que precisa de uma lição – eu disse.
- Vamos lá!
- Não – eu disse. – É melhor a gente se concentrar na nossa tarefa.

O grupo pareceu desapontado, mas todos me seguiram enquanto eu cruzava o corredor em direção à sala de Mike Walker. Quando passamos pela sala de artes, vi Denise Wiggins sozinha lá dentro, andando furtivamente. Ela entrou num armário depois saiu de lá segurando um dos meus projetos de arte, uma cabeça de papel machê que lembrava vagamente a onipresente “celebridade” e estrela de *reality shows* da TV, Kody Cosmenkian. Para ficar mais artístico, eu tinha acrescentado um machado de açougueiro cravado em seu crânio. Um toque interessante, na minha opinião.

- O que ela está fazendo? – não perguntei a ninguém em particular.

Denise cobriu minha obra de arte com uma fronha, mostrando que o roubo tinha sido premeditado, e deslizou para o corredor, passando por nós e saindo por uma porta lateral. Nós a seguimos até as lixeiras.

Agora eu estava entendendo. Denise adorava Kody e tinha roubado a cabeça para livrar o mundo da minha arte. Só que isso *não* iria acontecer.

Sentindo-se totalmente no controle da situação, Denise se aproximou de uma longa fileira de caçambas de metal e tirou cerimoniosamente a fronha da cabeça, segurando-a como Perseu ao decapitar a Medusa. Tentei imaginar Denise arrancando a medalha de São Cristóvão do meu pescoço e me assassinando com uma faca, mas a imagem não se formou. Então ela abriu sua boca idiota:

– Quer que eu fale a verdade agora, Echo? Ok. Você era um pé no saco. Nunca fui com a sua cara. Na verdade, tinha vontade de vomitar cada vez que te via. Você era “incrível”, é verdade. “Incrivelmente” babaca, sua piranha. Teve o que merecia por desrespeitar Kody. É por isso que falei naquele seu funeral estúpido. Foi pura ironia, entendeu? Eu estava irritando você, no seu túmulo. E, a propósito, David nunca foi muito a fim de você. Ele só te aguentava porque você dava pra ele, sua vaca.

Ela estava falando de David Petterson. A lembrança me atingiu como uma

onda que nos pega em cheio. O tempo congelou quando me lembrei:

Era noite. Eu estava no banco de trás do Mustang de David Petterson. As imagens eram nebulosas e fragmentadas, mas eu sabia que não estávamos estudando nada além de anatomia. Não iríamos além dos beijos nem nada, mas eu não estava me comportando como uma santa nem coisa parecida. Fiquei chocada. Comigo mesma. Obviamente, minha autoimagem estava sendo posta à prova. Mergulhei mais fundo, concentrei-me e lembrei por que estava fazendo aquilo. Não era para irritar Denise; eu queria deixar Andy com ciúme. Tínhamos brigado e essa tinha sido a minha vingança. Havia funcionado. Andy tinha ficado furioso e cego de ciúme, e veio me procurar, dizendo que eu teria que escolher. Ou eu seria somente dele ou ele não ficaria mais comigo. Fingi pensar a respeito, então caí nos braços dele. Fui maquiavélica. Echo, a manipuladora, fazendo qualquer coisa para conseguir o que queria. Minha autoestima estava indo por água abaixo. Racionalizei o que tinha feito dizendo a mim mesma que o medo impelia as pessoas a fazer coisas estranhas.

Deixei a lembrança se desvanecer, feliz por me livrar dela, e fiquei me perguntando se era possível que a raiva de Denise a tivesse compelido a enfiar uma faca no meu coração. Sem mencionar que ela estava claramente indignada com o fato de eu ter maculado a imagem icônica da grande Kody Cosmenkian.

Alguém poderia estar tão doente de ciúme e reverenciar tanto uma celebridade a ponto de fazer uma coisa dessas? Eu tinha que considerar essa possibilidade. Denise sempre tivera uma profunda aversão por mim e, no último outono, quando alguém roubou as chaves do carro dela, ela me acusou. Eu era inocente, mas isso não impediu seus acólitos de derramar alvejante no meu armário.

Bem, aqui se faz aqui se paga. Ela não iria jogar no lixo a minha obra de arte sem pagar por isso. E se fosse a minha assassina, também não iria se safar dessa. A minha turma se asseguraria disso.

Denise abriu a caçamba de lixo. Seus olhos se arregalaram quando viu um gato preto ali dentro.

– Ui! Que gatinha mais linda... Venha cá, querida...

Lucy começou a fazer movimentos espasmódicos, como se fosse vomitar.

– Ah, pobrezinha... – disse Denise, chegando mais perto.

Lucy vomitou uma bola de pelo viscosa no rosto de Denise.

– ECA! Aimeudeus! Aimeudeus! Sua peste!

Lucy voou da caçamba de lixo, sibilando. Cabeça de Zíper pôs fogo numa lata de solvente que explodiu em chamas. Darby, sempre tão criativa, conjurou uma imagem fantasmática de mim, depois a transformou num cadáver podre, a boca escancarada num grito aterrorizante. Os globos oculares estavam caindo das órbitas e pendurados sobre as bochechas, cheias de cortes sanguinolentos. O rosto de Denise ficou branco e ela soltou um berro. Tive que dar os parabéns a Darby. Denise estava prestes a atirar a cabeça de Kody no lixo quando Cabeça de Zíper usou suas faíscas para escrever uma mensagem incandescente na frente da caçamba. As palavras apareceram lentamente, de um jeito muito sinistro.

Faça isso e você morre...

– Ah, meu... Deus... – Agora o rosto de Denise já estava acinzentado. Ela colocou a franha sobre a cabeça de Kody novamente e se afastou rápido da caçamba.

– Desculpa, Echo! Eu não ia fazer nada, juro...

Para uma garota morta, eu estava me sentindo maravilhosamente bem. Aquele dia também ficaria registrado para sempre. A segunda vez que assombrávamos os vivos.

Dez minutos depois, Denise estava agachada no saguão principal, perto da porta da frente da escola. Tinha colocado a minha cabeça de Kody no chão, surrupiado flores da sala dos professores e colado na parede, com fita adesiva, um cartaz em que se lia:

NUNCA ESQUECEREMOS VOCÊ, ECHO.

Ali perto, o senhor Hemming estava agachado com a sua câmera onipresente, assistindo à homenagem reverente de Denise.

Nosso circo de horrores parecia ter funcionado. Denise tinha dado uma guinada de 180 graus e feito um *altar* para mim. Mesmo assim, embora parecesse estranhamente abalada, para mim ela ainda exibia sua culpa como um horroroso vestido de baile. Concluí que ela definitivamente estava na minha lista de principais suspeitos e ali permaneceria até que provasse sua inocência. Decidi que mais tarde investigaria a vida dela. Por ora queria ir atrás do nosso suspeito número um. Mike Walker. Era hora de caçar nosso João Grandão.



Cabeça

NO CORREDOR, CABEÇA DE ZÍPER voltou a fitar as meninas com um olhar nostálgico. Ele parecia tão triste que o chamei de lado.

– Ouça, não se preocupe com isso. Um dia você vai conseguir uma garota.

– Sou baixinho, minha cabeça é do tamanho de uma bola de basquete, tenho duas cicatrizes imensas na cabeça e, além de tudo isso, estou morto. Vou ter uma certa dificuldade para acreditar no que está dizendo.

– Primeiro, você não sabe o que o futuro te reserva. Você pode reencarnar. E vou dizer uma coisa sobre as garotas. Claro, elas dizem que gostam de caras gostosões, mas o que realmente querem são garotos carinhosos e engraçados, que as fazem rir. Então não importa a sua aparência. Sempre há uma esperança.

Cabeça de Zíper fechou os olhos como se estivesse pensando sobre o que eu tinha dito. Quando os abriu de novo, pareceu um pouco menos triste.

– Obrigado, Echo. Agora vamos fazer aquele sujeito bizarro tremer nas bases.

– É isso aí!

Quando passamos por Hemming, ele parou de tirar fotos e olhou em volta como se tivesse sentido alguma coisa. E tinha mesmo. A nossa presença. Eu parei. Sempre tive um fraco por ele. Ele tinha se divorciado e ouvi boatos de que a ex-mulher tinha partido seu coração. Ele era bonito e educado e sempre conversava conosco como se fôssemos colegas, não apenas um monte de crianças idiotas. As minhas lembranças de Hemming por um instante afloraram na memória. Ele sempre me fazia rir – assim como eu tinha falado a Cabeça de Zíper – e isso era o que eu mais gostava nele. Eu queria ficar ali e manter comigo aquelas lembranças – algo definitivamente estava me puxando para ele, como se talvez, de alguma forma, pudesse me ajudar. Mas concluí que não podia me demorar ali, tinha que seguir em frente. Tínhamos outra caçada pela frente.

O escritório de Walker ficava na parte de trás do refeitório e por isso passamos pela cozinha, observando o pessoal desanimado preparando bandejas de aparência triste com *nuggets* de frango e palitos de mozzarella, brócolis e cenouras no vapor com salada de alface, servidas dentro de um saco plástico. A comida da Casa do Meio era mil vezes melhor.

A porta de Walker era pintada de vermelho brilhante. Estava entreaberta e algo parecia estar queimando lá dentro. Havia um maço bem amarrado de alguma erva desidratada no peitoral da janela, enfiado num vaso. Ele tinha uma cor azul-acinzentada e as pontas brilhavam, enquanto ela queimava lentamente, exalando uma espiral de fumaça. Era um cheiro horrível. Em segundos, eu estava com náuseas.

– O que é isso? O que ele está queimando?

– Sálvia – disse Darby. – Que cretino idiota!

Ela cuspiu e olhou para os adolescentes da Casa do Meio. Todos estavam com náuseas também. Tive que engolir a ânsia para não vomitar. Estava começando a me sentir fraca.

– Acho que não gostamos de sálvia queimando, certo?

– Não é perigoso, apenas desagradável – disse Cole.

Comecei a avançar, com a intenção de entrar no escritório de Walker e dar uma olhada. Mas senti uma dor nos pés e Dougie me deteve, apontando para o chão. Havia ali algum tipo de pó.

– Agora o que é?

– Sal marinho, canela e alho – respondeu Lucy, sibilando. – Isso é usado há séculos para afastar espíritos – disse Cole.

Olhei mais de perto e vi que Walker tinha espalhado uma faixa grossa de pó no limiar da porta e no perímetro de todas as paredes. O único lugar em que não havia pó era a janela onde a sálvia estava queimando. As paredes do escritório eram cobertas de espelhos, pequenos, grandes, redondos, quadrados, retangulares e até cacos colados com fita adesiva.

– Os espelhos servem para a mesma coisa? – perguntei.

– Eles não me incomodam, mas alguns espíritos não gostam de espelhos – explicou Cabeça de Zíper.

– Hmmm... Por que você acha que ele tem medo de fantasmas? – perguntei.

– Assassinos sempre têm – disse Dougie.

Ficamos ali parados, olhando para Walker.

– Ele certamente parece culpado para mim – disse Cabeça de Zíper.

– Mas que droga! – disse Darby. – Não consigo me concentrar com toda essa porcaria espalhada por todo o lado. Não consigo conjurar!

Walker ergueu os olhos da mesa, com os olhos temerosos. Ele farejava o ar, como se estivesse tentando detectar o nosso cheiro.

– Ele pode sentir o nosso cheiro?

– Não, ele é um idiota – disse Cabeça de Zíper.

As mãos peludas de Walker começaram a tremer e ele derrubou o café.

– Merda!

– Está sentindo a nossa presença. E está ficando nervoso. Isso é fantástico! – disse Cole.

Eu estava menos enjoada e me sentindo mais forte.

– O que aconteceu? Por que meu enjoo está diminuindo?

Cameron sorriu com astúcia.

– Ele tem medo e nós nos alimentamos do medo dele. Quanto mais aterrorizado ele ficar, mais forte nos sentiremos.

Walker se levantou e, embora com a voz trêmula, tentou manter a calma enquanto emitia uma ordem:

– Afastem-se, espíritos! Vocês não são bem-vindos aqui!

– E você, seu merdinha, é um grosseirão! – rebateu Dougie. – Como gostaria de congelar?

Com um movimento da mão, Dougie criou uma zona ártica e Walker estremeceu.

– Vão para a luz! – disse Walker.

– Que babaca! Todos dizem isso – disse Lucy.

– É patético. Dã, nós iríamos, se pudéssemos, idiota! – disse Darby.

– Não há nada pra vocês aqui! – Dava para sentir o nervosismo na voz de Walker.

– Ele está errado – eu disse, ficando mais ousada à medida que o medo de Walker aumentava. – Acho que há uma coisa aqui pra mim, sim. Acho que ele está escondendo alguma coisa.

– Vamos conseguir entrar muito em breve – disse Cole. – Ele não vai conseguir nos impedir por muito tempo.

Cole estava certo quanto a Walker que, tremendo em meio ao ar frio e sob a pressão da nossa presença, apagou a sálvia e saiu do escritório bem depressa, trancando a porta atrás de si.

– Me sigam – disse Cole.

Ele nos levou para fora e entramos no escritório de Walker pela janela, evitando a faixa de pó.

Espalhadas numa mesinha lateral, ao lado de um sofazinho, havia exemplares das revistas *Vida ao Ar Livre*, *Campos & Riachos*, *Caça com Arco e Flecha*. Na parede, entre os espelhos, quadros bregas de alces.

Reviramos o escritório do chão até o teto. Não havia nem rastro da minha medalhinha de São Cristóvão. No armário, encontramos uma caixa de transporte de alumínio. Mas estava trancada.

– Pra trás! – avisou Cabeça de Zíper. Ele incinerou as fechaduras, que abriram facilmente. Levantei a tampa da caixa e vi um conjunto de facas de caça que variavam de tamanho. Estavam etiquetadas. Iam de 10 a 35 centímetros. E estavam aninhadas em pequenas inserções de espuma. A faca de trinta centímetros, a que provavelmente tinha sido cravada no meu coração, não estava lá...

– Nossa, parece que é ele mesmo o assassino. O que vamos fazer agora? – perguntei.

– Não encontramos a arma. Ele é inocente até provarmos o contrário. Temos que encontrar a faca que está faltando – disse Cole.

– Como vamos fazer isso?

– Damos um jeito. Sempre há um jeito – disse Darby.

Enquanto estávamos lá, presunçosos e animados, Walker voltou para o escritório com um extintor de incêndio e me pulverizou com uma torrente de espuma. Depois deixou cair o extintor e me olhou com cara de quem não estava acreditando. A espuma tinha, naturalmente, passado por mim, mas na fraca névoa que restara formou-se uma imagem, uma silhueta. Ele podia me ver!

– Quem é você?

Bem, você deveria saber, pensei.

Cole agarrou minha mão e demos as costas para o escritório de Walker enquanto ele desabava no sofá. Encolheu-se em posição fetal, cobriu as orelhas e ficou ali gemendo.

– Não... não...

Fiquei olhando Mike Walker balançar para a frente e para trás e gemer no sofá. Ele parecia patético.

– E agora? – eu disse.

– Vamos deixar ele aí, curtindo seu medo por um tempo? – disse Cole.

– É melhor – eu disse. – Ele sabe que meu espírito está aqui e que eu estou atrás dele.

– Quando a gente voltar, ele vai estar mais vulnerável e indefeso que um filhotinho... – disse Darby.

Estávamos de volta ao corredor, prestes a deixar a escola, quando parei. Andy estava de pé diante do memorial que Denise tinha erguido em minha homenagem. Fiquei ali observando a cena e por um instante eu o vi com tamanha clareza que era como se eu pudesse enxergar seus pulmões, seu coração, seus ventrículos, artérias e veias se espalhando, como os galhos de uma árvore, como se eu pudesse ver o fluxo sanguíneo através do seu corpo. Longe de ser nojento ou macabro, era emocionante. Ele era uma criatura incrível, de rara beleza. E estava vivo.

Mas ele não estava, naquele momento – enquanto olhava para o meu altar –,

de maneira nenhuma, feliz. A aura de tristeza que o cercava era tão sombria que me dava vontade de chorar. Eu tinha causado uma dor imensa ao meu único e verdadeiro amor.

Fui até ele e sussurrei seu nome.

– Andy... Sinto muito. Sinto muito!

Tentei abraçá-lo, mas ele estava aborrecido e seu corpo estremeceu violentamente. Fui jogada para trás, rejeitada. Quis ir até ele novamente, mas alguém fez isso por mim. Dani.

– Andy...

A voz dela foi enfraquecendo.

– Deve ser muito ruim – disse ela, com delicadeza.

– Sim, muito ruim – respondeu Andy. – Toda vez que fecho os olhos, vejo o rosto dela.

Ele fechou os olhos. Eu o imaginei me vendo e esperava que ele estivesse se lembrando de alguma ocasião em que estivéssemos dançando ou nos beijando ou que eu estivesse fazendo algo que não fosse ficar deitada naquele caixão, com aquela maquiagem horrível.

– Ninguém espera que você esqueça – disse Dani. – Seria estranho se esquecesse. Mas talvez você possa ficar de olhos abertos.

Andy abriu os olhos e olhou para ela. Dani sorriu calorosamente – não de forma assustadora, apenas um sorriso agradável e acolhedor. Isso pareceu acalmá-lo um pouco.

– Sim, obrigado, essa é uma boa ideia – disse Andy.

– Quero que saiba que sempre vou estar aqui, para o que você precisar – ela disse.

Ele assentiu. Ele a ouvira em alto e bom som. Porque ela estava viva; tinha uma voz humana. Isso era tão irritante! A morte no momento não me caía bem. E a situação piorava cada vez mais. Dani deu um abraço reconfortante em Andy, que julguei não só muito apertado, mas muito longo também. Os braços dele ficaram soltos nas laterais do corpo. Mas então ele fez algo que foi como uma

segunda faca sendo cravada no meu coração. Ele a abraçou também. E soluçou silenciosamente, enquanto ela pressionava a bochecha contra a dele. Ela não se conteve e abriu um leve sorrisinho.

Eu estava tremendo. Queria saltar sobre eles, arrancá-la dos braços dele e chutá-la para longe dali. Mas Cole e os outros adolescentes da Casa do Meio ficaram entre nós.

– É hora de dar no pé – disse Cole.

Meu cérebro estava entrando no modo de fúria. Reagi do único jeito que sabia. Gritei como um interno de um manicômio e saí correndo. Do lado de fora, parei e olhei para o colégio – o meu colégio –, onde meu namorado estava com outra garota, e explodi em lágrimas. Cobri o rosto com as mãos. Pensei comigo mesma, *Alguém, por favor, me mate outra vez!* Eu não podia deixar que aquilo acontecesse! Senti braços me envolvendo e pensei, *Andy!*

Mas era Cole. Primeiro, resisti. Mas a mágoa era tão intensa que capitulei e me entreguei ao seu abraço. Ele me abraçou até eu chorar todas as lágrimas e depois as enxugou das minhas bochechas.

– Está melhor?

– Não – eu disse.

O próximo movimento dele foi muito ágil. Achei que iria secar uma lágrima da minha bochecha, mas ele ergueu meu queixo. E então me beijou. Fiquei chocada e pensei duas coisas: (1) Que *diabos* ele está fazendo? (2) *Nooossa*, ele beija *muuuuito* bem... E deixei que ele me beijasse por mais tempo do que deveria e só depois o afastei.

– O que pensa que está *fazendo*? – perguntei, indignada.

– Eu... desculpe. Só pensei que...

Ele corou. Os adolescentes da Casa do Meio, de pé atrás dele, olhavam para nós como se fôssemos algum tipo de experimento social pós-morte.

Eu me afastei pisando duro, minha expressão corporal falando por mim. Aquilo *não* tinha sido legal. Mas, enquanto eu me retirava, havia uma coisa que eu não ousara admitir a mim mesma. Pois, se admitisse, estaria numa enrascada.

Quando Cole me abraçou e me beijou, eu gostei. *Muito*. Eu podia estar morta, mas ainda era uma garota.

Eu não sabia o que fazer. Precisava *sumir* dali. Algumas pessoas dizem que se sentem desconfortáveis na própria pele. Era como eu me sentia agora. Não me sentia confortável na minha nova forma, no meu novo corpo e no meu novo ser. Era como se estivesse usando um vestido molhado. E às vezes era como se eu não estivesse sentindo... nada, como se eu nem estivesse ali. Então corri, devagar a princípio e depois cada vez mais depressa, até começar a voar. Subi e desci colinas correndo. Vi um homem deitado na praia e, quando passei por ele, vi que ele se encolheu e abraçou a si mesmo, como se eu fosse uma rajada de vento. Para ele, é claro que eu era só isso mesmo, pois não podia me ver, só me sentir. Fiquei me perguntando se eu tinha lhe provocado frio ou medo. Continuei seguindo em frente, olhando em volta, tentando me livrar de toda tensão acumulada dentro de mim. Eu precisava me soltar, precisava fugir, precisava da minha antiga vida de volta. *Bem, boa sorte com isso, Echo*.



DIA 10

ATERRISSEI NO CENTRO DE KIRKLAND e olhei em volta. As pessoas andavam nas calçadas, os carros iam e vinham e ninguém olhou para mim nem sequer uma vez. Os outros adolescentes da Casa do Meio não estavam à vista. Será que tinham me seguido? Se tinham, parecia que não haviam me alcançado. Mas, quando me virei, lá estavam eles. Sobre um edifício, um carro, um toldo, um poste, como passarinhos. Só esperando. Cole saiu de trás de um caminhão estacionado.

– Não vamos deixar você passar por isso sozinha – ele disse. – Vamos passar juntos. Um ajudando o outro.

Eu me dei conta de que, depois de ter perdido a minha família de sangue, aqueles garotos estavam tentando ser uma família para mim. Eu não queria isso. Mas *queria* a ajuda deles. Porque faria tudo para descobrir quem tinha me matado e fazer com que pagasse por isso. Concluí que o melhor a fazer era voltar à cena do crime, então apontei para a rua e comecei a voar. Uma das vantagens de ser um fantasma é que você pode se mover muito rápido. Em menos de um minuto, eu estava do lado de fora da minha casa.

Lembrei-me do dia em que tínhamos pintado a varanda. Uma tarefa que executamos em família. Eu tinha reclamado o tempo todo e agora desejava não ter sido tão rabugenta. Por que é que, enquanto estamos vivos, não apreciamos os momentos que vivemos? Por que sempre estamos pensando em outra coisa? Prometi que, se tivesse uma segunda chance, eu me comportaria melhor.

Os outros da Casa do Meio apareceram alguns segundos depois. Eu continuava tentando não reparar em quanto Cole era atraente, nos seus ombros fortes e em como seus olhos cintilavam sempre que ele olhava para mim... o que acontecia o tempo todo.

– Estou aqui para te apoiar, Echo. Todos nós estamos.

– Obrigada.

Minha casa estava assustadoramente silenciosa. A fita amarela da polícia ainda pendia da porta. Eu queria entrar. Sozinha. Parecia algo tão pessoal... Minha casa. Minha vida. Minha morte.

– Preciso entrar sozinha – eu disse.

Era como se eu tivesse vergonha do meu assassinato, vergonha de estar morta, vergonha do que tinha acontecido comigo. O que eu poderia ter feito para merecer aquele destino?

– Se está procurando pistas, talvez mais um par de olhos ajude – disse Cole.

Balancei a cabeça, recusando a oferta.

– Não. Por enquanto, quero ir sozinha.

Ele assentiu e se voltou para os adolescentes da Casa do Meio. Eles apenas olharam para ele sem dizer nada, dispostos a respeitar a minha vontade.

Fui até a porta da frente e girei a maçaneta. Então, pensei com meus botões: *Por que me dar ao trabalho de abrir a porta se posso atravessá-la?* Fiz exatamente isso e depois fui entrando bem devagar, até chegar às escadas. Na parede ao lado havia vários quadros pendurados. Alguns tinham sido derrubados, mas a maioria estava intacta.

Perto dos primeiros degraus havia fotos minhas na primeira infância – deitada no berço, depois andando de triciclo – e fotos minhas mais velhas, à medida que se subia a escada. No meio dela, eu era uma aluna primária sorridente e com cara de bobinha. No alto, era uma adolescente já crescida, briguenta e mal-humorada.

Entrei no meu quarto. Soube no mesmo instante que mamãe tinha passado ali. A cama estava feita. Minhas roupas estavam todas dobradas com capricho. As coisas na minha escrivaninha estavam em perfeita ordem. Aquilo não tinha nada a ver comigo. Eu era mais do tipo desleixada e preguiçosa e só fazia a cama em média uma vez por semana, quando minha mãe me obrigava aos gritos.

Dei uma olhada no armário e encontrei uma caixa de sapatos. Dentro havia um par de sapatos caros e um punhado de bijuterias. Senti um formigamento de culpa quando me lembrei da ocasião em que tinha roubado aquelas coisas. Eu

não era nenhuma ladra nem nada, mas a lembrança me chocou mesmo assim. Por que eu tinha roubado aquelas coisas se tínhamos dinheiro suficiente para comprá-las? Acho que foi só para exibir meu lado rebelde. Ora, ninguém é perfeito! Coloquei a caixa de sapatos de volta onde a encontrei. Então me sentei na cama e me joguei para trás, fitando o teto. Quando eu tinha cerca de 7 anos, meu pai tinha subido numa escada para colar no teto estrelinhas que brilhavam no escuro. Agora era dia, por isso elas não estavam brilhando, mas na minha memória cintilavam intensamente.

Pensei na época em que eu costumava anotar meus sonhos por escrito, à luz daquelas estrelas. Então me lembrei de algo. Meu diário! Fiquei de joelhos e vasculhei embaixo da cama até encontrar um baú de plástico na forma de jacaré – *Bem-vindo à Flórida!* Tirei meu diário de lá.

Deitada no carpete, comecei a lê-lo. Era mais ou menos uma cronologia da minha vida, assim como as imagens na escada. A princípio, as anotações eram principalmente sobre brinquedos novos, natais e festas de aniversário, ocasiões em que eu estava brava com a minha mãe ou o meu pai e com outras crianças da escola, e alguns comentários bobos.

Mas, depois que atingi a puberdade, tudo mudou. Descobri o amor. E o desejo. E comecei a escrever sobre o menino que morava na casa ao lado. Andy. Folhee o diário até o meu comentário mais recente. Quando li, senti um pânico crescente.

Querido Diário,

Estou tão apaixonada por Andy que até dói. Às vezes acho que vou morrer de amor. Eu o amo tanto que a cada batida meu coração dói mais. Por quê? Porque sei que vou predê-lo. Não hpa como vivermos a nossa vida como nos romances, eu como a esposa prendada e ele como o marido fiel. Tudo vai dar errado como sempre acontece. E não quero estar por perto quando isso acontecer. Sei que meu coração vai

se partir. Ele está só inchando, inchando e inchando... uma hora vai explodir no meu peito.

Estou com muito medo de que ele termine comigo. Eu vejo o jeito como ele olha para Dani. Aquela vaca. Acho que vou arranjar um tijolo, uma faca ou um martelo e acabar com a vida dela. Mas, se eu fizer isso, é capaz de ele amá-la ainda mais. Não sei nem se já não se beijaram. Mas aposto que já. Não sei o que fazer. Vou dar um fim nisso... vou dar um fim nisso de uma vez por todas. Se eu me matar, ele vai me amar pra sempre. Amor eterno! Eu podia muito bem fazer isso. Podia mesmo. Quem sabe.

Devo ter sido interrompida enquanto escrevia. Virei mais algumas páginas. Todas em branco. Mais nenhuma anotação. Fechei o diário e o devolvi à caixa, colocando-a outra vez debaixo da cama. Meus pensamentos estavam seguindo um novo rumo, pegando atalhos sombrios com os quais eu não me sentia confortável. Fechei os olhos e tentei me lembrar da visão que tive no meu funeral. Franzi a testa, tentando invocar a lembrança, depois relaxei. Sabia que não era possível forçar as visões; tinha que deixá-las vir espontaneamente. Senti uma dor aguda no peito e então um barulho como o de um trovão atingiu a minha cabeça.

Mais uma vez, vi a cena do meu assassinato, e novamente ela estava fragmentada e desfocada, as formas, cores, imagens e sons se misturando. A faca sendo cravada outra vez, afundando no meu coração. Senti um corte na mão. O ferimento que sofri ao me defender. Mas então vi minha própria mão na faca por apenas uma fração de segundo e meu mundo caiu. Havia *outra* mão na faca? Eu não sabia dizer... As imagens passavam muito rápido, a mesma visão se repetindo, oscilando, perdendo a nitidez. E o sangue. Havia muito sangue.

Então acabou. Abri os olhos. O quarto estava em silêncio. Eu estava sozinha com os meus pensamentos e uma grande pergunta. Seria possível que eu estivesse tão perturbada com a ideia de perder Andy que *tinha me matado*?

Balancei a cabeça. Ah, Deus, não, eu detestava facas, sempre detestei. Mas talvez usasse isso como castigo. Talvez eu tenha usado a coisa que mais temia para acabar com a minha própria vida. Isso não era de arrepiar? Senti como se algo viscoso estivesse subindo pelas minhas costas. E a minha medalhinha de São Cristóvão? Será que eu mesma a havia arrancado?

Uma leve brisa levantou as cortinas da janela. Um instante depois, quando eu estava prestes a sair, senti alguém atrás de mim.

– Cole?

– Eu não queria invadir seu espaço, mas gritei o seu nome e você não respondeu. Fiquei com receio de que algo tivesse acontecido a você.

– Não, eu estou... – Eu queria dizer “bem”, mas essa palavra com certeza não descrevia o meu estado. Meu mundo tinha virado do avesso e eu estava cheia de dúvidas.

– Cole, como você morreu? Quer dizer, você foi assassinado, não foi?

Ele desviou o olhar e fitou um ponto do tapete.

– Sim.

– Como aconteceu?

Ele respirou fundo. Era evidente que falar no assunto era difícil para ele.

– O nome dela era Meryn. Ela era mais velha do que eu. Andava com uma turma da pesada, estava envolvida com drogas e outras coisas.

– Que tipo de outras coisas?

Cole não queria dizer. Mas, quando o olhei nos olhos, ele falou.

– Ela às vezes se prostituía.

– Ah, Deus...

– É. As drogas custam caro e os pais dela eram pobres. Então ia para as ruas. Eu tinha um... Eu era meio apaixonado por ela. Ela aparecia na janela e me beijava e era como estar... no céu...

Esperei, ansiosa para saber o que tinha acontecido, mas não quis pressioná-lo. Fiquei calada e apenas olhei para ele. Seus olhos estavam cheios de lágrimas.

– Eu pensava que éramos, tipo, namorados. Fui um idiota. Mas eu amava

aquela garota. Ela terminou comigo uma noite e não consegui entender por quê, então a segui. Até o centro da cidade. Ela encontrou uns caras, devia dinheiro a eles, acho, porque começaram a bater nela. Ela revidou, pra valer. E então vi que um deles tinha um cano na mão e ia bater no crânio dela com ele. Corri até ela e...

Cole tirou o cabelo da testa e, por um instante, surgiu em seu rosto a máscara da morte: sua testa tinha uma fratura aberta por onde escorriam sangue e conteúdo encefálico. A visão não durou um segundo.

– Então você... morreu por ela.

– Sim, acho que sim. Ela saiu correndo e me deixou lá, deitado no meio da rua. Estava realmente assustada, mas ainda assim... deu pra sacar que não era amor verdadeiro.

Meu coração se compadeceu por ele. Cole amava tanto a garota que tinha sacrificado sua vida por ela.

Levantei os braços para abraçá-lo.

– Posso?

Ele não respondeu. Tomei isso como um “sim” e o abracei. O abraço foi bom de verdade, como se, por pelo menos alguns segundos, estivéssemos vivos novamente, com sentimentos humanos reais.

– Echo...

Ele queria dizer algo. Mas nós dois ouvimos um barulho do lado de fora e nos viramos na direção dele. Fomos até a janela, olhamos para baixo e vimos a picape de Walker estacionada na rua. Descemos as escadas e saímos da minha casa. Walker carregava uma caixa do tipo que se usa para embalar ramalhetes de flores e resmungava alguma coisa para si mesmo no portão, andando de um lado para o outro enquanto lia a inscrição na fita amarela que isolava a cena do crime.

– NÃO ULTRAPASSE. NÃO ULTRAPASSE. NÃO ULTRAPASSE.

Aquele homem tinha um parafuso a menos. Agora eu sentia um ódio mortal por ele, porque a faca que faltava em seu estojo tinha me convencido de que era meu assassino. Mas eu não tinha certeza absoluta. Fiquei observando enquanto

ele se ajoelhava e tirava a tampa da caixa. Dentro havia uma dúzia de rosas brancas. *Amor puro* era o que significavam as rosas brancas.

– Culpa minha... tão triste... falha minha... eu que cometi... – ele murmurava.
– Eileen...

Ele sabia meu nome de verdade. Devia ter consultado os registros da escola ou talvez lido no jornal, como todo mundo. Eu daria tudo para estar viva, só para que meu nome não estivesse na boca de todo mundo.

– Eileen... nunca deveria ter acontecido... culpa minha... Eu fiz isso... eu fiz isso com você.

Aquilo para mim era uma confissão. Ir à cena do crime para pedir perdão a Deus ou coisa assim. Lágrimas escorriam dos olhos dele. Com a mão esquerda ele deu um tapa em si mesmo. Um tapa realmente forte, bem no rosto. Depois deu outro e mais outro...

– Culpa minha! Minha!

Ele soluçava alto. Os outros adolescentes da Casa do Meio começaram a cercá-lo.

– Basta uma palavra sua e a gente aterroriza esse sujeito até ele querer enfiar uma faca na barriga – disse Darby.

Eles não viam a hora de começar a assombrar Walker, mas algo não estava se encaixando. Ele já estava apavorado e isso me deu uma ideia. Eu iria *entrar* nele.

– Não – disse. – Eu cuido disso.



Estuago

ENQUANTO WALKER CONTINUAVA sua ladainha autopunitiva, fechei os olhos e corri para ele. Senti um tremor violento e então me vi dentro do homem. Quando atravessei seu corpo de carne, eu estava mais preparada para o que ia sentir. Era como se uma cortina de veludo grosso tivesse deslizado sobre mim.

Mas lá dentro, a história era outra. A mente de Walker não era um lugar feliz. Havia todo tipo de pensamento; seu cérebro fazia mil perguntas ao mesmo tempo, extravasava imagens e sons aos borbotões, um caleidoscópio de medo e horror. Estar no cérebro de outra pessoa é algo extremamente desorientador; sons e imagens piscando para você como estrelas cadentes vindas de mil direções diferentes. Eu disse a mim mesma para respirar fundo e, quando fiz isso, as imagens começaram a desacelerar até que eu pudesse extrair algum sentido delas.

Walker via-se de joelhos, chorando. Ele não estava na escola; estava num lugar escuro e enfumaçado, algum tipo de apartamento. Eu me agarrei a essa imagem e analisei-a. Era uma lembrança e resolvi me ater a ela. A sala em que ele estava – em que *nós* estávamos – foi sacudida por explosões e o reboque caiu do teto.

A sala estava girando, mas eu me mantive ali. Agora podia ver por que Walker estava chorando. Ele estava ajoelhado sobre dois corpos, uma mulher e a filha dela, ambos crivados de balas. Eram iraquianas e Walker era da Marinha americana. Ele tinha nas mãos um rifle M16 automático. Devia ter arrombado a porta e disparado antes de saber o que havia lá dentro. Tragédias de guerra.

Imagens de facas surgiam na minha frente agora e vi Walker praguejando em seu escritório na escola, enquanto fitava o conteúdo do seu estojo de facas. A fechadura tinha sido arrombada e ele estava zangado. Ele substituiu a fechadura

quebrada por outra e trancou as facas ali – com exceção de uma. E ficava golpeando a lateral da própria cabeça, castigando-se com toda a força.

Lembrou-se da ocasião em que fiquei presa no depósito de material de escritório. Meu espírito dentro do corpo dele deve ter provocado a lembrança. Eu estava enganada sobre Walker. Ele não tinha me prendido ali dentro; de algum jeito, eu tinha feito aquilo sozinha e ele viera me ajudar, não me machucar ou me punir. Ele se lembrou de ver minha mochila transbordando de material de escritório. Portanto, eu também furtava os suprimentos da escola. Minha autoestima, minha imagem de boa moça, sofreu outro golpe. Outro pensamento me ocorreu. Talvez o universo soubesse o que estava fazendo quando deu um fim na minha vida. Nunca pensei que merecesse morrer daquele jeito, mas e se... e se eu merecesse?

Walker voltou a remoer seu trauma de guerra e a dor que sentia ameaçou me engolfar, então me retirei do seu corpo. Minha pequena aventura na mente de Walker tinha me mostrado algumas coisas importantes. Ele estava se consumindo de culpa pelo que fizera quando era soldado. Eram os fantasmas da mulher e da filha que ele achava que o assombravam. E a faca da sua coleção tinha sido roubada. Ele devia ter lido no jornal que eu fora morta com uma faca de caça e por isso se sentia culpado. Por isso estava ali, na minha casa agora, tentando se redimir.

– Deixem o sujeito em paz – eu disse ao grupo. – Ele não é o assassino.

– Está tirando uma da nossa cara? – perguntou Darby.

– Isso é muito estranho – comentou Cameron.

Meus novos amigos ficaram desapontados. Tinham ficado por ali, circulando como uma matilha de lobos, prontos para atacar e matar, mas eu os dispensei. Olharam a distância, procurando sem dúvida por outras presas, mas pareciam inquietos, porque não sabiam onde ou quando ou como as encontrariam.

Walker parecia tão triste... Respirei fundo, comecei a caminhar e depois voei. Os outros levantaram voo e me seguiram. Em minutos, voltamos para a Casa do

Meio. No jantar, comemos como um bando de lobos vorazes. Então Cole foi ao meu quarto.

– Lamento que ele não seja o assassino. Por um minuto pensei que você ficaria...

– Livre?

– Sim, algo assim.

– Obrigada. Estou tão... cansada.

Cole assentiu.

– Tenha bons sonhos.

Ele tocou meu ombro. Senti um frio na barriga. Meu corpo ficou tenso quando ele se aproximou. Cole tinha um cheiro maravilhoso. Então seus lábios, seus lábios incrivelmente macios, beijaram minha testa. Senti minha nuca formigando. Eu queria reclamar, dizer a ele que não, que ele não podia simplesmente fazer *isso*, mas era tarde. O beijo não se estendeu por muito tempo e ele já estava no meio do corredor e a cerca de três quartos do caminho até o meu coração.

Eu me virei, afundei na cama e puxei as cobertas até cobrir a cabeça. Dormi um sono intermitente e sonhei. Os sonhos eram uma sucessão de imagens fragmentadas. Amor e ódio. Medo e saudade. Vida e morte.

Acordei durante a noite, banhada de suor. Jurei a mim mesma que não iria me acostumar com aquilo, não iria deixar que a dor constante fosse agora o meu estado normal. Pela manhã, evitei Cole – não podia deixar que meus olhos encontrassem os dele, do contrário ele saberia *imediatamente* que eu tinha adorado a sensação dos seus lábios – e me esgueirei por uma porta lateral. Algo me dizia para ir à escola. Talvez lá eu encontrasse meu assassino. Ou talvez eu apenas quisesse ver Andy de novo. De qualquer forma, saí da Casa do Meio às escondidas e já estava perambulando pelos corredores da escola antes do início do segundo período.

Passei por Ellie Wagner, uma garota por quem sempre tive simpatia. Dei

meia-volta e segui seu perfume doce e barato. Ela andava sempre um pouco curvada. Talvez por isso eu tivesse simpatia por ela. Ellie foi até o armário dela, que ficava um pouco abaixo do meu. Abriu-o, tirou de lá um saquinho de balas de alcaçuz e enfiou uma na boca. Brian Gottberg, um calouro alto e de ombros largos, com pinta de garanhão, foi andando até ela e deu uma olhada na porta do meu armário, que tinha sido pichada com a inscrição: *ANJO MAU*. Estranho. Eles tinham que se decidir. Eu era um anjo ou malvada?

– Puxa, que triste, né? – ele murmurou, referindo-se a mim, sem dúvida.

– Preciso dizer que não estou me desmanchando em lágrimas... – disse Ellie.

Fui a nocaute. Como assim? Minha autoestima já estava na lona.

– É, também acho que ela era uma piranha – disse Brian. Ele parecia incerto, como se só quisesse concordar com Ellie, para que ela saísse com ele. – Certo?

– Você não sabia?

– Sabia o quê?

– Bem, obviamente não sabia. Ela era uma vagabunda. Andy é o cara mais gente boa da escola e ela estava traindo o coitado.

– Isso é uma merda – disse Brian.

– Pode apostar.

Meu corpo ficou pesado, meu estômago revirou. Fiquei ali, só olhando os dois se afastarem. Brian estava dando em cima dela e, pela sua linguagem corporal, Ellie não estava dando mole. Eu? Uma vagabunda? Traindo Andy? Do que ela estava falando? O nome David Petterson me veio à mente.

Eu queria saber com certeza (será que havia outra pessoa?), mas não era como se eu pudesse ir até ela e perguntar. Eu a segui de qualquer maneira, até virar uma esquina e dar de cara com a minha mãe andando bem na minha direção. Ela parecia extremamente abatida, como se não dormisse havia dias. O senhor Hemming, meu professor de fotografia, saiu de uma sala de aula. Sorri no mesmo instante, depois fui assaltada por um sentimento estranho, também. Tentei me lembrar de algo com relação a ele, mas nada me ocorreu. Ele viu minha mãe e deu meia-volta, desviando o olhar e esfregando o nariz enquanto se

esgueirava para o banheiro masculino. Estranho. Não tive tempo para refletir sobre isso, porque queria me aproximar da minha mãe, que estava seguindo pelo corredor. Para onde ela estava indo?

Só demorou um minuto para ela chegar ao meu armário, com um pedaço de papel na mão. Eu me aproximei e olhei por sobre o ombro dela. Ela olhava para o papel, onde estava anotada a minha combinação, enquanto girava o mostrador e abria meu armário. Contornei-a e observei enquanto ela lentamente esvaziava o armário, pegando meu moletom e um par de tênis, uma caixinha de joias e vários elásticos de cabelo. Então ela encontrou meu esconderijo. Alguns cigarros e maconha. Mais uma prova de que eu não era a garota boazinha que pensava ser. Você acha que se conhece, mas então você morre e descobre que tinha alguns lados seus que você não conhecia... Mamãe alisou o cabelo com um gesto nervoso e a pele ao redor dos seus olhos ficou mais enrugada ainda. Seu corpo de repente ficou tenso. Vi os pelos do seu braço ficarem arrepiados. Ela podia sentir minha presença? Ofegou, como se estivesse assustada.

Instintivamente, aproximei-me para confortá-la. Ela estava assustada e entrei no corpo dela. Eu não queria fazer isso, só queria abraçá-la. Mas ali estava eu. Podia sentir o que ela estava sentindo. Podia ver com os olhos da sua mente. O mundo dela se tingiu de uma dor escarlate quando imagens minhas surgiram na sua cabeça. Eu a vi dando à luz – *Empurre! Empurre!* Depois ela me abraçando, ensinando-me a ler, a nadar e a cozinhar. Então eu era uma adolescente e brigávamos por qualquer bobagem.

As imagens avançaram até depois da minha morte e eu a vi abrindo o armário de remédios, pegando um frasco de pílulas para dormir, olhando dentro dele para ver quantas havia (estava cheio) e depois devolvendo-o ao armário. Eu podia ouvi-la soluçando baixinho, um som que reverberava de um modo sobrenatural. Eu não suportei mais e me retirei dela mais do que depressa. Acabei sentada no chão, olhando para ela. Seus olhos estavam fechados e ela pareceu, por um instante apenas, sentir um pouco de paz. Depois ela pôs as minhas coisas numa sacola, trancou o armário e deixou a escola.

Eu tinha que encontrar meu assassino. Talvez, se conseguisse fazê-lo pagar pelo que tinha feito, eu pudesse aliviar a dor que minha mãe sentia. Era hora de voar de volta para a Casa do Meio. Eu tinha que ir atrás de uma pessoa que, com certeza, tinha respostas. A enigmática senhorita Torvours.



Querida

GIREI A MAÇANETA DA PORTA. Estava trancada. Bati.

– Senhorita Torvovs?

Colei o ouvido na porta. Nada. O mais simples seria atravessá-la, mas tentamos respeitar a privacidade uns dos outros aqui. Então bati outra vez. Tive a impressão de ouvir algo. *Ah, que se dane.* Atravessei a porta. Ela estava deitada na cama, olhando para o teto, cantarolando uma canção com voz infantil.

– Ovelhinha preta, preta, você tem lã aí? Tenho sim, tenho três sacos de lã. Um para o senhor, um para a senhora, o outro é para o garoto que não sei onde mora...

Eu não queria interromper a canção de ninar que ela cantava para si mesma, mas também não podia esperar para sempre pelas respostas de que tanto precisava.

– Senhorita Torvovs? Desculpe incomodá-la, mas...

Ela se levantou abruptamente da cama e sua cabeça girou como a de um robô, para falar comigo. Ela estava muito diferente do habitual, seus olhos doces e acolhedores.

– Querida...

Querida?

– Você nunca me incomoda...

Pisquei, confusa, e uma estranha sensação de formigamento se espalhou pelo meu peito. O que estava acontecendo ali?

– Venha, sente-se aqui comigo – ela falou num tom carinhoso.

Não havia nenhuma outra maneira de descrever isso a não ser dizendo que ela parecia drogada. Que tipo de droga será que ela tomava? Não vi nenhuma erva ou frasco de comprimidos ou bebida por ali. Será que fantasmas também podiam

ficar muito loucos? Andei até ela. Ela deu um tapinha na cama ao seu lado e eu me sentei.

– Não sabe como senti a sua falta.

Ela tocou meu cabelo suavemente e apertou o meu ombro com delicadeza. Então ela surtou. Me abraçou. A senhorita Torvous. Realmente. *Me* abraçou. A única pessoa na Casa do Meio que eu estava convencida de que queria arrancar a minha cabeça agora demonstrava carinho por mim. As coisas estavam ficando cada vez mais estranhas. Respirei fundo pelo nariz e soltei a respiração lentamente pela boca. Então fiz um intenso contato visual com ela.

– Hum, sei que a senhora sabe mais do que diz. Estive pensando que talvez saiba por que estou aqui.

Ela piscou, então olhou ao redor do quarto, como se estivesse buscando respostas. Seus ombros relaxaram. Eu tinha que continuar tentando ou nunca chegaria a lugar nenhum.

– A senhora tem alguma ideia de quem me matou?

Nossa. Parecia que eu tinha dado um tapa no rosto dela. Alguém no quarto gritou. Minha pele ficou arrepiada. Não havia ninguém ali conosco. A senhorita Torvous não tinha movido os lábios. Aos poucos percebi que o grito havia saído da mente dela. Ela tinha se manifestado de forma audível. Agora tremia e balbuciava.

– O quê? Como... c-como você pode me perguntar uma coisa dessa?

Ela se levantou da cama tão rápido que quase me derrubou. Eu me levantei também.

– Você deve saber. Na verdade, acho que você *sabe*...

Eu estava apavorada, mas tinha que ser ousada se quisesse descobrir alguma coisa. Talvez conseguisse arrancar uma resposta sincera dela. Ela começou a tremer.

– Tenho sentimentos, sabia? – ela disse, a voz fraquejando.

– Sei disso – eu disse.

– Você acha que não tenho coração? Ou talvez pense que meu coração é de

pedra!

Ela pegou um vaso e o jogou com tanta força no chão que ele se estilhaçou em mil pedaços. Então a senhoria Torvous se recompôs, abraçando-se firmemente enquanto se afastava de mim e grunhia numa voz gutural:

– *Saia. Daqui.*

Era como tentar travar uma conversa com um animal selvagem. Não era hora de contradizê-la, então andei na direção da porta. Ela se virou e transformou-se outra vez na mesma criatura terna de antes.

– Aonde você vai?

Parecia magoada.

– Por favor... não me deixe...

Continuei andando em direção à porta. Agora seus olhos brilhavam.

– Não me deixe. *Isso é uma ordem!*

Aproximei-me um pouco mais da porta, olhei para trás e balancei a cabeça.

– Seja o que for que tenha acontecido com você, lamento muito.

– AONDE VOCÊ PENSA QUE VAI?

Para longe daquele circo de horrores, era para lá que eu ia. Bati a porta ao sair. Esperei que ela me seguisse, mas isso não aconteceu. Enquanto me afastava, ouvi o mesmo choro vindo do quarto dela. Muito assustador.

No que diz respeito ao meu assassinato, não tinha chegado a lugar nenhum e não tinha mais ninguém a quem recorrer em busca de respostas. Ia ser muito solitário ser um fantasma... Fui para o meu quarto, mas não entrei, porque, apesar de Lucy ter sido bem legal, eu não estava a fim de falar com ninguém nem de ouvir o ronronar da minha colega de quarto. Fui para o refeitório, mas não entrei, embora, como de costume, estivesse com fome. Em vez disso, roubei um saco de batatas fritas da cozinha.

Sentada no telhado, eu podia contemplar uma vista que se entendia por quilômetros. Ouvi uma comoção mais abaixo, mas depois de um minuto ou coisa assim tudo ficou em silêncio. O sol estava se pondo, iluminando o mundo com um suave matiz cor de âmbar, e a superfície do lago parecia de vidro. Um veleiro

singrava as águas, deixando um rastro atrás de si. Abri o saco de batatas fritas e enfiei um punhado na boca. Então coloquei as mãos atrás da cabeça e deitei de costas. O telhado era íngreme e as telhas, frias e escorregadias, mas não me importei. O que poderia acontecer? Eu poderia deslizar, cair e morrer? Olhei para o céu. Desejei que eu pudesse simplesmente passar pelas nuvens e deixar este mundo e me juntar aos Posteriores. Mas não podia. Eu queria ver o fim desse jogo. Tinha que pegar meu assassino e encontrar justiça se quisesse fazer minha passagem. Refleti sobre o que tinha feito até o momento. Walker a princípio parecia ser o maior suspeito, mas havia provado sua inocência. Seria possível que eu tivesse me matado? Mas não tinham me falado que todas as crianças da Casa do Meio tinham sido assassinadas? Suicídio não é assassinato. Talvez eu devesse tirar o meu próprio nome da lista. Mas ainda havia Denise. Ela era uma cretina de marca maior, mas não parecia o tipo de pessoa capaz de matar a sangue frio. Eu tinha que continuar investigando.

Ouvi Cole chegar.

– Estava esperando que você viesse se juntar a mim.

Menti. Eu nem tinha pensado nele. Mas agora que Cole estava ali, estava feliz em vê-lo.

– Batata frita?

Ofereci a ele o saco. Ele pegou um punhado. Pegou uma na mão e colocou-a delicadamente na boca. Mordeu.

– Parece que a senhorita Torvovous perdeu o juízo – eu disse.

– Sim, não sei o que aconteceu – disse ele.

– Cada dia as coisas parecem mais estranhas.

– Eu sei. Ainda bem que temos um ao outro. – Eu podia sentir que ele pensava no que iria dizer.

– Quer dizer, a gente se conhece faz bem pouco tempo – Cole disse. *Ah, meu Deus*, pensei com os meus botões. *Lá vem ele*. Será que eu estava pronta para isso? – Mas sinto como se... como se eu já te conhecesse há muito tempo, sabe?

Eu não queria admitir, mas tinha que falar a verdade.

– Sei. Também sinto isso.

Contemplamos o pôr do sol juntos, sem pressa porque não tínhamos nada para fazer a não ser... existir. Juntos. Eu me perguntei como seria passar o resto da “vida” naquele estado. Cole colocou a mão sobre a minha. Senti a adrenalina correndo nas minhas veias e pensei que, se eu pudesse ficar com Cole, não seria tão maçante ser um fantasma. Eu andava me sentindo tão sem rumo, tão desconectada... Ansiava pelo contato com outro ser humano. Sentia necessidade de ser tocada e esse sentimento me consumia. Então fiz a única coisa lógica numa situação como aquela. Coloquei a mão na nuca de Cole e o puxei para um beijo. Foi um beijo demorado que me fez sentir um arrepio percorrer a espinha.

– Uau! – ele disse, quando finalmente nos afastamos.

– É. Uau mesmo... – Ultimamente eu estava ficando meio monossilábica.

Nós dois estávamos constrangidos e corados. Dois fantasmas corados. Muito estranho.

– Fui impulsiva e inconsequente... Desculpe se eu...

Não pude terminar a frase porque desta vez foi Cole quem me puxou pela nuca e me beijou. O sol já estava desaparecendo no horizonte quando ele começou a me beijar. Mas, quando afastou os lábios dos meus, já era quase noite.

– Isso foi... sei lá. Especial, acho.

– Echo, eu tenho que...

Ele parou de falar porque me levantei, andei até a borda e pulei do telhado, com o coração aos saltos. Ele correu e pulou em seguida e voamos sobre as árvores, meus braços estendidos, tocando o topo das copas. Cole viu um galho acessível e pousou nele. Eu me sentei a seu lado.

– Esse momento – eu disse. – Está absolutamente perfeito.

– Tem razão.

– Mas não vai durar, não é?

– Pode durar, se você quiser.

Saltei do galho e aterrissei no chão. Sobre um ponto macio da grama, eu me

deitei de costas e olhei para o céu noturno. Cole se juntou a mim. Ele tentou me dar a mão, mas eu não deixaria que me tocasse nesse momento.

– Sabe quando estávamos lá, voando entre as árvores?

– Sim.

– Foi realmente demais. Até que...

– Até que...?

– Até que eu pensei numa coisa... Estava tão divertido que eu queria muito poder contar a Andy.

A alegria da última hora se desvaneceu. Cole ficou sombrio. E eu não podia culpá-lo.

– Eu tenho que descobrir quem fez isso comigo. Não posso deixar as coisas como estão. Não seria justo comigo nem com Andy.

– Eu sei. Vou ajudar você. Faria qualquer coisa por você.

– Acredito.

– A senhorita Torvous me pediu para não deixar você abandonar o orfanato.

– Mas você não me prenderia aqui contra a minha vontade, não é?

Ele pensou um pouco. Isso não era um bom sinal. Algo muito estranho estava acontecendo à senhorita Torvous e parecia envolver a mim. Eu não sabia o que era, mas não queria estar por perto para descobrir. Eu tinha uma questão para resolver e faria isso. Deixei Cole na Casa do Meio. Ele parecia triste quando me afastei voando.



Dança

ATRAVESSEI A NOITE ATÉ A CASA DE ANDY, pousando suavemente em seu telhado desta vez. Foi um pouso bem suave – eu estava me aprimorando. Passei através do telhado e flutuei para dentro do quarto dele.

– Andy?

Ele não responderia. Não podia me ouvir. Mas gostei de ouvir o som da minha voz dizendo o nome dele. Ele não estava no quarto. Eu me deitei na cama dele e senti seu aroma. Isso me deixou louca. Rolei e abracei o travesseiro dele. Vi o quadro de avisos na parede e algo chamou minha atenção. Ele tinha escrito “Quarto período?” em duas pequenas etiquetas autoadesivas separadas. Andy tinha mania de usar aquelas etiquetas autoadesivas amarelas. Anotava nelas todos os seus objetivos. Ele as deixava no quarto até apodrecer ou até atingir seu objetivo, o que acontecesse primeiro. Que matéria ele tinha no quarto período? Tentei me lembrar. Eu tinha quase certeza de que era Espanhol, mas não apostaria minha vida nisso. O colégio parecia tão distante agora.

Fiquei no quarto dele um pouco mais, tocando sua camisa nas costas da cadeira e seu boné de beisebol preto. Ele tinha uma foto nossa no quadro e olhei para ela, sentindo meu coração bater mais forte. Tudo sobre mim tinha mudado. Mas eu ainda tinha um coração.

Ouvi uma música tocando. Achei que fosse apenas na minha cabeça, mas então fui até a janela aberta. Ela vinha de baixo. Saí pela janela e voei até o quintal. Andy estava deitado em cima da mesa de piquenique, fitando o céu noturno. E estava ouvindo rádio. A mesma estação que ouvíamos juntos. Fui até lá e me perguntei como eu poderia me aproximar dele novamente. Não fazia ideia, mas será que conseguiria?

Os meus dedos encontraram a superfície do iPad. Escolhi uma música diferente. A nossa música. Assim que começou a tocar, Andy começou a tremer.

A lua lançou um manto branco-pálido brilhante sobre o gramado.

– Sinto tanto a sua falta – ele sussurrou.

– Ah, *baby*...

Eu podia sentir o calor do corpo dele. Rastejei pela mesa e me aconcheguei ao lado dele, colocando a cabeça em seu peito. Andy não podia me sentir – não havia nada ali para ele sentir; eu não era nada, nem mesmo vapor. Como eu poderia lhe dar o que ele precisava? O conforto dos meus braços? Chorei baixinho, comigo mesma. Então ele disse:

– Está tudo bem, Echo.

Meu corpo formigou. Levantei a cabeça, esperando que ele olhasse para mim. Mas ele estava olhando a minha foto no iPad. Ele estava falando com ela. Mas por quê? Por que, quando comecei a chorar, ele pareceu me confortar?

Ele sabia que eu estava lá. Será que podia me sentir? Enquanto nossa música continuava a tocar, senti um fio de esperança. Talvez o nosso amor não estivesse condenado a acabar! Talvez fosse tão forte que nada pudesse destruí-lo. Andy colocou o iPad na mesa, levantou-se e ficou ali parado, com os olhos fechados.

– Onde quer que você esteja, sei que você sente a minha falta assim como sinto a sua – ele disse. – Tudo vai ficar bem. Tudo vai ficar bem.

Então ele começou a se mover no ritmo da música. Era uma canção lenta, então ele só balançou um pouco o corpo. Flutuei até ele e passei os braços ao redor da sua cintura. E, embora eu não estivesse realmente tocando seu corpo, não como costumávamos nos tocar, tentei sincronizar meus movimentos com os dele. Nós estávamos... dançando. À luz da lua. Era quase perfeito. Só seria melhor se eu... você sabe. Estivesse viva. Mas agora não me importava. Só queria saborear o momento, guardá-lo na memória e fazer com que se eternizasse no meu coração.

– Não se preocupe, amor – ele disse. – Nunca mais vou amar ninguém além de você enquanto eu viver.

Senti um nó na garganta. Era como um sonho. Colei meu corpo ao de Andy enquanto ele se movia lentamente em sua dança circular. Ele podia me sentir?

Fechei os olhos e implorei ao universo para deixá-lo sentir o meu corpo junto ao dele. Eu estava tremendo.

– Andy... Você pode me sentir, amor? Você pode me sentir? Só por um instante?

Ele parou de se mexer e sua cabeça se inclinou para o lado. Pude ver sua pele ficando arrepiada. Eu tinha quebrado a barreira. Tinha conseguido entrar em contato com ele!

– ANDY! ESTOU AQUI! ESTOU AQUI!

Ele sacudiu a cabeça.

– Estou ficando maluco – ele murmurou.

– Não, você não está! Me beije, amor! Me beije!

Colei meus lábios aos dele. Ele ficou imóvel. Era minha imaginação ou ele tinha separado os lábios levemente?

– Echo?

Beije-o profunda e apaixonadamente. Andy não se moveu.

– Volte para mim – ele sussurrou.

Era um romance à luz da lua e meu coração estava acelerado. Em alguns segundos extasiados, tudo seria como um sonho; nós nos reconectaríamos. No entanto, tudo se desfez. As luzes do quintal se acenderam. Uma voz rude e implacável invadiu a nossa euforia.

– Com quem você está falando?

O pai de Andy, Hank, saiu da casa. O corpo dele se enrijeceu e recuou, ficando mais distante de mim. Eu me senti uma idiota... Irritada e traída. Hank atravessou o quintal e desligou o iPad, silenciando a nossa música.

– Pelo amor de Deus, filho, você tem que parar com essa baboseira! – ele disse.

Andy se sentou na mesa.

– Pai, exatamente que parte de “me deixa em paz” você não entendeu ainda?

– O que eu não entendi ainda é por que você está ficando cada vez mais deprimido. Ela morreu! Já está enterrada! É hora de seguir em frente.

Eu tinha vontade de dar um soco na cara de Hank, forte a ponto de fazer a cabeça dele girar no tronco. Mas o homem continuou o sermão:

– Essa garota não servia para você quando estava viva e serve muito menos agora que está morta. Enfia isto na sua cabeça dura: ela morreu!

Os ombros de Andy estavam cada vez mais contraídos, todo o seu corpo estava retesado, como uma cobra prestes a dar o bote.

– Esquece essa garota! – gritou Hank.

E então Andy atacou. Saltou da mesa e investiu contra o pai.

– Cala a boca! Você não tem o direito de falar comigo desse jeito!

Ele investiu com violência, tentando agredir o pai. Hank, que tinha sido fuzileiro naval (algo de que ele nunca falava), agarrou o braço de Andy, não só para se defender, mas para torcê-lo a tal ponto que fez o filho gritar de dor.

– Mexa com fogo e você pode se queimar...

Hank aproveitou que prendia o braço de Andy para usá-lo como uma alavanca e jogar o filho no chão. Mas Andy não se rendeu. Voltou a ficar de pé.

– Não vou deixar você falar dela desse jeito! – ele gritou.

Pare, Andy, pensei, pare. Porém, era tarde demais. Ele tentou acertar o pai outra vez, mas este lhe deu uma bofetada tão forte que pensei que o tivesse nocauteado. Andy caiu de joelhos.

Dei o grito mais alto e agonizante que meus pulmões aguentaram. Ele subiu das profundezas da minha alma e invadiu a noite, pelo menos na minha mente. Eu não iria ficar ali e assistir Andy ser espancado por ninguém. Os olhos de Hank oscilavam para todos os lados, como se tivesse visto ou percebido alguma coisa. Eu corri para ele, esquecendo que não podia tocá-lo, com a intenção de derrubá-lo, mas em vez disso, entrei nele.

Como das outras vezes, foi como pular dentro de um furacão, com pensamentos girando loucamente, imagens, sons e fragmentos colidindo uns com os outros. Havia uma trilha sonora hedionda no cérebro de Hank, uma mistura mortífera de metal com gritos e o som de aço sendo serrado e tijolos sendo esmagados. Ele estava com raiva e frustrado. Fui assaltada por dezenas de

imagens, algumas minhas até, e me fixei numa delas e acompanhei-a até uma câmara escura do seu cérebro. Hank estava me perseguindo, quase me alcançando. Mas eu continuava me esquivando do seu toque, o que só o deixava ainda mais frustrado. Dentro dele eu girava loucamente, fora de controle. Eu sabia que isso não ia durar muito tempo. Se eu aguentasse e ficasse ali firme, poderia encontrar a memória em que ele tinha me matado a sangue frio. Minha cabeça parecia que ia explodir, embora eu tentasse ficar dentro dele, não consegui suportar a dor. Dei um impulso com o ombro e saltei de dentro dele. Sentei-me na grama e olhei para Hank, que parecia ter acabado de vomitar. Ele deu um passo para trás e colocou a mão no coração.

– Isso... Isso que você está fazendo... está afetando todos nós, Andy.

Ele estendeu a mão para o filho e o ajudou a se levantar. Tentou abraçá-lo, mas Andy não permitiu.

– Todos lamentamos muito por ela. E sentimos por você. Mas é hora de deixá-la para trás. Vamos lá pra dentro. Vou fazer uns sanduíches pra nós.

Hank virou-se e voltou para a casa. Andy olhou para os próprios pés. Depois do que eu tinha visto e sentido dentro da mente de Hank, tinha dificuldade em acreditar que ele lamentava, mesmo que remotamente, por mim. Talvez estivesse arrependido do que tinha feito comigo. Talvez tivesse arrancado a medalha de São Cristóvão do meu pescoço e depois me esfaqueado. Eu sempre soube que ele não gostava de mim, não achava que eu era boa o suficiente para Andy, mas será que me odiava tanto a ponto de me matar? Essa seria uma maneira de acabar com o nosso relacionamento.

O vento soprou as folhas. O clima estava mudando. Andy disparou para o jipe, entrou e arrancou. Fui atrás dele. Ele dirigia como um louco, desrespeitando semáforos e cantando pneus nas curvas. Fiquei com ele e implorei.

– Andy, não! Vá mais devagar! Você quer se matar?

Como se estivesse desafiando o pai, ele pisou mais fundo no acelerador, rugindo colina acima, ao passar por um trecho tortuoso na estrada. Os pneus traseiros derraparam, a parte de trás do carro quase colidindo com a grade do

acostamento. Ele parecia estar levando a sério a ideia de morrer. Voei para a frente do carro e fiquei bem na frente do seu rosto, mas foi em vão. Por fim, ele enterrou o pé no freio, fazendo o carro dar um solavanco. Ficou ali sentado por um instante, depois voltou a acelerar e parou no acostamento. Saiu do carro e caminhou até a costa íngreme do despenhadeiro à beira da estrada. Lá embaixo, as ondas batiam nas pedras empilhadas ao lado de uma linha ferroviária.

O olhar de Andy era distante e vazio, como se estivesse procurando algo além do que podia ver.

– Quero ficar com você – ele sussurrou.

Não deixei de perceber as implicações daquilo.

– Ah, Deus, não desse jeito – eu disse.

Seu grito ecoou na noite.

– QUERO FICAR COM VOCÊ!

Eu tinha sido uma idiota. Minha adoração, meu amor *realmente* eterno, tinha causado aquilo. Se eu ao menos tivesse deixado Andy em paz em vez de tentar falar com ele! Eu só tinha contribuído para deixá-lo mais perturbado e para que começasse a pensar no impensável. Ele atravessou a grade que separava a estrada do precipício e passou pela placa onde estava escrito, PERIGO! CUIDADO – PRECIPÍCIO!

Lágrimas caíam dos seus olhos vermelhos. Ele não as enxugou. Tinha chorado no carro ao longo de todo o trajeto até ali. Deu mais dois passos, até a borda, os dedos dos pés no vazio. Um vento forte soprava às suas costas. Se Andy não fosse cuidadoso, ele o derrubaria.

– Amor, não faça isso... Estou implorando...

Ele não me ouvia, seus sentidos tinham se fechado para mim. Ele estava tão estimulado pela adrenalina produzida pelo seu próprio corpo que tinha perdido a conexão com o mundo à sua volta. Um carro passou atrás dele e o cretino do motorista enfiou a mão na buzina. Quem faria isso?

Pairei na frente de Andy, implorando, rogando para ele recuar, tentando abraçá-lo, beijá-lo, mas ele parecia imune à minha existência. Balançava para a

frente e para trás, apoiado apenas nos calcanhares. De repente, um coelho saltou de uma moita e correu pelo desfiladeiro. Eu estava desesperada. Atravessei a estrada e soltei um lamento agudo. O coelho congelou, alarmado, e corri para entrar dentro dele. Um carro estava se aproximando, rápido. Eu o mirei com minha nova visão distorcida de coelho e disparei para a estrada. Um guincho de pneus e BAM! Fui pega e arremessada para longe. O carro não parou e continuou seguindo pela estrada.

Vi estrelas e algumas imagens vagas de grama e o que parecia um monte de coelhos. Então vi Andy. Ele tinha se afastado do penhasco e me pego nas mãos. Eu me afastei da pequena criatura, que milagrosamente saltou de suas mãos e desapareceu noite adentro. O carro só tinha atingido o coelho de raspão. Mas foi o suficiente para tirar Andy do seu transe e desejo de morte. Com o ombros caídos de tristeza, ele voltou para o jipe, entrou e deu partida. Eu não o segui. Já tinha causado estrago suficiente na vida do garoto que amava.



1 HISTÓRIA

ENQUANTO FLUTUAVA EM DIREÇÃO à minha nova casa, concluí que tinha ido longe demais com Andy. A última coisa que eu queria era que ele deixasse o mundo dos vivos. Eu tinha que fazer algo para impedi-lo de cometer uma loucura, mas não sabia o quê. Como eu poderia salvá-lo?

A neblina estava começando a baixar no Estuário de Puget. Voei através dela. A uns dois quilômetros da Casa do Meio, vi um brilho alaranjado. Voei mais rápido e aterrissei. Estanquei, estarecida. Olhei para o orfanato com descrença. A Casa do Meio estava em chamas. Eu só tinha um pensamento: *Cole*. Contornei o edifício até a lateral e entrei. Esperava irromper em meio às chamas e ser queimada viva. Havia muitas chances de isso acontecer. Mas havia calor e nenhuma chama. Corri por um corredor e gritei:

– Cole!

Os adolescentes estavam voando de um lado para o outro nos corredores, transportando baldes, panelas e tigelas cheias de água. Segui a fila, o que me levou ao quarto da senhorita Torvous. Ela estava em meio às chamas. E não se tratava de fogo comum, mas de pequenas bolas de fogo, coisas de aparência perversa que corriam para cima e para baixo nas paredes, gritando enquanto se esquivavam da água jogada pelos meninos. A senhorita Torvous estava sentada em sua cadeira, clamando por vingança, entre soluços e gemidos que sacudiam seu corpo.

Um garoto desengonçado passou por mim e jogou uma panela de água nas chamas, apagando algumas, que chiavam enquanto se extinguiam. O desengonçado gritou para mim.

– Não fique parada aí! Ajude!

Ele saiu correndo. Não consegui me mexer, não conseguia parar de olhar para a senhorita Torvous, que estava mergulhada em tristeza. Arranhava as próprias

bochechas, enterrando as unhas nelas. Quanto mais ela chorava, mais chamadas apareciam. Eu a olhei mais de perto. As lágrimas que caíam dos seus olhos transformavam-se em pequenas faíscas e depois iam aumentando de tamanho. Absolutamente bizarro! Ela estava derramando lágrimas de fogo!

– Senhorita Torvours!

Era Cole, atrás de mim. Ele passou um braço ao redor dos meus ombros e apertou, segurando-me. O que estava acontecendo? Tentei me afastar, mas ele não deixou.

– Ela está aqui! Está vendo? Bem aqui!

A senhorita Torvours lançou um breve olhar na nossa direção. Os olhos dela estavam enormes, pelo menos duas vezes o tamanho normal. Parecia algum tipo estranho de zumbi e seu queixo tremia. Então ela fixou os olhos em mim. Senti como se pudesse ler a minha mente.

– Ela estava lá fora... no telhado – disse Cole.

– É por isso que não conseguimos encontrá-la – disse Cabeça de Zíper.

Ele e Dougie, Lucy, Darby e Cameron surgiram com um aspecto cansado e os braços carregados de baldes cheios, mas os largaram no chão, porque o fogo estava se apagando por conta própria, como num passe de mágica, sob o comando da senhorita Torvours. As coisas voltaram ao normal e, estranhamente, nada parecia ter sido carbonizado. Não havia mais fogo, era tudo uma ilusão espetacular criada pela diretora para atormentar os adolescentes sob os seus cuidados.

Seus olhos ainda estavam fixos em mim.

– Venha aqui, pequenina...

Todas as minhas vozes interiores estavam gritando, DE JEITO NENHUM! E, ainda assim, quando Cole me impulsionou para a frente, dei um passo na direção dela, devagar.

A senhorita Torvours sorriu para mim com carinho e estendeu os braços. Dei mais dois passinhos.

– AGORA! – ela gritou.

Foi a gota d'água!

– Ok, senhorita Torvous, pode ir se danar!

Eu me virei e disparei na direção da porta, mas Cabeça de Zíper, Darby, Cameron e os outros não me deixaram passar.

– Desculpe, Echo – disse Darby. – Mas ela pirou e está atormentando todo mundo aqui.

– Tirou toda a nossa comida. Todos os nossos privilégios – disse Cabeça de Zíper. – Ele parecia realmente chateado por ter de me obrigar a ficar.

– Nos fez trabalhar como escravos – disse Lucy.

Olhei para ela e os outros. Eles pareciam absolutamente exaustos, extenuados, fracos e desnutridos. Como se tivessem trabalhado horas a fio.

– O que isso tem a ver comigo?

– Ninguém sabe – disse Dougie, que estava transpirando como um porco no deserto. – Mas temos que fazer o que ela quer ou ela nos fará pagar por isso.

– Apenas faça o que ela diz – disse Lucy.

Eu não iria a lugar nenhum sem que me obrigassem. Chutei e gritei, mas por fim fui dominada e finalmente me rendi ao abraço sufocante da senhorita Torvous.

– Onde você estava, amada?

– Lá fora, fazendo o que *se espera* que eu faça. Tentando descobrir quem me assassinou!

Seu rosto se contraiu numa carranca de raiva, mas em seguida ela se acalmou e tocou a própria bochecha, depois a minha.

– Ninguém assassinou você. Você está bem aqui. Comigo.

– Mas... Não estou viva.

Ela pareceu alarmada, então jogou a cabeça para trás e soltou uma risada.

– Claro que está viva! Olhe! Eu posso tocar e sentir você!

Ela começou a me tocar com afeição. Eu estava ficando mais confusa a cada minuto. Aquela mulher era totalmente louca.

– Por que está fazendo isso? – perguntei.

– Estou apenas tentando confortá-la, minha querida.

Ela relaxou o abraço e aproveitei a oportunidade para me desvencilhar do seu aperto de ferro e voar para a porta, esgueirando-me para a esquerda e depois para a direita, na tentativa de me desviar de Darby e dos outros, que ainda estavam com movimentos lentos devido à fraqueza que os abatia.

Cheguei ao corredor. A voz esganiçada da senhorita Torvours ecoava nas paredes.

– Não deixem que ela fuja!

Num piscar de olhos, eles estavam atrás de mim. Darby, Lucy, Cabeça de Zíper, Cameron e outros adolescentes também, tentando me agarrar. Mas eu iria embora daquele lugar de uma vez por todas. Atravessei uma parede e fui surpreendida por quatro adolescentes, que correram na minha direção.

– Ela está aqui! – um deles gritou.

De alguma forma, consegui aumentar o ritmo e voar incrivelmente rápido, saltando e me espremendo através do teto. Quando vi, estava sozinha, num corredor. No final, havia uma janela aberta. Voei para lá como um falcão, voando rápido e em linha reta. A liberdade estava próxima. Estava a apenas três metros da vitória quando Cole saiu das sombras e bloqueou meu caminho.

– Esta não é a melhor saída, Echo.

– Para mim parece que é!

– Não. Quero dizer, correr não é a melhor saída. Ouça!

Eu não estava com vontade de ouvir ninguém. Tentei me esquivar dele, mas Cole me agarrou e me segurou bem próxima a ele.

– Echo... você tem que confiar em mim.

Droga! Mesmo agora, aquele maldito olhar sensual de Cole me fascinava. Meu peito arfou e meu coração começou a bater na boca. Mas os olhos dele... não expressavam nada além de calma e adoração. Relaxei os ombros e num tom de voz submisso, capitulei.

– Tudo bem, Cole, vou fazer o que você disser.

Em dois segundos, o corredor estava inundado de adolescentes, todos

formando uma barreira ao meu redor, enquanto Cole me acompanhava de volta.

Paramos diante da porta do quarto dela. A senhorita Torvous olhou para mim como ela tinha olhado assim que cheguei ao orfanato: como se eu fosse um vírus letal e indesejável. Depois me dispensou com um aceno.

– Coloque-a na câmara.

Na câmara?

Cole e os outros assentiram com a cabeça. A porta da senhorita Torvous se fechou sem que ninguém a tocasse. Olhei para os meus captores.

– Gente! Alguém, por favor, me diz o que está acontecendo?

Cole sussurrou no meu ouvido.

– Confie em mim. Não vamos colocá-la ali...

Ele teve que parar de falar porque a senhorita Torvous tinha voltado a abrir a porta com um estrondo e irrompido no corredor.

– Às vezes, as pessoas têm de receber uma lição – disse ela.

Ela agarrou meu pulso com força. Eu estava tão apavorada que tentei me desvencilhar dela e fugir. O que não iria acontecer.

Ela me arrastou para o andar de baixo, passando pela lavanderia e algum tipo de porão, depois de um corredor estreito, só uma passagem, na verdade, até chegarmos a uma câmara grande, redonda, com uma porta no meio. Cole a abriu. Nós olhamos lá dentro. As paredes estavam cobertas com uma substância branca, como uma crosta.

– O que é essa coisa nojenta? – perguntei.

– Argamassa misturada com sal marinho, canela e alho – disse ele.

– Ela nos fez construir isso quando você se foi – disse Darby.

– Trabalhamos como escravos... Foi horrível. Eu só tinha vontade de vomitar – disse Cabeça de Zíper.

Lembrei-me de que o sal marinho e a sálvia tinham nos deixado enjoados no escritório de Mike Walker.

– Para que isso?

– Ela chama isso de câmara do “afastamento” – disse Lucy.

– Bem, não pensem que vou entrar aí.

Tentei forçar minha passagem e ultrapassar Cole e os outros, mas eles estavam em maior número. Gritei enquanto me forçavam para dentro e fechavam a porta.

– Cole! COLE!

Procurei freneticamente uma saída que não existia. Mas uma dúzia de buracos tinham sido escavados nas paredes, buracos grandes o suficiente para permitir que alguém encostasse os olhos ali e espiasse lá dentro. E eles estavam fora da câmara... olhando para mim.

– Cole, me ajude!

Havia montes de sal no chão. Peguei um punhado e joguei nos olhos que me espiavam. Eles desapareceram quando os xeretas recuaram, mas logo reapareceram e ficaram ali me espiando como uns otários.

As paredes de sal marinho tiveram um efeito horrível sobre mim, fazendo com que eu ficasse fraca e enjoada. Descobri que a parte mais central da câmara era mais suportável e me sentei ali. Uma câmara de sal. Que inteligente. Eu tinha que dar a ela esse crédito. A senhorita Torvovous era uma cadela pervertida e sádica. Minha cabeça estava girando. Com vertigem, me deitei no chão. Minutos se passaram. Sentia que a qualquer momento vomitaria.

A porta se abriu e Cole entrou. Ele veio até mim e ajoelhou-se.

– Por que você não os impediu? – gritei.

– Você está bem?

– Pareço bem?

– Você parece péssima. Mas ainda é bonita.

Ele sorriu fracamente.

– Por que ela de repente ficou obcecada por mim?

– Não sei, mas prometo que vamos descobrir.

– Eu me sinto tão mal que parece que vou morrer – Eu me dou conta da ironia, mas isso não é suficiente para me fazer rir. Esta câmara é um horror. – Cole... Tenho que sair daqui. Você precisa me ajudar.

– Eu sei. Tenho um plano. Só fique... quietinha aqui como estava antes e já volto.

Ele começou a se afastar e eu agarrei a perna dele.

– Cole?

– Confie em mim, Echo. Você precisa confiar em mim.

– Confiar a você a minha vida?

– Sim. Agora finja-se de morta.

Isso eu podia fazer. Fechei os olhos e sonhei o sonho dos moribundos.



III USOS

NA CÂMARA, EU MAL PODIA OUVIR meus batimentos cardíacos. Meu coração tinha desacelerado consideravelmente e meu pulso estava estável, mas lento e fraco. Minha consciência estava por um fio e meus pensamentos se reduziam a praticamente nada. Estou morrendo... mais uma vez. Tentei abrir os olhos, mas não tinha forças. Ouvia sons mas não conseguia identificá-los. Um grito, penso eu, e seu eco, como uma reverberação contínua. Por fim, abri os olhos. Então as coisas entraram em foco.

A senhorita Torvous estava na câmara com Cole, trêmula.

– Acho que ela pode estar morta – disse Cole.

– Eu nunca... Não pensei... – gaguejou a senhorita Torvous.

– Me deixe tirá-la daqui – disse Cole.

A senhorita Torvous assentiu. Ela estava em choque. Sua cabeça tombava para um lado e depois para o outro, como se o seu cérebro estivesse girando.

– O que eu fiz?

O que ela fez foi me matar. Minha vida após a morte estava chegando ao fim.

Senti alguém me levantando nos braços. Eu podia sentir o aroma de Cole. Notei que meu corpo estava se movendo – ele estava me carregando para fora da câmara.

Então ouvi a batida de uma porta e um grito alto e aterrorizante me fez abrir os olhos. Cole me carregava no colo. Darby tinha acabado de bater a porta da câmara de sal e trancado a senhorita Torvous lá dentro.

– Me deixem sair daqui!

Ela espancava a porta.

– ME DEIXEM SAIR DAQUI AGORA!

Mais golpes na porta, seguidos por um gemido, depois um som parecido com um uivo.

– Ah, meu Deus! Foi ela?

– Sim. Você quer que eu coloque você no chão?

Olhei para Cole. Eu gostava da sensação de ser carregada em seus braços e não estava com nenhuma vontade que me pusesse no chão.

– Hmm... Pode esperar um pouquinho?

– Claro.

Darby nos lançou um olhar. Então, afastou-se da porta da câmara de sal.

– Ela pirou, com certeza. Algo aconteceu com ela quando você chegou, Echo. Nós conversamos sobre isso e não queremos dizer nada a você ainda. Não precisa ficar ainda mais assustada.

– Ninguém sabe o que foi, mas você com certeza desencadeou alguma coisa dentro dela – disse Cameron.

Eu queria ficar nos braços de Cole por mais tempo, mas minha cabeça já não estava tão enevoada, meu estômago estava melhor e eu sabia que era hora de me ocupar – e caminhar com minhas próprias pernas.

– Pode me pôr no chão agora.

Ele fez o que pedi. Fiquei de pé, os efeitos da câmara de sal já mais fracos.

– Cara, foi horrível lá dentro... Pensei que eu fosse morrer.

– E eu que pensei que isso já tinha acontecido... – disse Darby.

– Ha-ha. Estou falando sério. Parecia que estava morrendo de novo. É assim que se “mata” um fantasma?

– Não – disse Cole. – Nós já estamos mortos, então não podemos mais morrer. Pelo que sei, você só pode entrar numa espécie de dormência prolongada, tipo um coma, acho, mas não pode morrer. É por isso que decidimos dar esse pequeno golpe para levar a senhorita Torvours até lá.

– E ela continuará lá – disse Cabeça de Zíper.

– Pelo menos até que possamos descobrir o que fazer para dar um fim a essa loucura dela – disse Cole.

– Bem, obrigada – eu disse.

– Não precisa agradecer. Não foi nada – ele respondeu.

Seu rosto estava corado e ele parecia um pouco constrangido. Olhei para Darby.

– Obrigada. Vocês se arriscaram por mim. Sou grata por isso.

Ela não estava acostumada a receber agradecimentos ou ser tratada com gentileza por ninguém. Então só murmurou:

– Ah, tá... De nada.

Eu sorri para Darby e ela estava prestes a sorrir também, mas desviou os olhos, desconfortável com a ideia de demonstrar alguma emoção que não fosse raiva descontrolada.

Subimos as escadas, depois de o nosso grupo principal – eu, Cole, Darby, Dougie, Cameron, Cabeça de Zíper e Lucy – ter jurado manter segredo, mas uma garota chamada Zen (que morreu enforcada, mas jurava que não tinha se suicidado), que tinha se aventurado até o subsolo e ouvido os gritos da senhorita Torvous, contou a notícia a todo mundo e agora a Casa do Meio estava em festa. Sem a senhorita Torvous para segurar as rédeas, nenhum dos protocolos ou horários habituais foi cumprido.

A anarquia e o caos podem parecer atraentes na teoria, mas, quando colocados em prática, uma casa sem regras pode se transformar rapidamente num pandemônio e se tornar um ninho de loucos que faz você querer arrancar os cabelos. Os adolescentes comiam tudo que queriam, quase ninguém arrumava a própria cama ou limpava o quarto, e o lugar rapidamente se transformou numa maloca. Em poucas horas, a cozinha e o refeitório estavam nojentos e os adolescentes discutiam, tentando descobrir de quem era a culpa e quem deveria estar fazendo o quê.

Cada morador da Casa do Meio tinha um poder, sua própria maneira de infligir danos corporais ou pelo menos aterrorizar, por isso, quando começavam as brigas, era hora de buscar algum tipo de proteção. Uma garota miúda chamada Joanne (morta ao ser empurrada na frente de um trem do metrô) tinha poderes telecinéticos, que aprendeu com Lawrence (espancado até a morte com um bastão de beisebol). Lawrence era capaz de conjurar qualquer som e, em

meio aos pratos e móveis voando pelo cômodo e se estilhaçando contra as paredes, a cacofonia de gritos e rugidos e explosões criada por Lawrence, estava ficando insuportável morar ali. A Casa do Meio estava indo abaixo.

Cole conseguia interceder, apartando as brigas, mas outras altercações e conflitos estouravam. Parecia que era apenas uma questão de tempo antes que o nosso “lar doce lar” implodisse sob o peso do anarquismo.

Cole e Darby patrulhavam os corredores, tentando restaurar a ordem, mas pouco podiam fazer. Quem iria querer seguir as regras quando a regra de ouro -- não matarás -- era justamente aquela cuja violação tinha sido o motivo da presença de todos ali? Eu entendia por que aquela horda de adolescentes assassinados queria se rebelar. Droga, eu mesma também tinha vontade de me juntar a eles e queimar o maldito lugar! Mas, se fizesse isso, onde eu moraria?

O caos parou bruscamente quando um barulho insistente de pancadas começou a ecoar pela Casa do Meio. Aos poucos, todos se deram conta de que era alguém -- um ser humano real, vivo, sem dúvida -- que batia na porta da frente. O lugar caiu num silêncio tão profundo que podíamos ouvir nossas respirações. Cole e os outros correram para a porta da frente e espiaram. Duas pessoas estavam de pé na varanda da frente, fazendo de tudo para conseguir enxergar alguma coisa através das cortinas fechadas.

Cole identificou-as imediatamente. Eram o senhor e a senhora Reiner, os nossos antiquados vizinhos de meia-idade. O senhor Reiner era baixo, atarracado e barrigudo, e usava uma viseira e óculos de casco de tartaruga. A senhora Reiner, além das bochechas rechonchudas, tinha um traseiro avantajado.

– Olá? -- gritou o senhor Reiner.

– Tudo ficou em silêncio de repente -- disse a senhora Reiner.

Suas mãos se aproximaram como dois pequenos pássaros tentando encontrar um lugar para pousar.

– Talvez devêssemos chamar a polícia -- disse ela.

– Susan, não seja tola. Ela me paga bem para cuidar dos jardins. Não quero prejudicar meus negócios.

– Quando foi a última vez que ela te pagou?

A senhora Reiner bateu na porta com um ar severo. TOC-TOC-TOC!

– Faz alguns meses, bem sei – ela mesma respondeu. – Essa mulher é tão estranha... E os barulhos que vêm deste lugar?... Sinceramente, não sei o que você poderia fazer aqui, sozinho. Não vou sair daqui até ela atender à porta e pagar o que deve. E nos dar uma explicação satisfatória sobre todo esse barulho.

TOC-TOC-TOC!

– Ela é apenas... excêntrica – disse o senhor Reiner.

Cole e eu trocamos um olhar. Olhei para a porta. Havia ali uma caixa de correio daquele tipo que os carteiros usam para deixar a correspondência ou alguém poderia usar para entregar encomendas. O senhor Reiner voltou a bater na porta. A esposa bateu também. TOC-TOC-TOC!

– Senhora Eddingham?

Ahá. Então este era o “nome de fachada” da senhorita Torvous? O que ela costumava usar para enganar os vivos? Cole pegou meu braço e depois de gesticular para Darby e os outros, nos fez segui-lo pelo corredor até o quarto da senhorita Torvous. Começamos a vasculhar tudo. Será que ela guardava dinheiro em algum lugar?

Olhamos em sua escrivaninha antiga e encontramos contas de serviços públicos e cartas e um diário escrito no que pareciam ser hieróglifos. Cabeça de Zíper deitou na cama dela. Darby gritou com ele.

– Cai fora daí!

– Por quê? Vamos ser descobertos e chutados daqui e nunca vou encontrar meu assassino. Sei disso com certeza. Posso sentir nas minhas cicatrizes.

Cabeça de Zíper parecia realmente assustado, por isso fui até ele e o ajudei a levantar da cama.

– Hum, você não está cooperando. Apenas... relaxe. Vai ficar tudo bem.

Ao pular na cama, ele tinha tirado do lugar uma foto emoldurada, que agora aparecia sob o travesseiro ao lado de onde a senhorita Torvous dormia. Levantei o travesseiro e vi alguém de cabelos castanhos e compridos. Estava prestes a

examinar a foto mais de perto quando a voz de Cole fez com que eu virasse a cabeça.

– Encontrei!

Ele tinha descoberto um livro grande e grosso, que era na verdade uma caixa onde a senhorita Torvous guardava dinheiro. Muito dinheiro.

– Quanto tem aí?

– Não sei – ele disse. – Milhares.

– Quanto vamos pagar a ele?

– Ah, bem, ele disse que cuida do jardim. Uns quinhentos devem bastar, acho.

Cole pegou as notas e correu para a porta da frente.

– Senhorita Eddingham? Precisamos falar com você! – gritou Susan Reiner, batendo novamente na porta.

Levantei a tampa da caixa de correio e Cole jogou ali cinco notas de cem.

– Puxa! Bem, acho que está pago – disse Reiner, mais do que satisfeito. – Foi muita generosidade da sua parte, senhorita Eddingham. Agradeço o adiantamento. Nos vemos no mês que vem, então.

Ansioso para embolsar a grana e dar no pé, o senhor Reiner puxou a esposa irritada com ele e os dois partiram. Observamos enquanto voltavam pela longa entrada de carros, a senhora Reiner olhando para trás com um olhar cético. Tínhamos protegido nossa fortaleza, mantido nosso território a salvo, por ora... Eu me perguntei por quanto tempo iríamos aguentar sem a senhorita Torvous na ativa.



NAQUELA NOITE, O CLIMA NO JANTAR FOI SOMBRIO. Todo mundo sabia que estávamos numa situação delicada. Darby e Cameron prepararam uma refeição passável composta de *cheeseburger*, batata frita e salada de repolho com *ketchup*. Cabeça de Zíper tinha ouvido meus conselhos e estava fazendo o máximo para conversar com as meninas, mas sem muito resultado. Mas ele não tinha desistido, continuava tentando. Eu achava que um dia ele acabaria encontrando alguém que reconheceria sua beleza interior.

Depois do jantar, Cole, Dougie e eu limpamos a cozinha.

Só havia alguns ainda dispostos a armar confusão, agora que o nosso futuro parecia sombrio e incerto. Com a senhorita Torvous em coma no porão, por causa do sal, faltava estrutura e disciplina. Os garotos andavam por todo lado, comendo e dormindo quando bem entendiam. Ninguém mais tinha horário para nada.

Eu me sentei um pouco no meu quarto com Lucy, mas não consegui relaxar. Tive que me levantar e me mexer. Fui procurar Cole. Ele não estava no quarto, então subi ao telhado.

Era uma noite clara e fresca. Ele estava sozinho.

– Posso ficar aqui com você?

– Eu estava esperando que viesse.

Sentei-me ao lado dele. O tempo passou enquanto ouvíamos os sons noturnos: os grilos, o vento que agitava as folhas nas árvores. Depois de alguns minutos eu me abri. Contei a ele que tinha visto Andy e que a tentativa de me comunicar com ele quase tinha provocado uma tragédia.

– Estou perdida. Totalmente perdida – eu disse.

– Isso não vai durar para sempre – disse ele.

Cole estava tentando me consolar. Mas não estava funcionando.

- Mas não sei o que fazer.
- Vamos encontrar o seu assassino. *Isso é o que faremos.*
- Mas e Andy?

Cole desviou os olhos e fitou o céu noturno. Encontrou uma estrela que o agradou e fixou os olhos nela. Depois de um momento, falou devagar e sem muita emoção.

- Tenho uma ideia.
- Qual?
- Você pode não gostar.
- Experimente me contar.
- Você tem que fazer Andy se apaixonar por outra pessoa.

O raciocínio dele estava correto. Mas eu não gostei. Na verdade, odiei. A raiva começou a se acumular dentro de mim e eu já estava prestes a soltar uma série de palavrões, uma lista realmente da pesada, mas não consegui explodir, porque, quando perguntei ao meu coração o que deveria fazer, ele me disse que Cole tinha razão. Deixar Andy livre era a coisa certa a fazer.

- Ainda está me ouvindo? – perguntou Cole.
- Sim. É só que...
- Não é fácil.
- Não. É bem difícil. Mas você tem razão.

Minha vida, ou melhor, a minha morte, tinha ficado muito mais complicada.

Eu precisava encontrar meu assassino e fazer justiça para poder seguir em frente. Mas agora tinha que correr contra o relógio. Precisava fazer alguma coisa antes que Andy cometesse alguma estupidez. Nada mais importava, exceto me certificar de que Andy se libertaria de mim. Porque, se alguma coisa acontecesse a ele, mesmo que eu de fato encontrasse meu assassino e o fizesse pagar pelo que fez, não iria adiantar nada, porque então tudo o que eu desejaria fazer seria encontrar o buraco mais profundo do inferno e me esconder dentro dele para sempre. O tempo não estava do meu lado.

Eu tinha que voltar ao colégio.

Cole, Darby e os outros me acompanharam. Era sexta-feira à noite e, sob as luzes do Mustang Stadium, nosso time de futebol disputava uma partida contra seus rivais do outro lado da cidade, e os dois times tinham chegado ao ponto de infligir nos adversários tanta dor quanto fosse humanamente possível. Comecei a me perguntar: o que *significava* ser humano? Achei que sabia a resposta quando estava viva. Agora que estava morta, não tinha tanta certeza. Devia ser mais do que “merdas acontecem e depois você morre”. Qual era o nosso propósito? Será que consistia *realmente* em ganhar tanto dinheiro quanto possível e se divertir ao máximo antes de bater as botas? Eu não tinha respostas para muitas perguntas. Mas o fato de estar morta me dava muito tempo para a introspecção. E o mais irônico: também para refletir sobre como deveríamos viver depois da morte.

O plano era fazer Andy se apaixonar por outra garota. Eu tinha certeza de que a tarefa seria difícilima, se não absolutamente impossível. Mas talvez fosse só o meu ego falando. Por que ele não acabaria me esquecendo? O que havia de tão especial em mim, exceto pelo fato de que ele me amava profundamente e quase tinha se matado para se juntar a mim? Eu me lembrei do dia do nosso primeiro encontro.

Estávamos passeando pelo shopping de Northgate, depois de ir ao cinema. Apontei uma camisa jeans maravilhosa numa loja de luxo e implorei para que Andy experimentasse. Ele atendeu ao meu pedido e ela ficou ótima nele. Mas, depois que viu o preço, não a comprou. Certifiquei-me de que ele a deixara no provador, depois o levei para a praça de alimentação. Eu disse que iria ao banheiro, enquanto ele comprava tacos para nós. Voltei à loja, fingi que iria experimentar uma peça de roupa e enfiei a camisa na bolsa. Fui tão esperta que até pedi uma sacola vazia da loja ao sair. Quando dei a ele a camisa, seus olhos brilharam, mas depois ele pareceu em conflito e eu me perguntei se ele teria suspeitado de que eu a surrupiara da loja. Justifiquei o roubo mentalmente, dizendo a mim mesma que eu faria qualquer coisa por ele, para deixá-lo feliz. Essa lembrança me obrigou a encarar a realidade de frente mais uma vez. Eu estava longe de ser a boa menina que imaginava ser.

– Está vendo Andy em algum lugar? – Cole perguntou.

Eu tinha me distraído pensando em Andy, perdendo-me em memórias por mais tempo do que pretendia.

– Ainda não... – respondi.

Comecei a vasculhar todos os lugares do colégio, observando todos aqueles rostos jovens e cheios de vigor, fazendo o máximo para parecerem entediados por estarem ali, frequentarem a escola, estarem vivos. Ah, se soubessem... Minha vontade era correr para aqueles que eu conhecia e gritar: *Acordem! Esta vida que vocês têm é preciosa! Não a desperdicem!* Me lembrei do meu avô dizendo que era uma pena desperdiçar a juventude com os jovens... Agora eu entendia o que ele quis dizer. Pena que não compreendi isso antes. Eu estava arrependida de tanta coisa! E só tinha 16 anos! Queria muito poder voltar no tempo e viver a minha vida novamente. Mas isso não iria acontecer. Aparentemente, tudo que me restava era esperar que a próxima vida fosse melhor. Se é que haveria uma próxima vida...

Encontrei Andy sentado nas arquibancadas do ginásio. Ele estava sozinho, na última fileira, onde sempre se sentava, e parecia profundamente infeliz. Alguns garotos se aproximaram dele com latas escondidas sob a jaqueta e lhe ofereceram uma, mas ele não quis. Os garotos deixaram-no em paz e se afastaram.

– Ele está ali em cima – eu disse, começando a subir as escadas. Eu poderia voar, mas por alguns instantes quis me sentir como antes, quando estava viva e ia assistir a um jogo de futebol.

Cole e os outros me seguiram, flutuando um pouco mais acima, só esperando para ver o que eu faria. Antes que eu chegasse ao alto das escadas, Andy se levantou e começou a andar na direção do lugar onde ficavam a lanchonete e os banheiros. Eu o segui. Ele entrou no banheiro masculino. Fiquei esperando do lado de fora. Claro, eu poderia entrar atrás dele e ninguém me veria, mas nunca tive curiosidade para conhecer o banheiro masculino quando viva, muito menos

agora. Essa era uma fantasia que só os garotos tinham, ficar invisível e se esgueirar até os cubículos do banheiro das meninas ou algo assim.

Três garotas saíram do banheiro. Andrea Johnson, Tabitha Welsh e Carly Hockney. Das três, eu achava Andrea a melhor candidata para namorar Andy. Uma vez eu vi os dois brincando de jogar futebol e percebi que estava rolando um flerte entre eles. Mas, pensando bem, isso tinha acontecido um ano atrás e eu não sabia se ainda haveria alguma atração entre os dois. Mas e se houvesse? Talvez ainda estivesse no inconsciente de Andy a possibilidade de namorá-la.

Enquanto eu refletia sobre isso, Cole se aproximou de mim.

– Bem bonitas – disse, referindo-se às garotas. Eu precisava admitir que ele tinha razão. Elas eram, de fato. E não sei por que me incomodava o fato de ele achá-las bonitas. Disse a mim mesma que, por mim, Cole poderia ficar com as três. Eu não estava nem aí. Queria mesmo era ficar sozinha.

Era difícil para mim imaginar Andy se apaixonando por uma delas, mas eu tinha que tentar. E não tinha ideia do que fazer ou por onde começar.

– Ok, são bonitas, mas... o que devo fazer exatamente?

Eu sabia que estava agindo como uma garotinha de 6 anos, mas não importava. Eu odiava aquele plano. Teria que agir como uma filha da mãe e sabia disso.

– Por que você não relaxa e só observa? – perguntou Cole. – Tenho uma ideia.

Era hora do almoço e a lanchonete estava começando a ficar abarrotada de estudantes rindo, empurrando uns aos outros, devorando hambúrgueres enquanto conversavam sobre a competição. Cole elevou-se no ar e sobrevoou uma garota, escolhendo-a. Meus olhos estavam fixos nele, não nela, quando Andy saiu do banheiro. Cole puxou a echarpe da garota do pescoço dela sem que ela notasse e a deixou cair no chão. Andy se abaixou para pegá-la.

– Ei! – ele chamou a garota. – Você deixou cair isso.

A garota se virou. Era Dani.



Seu lugar

QUANDO ELA OLHOU PARA O MEU NAMORADO, seus olhos brilharam, cheios de gratidão. Nesse momento, eu me perguntei como será que se matava um fantasma, pois era exatamente isso que eu queria fazer com Cole naquele instante, quando ele flutuou ao meu encontro. Ele viu a fúria em meus olhos.

– Calma. Calminha aí. Sei que vai ser difícil.

Mas ele não sabia coisa nenhuma. Não tinha nem a mais vaga ideia do quanto era difícil ver Dani olhando para Andy com adoração e movendo o corpo de modo a enviar sinais muito claros para ele. *Eu sou sua se você me quiser*. Eu não podia ouvir o que estavam dizendo, mas não importava. A conversa não verbal era o que contava ali e Dani estava fazendo um ótimo trabalho com Andy, consolando-o agora com outro abraço caloroso. Ela enganchou o braço no dele e tentou fazer com que Andy a acompanhasse. Mas ele balançou a cabeça, recusando o convite. Não estava pronto ainda. *Ótimo!*, pensei.

Ofendida e sentindo-se rejeitada, Dani deixou-o ali sozinho e marchou para as arquibancadas. Darby estava esperando por ela lá e derramou sem dó uma bebida nas escadas de metal. Dani escorregou e caiu, gritando de dor.

Assisti enquanto Andy corria para ajudá-la. Ele não se abaixou simplesmente para consolá-la. Não, ele tinha que ir até lá e levantá-la nos braços! Ela apoiou a cabeça no peito dele. Ah, mas que herói...

Andy carregou-a até o “nosso lugar” e a fez se sentar ali para examinar seu tornozelo. Ela gemia de dor. Voei até lá e pude constatar que Dani não estava machucada coisa nenhuma, só aproveitara o acidente para conseguir o que queria.

– Está doendo? – Andy perguntou a ela.

Ah, pode apostar que está, pensei.

– Um pouquinho – Dani respondeu. – Mas dói menos quando você põe a mão.

Andy corou. A cena estava revirando meu estômago. Ela era uma atriz e tanto. Senti alguém me puxando por trás. Era Darby.

– Vamos, você não está fazendo nenhum bem a si mesma ficando aqui e se torturando – ela disse.

Darby era forte, mas teve que fazer muita força para me tirar dali, porque Andy me atraía como um ímã gigante. Ela teve de me arrastar até onde estavam os outros, numa viga perto do teto do ginásio. Dali tínhamos uma visão perfeita do teatrinho encenado diante de nós. Eu daria a ele o nome de “Sedução”, estrelado por Dani e pelo meu amado Andy.

– Tenho que dar os parabéns a ela. É muito boa na paquera! – disse Cabeça de Zíper.

– Até parece que você sabe alguma coisa sobre o assunto – disse Cameron. – Não chegou nem à puberdade ainda!

– Ninguém precisa estar na puberdade para se apaixonar – disse Cabeça de Zíper.

– Pessoal, agora não é hora de brigar! – disse Cole.

Enquanto eu observava Andy preocupado com Dani, senti uma onda de dor. Era comigo que ele deveria estar preocupado. Ela nem estava machucada pra valer... E eu estava morta! Estava triste e confusa e minha vontade era voar até chegar ao espaço sideral e nunca mais voltar.

– Não consigo mais ficar aqui, assistindo a isso... – eu disse, sem tirar os olhos deles nem por um segundo. Agora Dani estava acariciando a bochecha dele...

– Então não olhe – disse Dougie, que agora soprava um ar gelado sobre Andy e Dani. Eles estremeceram e tentaram se aquecer, abraçando-se.

Desviei os olhos da cena açucarada e fitei o céu azul-marinho. Não conseguiria ficar ali nem mais um segundo. Me afastei voando e pousei no alto

da torre do relógio da escola. Não demorou até Cole e os outros se juntarem a mim.

– Levei um fora da minha primeira namorada num acampamento de verão – disse Dougie. – Acabou com a minha viagem. Coloquei minhocas no saco de dormir dela, mas isso não fez com que eu me sentisse melhor.

– Uma vez beijei uma garota – contou Cabeça de Zíper.

– Ah, tá de brincadeira? – disse Cameron, sem acreditar.

– O nome dela era Christen Zettlemeyer. Ela tinha cabelos ruivos e era muito bonita.

– Mentira. Quantos anos você tinha?

As orelhas de Cabeça de Zíper ficaram vermelhas.

– O que importa?

Cameron começou a rir.

– Tudo bem... a gente era... bem novo, claro, e foi na bochecha, mas também conta, né? – disse Cabeça de Zíper.

– Claro que conta – eu disse a ele. – Qualquer tipo de amor conta.

– Morrer antes de conhecer o amor pra valer é uma droga, sabe? É doloroso, realmente doloroso – ele confessou, com lágrimas nos olhos.

– Todos nós sabemos como se sente, Zip – disse Cole.

Ele colocou os braços sobre os ombros de Cabeça de Zíper, que deu um sorrisinho e enxugou as lágrimas. Cole crescia cada vez mais aos meus olhos, à medida que eu o conhecia melhor.

Mas as palavras de Cabeça de Zíper surtiram um efeito real sobre mim. Eu já tinha ficado com alguns garotos, claro, mas ainda era virgem, porque tinha planejado me guardar para Andy. E agora eu seria virgem para sempre. Cabeça de Zíper tinha razão. Aquilo era uma droga! Voltei os olhos para o ginásio e vi Andy e Dani. Ele estava com os braços em torno dela agora. E já pareciam um casal.

– Toda vez que acho que as coisas não poderiam piorar, elas pioram – eu disse. – Se ele ficar com ela, acho que nem me importa mais o que vai me

acontecer... pra que saber? Já estou tão... infeliz...

Ficamos sentados ali por alguns instantes. Cole fez um movimento e senti como uma brisa soprando atrás de mim. Eu sabia que os outros estavam se afastando a pedido dele. Ele iria tomar uma atitude. Eu poderia dizer a ele que não precisava se incomodar. Eu poderia voar para longe dali. Poderia fazer mil coisas diferentes. Mas fiquei simplesmente sentada ali, esperando.

– Talvez isso ajude.

Ele se inclinou, ergueu meu queixo e me beijou pela segunda vez. Não protestei. Eu precisava daquilo, precisava daquilo como precisava de ar para respirar. Cole sabia o que estava fazendo, e aquela energia incrível fluiu entre nós. Meus olhos estavam fechados e senti o vento soprando no meu cabelo. Abri os olhos. Não estávamos mais no telhado; estávamos nos elevando no céu noturno, numa espiral. Prendi a respiração quando paramos de nos beijar.

– O que estamos fazendo?

Olhei dentro dos olhos dele. Eles refletiam as estrelas, cintilando no azul mais impressionante que eu já vira.

– Não sei, chame como quiser. Será que os fantasmas dançam?

Fantasmas dançando. Gosto disso. Ele estava sorrindo. Seu toque era divino na minha pele. Ele segurava a minha cintura e as minhas mãos estavam em seus ombros enquanto nós dois girávamos, cada vez mais alto. Por um instante, Andy era uma memória distante e meu coração se acalmou. Cole murmurava uma canção, e sua voz grave ecoava pelo céu, cada vez mais alta e distante, como se ela emanasse das nuvens. Cantarolei com ele e nossas vozes soaram em uníssono, em sincronia e em perfeita harmonia na noite. Era um som de uma beleza incrível. Uma voz interior perguntou se eu estaria apaixonada. Eu sabia a resposta.

Senti um calor nas bochechas e me afastei de Cole. Como um perfeito cavalheiro, ele soltou minha cintura também. Fechei os olhos e expirei profundamente, deixando meu corpo descer novamente.

Estávamos de volta ao telhado agora, ambos constrangidos e sem conseguir

nos olhar nos olhos. Cole por fim falou num tom baixo:

- Isso foi...
- Bom. Realmente bom – eu disse.
- Um pouco melhor do que bom, não acha?
- É. Na verdade, foi espetacular.

Ainda não conseguíamos nos olhar nos olhos. Eu tinha medo de que, se olhasse para ele, abriria um sorriso tão largo que racharia minha cara ao meio. Então ficamos simplesmente ali, fitando o telhado.

O jogo de futebol estava terminando. O time da casa estava ganhando disparado e as pessoas estavam correndo para o estacionamento, fugindo da cena do massacre.

- Então, e agora?
- Temos duas alternativas. Podemos ficar aqui para sempre, o que eu prefiro, porque não quero que você me deixe nunca mais – ele disse.

Meu corpo estava formigando dos pés à cabeça. Mas o lado esquerdo do meu cérebro, a minha voz da razão, obrigou-me a falar.

- Qual é a segunda alternativa?
- Podemos ir encontrar seu assassino – ele disse.
- Cole...

Olhei para ele e Cole viu a verdade em meus olhos. Viu que eu estava apaixonada por ele, assim como ele estava apaixonado por mim, mas que eu também não podia deixar que as coisas ficassem como estavam, que eu tinha de resolver a minha vida, meu amor por Andy, minha vida pós-morte.

- Você não precisa dizer nada. Vamos deixar rolar... – ele disse.

Eu o segurei pelos ombros e o beijei mais uma vez. O beijo só durou cinco segundos, mas teve o gostinho de felicidade eterna. Então voamos para longe, mergulhando na noite.

Sim. Eu estava numa encrenca.



Cole

HÁ UMA CAIXA-D'ÁGUA EM BALMOR HILL onde costumávamos jogar maçãs quando eu era criança. Agora eu estava crescida e morta. Era um fantasma e pousava sobre ela com um garoto fantasma. As coisas tinham mudado. Nós nos sentamos e conversamos enquanto olhávamos as luzes da cidade.

– Você tem alguma sugestão sobre como posso encontrar essa pessoa adorável que tirou a minha vida?

– Bem, vamos fazer como a polícia. Criamos uma lista de suspeitos e depois investigamos um por um.

– Investigamos?

– Sim, investigamos, analisamos, até chegar à verdade.

– E como devemos fazer isso?

– Fazemos o que os fantasmas fazem melhor. Assombramos. As pessoas tendem a surtar quando são assombradas, e, na maioria das vezes, a verdade vem à tona.

– Você quer dizer que eles simplesmente confessam tudo?

– Às vezes, se são assombrados com rapidez e pressão suficientes. Mas isso tem um risco.

– Tipo?

– Tipo se... eles forem inocentes...

Assenti com a cabeça, mostrando que tinha compreendido.

– Acabaríamos mexendo com a cabeça dos caras e talvez estragando toda a vida deles – concluo.

– Você captou.

– Então, temos que ser seletivos quando saímos para aterrorizar alguém.

– Agora você está sacando. Então, quem está na lista? – perguntou Cole.

Eu tinha alguém em mente.

Denise Wiggins morava com os pais e seu inocente irmãozinho num sobrado em estilo Tudor, na colina mais alta de Kirkland. Eles tinham quatro carros, um jardim de rosas e uma linda vista para o lago Washington. Quando chegamos, encontramos uns trinta carros estacionados na entrada circular. Vários deles tinham adesivos “Força, Mustangs!” no para-choques, então concluí que Denise estava dando uma das suas festas badaladíssimas, daquelas para as quais eu nunca tinha sido convidada.

Ouvi no ar uma batida de tecnopop japonês. Passamos pela porta da frente sem nos preocupar em abri-la. Charlie Boder, da minha classe de francês, estava fazendo aquela coisa de percussão vocal. Ele era realmente bom naquilo e sempre gostei dele. Sentiria sua falta. Então me lembrei de uma vez, na aula, em que ele estava fazendo justamente aquilo e eu lhe lancei um daqueles olhares de quem diz “Você é um pé no saco!”. Ele calou a boca. O pobrezinho estava tentando me impressionar e eu o fiz calar a boca e feri seus sentimentos. Por que eu era uma pessoa tão cruel? Queria poder voltar atrás no tempo e apagar todas as besteiras que fiz ao longo da vida. Queria poder mudar tudo. Mas não podia. Nem em mil anos. Tudo o que eu podia fazer era olhar para o futuro e isso significava encontrar meu assassino e dar uma lição nele.

Perambulamos pela casa e finalmente encontramos Denise na biblioteca do pai, preparando doses de vodca para seus amiguinhos. Assim que Cole e eu entramos no cômodo, ela piscou e esfregou a nuca, com medo. Tomou duas doses rápidas e a chefona do grupo, Laura Stellini, pareceu preocupada.

- Cruzes, Denise! Pega leve ou você vai desmaiar.
- O que acha que estou tentando fazer?
- Por que você está tão assustada? – perguntou Laura.

Denise fez algo depois disso que provocou em mim um calafrio. Ela virou a cabeça como um cervo que acaba de ouvir um galho se quebrando. Seus olhos se estreitaram. Será que ela conseguia me ver? Não. Eu sabia, graças ao espelho atrás dela, que ela não podia. Eu não tinha reflexo. Denise passou os braços em volta de si mesma.

– Eu não aguento mais. Desde aquela coisa com a lixeira na escola... Ela está... zoando comigo. Tenho que fazer alguma coisa; sei que ela está por aí, em algum lugar, e acha que a culpa é minha – disse Denise.

– Você só está imaginando coisas – disse a segunda na hierarquia, Carley Moore.

– Que seja – disse Laura. – Temos que ajudá-la. Vamos fazer uma sessão, tentar falar com ela.

– Eu topo – disse Denise.

Elas passaram por nós e subiram as escadas. Cole e eu só assistíamos.

– Espere um instantinho, isso é muito estranho – eu disse. – Por que ela está pensando em mim e fazendo isso agora? Quero dizer, neste exato momento?

– Porque você está aqui. Ela sente a sua presença. Talvez não conscientemente, mas, em sua mente inconsciente, aquela que se conecta com o universo invisível, ela sabe que você está por perto e quer que você se afaste.

– Então, quando um espírito passa perto de alguém que o conhecia, essa pessoa pensa nele?

– Mais ou menos isso. Apenas aceite, Echo, que ela está pensando em você porque você está aqui agora, bem perto dela.

Eu estava pensando em Cole porque estava bem ao lado dele, também, mas não quis dizer isso a ele. Eu já tinha tantos sentimentos conflitantes dentro de mim que parecia que eu ia explodir! Toda vez que eu estava na órbita de Cole, eu me sentia mais perto dele.

– Talvez você devesse entrar primeiro, ok? – eu disse.

Ele me lançou um olhar estranho e subiu as escadas. Eu o observei por trás e gostei da ideia de poder observá-lo sem que ele percebesse que eu estava fazendo isso. Cole tinha um corpo muito legal. Para um fantasma, acho. Pensei sobre como seria senti-lo me abraçando outra vez. *O que eu estava fazendo?!*

Cole entrou no sótão e fui atrás dele. Encontramos Denise, Carley e Laura sentadas no chão. Elas tinham acendido velas, que lançavam sombras

fantasmagóricas no ambiente. Denise tirou um objeto de um velho baú. Uma Tábua Ouija. Talvez aquela visitinha fosse ficar mais proveitosa e divertida.

– Nossa, está frio aqui! – disse Denise.

– Talvez o fantasma da Echo esteja aqui – disse Carley. – Sempre que há fantasmas por perto, a temperatura cai.

– Quem disse isso? – perguntou Laura.

– Vi no YouTube.

– Ah, claro. Então com certeza é verdade... – disse Laura, revirando os olhos. Cole e eu nos entreolhamos.

– De fato temos a tendência de tornar as coisas mais arrepiantes... – ele disse.

Abri um sorrisinho. Eu não queria contar a ele a verdade, que, sempre que ele estava por perto, eu sentia o oposto... Sempre sentia um calor se espalhando pelo meu corpo todo.

Carley tocou a Tábua Ouija.

– Então, como isso funciona? – perguntou.

– Não é você que sempre sabe tudo? – perguntou Laura.

– Eu sei tudo sobre bulimia e não escondo isso de ninguém – disse Carley.

Isso era verdade. Eu já tinha visto Laura vomitando depois do almoço mais de uma vez e, embora fosse magérrima, vivia querendo emagrecer.

– Cala a boca!

– Vocês duas, caladas! – gritou Denise. – É só colocar o dedo sobre essa coisinha aqui...

– Chama-se *planchette* – disse Laura, olhando para Carley com um ar de superioridade.

– Mas bem de leve, para que não seja o seu dedo mexendo a *planchette*. Quem mexe é o espírito que está falando.

– Nossa, isso é de arrepiar! – disse Carley.

– A minha vida inteira é de arrepiar agora, por isso, se vocês não se importam, façam o favor fechar a boca e me ajudar aqui. Caso contrário, podem dar o fora, ok?

Carley fez que sim.

Os dedos de Denise tremiam quando ela tocou a *planchette*. Nada aconteceu.

– O que a gente faz agora? – perguntou Carley.

– Você pode fazer uma pergunta cuja resposta seja sim ou não, ou pode apenas esperar para ver se... ah, meu Deus!

Agora, a *planchette* estava se movendo.

Porque meus dedos estavam sobre ela. Lentamente escrevi uma palavra. Começando com a letra *a*. Então movi a *planchette* para o *s*.

Quando eu a movi para o *s* novamente, Denise começou a fazer pressão com os dedos sobre a *planchette*, aterrorizada com o que estava acontecendo. Carley e Laura estavam tremendo. Continuei. Tive a impressão de sentir cheiro de urina, mas não podia ter certeza. Será que Denise estava molhando as calças?

– Ah, meu Deus, ah, meu Deus, ah, meu Deus! – gemia Carley. – Ela está soletrando...

ASSASSINA

As três garotas gritaram e os dedos de Denise se afastaram rápido da *planchette*, como se ela estivesse em brasa. A garota começou a choramingar.

– Não... não... não...

– Que *diabos*, Denise? – disse Carley, o rosto agora pálido.

– Você matou Echo?

– Não!

– Jesus, Carley, você é tão burra! Estávamos com Denise na noite em que Echo foi morta. E com Jason, lembra? Você bebeu umas cervejas e um Moscow Mule e ele pegou nos seus peitos. Dã!

– Ah, é. Aquele cretino...

Laura se virou para Denise e acariciou os cabelos dela, consolando-a.

– Querida, não ligue pra isso – disse ela. – É só uma brincadeira idiota, nada mais.

– Por que a tábua fez isso?

– *Ela* não fez nada; é apenas sua mente subconsciente, seu medo entrando em cena. Não pense mais nisso – disse Laura.

Recuei e fiquei observando de longe.

– O que você acha? – perguntou Cole.

– Denise tem um álibi. Acho que não foi ela.

– Sinto como se tivessem vermes rastejando em mim – disse Denise. – Tenho que saber uma coisa.

Ela colocou o dedo de volta na *planchette* e perguntou.

– Echo... Echo, você está aqui? Aqui, nesta sala, agora?

Não resisti. Flutuei e fui até a *planchette* para soletrar:

SIM

O rosto de Denise ficou mais pálido ainda.

– Ah, meu Deus... ah, meu Deus... AH, MEU DEUS!

Ela fungou e bufou e arrotou e, pelo que me parece, até soltou gases. A tensão estava espicaçando-a.

– Sinto muito, tentei destruir seu trabalho da aula de artes, Echo. E me desculpe por ser tão má com você. Realmente estou arrependida!

Ela estava completamente descontrolada. Os olhos de Laura brilharam.

– O que você quer, Echo? O que ela deveria fazer? O que você quer que a Denise faça?

Sussurrei algo para Cole.

– Se eu lhe dissesse para saltar do telhado, você acha que ela faria isso?

– Ela poderia. Mas é inocente. Pedir que ela faça isso seria...

– Cruel e odioso, eu sei. Mas foi a primeira coisa que me veio à cabeça. Sempre achei que eu fosse uma boa garota. Agora estou começando a desconfiar que não.

– Ela está esperando. Diga alguma coisa.

Movi a *planchette* uma última vez e escrevi

NÃO ADIANTA MAIS, SUA VACA

– Ah, meu Deus, eu vou mudar, eu vou, prometo!

Denise começou a chorar como louca, as amigas tentando consolá-la e acariciando seus cabelos. Tive a sensação de que Denise iria *de fato* mudar, que ela se importaria mais com os sentimentos das outras pessoas. Ela tinha me atormentado em vida, mas duvidava que atormentaria qualquer outra pessoa. Nossa, talvez ela até entrasse para um convento. Eu e Cole deixamos o sótão. Nosso trabalho ali estava concluído. Mas meus pensamentos davam voltas. Quem tinha me matado? Eu havia eliminado o primeiro suspeito da lista, Walker, e agora estava eliminando o segundo, Denise. Pensei na raiva que sentia do pai de Andy, Hank. Ele estava se tornando o suspeito número três.



QUANDO VOLTAMOS PARA A CASA DO MEIO, Darby e Cabeça de Zíper estavam esperando com olhares solenes no rosto. Os adolescentes estavam brigando entre si e usando seus poderes para assustar uns aos outros. Tive que me abaixar quando uma bola de fogo passou chiando por mim e bateu numa parede, explodindo em chamas. Darby gritava pelo corredor.

– Larga ou vou dar um chute tão forte na sua bunda que você vai parar na calçada!

Cameron correu e usou seu poder para dissipar o fogo com um fluxo de água do banheiro.

– As coisas estão pegando fogo aqui – ele disse, tossindo por causa da fumaça.

Darby balançou a cabeça e fez um movimento com a mão enquanto olhava para Cole e para mim.

– Novidades? – perguntou Cole.

– É melhor você vir conosco – disse ela.

Fizemos o que Darby pediu, seguindo-a pelas escadas até a câmara de sal, no porão.

– A coisa está ruim. Muito ruim. Realmente ruim – disse Cabeça de Zíper, esfregando as cicatrizes, com nervosismo, e provocando pequenas faíscas.

Quando chegamos à câmara de sal, espiamos através dos buracos a senhorita Torvovs jogada no chão, os pés e as mãos dobrados em ângulos estranhos. Nenhum dedo das mãos ou dos pés se mexia. O peito não estava subindo e descendo.

– Está tudo indo para o buraco – disse Cabeça de Zíper. – Eles vão vir atrás de alguma coisa e ela não vai estar lá e eles vão fechar este lugar, talvez vendê-lo ou coisa assim. O que devemos fazer?

– Que tal, pra começar, você parar de bancar o idiota e nos ajudar a encontrar uma solução? – disse Darby.

– Não há solução. Estamos ferrados – disse Cabeça de Zíper. Lágrimas desciam pelas suas bochechas enquanto ele subia as escadas até o andar de cima.

Continuamos a espiar a senhorita Torvous. Parecia morta. Um truquezinho bacana para quem na verdade já estava.

– Você acha que ela já...

– Fez a passagem? – perguntou Cole. – Não sei. Mas acho melhor a gente descobrir.

– Eu não vou entrar aí – eu disse.

Sempre a corajosa. A ideia de despertar um monstro adormecido que tinha sérios problemas com relação a mim, não me parecia a melhor coisa a fazer. Eu achava que poderíamos ficar muito bem sem alguém nos vigiando, caso conseguíssemos nos unir e nos entender.

Dougie apareceu – sem camisa, como de costume ultimamente – e roendo as unhas até a carne.

– Ficam se metendo na minha vida!

– Quem? – perguntou Cole.

– Todo mundo! Dizem que esta casa velha e cheia de correntes de ar já é fria o suficiente para eu deixá-la ainda mais fria. Eu nem estava fazendo nada. Ah, e tinha uns caras lá na frente tirando fotos.

Cole ficou tenso.

– Você imagina quem possam ser? – perguntei.

– Não sei. Pode ser a polícia, ou corretores de imóveis ou jornalistas... vai saber. A única coisa que sei é que não é bom ter gente viva rondando por aqui.

Ele deu uma espiada na senhorita Torvous.

– Mais cedo ou mais tarde vamos precisar dela – ele disse.

– Eu sei o que você está pensando, mas não faça isso – eu disse.

– Vou entrar.

Ele me puxou, com Dougie e Darby, com até um depósito e o abriu. Ali havia

uma dezena de pares de grossas luvas de couro empilhadas umas sobre as outras, junto com vários sacos de sal marinho. Ele pegou um par de luvas para cada um de nós.

– Tomem, calcem isso.

Obedecemos. Então ele passou para Dougie um saco de sal marinho. Eu fiquei enjoada. Dougie soltou um arroto.

– Cara, esse troço fede...

Cole continuou concentrado no que estava fazendo.

– Ela pode estar num tipo de coma, mas, se não estiver e começar a espernear quando eu tirá-la de lá, então você joga isso em cima dela.

Esperamos ali, de luvas e com os sacos preparados. Cole ficou dentro da câmara pelo que pareceu uma eternidade e aquilo estava me deixando nervosa. Encostei um olho num buraco e espiei. Ele estava ajoelhado e a pegava nos braços com gentileza. Ela estava desacordada, como um pássaro que se chocou contra uma janela. O cuidado com que ele a pegou nos braços me tocou e, mais uma vez, meu lado sentimental estava pensando em como Cole era um cara incrível. Só tinha um defeito. Estava morto... Tirando isso, eu não conseguia encontrar mais nenhuma falha.

Ele carregou a senhorita Torvous para fora da câmara. Eu recuei. Dougie e Darby levantaram os braços, prontos para se defender.

– É melhor ela não tentar nada! – disse Darby.

Estavam preocupados à toa. Era evidente que a senhorita Torvous estava totalmente apagada.

Seguimos Cole enquanto ele a carregava para cima, subindo um lance de escadas. No corredor, os adolescentes se aglomeravam em torno de Cole para olhar. A senhorita Torvous não se agitou nem uma vez. Cole a levou até o quarto e nós o seguimos. Ele a deitou na cama, onde ela afundou no edredom. Depois ele recuou e se juntou a nós. A senhorita Torvous estava imóvel. Ficamos em silêncio, olhando para ela por muito tempo. Era possível ouvir o relógio antigo sem ponteiros no final do corredor.

Era sinistro, como se ela estivesse em algum tipo de tumba antiga ou coisa assim, onde estávamos prestando nossas últimas homenagens. Nunca antes eu tinha percebido como ela era bonita. Cole foi o primeiro a romper o silêncio. Ele se aproximou dela, então mais perto ainda, seus rostos agora a centímetros um do outro. Ele estava ouvindo... sentindo... percebendo. Cole fez sinal para mim enquanto se inclinava ainda mais na direção dela.

– Não consigo ouvir se ela está respirando. Me ajude.

Fiquei petrificada, mas fiz o que ele queria e dei um passo à frente, aproximando meu rosto do dela. Ela não parecia completamente morta, só muito doente. Estava pensando se um fantasma poderia morrer e como, quando senti um leve fluxo de ar vindo das narinas dela.

– Ela está... respirando, acho – eu disse.

– Tive essa impressão também – disse Cole.

– O efeito do sal está passando – disse Darby. A voz dela estava trêmula, como eu nunca tinha ouvido antes. Cole falou novamente, tentando acalmar todos nós.

– Vamos ficar bem. Quando ela acordar, tudo que temos que fazer é tentar persuadi-la a ser razoável com relação...

Os olhos dela se abriram.

– Senhorita Torvous, não fique com raiva. Só queríamos...

Cole não conseguiu concluir a sentença. Rápida como um raio, ela agarrou-o pelo pescoço, um aperto rápido e repentino. As narinas dela estavam infladas. Seu rosto, vermelho como um tomate.

– Vocês vão pagar por isso!

Jogamos mais sal sobre ela. Quando fizemos isso, a senhorita Torvous guinchou como um velociraptor. Cole se libertou, mas ela ficou de pé e saltou sobre ele como uma leoa enlouquecida.

Dougie e Darby não paravam de jogar o sal marinho, mas aquilo só parecia servir para deixá-la mais furiosa. Cole estava verde e nauseado. Lembrei-me da pequena imagem emoldurada que Cabeça de Zíper tinha derrubado ao pular na

cama dela. Seria a senhorita Torvours quando criança? Ou a irmã dela? Mãe? Filha?

Lembro-me de como ela olhava para mim quando entrei no quarto, antes de tudo acontecer. Ela me chamou de “querida”. O olhar dela se suavizou, como se ela me adorasse. Ela sentiu alguma conexão comigo – eu simplesmente não sabia o que era, mas tinha que tentar.

– Mamãe!

Ela largou Cole. Sua cabeça girou no tronco como se ela fosse uma boneca gigante. Seus olhos encontraram os meus. Será que ela estava me vendo? Ou estava vendo o passado?

– Corrine?

Senti um formigamento na parte de trás do pescoço. Darby e Dougie arregalaram os olhos. Eles nem se moviam. Falei gentilmente com ela.

– Por favor, não o machuque. Sou eu quem você quer.

A expressão no rosto dela se suavizou e ela se levantou.

– Você voltou para mim – disse ela.

Ela flutuou até onde eu estava – era estranho porque eu nunca a vira flutuar como um fantasma antes – e tocou minha bochecha com sua mão fria, sua pele fria na minha.

– Voltei? – sussurrei, aterrorizada.

– Sim, Corrine. Senti tanto a sua falta...

Eu tinha que continuar o jogo dela. Coloquei os braços em torno dos ombros da senhorita Torvours.

– Eu também senti sua falta.

Olhei para Darby e Dougie e fiz o meu melhor para me comunicar com olhares. *Tirem Cole daqui!* Eles entenderam e ajudaram Cole a sair do quarto, fechando suavemente a porta atrás deles.

– Podemos nos sentar, mamãe? – perguntei.

– Claro, querida! – disse ela.

Fomos até o sofá e nos sentamos. Ela pegou meu rosto entre as mãos.

– Adoro quando você me chama de “mamãe”.

Eu sorri. Mas estava ficando nervosa. Mordi o lábio e não consegui impedir meu pé de balançar.

– Senhorita Torvous.

Ela enrijeceu o corpo ligeiramente e inclinou a cabeça para o lado.

– Querida, você não precisa...

– Quem eu sou? Quero dizer, eu a faço se lembrar de quem?

Era isso. Eu tinha que descobrir a verdade. Mas isso iria me destruir.

– Corrine, querida...

– Meu nome é Echo. Echo Stone.

Ela não olhava para mim. Em vez disso, seu olhar vagava pelo quarto. Ela esfregou a parte de trás do pescoço e cerrou os dentes.

– Eu não sou Corrine, senhorita Torvous.

Tive a impressão de que ela poderia explodir outra vez a qualquer momento. Quem sabia do que ela era capaz? Mas eu já tinha ido longe demais e não poderia voltar atrás agora.

– Você pode fazer picadinho de todo mundo aqui, mas isso nunca vai trazer sua filha de volta. Por favor... Pode me dizer?

Dei a minha última cartada e pousei a mão com suavidade sobre a dela. Ela olhou para baixo. Era a hora do xeque-mate. Ela iria me destruir ou revelar seu segredo obscuro? Estava tudo tão silencioso que achei que podia ouvir meu próprio coração batendo.

Ela ergueu o olhar lentamente até o meu. Seus olhos, cheios de lágrimas. Apontou um dedo longo e delgado para a escrivaninha.

– Na gaveta de cima. Embaixo da roupa.

Eu não podia imaginar o que havia na gaveta, mas sabia que, o que quer que fosse, mudaria tudo.



TRÁGICO

EU ME LEVANTEI E ABRI A GAVETA. Sob uma pilha de roupas de menina havia um jornal. Um artigo de duas páginas, com a manchete “Fatalidade trágica”.

Olhei para a senhorita Torvovs. Ela estava tão silenciosa quanto uma pedra. Seus lábios mal se moveram quando ela disse:

– Vá em frente, leia.

Apertou os olhos com força, como se esperasse ser golpeada. Depois falou novamente.

– Em voz alta.

Fiz o que ela pediu.

– Pouco depois da meia-noite, no dia 19 de julho, os paramédicos atenderam a uma chamada no número 4581 da Moorland Street, onde encontraram o corpo de uma jovem, aparentemente a filha da senhora Emily Torvovs, 34, que estava fora de si no local.

“A menina foi levada às pressas para o Hospital St John’s, onde os médicos não conseguiram revivê-la. A causa da morte foi trauma severo na cabeça e no pescoço. Um dos membros da equipe médica afirmou que os ferimentos eram consistentes com os de um atropelamento. A senhora Torvovs foi admitida na Clínica Psiquiátrica Bonner Hills para avaliação.”

Olhei para ela. A senhorita Torvovs balançava a cabeça e soltava um longo gemido. Sua voz tremia.

– Eu não consegui viver depois disso. Fenobarbital. Dez gramas. Foi o suficiente.

Então, tinha sido isso. Ela atropelou a própria filha, então tirou a própria vida.

– Foi um acidente – eu disse. Não sabia se era verdade, mas senti que tinha que aliviar a dor dela.

– Eu estava bêbada.

Não havia muito o que dizer depois disso. Ela cometeu o pior erro que poderia imaginar: ficar embriagada e atropelar a própria filha. Não admira que tenha se matado. Eu não a culpava e já era tarde demais para julgá-la. Fui até ela e a abracei.

– Lamento muito.

Ela me deixou abraçá-la por um momento.

– Você vai me deixar chamá-la de Corrine? E abraçá-la?

– Sim. Claro.

– Doce Corrine – disse ela. Então me abraçou e chorou. Ela precisava disso. E eu também sentia tanta falta da minha própria mãe que talvez também precisasse. Comecei a chorar com ela e, depois de alguns instantes, estávamos derramando todas as lágrimas que guardávamos no peito.

Ela queria me abraçar e, verdade seja dita, eu não me importava que ela me abraçasse. Então ficamos assim, mãe e filha substituta, por um longo, longo tempo, até que por fim adormecemos.

Então ouvimos uma batida na porta da frente. Era de manhã.

Cole e Darby chamaram.

– Senhorita Torvovs?

Ela estava começando a sair do ar novamente, voltando para o transe delirante que mitigava sua culpa.

– Deixe-me em paz. Estou com minha filha!

A batida na porta continuou. Fui até a janela. A intrometida da senhora Reiner estava na varanda da frente com dois policiais, um baixinho e outro de grande estatura.

– Estou lhe dizendo, há algo acontecendo neste lugar! Ouvi tudo durante a noite!

– Não podemos entrar sem um mandado, senhora – disse o policial baixinho.

– Mas e se ela estiver morta? E se alguns adolescentes ou membros de gangues tiverem invadido a casa e a matado?

Os policiais trocaram um olhar cansado.

– Não vou deixar isso pra lá – disse a mulher. – Tenho um sexto sentido para essas coisas. Sei muito bem que existe algo de *anormal* nesta casa!

Ela tinha razão, cara! Sempre tinha. Os policiais se afastaram da mulher e foram conferir. Parecia que estávamos encrocados. Principalmente quando o policial altão foi até a radiopatrulha, abriu o porta-malas e tirou de lá um aríete. O baixinho levantou a mão.

– Causa provável?

– A senhora diz que ouviu sons de violência. Isso é o suficiente para mim – disse o Altão.

Eles estavam prestes a arrombar a porta da frente. E se encontrassem a senhorita Torvous naquelas condições...

Eu tinha que agir sem demora. Fui até ela e segurei seu rosto nas mãos. Eu não poderia ser Echo se quisesse driblar sua mente lógica e tocar seu coração.

– Mamãe?

Os olhos dela brilharam ao me fitar.

– Mamãe, ouça.

Eu a segurei pelos ombros e a sacudi gentilmente.

– Eu te perdoo. Não foi culpa sua.

– Corrine?

Eu tinha conseguido.

– Não sou Corrine, nem sua filha. Mas acredite em mim quando lhe digo que estou falando por ela. Ela está falando através de mim. E ela perdoa você.

A senhorita Torvous fechou os olhos e respirou fundo. Solto mais um soluço, o peito apertado, depois se recompôs, esfregando os olhos. Ela finalmente ouviu o golpe alto na porta da frente.

– O que está acontecendo? Cole? – ela chamou.

Ela se levantou, as costas empertigadas.

– É a polícia – respondeu ele. -- Acho que estão tentando arrombar a porta da frente. Pensam que a senhorita está morta ou algo assim.

– Bem, não estão totalmente errados – disse ela.

Um sorriso se formou em seus lábios e desapareceu num segundo. Ela estava de volta ao seu velho eu.

Marchou até a porta da frente e a abriu. A senhora Reiner deu um passo trôpego para trás e piscou, a boca se abrindo.

– Olá, senhora Reiner – disse a senhorita Torvovs, fria como sempre. – Algo de errado na minha propriedade?

– Hmm... não. A senhorita está bem?

– Claro. Nunca estive melhor. Como posso ajudá-los, senhores?

Ela sorriu para os policiais. Que poder maravilhoso ela tinha de simular uma fachada, de modo que os vivos não vissem nada além de uma pessoa normal, embora um fantasma espreitasse por trás dela. Os policiais trocaram um olhar, então fizeram cara feia para a senhora Reiner.

– É apenas uma verificação de rotina. Nada com que se preocupar.

A senhora Reiner não parecia satisfeita.

– Mas... ela... o barulho – balbuciou.

– Como eu disse, apenas uma verificação de rotina – afirmou o policial num tom mais alto.

– Tenha um bom dia – disse o outro.

– Pretendo ter – disse a senhorita Torvovs. – Pode avisar seu marido que a cerca-viva dos fundos precisa de uma poda, senhora Reiner?

A mulher ainda estava assentindo, quando a senhorita Torvovs bateu a porta.

A diretora virou-se para nós.

– Vamos colocar este lugar em ordem – disse ela.

Todo mundo tratou de obedecer. Torvovs estava de volta. Trabalhamos horas a fio para fazer as coisas voltarem ao normal, varrendo e limpando, e o jantar daquela noite foi agradavelmente silencioso, com apenas algumas crianças fazendo algazarra. Cole foi até o meu quarto e ficamos conversando na porta. Lucy, em sua encarnação de gato, dormia na cama, com a cauda balançando.

– Você foi fantástica hoje – disse Cole.

– Fiz apenas o que precisava ser feito.

– Não fique brava, mas... ver você assim, agindo com tanta calma e inteligência sob pressão, faz com que eu... – a voz dele enfraqueceu e ele corou.

– Isso faz com que você o quê?

– Só queira você ainda mais. Não pensei que fosse possível.

Eu sentia o mesmo por ele, quis lhe dizer, mas tive que me segurar. Tinha assuntos urgentes para tratar e medo de que, se desse vazão aos meus sentimentos por Cole, pudesse cair num abismo e mergulhar numa paixão que me consumiria para sempre. Então, em vez de lhe dizer o que eu sentia, olhei para algum ponto imaginário atrás dele e contei uma mentira.

– Não sei se isso é bom.

Minhas palavras o abalaram. Cole tentou disfarçar, mas não conseguiu. Eu tinha certeza de que o magoara.

– Não entendo, mas respeito você, Echo. Vou fazer o que você quer que eu faça, mesmo que isso signifique me afastar.

Parecia que meu coração estava sendo esmagado.

– Acho que essa é a melhor coisa a fazer – menti novamente. *O que há de errado com você, Echo?*, disse uma voz. *Você está tentando fazer a coisa certa!*, disse outra.

Cole assentiu devagar, depois se virou e disparou pelo corredor, os ombros caídos. Eu queria gritar para ele: *Volte aqui, estou me apaixonando por você!* Mas apenas observei enquanto ele se afastava. Não tinha certeza se eu era a garota mais corajosa do mundo ou uma grande covarde. Em segundos, Cole virou no final do corredor e desapareceu.

Aquela noite, quis dormir pensando em Andy, mas, depois de adormecer, sonhei com Cole.

De manhã, procurei-o, mas ele não estava em lugar nenhum.



Investigação

EU DISSE A MIM MESMA que estava indo à casa de Andy investigar o pai dele, Hank, mas uma voz irritante afirmava que isso era só uma desculpa.

Tudo o que você quer é ver Andy, ficar fisicamente perto dele. Você ainda tem esperança, sua idiota.

Era verdade que eu queria estar perto de Andy. Adorava o aroma que vinha dele, a sua risada e o modo como me tocava, como se realmente se importasse comigo. Claro que tudo isso era passado agora, então eu sabia muito bem por que estava fazendo aquilo. Talvez estivesse sentindo tanto remorso pela minha atitude com Cole que temesse perdê-lo para sempre também. Dizia a mim mesma que não podia “amar” Cole porque ainda nem o conhecia direito. Minha irritante voz interior dizia que aquilo era besteira também. *Não seja burra! Você já ama Cole do fundo do seu coração.*

Era verdade. Eu estava numa encruzilhada. Nem viva e nem morta. Apaixonada ao mesmo tempo por um garoto vivo e por um garoto fantasma. Ambos me deixavam fora do eixo. Se eu não tomasse logo uma providência para corrigir aquilo, meu coração acabaria se partindo em dois.

Era início de uma manhã de domingo. Andy estava dormindo em sua cama.

Pairei sobre o seu corpo por um longo tempo, meu rosto a centímetros do dele. Adorava sentir sua respiração quente sobre mim. Queria tanto beijá-lo, mas talvez ele pudesse me sentir, e eu não queria acordá-lo ou assustá-lo, então apenas... flutuei acima dele. Andy se agitou na cama e afastou as cobertas. Não estava usando camisa e eu senti o ar faltar quando vislumbrei seu abdômen malhado. Queria me deitar na cama com ele, pressionar meu corpo contra o dele. Mas eu não tinha um corpo físico, então Andy não sentiria nada, exceto talvez uma leve brisa. Eu estava começando a me sentir uma pervertida observando-o daquele jeito.

– Sinto sua falta, amor. Sempre sinto sua falta – eu disse. Então acrescentei o que achava necessário para me convencer de que estava fazendo a coisa certa e não algo completamente insano.

– Quero que você seja feliz, mesmo que seja com... Dani.

Quase engasguei quando disse o nome dela, mas tinha que dizer, porque em algum momento eu realmente teria de começar a acreditar nisso. Eu não acreditara até então, nem por um segundo, mas tinha que continuar me esforçando. Adorava Andy com todo o meu ser e amar alguém significa que você se importa mais com essa pessoa do que consigo mesmo. Pelo menos isso é o que minha avó Tilly costumava dizer. Eu evidentemente tinha muito que aprender. Para começar, precisava parar de reverenciar meu ex-namorado (Deus, como eu odiava essa palavra!) e encontrar o cretino que tinha me assassinado. Será que era Hank? Eu faria tudo que estivesse ao meu alcance para descobrir.

Ouvi barulhos no andar de baixo, então desci as escadas. Hank estava na cozinha, lavando os pratos do café da manhã. Mesmo quando estava sozinho ele parecia cruel, por isso eu não gostava de chegar muito perto dele. Estava vestindo uma calça folgada e uma camisa branca de mangas curtas que o fazia parecer um nerd. Depois de lavar a louça, ele foi para o corredor, onde colocou uma gravata. Então foi para a sala e tirou uma Bíblia da gaveta de uma mesa antiga.

Avaliou seu reflexo no espelho, alisou o cabelo para trás e saiu pela porta da frente. Eu o segui.

A Igreja de Santo Agostinho era a mais antiga de Kirkland, ostentando uma torre de pedra cinzenta e esculpida, que abrigava um sino e era encimada por uma cruz branca. Entrei na igreja e deslizei até um banco na parte de trás da nave. A missa, iniciada de manhã bem cedo, não tinha atraído muitos paroquianos. O padre era um homem de aparência jovem e em forma, de cabeça raspada, com um cavanhaque estiloso. Era um tipo risonho, alegre, com uma voz vigorosa, e depois de dar a Comunhão, manteve-se ocupado no altar. Após um breve hino, as pessoas começaram a sair. Hank ficou observando os fiéis, depois

fixou os olhos no padre e foi abrindo caminho entre as pessoas até chegar ao confessionário.

Olhei para a imagem de Jesus e me perguntei se ele iria me perdoar por ouvir uma confissão. Imaginei que, com tudo o que tinha acontecido comigo, o cara lá em cima me daria uma folga.

O confessionário era escuro e frio. Uma grade separava o padre de Hank.

– Perdoe-me, padre, porque pequei.

– Somente o Senhor pode perdoá-lo. Só posso ajudar a aliviar seu fardo. Diga, o que está acontecendo?

– Tenho maltratado meu filho. Ele está... perturbado... triste por causa daquela garota. Estava apaixonado por ela. Tão apaixonado...

Hank enxugou uma lágrima. Fiquei chocada. Na minha cabeça, o brutamontes nunca chorava.

– Entendo – disse o padre.

– Não acho que o senhor entenda. Ela está morta. Foi assassinada. O senhor provavelmente ouviu falar sobre ela. Echo. Echo Stone?

– Sim. O sofrimento do seu filho é normal, um processo necessário.

– Eu sei, e peguei pesado com ele por causa disso, pesado mesmo. Veja bem, ela era uma garota incrível, não havia outra igual.

Fiquei surpresa. Hank me achava uma garota incrível? Então por que diabos ele...

– Eu a vi crescer. Era uma garotinha desajeitada.

Eu não era, não.

– E então desabrochou como uma flor, a mais linda que já vi. Eu já a amava muito antes de Andy reparar nela.

O meu choque aumentava exponencialmente a cada palavra de Hank. O velho pervertido estava de olho em mim! Que horror!

Uma lembrança envolvendo Hank me ocorreu. Eu devia ter uns 13 anos. Ele estava consertando o telhado da casa dele e eu estava no meu quarto, dançando,

fazendo minha melhor imitação de Katy Perry, com uma blusa amarrada abaixo dos seios, uma saia rodada e meias, cantando “I Kissed a Girl” até cansar.

A princípio, não o vi olhando para mim, mas quando me dei conta – de rabo de olho –, não parei. Eu devia ter fechado as cortinas e interrompido o showzinho idiota, mas não fiz isso. Joguei o cabelo para o lado e dancei como uma louca. Toda vez que olhava para Hank, ele desviava o olhar, fingindo que não estava me vendo. Mas eu sabia que estava. E, no entanto... continuei dançando. A garotinha bem-comportada tentando bancar a exibida. Que idiotice. Não que ele não me assustasse; só não consegui parar de dançar. Porque eu tinha a ilusão de que, agradando Hank, da forma que fosse, também conseguiria agradar Andy. Essa lembrança colocava outra mácula na imagem de menina pura que eu tinha de mim mesma. Hank continuou a se confessar.

– Eu nem mesmo fui sincero com Andy. Não poderia confessar a ele o quanto eu mesmo pensava nela. Quando a mãe de Andy morreu, ficou um vazio no meu coração. Por algum motivo idiota, eu achava que a garota poderia preencher esse vazio.

– Então você a desejava.

– Eu... só queria pegá-la no colo. Esse era o único desejo que eu tinha. Sabia que era errado e lutava contra isso. Nunca encostei um dedo nela. Nem uma vez. Mas vivia pensando nisso e sentia que, se contasse ao meu filho...

– Há coisas que é melhor confessar apenas ao Senhor. Nem tudo deve ser dito a todo mundo, principalmente se causará mal – disse o padre.

– E o senhor acha que eu causaria mal a Andy se contasse a ele?

– Não saberia dizer. Só Deus sabe. Peça que Ele o oriente. Você vai descobrir.

– Obrigado, padre. Eu me sinto tão mal por isso... tão cheio de culpa... Veja, na noite em que Echo foi morta, ela iria se encontrar com Andy, mas eu estava meio bêbado e irritado naquele dia, e o obriguei a ir à biblioteca fazer o dever de casa. Talvez se eu tivesse deixado que eles se encontrassem, ela ainda estivesse viva. Eu me odeio por isso.

Portanto Hank não era meu assassino. Eu tinha interpretado mal a raiva dele.

Ele não me odiava, só odiava a si mesmo. O padre falou com Hank num tom cheio de compaixão.

– A primeira coisa que você deve fazer é perdoar a si mesmo, pois Deus já lhe perdoou.

– Não sei consigo, padre. Só vou conseguir se encontrar o filho da mãe que a matou e o fizer pagar pelo que fez.

– A vingança não é o caminho para a salvação.

– Vamos ter que discordar nesse ponto, padre. Agradeço as suas palavras, vou rezar algumas ave-marias.

Esperei do lado de fora do confessionário. Hank saiu, olhando para os lados, como um criminoso. Eu tinha sentimentos conflitantes em relação a ele. Sentia nojo e ao mesmo tempo pena dele. Ele tinha amado e perdido a esposa. E amava Andy. Eu me sentia em parte aliviada. Ele não era o meu assassino. Era hora de passar para o suspeito número 4. Só havia um problema. Eu não tinha um suspeito número 4... Precisava fazer uma retrospectiva. Quem, no meu funeral, seria tão cruel a ponto de querer me matar? Quem poderia ter feito isso comigo? Não fazia ideia. Talvez eu tivesse que mudar meu jeito de pensar. Talvez tivesse que começar a perguntar: *o que será que eu tinha feito?*



PARTE

SEGUI HANK DE VOLTA ATÉ A CASA DELE. Disse a mim mesma, mais uma vez, que eu estava só investigando meu possível assassino, mas a verdade era bem diferente. Eu queria era estar com Andy. Esperei no bosque atrás da casa, sentada num galho alto, ouvindo os pássaros e sentindo o sol no meu corpo. Os raios do sol eram diferentes de quando eu estava viva, mas ainda podia senti-los. Talvez isso não fosse real, como a dor que se sente num membro amputado. Eu não me importava. Era bom imaginar.

Senti um movimento mais acima, à minha esquerda, e por um instante pensei que fosse um pássaro. Mas era muito grande para ser um pássaro. E não havia sombra. Os fantasmas não têm sombra. Virei o corpo e lá estava Cole, a menos de dez metros de distância.

– Tudo bem? – perguntou. Casual. Tranquilo. Agindo como se a última noite nunca tivesse existido. Será que eu realmente tinha dado o fora nele? Ou será que não passara de um sonho? Eu tinha esperança de que não tivesse acontecido, mas sabia qual era a verdade.

Tentei não sorrir. Estava muito feliz em vê-lo, mas não queria que ele soubesse. Ainda achava que era melhor desistir dele.

– O que veio fazer aqui? – perguntei.

– Há certas coisas que não podemos fazer sozinhos. Quero ajudar.

Assenti. *Ok. Ele está aqui para ajudar, só isso. Nada mais.* Não era como se estivesse declarando seu amor por mim sobre as copas das árvores. Era só solidariedade. Claro.

– Não foi o pai dele. Eu o ouvi confessar na igreja.

– Uau! Ouvindo uma confissão... Bela estratégia.

– Sei que é uma atitude desprezível, mas eu simplesmente...

Cole voou de repente e pousou junto a mim.

– Não foi uma atitude desprezível. Não existem regras. Fazemos o que tem de ser feito e ponto.

– E depois?

– Depois nos encontramos com os Posteriores.

Assenti com a cabeça de novo. Eu sabia sobre tudo isso.

– Mal posso esperar.

A porta da frente se abriu e Andy saiu. Ele parecia bem, como se não sentisse mais tanta tristeza. Eu tinha sentimentos contraditórios com relação a isso. Tinha se esquecido de mim tão cedo? Meu coração se contraiu um pouco. Ele entrou no jipe e arrancou. Olhei para Cole. Eu sabia que ele via a dor nos meus olhos.

– Echo?

– Sim?

– Quer que eu vá com você?

– O que mais você vai fazer? Pendurar-se nas árvores, talvez construir um ninho? – Ele sorriu como se tivesse acabado de ganhar a loteria. Balancei a cabeça e fiz a minha melhor expressão de felicidade.

– Vamos lá.

Fomos atrás do jipe.

Andy atravessou a cidade com um rock pesado tocando no rádio. O que era estranho, porque ele só costumava ouvir esse som quando estava levantando pesos ou praticando artes marciais, algo que ele adorava. Uma vez lhe perguntei sobre isso e ele afirmou que a música lhe dava a dose certa de loucura.

Andy estacionou na entrada de carros da casa de Dani. Ela abriu a porta em dois segundos e saltou para dentro do jipe, sentando-se no banco do passageiro. Eu tentei manter a calma, mas ela tornou tudo mais difícil quando deu um beijo na bochecha dele e um abraço. Depois pousou a mão no joelho do meu namorado, enquanto o jipe arrancava. Eles pegaram a Chalmers Road, que ia direto para o colégio. Perguntei-me o que estaria acontecendo. Por que estavam indo ao colégio num domingo? Perdi um pouco a linha de raciocínio quando

percebi a mão dela subindo um pouco mais, até a coxa dele. Imaginei como seria se eu batesse na cabeça dela com vários objetos diferentes. Ouvi alguém rosnando. Era eu. Cole franziu os lábios.

– Segura a onda, Echo. Relaxa.

Bufei. Tudo bem, droga. Para onde será que Andy a estaria levando? Quando entraram no estacionamento do colégio, pensei comigo mesma: *Isso não faz sentido*. Andy parou o jipe ao lado do prédio principal e verificou os arredores. Não havia ninguém à vista. Exceto nós, dois fantasmas.

Ele estacionou o jipe, manteve o motor ligado e saiu. Depois empurrou Dani para o banco do motorista.

– Prepare-se para arrancar quando eu mandar – disse ele.

– O que vamos fazer? – perguntou ela.

– Você prometeu me ajudar. Se não quiser, posso levar você de volta para casa.

– Não, tudo bem; vou te ajudar – disse ela. No mínimo, não queria irritá-lo.

Andy pegou um pé de cabra e um alicate grande da traseira do jipe e andou até uma porta lateral. Cortou o cadeado em dois segundos e entrou. Eu o segui, com Cole logo atrás de mim.

– O que ele está fazendo? – perguntou Cole.

– Como vou saber?

– Bom, pra começar, ele é o seu ex-namorado.

Aquela palavra novamente. Ex-namorado. Não que eu gostasse de admitir. Eu ainda queria que ele fosse meu *namorado*. Droga!

Os corredores do colégio estavam às escuras. Andy foi diretamente para a sala de aula de fotografia do senhor Hemming. Então me ocorreu. A nota adesiva sobre o quadro de cortiça de Andy não era sobre a aula *dele* do quarto período, era sobre a minha. *Eu* tinha aula de Fotografia no quarto período. Com Hemming. A porta da sala de aula estava trancada, mas a metade superior da porta era de vidro. Andy usou o pé de cabra para arrombá-la.

– O que está fazendo, Andy? – eu disse em voz alta.

Por que ele estava invadindo a sala de aula do senhor Hemming? Observei enquanto ele atravessava a sala e ia até a mesa do professor. Pegou o cofre de porquinho de louça que ele mantinha ali e colocou no bolso. Para isso ele tinha invadido a sala? Para pegar um cofrinho? Mais uma vez, nada daquilo fazia sentido. Mas, pensando bem, meu assassinato também não. Ouvi passos e voei para o corredor. Mack, o velho segurança da escola, vinha mancando na nossa direção.

Voltei até Andy, que ainda estava vasculhando a mesa. Não havia nada de valor ali. Ele tentou abrir as gavetas da mesa. Trancadas. Tirou o pé de cabra da parte de trás do seu jeans. Num movimento rápido e violento, abriu uma gaveta. Mais passos. Mack estava se aproximando.

– Você tem que sair daqui! – gritei.

Eu não queria que ele fosse pego. Seria suspenso, ou coisa pior – preso. Andy tirou um laptop da gaveta e correu para fora da sala, passando por nós justo quando Mack grasnou um patético “Pare aí!”.

Andy correu para fora do colégio, as pernas movendo-se o mais rápido possível, a jaqueta tremulando a vento.

O cofrinho de louça caiu do seu bolso e se espatifou no chão. Andy parou e avaliou as moedas que estavam ali dentro. Perguntei se ele estaria enlouquecendo.

Ele enfiou as moedas no bolso e saltou para dentro do jipe. Dani afundou o pé no acelerador e eles se foram, Mack praguejando na entrada do prédio. Ele pegou o celular no bolso e digitou um número, mas eu tinha certeza de que não tinha memorizado a placa do jipe. Andy tinha escapado. Por pouco.



IVTDCIADUO

SEGUIMOS O JIPE até a avenida Vista View Park, onde Andy abriu o computador e verificou os arquivos. Eu não tinha ideia do que ele estava procurando, mas, pela expressão em seu rosto, obviamente não estava encontrando. Ele continuou vasculhando tudo até que, por fim, fechou a tampa do laptop.

– Filho da puta!

– O que foi, gato? – perguntou Dani.

Ah, então agora ela chamava Andy de “gato”? Cerrei os dentes. Ele deu partida no jipe.

– Agora, para onde vamos? – ela perguntou.

– Para a boca do lobo – disse ele.

Dani fez uma cara tão intrigada quanto eu, enquanto Andy arrancava com o jipe.

– Alguma ideia do que está acontecendo aqui? – perguntou Cole.

– Nenhuma – eu disse. – Mas vamos segui-los.

Subimos no jipe, enquanto eles cruzavam a cidade em alta velocidade, para o sul da avenida Lake Washington Boulevard. Andy virou à esquerda, entrou numa rua lateral, sem saída, e parou o carro com um guincho dos pneus, em frente a um sobrado de tijolinhos em estilo Tudor. Era a casa do senhor Hemming. Mais uma vez os pensamentos sobre o meu professor de fotografia me fizeram sorrir interiormente. As coisas estavam aos poucos voltando à minha memória. Lembrei-me da ocasião em que fui àquela casa e do quanto estava nervosa. Eu devia estar ali para entregar um trabalho ou algo assim, porque raramente ficava nervosa perto dos meus professores. Eu era uma boa aluna, não costumava colar nem nada. Nunca tinha nada a esconder.

Andy deixou Dani esperando no jipe, enquanto foi até o quintal da casa adjacente ao sobrado do professor. Um cachorro latiu, mas atrás de uma cerca,

rua abaixo, e não representava nenhuma ameaça para Andy, o que quer que ele planejasse fazer, o que a esta altura eu supunha que fosse investigar ou até mesmo confrontar o senhor Hemming. Perguntei-me o que Andy pensava que Hemming poderia saber sobre o meu assassinato. Não era possível que fosse um suspeito. Ele era um cara que sorria *o tempo todo*. Se você pesquisasse a palavra “amigável” no Google, a imagem dele provavelmente surgiria.

Imagens pipocaram no meu cérebro, cada uma causando uma onda de dor. De repente, eu não estava sorrindo, estava com medo. Tentei cavar mais fundo, mas as memórias se dispersaram assim que Andy entrou na casa de Hemming pela porta dos fundos.

Corri para a casa e olhei para os lados freneticamente. Atravessei o corredor, passei por um conjunto de fotos de família emolduradas. Hemming com o braço em volta de uma garota, provavelmente sua filha. Numa foto, a filha está sorrindo diante de um bolo com a inscrição “Feliz aniversário, Marie!”.

Encontrei Hemming no escritório, diante do computador. Ele provavelmente tinha ouvido algo porque levantou-se e olhou em volta. Por alguns segundos, ficou olhando para mim. Falei o nome dele.

– Senhor Hemming?

Eu não sei por que continuava falando com os vivos mesmo sabendo muito bem que eles não podiam me ouvir. Hemming desviou o olhar e pareceu nervoso. Ele não me ouviu nem viu, mas *talvez* tivesse me sentido. Eu estava aprendendo com a gangue que aquilo era comum. Os vivos normalmente não conseguiam ver nem ouvir os espíritos, mas às vezes podiam sentir sua presença. Pensei em assustar Hemming e entrar nele, mas depois me lembrei de que Andy estava vindo.

Perambulei pela casa toda até ver meu ex-namorado. Ele estava andando na ponta dos pés, dando cada passo com muito cuidado. Ele e Hemming estavam prestes a se encontrar. Voltei até onde meu professor estava. O homem estava alerta. Olhou no corredor e viu Andy. Em vez de confrontá-lo, voltou e entrou em outro cômodo, provavelmente para chamar a polícia. Andy ficaria em maus

lençóis. Mas Hemming não pegou o telefone. Estava pegando um machado encostado ao lado da lareira. Se eu não fizesse alguma coisa, ele iria rachar a cabeça do meu namorado ao meio, como um melão.

Minha mente dava voltas, num turbilhão. Eu me obriguei a me concentrar. Corri para fora.

– O que está fazendo? – perguntou Cole.

– Não temos tempo – eu disse.

Cheguei ao jipe em segundos e passei com tudo por Dani, eriçando os pelos dela. Abri e fechei o porta-luvas, batendo-o duas vezes com força.

– Mas que diabos é isso? – ela gritou.

Ótimo. Ela já estava bem assustada. Entrei nela. Sua mente estava confusa por causa do medo, mas ela não estava cheia de imagens terríveis ou nada do tipo, apenas pensamentos de preocupação. Respirei fundo e gritei como uma guerreira, então saí do corpo de Dani e corri de volta para dentro da casa, enquanto ela continuava gritando.

Andy estava prestes a entrar no escritório de Hemming quando ouviu o grito de Dani, o que foi o suficiente para assustar todo mundo, porque foi um berro considerável e parecia que tinha vindo de alguém que acabara de cair num poço de lava. Hemming estava atrás da porta, empunhando o machado, pronto para golpear quem aparecesse.

Andy correu para fora da casa. Hemming baixou o machado. Meu truque tinha funcionado. Hemming foi para a sala de estar e olhou pela janela.

Andy entrou no jipe e sacudiu Dani para fazê-la parar de gritar.

– Jesus, Dani, o que foi? O que está fazendo?

Dani parou de gritar abruptamente e balançou a cabeça devagar. Ela estava claramente atordoada.

– Eu... achei que algo ruim estava acontecendo com você. Eu tive esse pensamento... Não sei de onde veio... Simplesmente apareceu na minha cabeça... Fiquei tão apavorada!

O corpo dela tremia. Ela abraçou Andy.

– Podemos ir embora daqui? Por favor?

Andy olhou para a casa e viu Hemming na janela da sala.

– Você não perde por esperar, seu cretino! – murmurou.

Andy afundou o pé no acelerador. Os pneus do jipe fritaram no asfalto.

Era a segunda vez que eu salvava Andy. Perguntei-me do que eu teria de salvá-lo da próxima vez. Cole e eu fomos atrás dele, que voltou a pegar a Vista View Park e estacionou no acostamento. Então saiu do carro, para contemplar o lago Washington.

Não demorou muito para que Dani se juntasse a ele e passasse o braço em volta da sua cintura.

– Agora você vai me contar o que está acontecendo?

Ele parecia relutante em falar, mas finalmente extravasou o que estava sentindo.

– Tinha algo acontecendo entre Hemming e Echo.

Os olhos de Dani se arregalaram.

– Você quer dizer...?

– Não sei o que era, só sei que havia alguma coisa. A maneira como eles se olhavam ou algo assim.

Dani abriu a boca para falar, mas pensou melhor. Ela estava pensando. E eu também. Será que havia mesmo algo acontecendo entre mim e Hemming? Estávamos tendo um caso ou algo assim? Seria algo tão grave? Talvez estivéssemos e Andy tivesse nos flagrado. E se, num ataque de fúria provocado pelo ciúme, Andy tivesse me matado? Minha cabeça estava girando e, quanto mais eu tentava encontrar algum sentido naquilo, mais confusa eu ficava.

Dani tocou a nuca de Andy, acariciando-o para acalmá-lo. Sentaram-se na grama. Eu tive que assistir mais uma vez enquanto ela dava em cima de Andy, beijando-o no rosto.

Andy nunca teria me matado, pensei. Ninguém mata a pessoa quem ama. Mas, na minha mente lógica, eu sabia que isso não era verdade. Duas palavras não saíam da minha cabeça. *Crime passionai*.

Dani ainda estava tentando acalmar Andy. Ele não parecia querer carinho, mas acabou cedendo e beijando-a. Senti como se houvesse uma borboleta enlouquecida presa no meu coração. Mas felizmente o beijo não durou muito. Andy logo se afastou. Ele não pareceu ter gostado muito. Uma vitória para mim! Mas, assim que tive esse pensamento, me senti pequena e mesquinha.

– Algo errado? – perguntou ela. A voz de Dani era baixa e chorosa. Andy não respondeu. Ela suspirou.

– Entendi. É muito cedo. Bem, não tenho pressa, posso esperar. Você vale a pena.

Ela colocou a cabeça no ombro dele. Era óbvio que Andy não sentia nada por ela. O beijo entre eles não era como os nossos – do tipo que causava arrepios da cabeça aos pés. Eu sentia saudade daqueles beijos. Aparentemente, ele também. Isso fez com que eu sentisse meu corpo quente. *Concentre-se, Echo!*

Fiquei atormentada pensando em Hemming, a cabeça latejando. Andy tirou as moedas do bolso e as segurou na palma da mão. Uma delas não era uma moeda. Era a minha medalhinha de São Cristóvão!



Garotas

– TEM CERTEZA DE QUE É A SUA MEDALHA?

Olhei com cara feia para Cole, mas não disse nada.

– Tudo bem, acredito em você, é sua. Mas isso não prova que ele a matou.

– Bem, parece que ele é violento. Estava a ponto de degolar do meu namorado com um machado!

Foi muito sutil, mas quando eu disse “namorado”, vi uma centelha de dor nos olhos de Cole. Ele cerrou o maxilar e me afastou de Andy e Dani. Ela ainda estava aconchegada ao lado dele e fiquei satisfeita por poder me afastar, então segui Cole. Flutuamos até o telhado de uma casa próxima e nos sentamos ali.

– Ele estava na casa dele, poderia ter pensado que era um ladrão ou coisa assim.

– Por que você está defendendo o cara?

– Não estou; só estou bancando o advogado do diabo. Quero descobrir o seu assassino tanto quanto você. Só não quero fazer um julgamento precipitado. Você precisa tentar se lembrar do que aconteceu.

Nós ficamos ali sentados, só pensando. Então Cole teve uma ideia.

– Hemming lhe traz alguma lembrança?

– Sim, mas apenas de coisas positivas.

– Tem certeza?

– Acho que sim. Talvez... algumas outras coisas, mas é tudo muito vago. Eu realmente tenho dificuldade para pensar que ele foi a pessoa que me matou. Não faz sentido.

– Talvez você devesse entrar nele.

Ele estava certo. Eu deveria tentar. Andy tinha suas suspeitas e isso significava que eu também deveria ter.

– Posso tentar novamente.

Deixamos Andy e Dani e voltamos para a casa de Hemming, passando pela parede lateral.

Ele estava no escritório, trabalhando no computador. Estava excluindo arquivos do seu disco rígido. Centenas de arquivos. Talvez milhares. Estava visualizando uma lista, então não consegui ver o conteúdo dos arquivos que estava excluindo. Poderia ser qualquer coisa. Mas tive um sentimento ruim. Hemming tinha uma fina linha de suor no lábio superior. Estava nervoso.

Eu tinha que interrompê-lo para poder dar uma boa olhada.

– Entre nele se puder, agora mesmo – disse Cole.

– Não – eu disse. – A resposta está aqui. Cole, preciso que você o faça sair do escritório.

– Alguma sugestão?

– Não, apenas faça isso, por favor, e agora, ok? – Meu tom de voz foi mais agudo do que eu pretendia, mas o tempo estava se esgotando. Cole voou para fora do cômodo. Em segundos, ouvi o som de um alarme. Hemming se levantou da cadeira de um salto e saiu do escritório.

Fui direto investigar os arquivos do computador. Meus dedos apertaram as teclas em todas as combinações que eu poderia pensar, mas não cheguei a lugar nenhum. Os arquivos estavam desaparecendo num borrão. Então algo me ocorreu. Quando estávamos só nós dois, Hemming me chamava de “pequena deusa”. Digitei as palavras. Deu certo, porque a tela congelou. Uma garota nua. Então ele gostava de pornografia... Grande coisa – que homem não gosta? Eu estava achando que tudo aquilo era uma pista falsa. Então uma enxurrada de imagens começou a se abrir na tela. Minhas mãos voaram para o peito, como se para proteger meu coração do baque. Fiquei atordoada.

Havia mais fotos de meninas, todas da minha idade, algumas até mais jovens, em poses insinuantes. Cada vez mais e mais fotos apareciam na tela. Fiquei chocada quando reconheci algumas das meninas – minhas colegas de classe. Hemming era um tarado pervertido! Várias das garotas mais santinhas da escola tinham tirado a roupa e deixado Hemming fotografá-las nuas. Imagens de mim

mesma posando nua surgiram na minha mente. Vi expressões no meu rosto que eu sabia que eram sensuais, não o meu estilo habitual. Tentei me lembrar de alguma ocasião em que tinha ficado sozinha com Hemming, talvez até posado para ele. Mas não consegui que meu cérebro cooperasse.

O alarme da cozinha parou. Marquei o maior número de fotos que consegui e criei uma pasta na área de trabalho para onde as arrastei. Havia dezenas.

– COLE! – gritei.

Ele apareceu na porta do escritório num instante.

– Eu preciso de outra distração!

Ele se foi tão rápido quanto apareceu e ouvi Hemming se aproximando. Estava entrando no escritório novamente quando parou na entrada, com raiva.

– Droga!

Eu podia ouvir água correndo em algum lugar da casa. Parecia o chuveiro. Cole deve ter ligado a ducha. Isso me daria um tempo precioso. Hemming foi fechar o chuveiro.

Acabei de copiar os arquivos. Então entrei no meu endereço eletrônico e enviei a pasta para mim mesma. Era um arquivo pesado e demoraria uma eternidade para carregar.

Ouvi Hemming voltando do banheiro.

Meu instinto era correr, mas por que eu deveria? Como poderia ter medo dele? Eu já estava morta. Voei para a porta e a bati no rosto dele, literalmente, com força. Depois corri e desconectei o computador. Algo me fez parar e olhar para o lado, onde havia um disco rígido externo. Nesse instante uma lembrança surgiu rapidamente na minha memória: uma mão tirando o cabo do disco rígido. Hemming entrou correndo no cômodo. Ele estava suado e nervoso. Seus olhos dardejavam, do armário para as janelas e dali para a porta. Estava tentando descobrir o que estava acontecendo. Não tinha respostas, mas não estava em pânico. Hemming calmamente ligou o computador e congelou quando viu que ele estava logado no meu endereço eletrônico. Estremeceu, claramente assustado, depois procurou se acalmar e excluiu o e-mail e o anexo. Meu

trabalho de detetive e meu plano de delatá-lo por e-mail tinham ido por água abaixo. Ele lentamente examinou o cômodo, depois olhou para o teclado. Eu sabia o que estava pensando. Como aquilo podia ter acontecido? Hemming fechou os olhos e respirou fundo. Tinha uma expressão de medo no rosto, depois de aceitação, em seguida de determinação.

Ele entrou num site de meditação. O som de ondas do mar invadiu o ambiente. Depois Hemming se sentou no chão, ficou na posição de lótus e começou a emitir um zumbido enquanto meditava. Bizarro.

Cole entrou no escritório e ficou perto de mim, enquanto observávamos Hemming. Ele parecia o homem mais pacífico e encantador deste mundo. Cole ficou confuso.

– Não entendi. Quer dizer, você realmente acha que foi ele que...

– Ele é um pervertido que convenceu um bando de garotas a posar sem roupa para ele fotografá-las. Tem milhares de fotos no computador!

Cole arregalou os olhos, depois os estreitou enquanto assentia, sem dizer nada ainda. Mas eu podia jurar que estava formulando uma pergunta que ainda não reunira coragem para fazer em voz alta. Então apenas contei a ele. Ou comecei a contar, pelo menos.

– Hmm, Cole, acho que eu posso ter...

Não consegui terminar a frase, porque estava envergonhada demais e não tinha certeza absoluta de que realmente tinha feito o que temia. Minhas palavras lhe deram uma dica do que eu iria revelar e, a essa altura, Cole sabia exatamente do que eu estava falando. Ele perguntou num tom de voz suave.

– Você posou para ele?

– Não sei, cara! – Minhas palavras saíram ríspidas. Não era minha intenção, mas não pude evitar. – Desculpe.

– Tudo bem, errar é humano.

Eu me sentia suja e envergonhada.

– Echo, não importa o que tenha feito, você ainda é especial para mim.

Eu podia ver a verdade nos olhos dele. Não importava o que eu tinha feito

quando estava viva. Cole se importava comigo. Eu agora andava de um lado para o outro na frente de Hemming. Tinha que saber a verdade.

– Vou entrar nele e tentar ver o que aconteceu, mas veja como ele está calmo agora. Parece até um monge budista ou algo assim!

Cole e eu olhamos ao redor. Hemming tinha estantes cheias de livros não só sobre psicologia e sociologia, mas sobre meditação e espiritualidade de uma dezena de culturas diferentes. Ele gostava de estar no controle da própria mente.

Cole usou seu poder para fazer um livro cair da estante. Surpreendente. Hemming mal se mexeu. Eu me inclinei para ele, mas não consegui entrar em seu corpo. Estava sereno demais.

– Ok, fique aqui com ele um minutinho. Veja se consegue se lembrar de alguma coisa.

Fiz o que Cole pediu. Olhei para Hemming. Como antes, toda vez que eu tentava me lembrar de alguma coisa, minha cabeça começava a latejar. Tentei várias e várias vezes, mas não consegui.

– Não adianta.

Cole pegou a minha mão.

– Há outra maneira de recuperar memórias – disse ele.

Cole continuou olhando para mim, como se estivesse tentando memorizar cada centímetro do meu rosto. Eu corei.

– Você vai me dizer qual é ou preciso adivinhar?

– Venha comigo – disse ele.

Ele me levou para o quarto de Hemming e abriu o armário.

– Escolha algo que o viu usar.

Meus olhos acharam uma peça de roupa no mesmo instante. Um pulôver cor de vinho. Peguei-o do cabide.

– Vamos lá para fora – disse Cole.

– Onde?

– Algum lugar silencioso.

Com o pulôver na mão, segui Cole. Voltamos até a porta da frente e depois

corremos até sair voando. Quem estivesse olhando veria um pulôver cor de vinho voando no céu, levado pelo vento.

Encontramos um vale na floresta e Cole avistou um tufo de capim mais macio numa clareira, sentou-se e pediu que eu fizesse o mesmo, estendendo a mão.

Peguei-a e me sentei. Os raios de sol atravessavam o dossel de árvores. Senti como se estivéssemos num encontro romântico. Mas tínhamos negócios a tratar.

– Ok, agora segure o pulôver com as duas mãos. Toque-o como quiser, até mesmo com a bochecha.

Depois de ver as fotos de todas aquelas garotas, eu não queria tocar o pulôver, muito menos com a bochecha!

– Vamos – disse Cole. – Você tem que descobrir a verdade.

Toquei o pulôver, esfreguei-o, passei os dedos pelas costuras. Eu me sentia uma idiota.

– Não está funcionando.

– Não tenha pressa, nem fique se forçando a lembrar – disse ele.

– ok.

– Em que está pensando?

Eu estava pensando em como o pulôver ficava ótimo em Hemming, especialmente se estivesse usando uma camisa por baixo, em vez de uma camiseta.

– Estou pensando num milhão de coisas de uma só vez.

– Tente limpar a mente.

– Como?

– Concentre-se na respiração.

Eu já fiz isso, e muitos pensamentos e imagens que estavam disputando minha atenção aos poucos começaram a se dissipar. Eu podia sentir o pulôver mais intensamente agora, e imaginei a essência de Hemming fluindo através dele e entrando pelos meus braços, pelas minhas veias, até o meu cérebro.

Por vários minutos, nada aconteceu. Mas, depois, como um vídeo doméstico antigo, as imagens começaram a se formar.

– É... Eu estou...

– Shhhh... – disse Cole.

Inspirei o ar pelo nariz e expirei pela boca.

– E se fechar os olhos? – disse Cole. – E apenas se deixar... ser...

Eu estava tão nervosa que a última coisa que queria fazer era fechar os olhos, mas fiz o que ele sugeriu. Respirei fundo. Depois de um longo instante, comecei a sentir o cheiro de agulhas de pinheiro e de mato. Senti o ar na minha pálida pele de fantasma. Eu não estava tentando fazer nada, apenas segurava o pulôver. E então aconteceu. As imagens começaram a vir até mim em ondas. Meu couro cabeludo começou a formigar. Eu estava me lembrando.

Senti meu corpo relaxar, como se meu tronco se dobrasse para a frente. Meu queixo começou a tremer. Falei num sussurro, descrevendo tudo o que via. Vi o rosto de Hemming depois de sair do colégio, um dia. Ele estava sorrindo, tentando ser um sujeito normal, “amigável”, mas não conseguia esconder completamente seu sorriso sorrateiro. O pior era que eu me sentia tão insegura que quase estava gostando, gostando do fato de um homem poder achar meu pequeno e antigo eu atraente. As imagens continuavam surgindo, tudo entrando em foco gradualmente.

Eu estava num sofá, na casa dele. Ele segurava sua câmera.

Eu estava usando o mesmo pulôver cor de vinho. Esse foi o motivo por que o escolhi – era meu inconsciente falando comigo. A voz dele era suave como veludo, enquanto me persuadia a abrir o pulôver e, por fim, a tirá-lo completamente. Ele estava falando sobre o filme *Titanic* e o quanto Kate Winslet tinha sido corajosa ao posar nua para Jack e como *eu* estava sendo “corajosa” agora. E dizia o quanto eu era “perturbadoramente” – essa foi a palavra que ele usara – linda. Naquele momento me deixei levar e me senti tão linda quanto ele afirmava que eu era, só para acariciar meu ego.

– Não tenha vergonha, fique orgulhosa. Vergonha e arrependimento são simples construções da classe dominante. Para nos manter na linha. Você não está fazendo nada errado, Echo. Deus, você é realmente uma beldade!

Ele continuava tirando fotos e falando.

– Você pode controlar totalmente sua mente e o que pensa. Só precisa mudar o foco quando pensa em algo, se isso faz com que se sintam mal.

– Eu... Não sei como fazer isso – eu disse.

– Só é preciso um pequeno esforço mental, nada mais.

Ele me disse que eu poderia controlar a minha mente simplesmente reorientando meus pensamentos, conduzindo-os para onde eu queria. Disse-me para que eu pensasse em mim como sendo uma mulher lindíssima, posando para um grande artista. Uma Mona Lisa. Suas palavras ressoaram e eu fiz o que ele sugeria, sua voz suave era o canto de uma sereia, suas palavras me manipulando para que eu me movesse de maneiras que só imaginara em meus devaneios.

– Você não faz ideia do poder que possui com o seu belo corpo, faz?

– Não – eu disse.

Hemming me manteve presa na sua teia – eu estava indefesa – até ouvir outras vozes, meus pais, tias e tios, e o quarto começar a girar. Hemming continuou tirando fotos, o obturador como uma metralhadora, curtas rajadas de cliques. Quando parou, um silêncio pesado se instalou no cômodo. Sentimentos borbulharam dentro de mim. Eu sabia que tinha feito uma coisa errada e estava cheia de vergonha.

Hemming continuou me elogiando:

– Boa menina, boa menina – como se eu fosse uma cadela obediente.

Raiva e vergonha se acumularam dentro de mim. Me levantei de repente e comecei a vestir minhas roupas.

– O que está fazendo? – ele disse.

– Eu... Eu tenho que ir.

– Venha cá. Por favor, eu só quero tocar você, só isso.

Recuei, cheia de medo.

– A vida é o que você faz dela – disse ele. – Se você acha que ela é ruim, pode ser ruim. Se, por outro lado, você acha que cada momento, cada experiência, é um presente abençoado, então essa pode ser a sua verdade. A nossa verdade.

Ele se aproximou de mim e tocou meu ombro e parecia que ia me beijar ou algo assim. Senti vontade de vomitar. Me afastei do seu toque.

– Eu... Eu quero que você delete todas essas fotos – eu disse.

– Não vou fazer isso – disse ele. Seu tom de voz era ríspido. Mas de repente ele ficou caloroso e envolvente outra vez. – O que você está experimentando é um sentimento normal e vai passar. Você é linda; acabamos de fazer arte juntos. Ok?

Eu sabia que era inútil discutir com ele. Então assenti com a cabeça.

– Isto fica entre nós. É o nosso segredo, está bem?

Assenti com a cabeça novamente – o que mais eu podia fazer?

Saí pela porta da frente e comecei a andar rápido. Então corri. Meus pulmões estavam explodindo quando cheguei em casa e me deitei na minha cama. Tentei reprimir as lágrimas, mas chorei como um bebê por horas. Então ouvi alguém batendo na porta. Rezei para que não fosse quem eu achava que era.



A ASSASSINIO

ANDY ENTROU NO QUARTO. Perguntou por que meus olhos estavam vermelhos. Eu estava chorando? Murmurei uma desculpa esfarrapada sobre uma alergia. Mas ele desconfiou, sabia que algo tinha acontecido.

Seus olhos endureceram, mas ele não me pressionou e nunca voltamos a tocar no assunto.

Abri os olhos e olhei para Cole. Ele tinha ouvido todo o meu relato, tudo, todos os detalhes sórdidos, e eu ainda não via julgamento nos olhos dele.

As folhas farfalharam quando uma brisa fresca varreu o vale. Cole falou, a voz agradável e acolhedora.

– Você consegue continuar?

Fechei os olhos novamente e continuei segurando o pulôver com força. Eu conseguia. Falei baixinho, contando a Cole tudo o que via. Mais uma vez eu vi Hemming. Só que agora ele não estava sorrindo. Seu rosto estava contraído de raiva. As coisas tinham mudado. Eu estava no colégio, no escritório dele, em frente ao computador, digitando furiosamente. Ouvi um barulho, mas só tirei os olhos da tela quando já era tarde demais. Hemming correu na minha direção. Mas fui mais rápida. Desliguei o HD externo e corri para a porta. Ele agarrou meu ombro e eu o mordi com força. Ele gritou de dor. Então corri para fora.

Estava ofegante agora, mas a lembrança do dia e da noite fatídicos surgia em relances tão rápidos que eu mal conseguia falar. Corri para o estacionamento. Depois eu estava acelerando meu carro. Os olhos, vermelhos de tanto chorar. Tentei ligar para alguém do meu celular, mas ele estava sem bateria. Eu olhava tanto pelo espelho retrovisor que quase atropeliei uma senhora de bengala na calçada. Soltei um palavrão. Havia um carro atrás de mim. Não sabia dizer se era Hemming ou não. Afundei o pé no acelerador.

A lembrança estava deixando a minha cabeça leve, como se ela fosse se desprender do meu corpo e flutuar pelo ar. Minha respiração estava entrecortada. Só esperava não desmaiar. Cole tocou minha mão. Ele me apoiou e eu retive a lembrança e a conservei comigo.

Parei o carro em frente à minha casa. Dei uma olhada nos arredores. Andy não estava em casa. Droga! Nem meu pai ou minha mãe. O abrigo seguro com o qual eu contava não se materializara. Apertando o disco rígido nas mãos, corri para casa, bati a porta e a tranquei. Meu peito estava pesado, meu coração martelava dentro dele. Arrisquei um olhar para fora. Ninguém tinha vindo atrás de mim. Ainda. Corri para a cozinha e liguei o celular num carregador, depois fui para a janela da frente e rezei. Talvez ele tivesse desistido. Talvez soubesse que eu iria denunciá-lo e estivesse arrumando suas coisas para sair da cidade. Quase relaxei pensando que talvez ele estivesse fugindo de mim. Mas então meu coração deu um salto. O carro de Hemming deslizou como um tubarão, silenciosamente pela entrada de carros. Ele desligou o motor e os faróis.

Corri para o meu quarto. A porta não tinha chave. Meus pais sempre respeitaram a minha privacidade. Na minha cabeça, eu tinha colocado um móvel pesado em frente à porta, mas o que eu fiz de fato foi simplesmente pegar minha Magic 8 Ball, uma bola de brinquedo, que respondia perguntas como a bola de cristal das cartomantes. Como uma idiota, chacoalhei a bola e perguntei se eu iria morrer. Olhei para a resposta que a bola me deu: *As perspectivas não são boas*.

A adrenalina corria tão rápido pelas minhas veias que distorcia minha visão. Eu me sentia como se estivesse numa casa mal-assombrada. O silêncio era mortal. Então ouvi Hemming entrando pela porta dos fundos, a que nunca ficava trancada. E ouvi sua voz melosa e enjoativa.

– Echo? Venha cá, gatinha, não seja boba. Você não tem do que se envergonhar. Aquelas coisas estão todas na sua mente. Eu posso ajudar você com isso. Posso ajudá-la a se livrar desses pensamentos.

Ele era professor, isso era verdade, mas estava redondamente enganado. Meus

sentimentos não iriam mudar. Eu me sentia suja e indecente, e por culpa dele.

– Era apenas arte, gatinha. Você não tem do que se envergonhar, eu juro.

Ótimo argumento, mas eu não iria cair nessa. Eu iria colocá-lo numa fria. Se sobrevivesse.

Ouvi os passos dele na escada. Numa das mãos eu segurava o HD cheio de imagens obscenas, na outra a Magic 8 Ball com que planejava golpear seu crânio se ele viesse para cima de mim. Ele abriu a porta do quarto. Eu me empoleirei na cama e me preparei para atacá-lo.

– Você não tem o direito de roubar algo que é meu – ele disse, a voz ríspida agora, sem a calma habitual. Estava com a faca de caça de Mike Walker na mão. A lâmina tinha uns trinta centímetros.

Concluí que era hora de barganhar.

– Senhor Hemming, se... se for embora agora, não vou chamar a polícia nem denunciá-lo, se prometer procurar ajuda.

Deixei a oferta pairando no ar. Ele parecia estar refletindo sobre ela. Então soltou uma risadinha.

– Sua vadiazinha burra...

Senti um rugido subindo pela minha garganta.

– Fique longe de mim, seu filho da puta pervertido!

Ele mudou de estratégia e escondeu a raiva. Balançou a cabeça e fez uma cara triste. Pôs as mãos para trás, como um padre pronto para ouvir uma confissão. *A minha confissão!*

– Vou contar até três e é melhor você dar o fora daqui!

– E se eu não der...? – ele perguntou, caçoando de mim. – Você vai fazer o quê?

– Vou matar você!

Ele soltou uma risada. *Uma risada de verdade.* Foi o que me fez agir. Vi o choque em seus olhos quando saltei no ar e ergui a bola na mão. Imaginei-a batendo na cabeça dele, o sangue jorrando do seu crânio. Mas isso não

aconteceu. Ele era mais rápido e mais forte. Me agarrou, tirando o brinquedo de mim quando caímos ambos no chão.

– Me dê esse HD!

Eu me levantei, tremendo.

– Não!

Com a voz mais suave, ele disse:

– Não me obrigue a enfiar esta faca em você!

Ele estava calmo outra vez. Comedido. Eu queria matá-lo.

– Experimente!

Não sei por que eu disse isso. O maxilar dele enrijeceu. Ele atacaria pela direita ou pela esquerda? Deu uma estocada. Adivinhei corretamente. Ele mirou meu ombro direito e eu me abaixei, corri pela esquerda e passei por ele. Eu estava livre! *Corra, Echo! Corra o máximo que puder!* Ele me agarrou por trás no alto das escadas. Nós lutamos, eu podia sentir minhas mãos sendo cortadas, então rolamos pelas escadas juntos, chocando-nos contra a parede, derrubando as fotografias penduradas e aterrissando com um estrondo horrível, no andar de baixo, ao colidir com uma mesa. Eu sentia uma dor aguda nas costelas, como uma criança que correu demais.

Pus a mão na lateral do corpo. Apertei a lâmina da faca. Eu estava sangrando. Hemming estava com a mão no cabo da faca. Ele pareceu surpreso quando a retirou lentamente do meu corpo.

– Jesus! Echo, o que você fez? O que você *fez*? Eu não ia te machucar; só estava tentando te assustar para colocar um pouco de juízo na sua cabeça!

Com a faca na mão, ele andava de um lado para o outro como uma pantera enjaulada, mordendo os lábios e esfregando as mãos na perna da calça.

– Deus! Eu amava você e, agora, veja o que você fez!

A dor na lateral do meu corpo ardia como se houvesse um atizador em brasa cravado em mim. Eu ofegava. A vida estava se esvaindo do meu corpo. Eu não queria morrer. Minha voz estava embolada e minha boca cheia de sangue.

– Por favor... Me ajude... Chame a ambulância...

Meus olhos estavam cheios de toda súplica, paz, amor e humanidade que eu conseguia reunir. Certamente ele agiria rápido agora e ajudaria a me salvar. Ele parou de andar. *Pegue o celular! Pegue o seu celular e digite! Mas ele não fez isso.* Ele não pegou o celular. Pesou as opções e tomou uma decisão.

– Me desculpe, Echo. – Sua voz estava triste. – Nós dois sabemos que não posso fazer isso.

As palavras foram como um golpe no meu peito.

– Por favor...

– Você era a minha favorita. Mas deve saber, querida, que não posso deixar você viver. Isso já foi longe demais. Você vai arruinar a minha vida...

– Não! – quase gritei. – Eu juro...

– É tarde demais.

Ele foi vil nesse momento, odioso, violento e perverso – os segundos passavam em câmera lenta no relógio da parede – quando encostou a ponta da faca no meu coração...

– Adeus, Echo. Você sempre foi a minha favorita.

Com um movimento vigoroso, ele fincou a lâmina. A dor foi insuportável, explodindo do meu peito para cada célula do meu corpo. Agora, minha vida estava realmente se esvaindo. Eu estava em posição fetal. Tudo ficou embaçado, depois escuro.

Senti meu corpo flutuando para longe e, em alguns instantes, eu estava assistindo à cena toda de cima. Hemming se afastou devagar, confiante, enquanto subia os degraus acarpetados da escada para recuperar o disco rígido, que tinha escorregado da minha mão. Ele o pegou e o enfiou no bolso da jaqueta. Flutuei acima dele, observando-o vasculhar metodicamente toda a casa até encontrar um rolo de panos antibacterianos descartáveis, que ele usou para limpar minhas mãos, meu pescoço e o rosto, todos os lugares que ele poderia ter tocado. Limpou a maçaneta da porta dos fundos, então silenciosamente deixou a casa. Eu flutuei através da porta e o observei entrar no carro e dar partida. Ele

abriu a janela e ligou o rádio. Estava tocando “DJ Got Us Fallin’in Love”, do Usher. Bizarro.

Sem saber por que, eu o segui, era o que me restava fazer. Ele dirigia devagar, depois acelerou, pegando a saída para a rodovia e depois acelerando outra vez, abrindo todas as janelas, o vento varrendo o interior do carro, como se ele estivesse tentando limpar o pecado de si mesmo. Não funcionou. Eu estava sentada no banco de trás, tão calma quanto poderia estar.

Ele dirigiu até Fall City e pegou uma estrada madeireira, depois estacionou, saiu do carro e abriu o porta-malas. Tirou de lá uma pá e andou uns quinze metros para fora da estrada, até que o mato se tornasse alto, então cavou um buraco profundo e jogou ali a faca. Depois cobriu o buraco com terra, voltou para o carro, fechou o porta-malas e arrancou.

Abri os olhos e estava com Cole outra vez. Já não queria segurar o pulôver. Eu queria queimá-lo, em vez disso joguei-o longe. Cole foi pegá-lo.

– Estou orgulhoso de você, Echo.

– Orgulhoso de mim?

Uma vagabunda que tirou a roupa para um dos seus professores?

– Você lutou contra ele, você lutou contra ele o máximo que pôde.

– Não o suficiente. Eu não venci.

– Não, mas você vai vencer. *Garanto* que vai.

Ele voltou a segurar o pulôver.

– Acha que consegue se lembrar do lugar onde ele enterrou a faca?

– Não preciso tocar esse pulôver nojento novamente para me lembrar. Sei exatamente onde está. Meu pai costumava me levar lá quando ia pescar. Eu já passei por aquela estrada. Posso encontrar o lugar.

– Perfeito. Você foi demais, Echo.

Lutei contra as lágrimas, mas perdi. Cole me tocou com um pouco de hesitação, e eu me joguei nos braços dele, abraçando-o com força. Ele sussurrou para mim:

– Ele vai pagar pelo que fez.

– Eu sei – respondi, mas me perguntei se estaria certa. Havia muito trabalho a fazer. Felizmente, eu estava altamente motivada e tinha à minha disposição uma incrível equipe de fantasmas que eram muito bons numa coisa em particular. Assombrar os vivos.



I O U U I

DURANTE O JANTAR, na Casa do Meio, Darby, Lucy, Cameron, Dougie e Cabeça de Zíper ouviram com toda a atenção enquanto Cole contava o que tinha acontecido com Hemming, parando apenas quando Darby soltou um palavrão, xingando o professor perverso.

– Vou dar um fim nele – disse ela.

– Não antes de eu jogar minhas faíscas nele – disse Cabeça de Zíper.

– Vou congelar as bolas dele – disse Dougie.

– Todos vamos contribuir – disse Cole.

Concordamos que todos precisávamos de uma boa noite de sono antes de assumir a tarefa de assombrar Hemming no dia seguinte. Eu me revirava na cama enquanto Lucy ronronava. Não conseguia dormir, então fui até o telhado. Depois de um tempo, Cole apareceu também. A noite estava nublada e fria. Cole trouxe um cobertor e nos cobrimos. Até os fantasmas sentem frio. E solidão.

– Posso te perguntar uma coisa? – eu disse.

– Você já deveria saber que pode me perguntar qualquer coisa.

– Meryn. A garota que você amava... aquela por quem você praticamente morreu para salvar... Você ainda pensa nela?

– Às vezes.

Esperei que ele continuasse. Mas Cole ficou quieto. Eu insisti, porque tinha que saber.

– Você ainda... sente algo por ela?

– Sim, uma parte de mim sente – ele respondeu depois de um instante.

– Deve ser difícil – eu disse.

– É, exceto por uma coisa.

– O quê?

– Exceto pelo fato de que tudo o que eu fiz na minha vida, inclusive ser assassinado, me trouxe até você.

Ele fez aquilo comigo novamente. Eu podia sentir o sangue subir para o meu rosto.

– Não que isso signifique alguma coisa – disse ele. – Eu sei que você tem outra pessoa no coração e nada que eu faça pode mudar isso. Nem sei bem se quero mudar isso. Quero o que é melhor para você. O que faz você ficar em paz.

Lá estava ele, sendo um cavalheiro novamente. Uma parte de mim esperava que ele parasse de dizer e fazer a coisa certa, e parasse de uma vez por todas de fazer a coisa certa no que me dizia respeito. Mas ele tinha razão. Cole sabia quem estava no meu coração. Andy.

– Lembra de que você me contou como morreu? Eu estava me perguntando... O que aconteceu com o cara que bateu em você com o cano? O que você fez com ele?

– Nada ainda. Ele é babaca demais para eu querer matá-lo. Ainda estou refletindo sobre tudo o que aconteceu.

– Não precisa bancar o bom moço quando se trata de um filho da puta qualquer que te assassinou.

– Ele ficou olhando meu cadáver e parecia que se sentia mal por ter feito o que fez. Mas então soltou uma risada. Isso me assustou. Fiquei tão chocado e furioso que, por algum motivo, apaguei o rosto dele da memória. Não me lembro como ele é.

– Eu diria que ele não perde por esperar. Acho que você deveria me deixar ajudar a encontrá-lo.

– Talvez um dia. Primeiro temos que cuidar do seu assassino.

– Por que eu primeiro?

– Porque estou dizendo.

Quando um cara coloca o mundo dele, os sentimentos dele e os problemas dele em segundo plano para cuidar dos seus, isso mexe com você, deixa uma sensação muito boa no peito.

Mas algo me dizia que pegar Hemming não seria tão fácil quanto todos pensavam. Eu esperava que estivesse errada.

– A propósito – disse eu –, você tem algum poder?

– Hmm... sim.

Ele parecia envergonhado. Sorri para ele.

– Qual...?

Fiquei olhando para ele, à espera de que me dissesse. Cole não disse. Mas sorriu um pouco, depois olhou para o jardim, ficou olhando fixamente, seus olhos se estreitaram um pouco. Fiquei observando, meu coração começando a acelerar, quando uma única rosa se desprende do galho e flutuou até ficar na frente dos meus olhos. Ela então desabrochou, só para mim. Nossa. Senti meu coração derreter.

– Telecinese. Posso fazer as coisas se moverem – disse Cole.

– É, deu pra ver... – Minha voz era apenas um sussurro.

Naquela noite na cama, continuei pensando em Cole. Eu esperava que ele também estivesse na cama, pensando em mim. Mas meu coração ainda batia por outra pessoa... E um nome martelava na minha cabeça. Andy. Andy. Andy.

A manhã demorou muito para chegar. O tempo passa devagar quando se espera algo ansiosamente, e eu estava ansiosa para atormentar Hemming até que ele implorasse por misericórdia.

Durante meses, talvez até anos, ele havia tirado vantagem de adolescentes e conseguido se safar. Era hora de dar o troco.

Após o café da manhã, saímos para um voo. Liderei o caminho, com Cole, Darby, Dougie, Cameron, Lucy e Cabeça de Zíper atrás de mim. Sobrevoamos as copas das árvores, deslizando sem esforço. Eu conhecia os arredores de King County e não teria dificuldade para encontrar a estrada madeireira de Fall City que Hemming pegara até o local onde enterrou a faca. Precisávamos dela. Tínhamos planos para ela. Sobrevoamos o lago Sammamish e chegamos em Fall City num minuto. Eu segui pela estrada principal e procurei o desvio.

Fiquei confusa. Não era onde eu pensava. Retrocedi um pouco e olhei a estrada por outro ângulo, mas fiquei mais confusa ainda. Estava desorientada. Havia muitas estradas novas, novos edifícios, casas e empreendimentos desde que eu havia visitado o lugar quando criança. Cole viu a confusão no meu rosto.

– Algum problema?

– Não é aqui...

– As coisas mudaram, só isso – disse ele.

Ele tinha razão. Eu só precisava continuar procurando. Me lembrei de andar com Hemming, sentada no banco de trás do seu carro, um passageiro fantasma, observando as árvores passarem depressa pelas laterais do carro. Me lembrei do mato alto crescendo ao redor da carcaça de um trator velho e enferrujado.

Voamos no nível do solo, no mesmo nível que Hemming, enquanto dirigia. Verifiquei estrada após estrada, meus olhos como raios lasers, escaneando tudo, procurando... cheia de esperança... rezando. E então eu o vi. O trator.

Reconheci um bosque de pinheiros altos ao lado de um desvio.

– Aqui! – eu disse. – É bem aqui.

Encontrei o lugar, talvez porque realmente tivesse me lembrado ou apenas porque o destino assim quisesse. Desci um pouco mais, pousei os pés no chão e senti a terra embaixo deles. Caminhei na grama úmida, com meus novos amigos ao meu lado.

– Como você sabe onde a faca está? – perguntou Cabeça de Zíper.

– Eu não sei – respondi. – Mas este é o lugar certo. Posso sentir. Bem aqui. – Apontei para o meu peito.

Era verdade. Eu podia sentir um leve latejamento no coração. Quando me aproximei dos pinheiros, a dor ficou mais forte. Se eu me desviava de uma forma ou de outra, a dor aumentava ou diminuía. Eu tinha o que parecia uma vara de rãdomancia cósmica no meu corpo espectral e ela iria nos levar até a arma que me matara. Num minuto, a dor no meu peito ficou tão intensa que desabei. Cole me pegou nos braços antes que eu estatelasse no chão.

– Acho que está aqui – eu disse.

Cole me afastou do lugar enquanto os outros afundavam na terra fria. Os fantasmas não precisam escavar. Podemos passar facilmente pelo chão. A terra nos recebe de bom grado.

Foi Lucy quem encontrou a faca. Hemming a envolveu num pano e ela não estava enterrada havia tanto tempo. Cole suspendeu a faca no ar e a analisou com cuidado.

– Parece que ele a limpou. Não vejo marcas. E não há sangue, nada que a ligue a você, Echo.

A lâmina era afiada e mortal. Isso me deixou nervosa.

– Ele enfiou essa coisa em você? – perguntou Darby, agarrando a faca e sentindo seu peso.

– Deve ter doído pra burro! – disse Cabeça de Zíper.

– Ah, não diga! – disse Lucy, parecendo um pouco irritada. – Deve ter doído tanto quanto ter o crânio empalado por ferros pontiagudos, não é?

Cabeça de Zíper franziu a testa e pareceu refletir.

– Não sei, as duas coisas são muito ruins. O jeito como todos morremos é muito ruim.

Todos assentiram, numa concordância silenciosa. Reviver as muitas maneiras pelas quais tínhamos perdido a vida não era um passatempo muito divertido.

– Bem, não podemos simplesmente largar a faca no chão, chamar a polícia e esperar que encontrem algum DNA, certo? – disse Cole.

– É verdade, não acho que isso vá funcionar – disse Cameron.

– Então, o que fazemos? Vamos assombrá-lo um pouco? – sugeriu Cole.

Nós nos elevamos no céu, a lâmina da faca de caça de Walker brilhando à luz do sol.

Quando nos aproximamos do colégio, perguntei-me se Hemming estaria lá. Não tínhamos um plano concreto, então deixamos a faca fincada no alto de uma árvore e vagamos pelos corredores, olhando tudo sem interferir. Percebi que desta vez Cabeça de Zíper, Darby, Dougie e Cameron estavam sentindo uma certa melancolia ao vagar por uma escola cheia de adolescentes vivos,

respirando. O fato de que tinham arrancado a maior parte da vida escolar deles era evidente naquele ambiente e os deixava tristes. Mas eles estavam lá por mim, prontos para corrigir o erro que tinha sido cometido comigo. Eu sabia que aquilo não iria reparar o dano que tinham sofrido, mas pegar Hemming ajudaria. Por fim, nós o encontramos.

Seguimos Hemming ao longo do dia, vendo como ele usava seu sorriso meloso, enquanto conversava com as garotas. Eu me perguntei como nunca tinha reparado que ele dava muito mais atenção às meninas do que aos meninos. Agora eu sabia por quê. Ele era um predador.

Não tínhamos pressa e decidimos, de comum acordo, que assombrá-lo na escola acarretaria consequências demais para ser viável. Havia muitos alunos em quem eu adoraria dar um bom susto, mas havia outros de quem eu gostava, amigos e conhecidos que eram em sua maioria gente boa, mesmo que agissem como uns babacas para que não zoassem com a cara deles.

Para mim, o mais importante era ficar de olho em Hemming, para o caso de ele querer se safar. Eu não queria perdê-lo de vista. Depois de observá-lo por uma hora ou mais, concluí que não havia risco de ele querer fugir. Mesmo depois de tudo o que tinha acontecido, ele estava calmo e relaxado, a imagem viva da paciência e da compreensão, enquanto ensinava os fundamentos básicos da Psicologia e da Fotografia nas aulas de arte, sempre sorrindo para as meninas.

Quando, às três da tarde, o sinal tocou e os corredores da escola ficaram vazios, Hemming permaneceu em sua mesa, copiando alguns arquivos em outro disco rígido. Sentei-me com meus colegas fantasmas nas carteiras vazias, observando-o. Por hábito, sentei-me no meu antigo lugar, o único que ocupei quando estava viva. À certa altura, Hemming estremeceu como se estivesse com frio e vasculhou com os olhos a sala de aula, seu olhar por fim fixando um ponto perto de mim. Ele estava olhando a minha carteira.

– Echo...

Sua voz era suave e agradável.

– Você era a minha favorita. Minha princesa.

Eu tinha vontade de arremessar algo nele. Os outros se remexeram em seus assentos. Darby levantou-se, as veias latejando nas têmporas.

– Tenho que dizer, não gosto desse FDP. Por que não começamos a fazer esse merda se mijar de medo agora mesmo?

Era tentador. Hemming estava sozinho na sala de aula. Mas eu sabia que a melhor coisa a fazer era continuar observando e aguardando. Ele balançou a cabeça lentamente, os olhos perdidos ao longe.

– Você não deveria ter se culpado. A única má escolha que fez foi tentar acabar comigo.

Levantei-me lentamente da minha carteira. Ele não estava falando *comigo*, estava? Cheguei bem perto dele. Hemming respirou fundo. Mas não fez menção de me tocar. Estava falando com a lembrança que tinha de mim, só isso. Mas ainda assim, aquilo me assustou.

Ele olhou ao redor da sala e depois ejetou o disco rígido, colocando-o em sua pasta, e saiu na direção do carro. Hemming era inteligente e habilidoso. Mesmo assim, tive a sensação desconfortável de que estava me manipulando. Eu estava apavorada com a possibilidade de ele tentar fugir.

– Peguem a faca – pedi.



CABEÇA DE ZÍPER LEVANTOU VOO, arrancou a faca da árvore e nós seguimos Hemming até a casa dele. Enquanto ele estacionava numa rua lateral, Darby usou as duas mãos para cravar a faca letal na porta da casa dele.

– Ele vai molhar as calças – apostou Dougie.

Mas meu amigo estava errado. Quando Hemming se aproximou da porta, nem sequer arregalou os olhos. Olhou para a faca, depois se virou, fitando o céu, onde estávamos. Parecia que ele me via, talvez todos nós. Não parecia estar com medo, apenas curioso, como se fôssemos um bando de aves migratórias ou coisa assim.

– Ele está bem calmo para alguém que acabou de ver a arma com que cometeu um crime fincada na porta da frente – disse Cameron.

– Talvez sinta a nossa presença. Talvez esteja apenas tentando fingir que está calmo – disse Dougie.

– Ou talvez seja um cara anormal, que não se assusta com nada – disse Cabeça de Zíper.

– Todo mundo se assusta – disse Cole. – Nós só temos que encontrar o ponto fraco desse cara.

Hemming arrancou a faca da porta e entrou em casa. Continuamos atrás dele.

Enquanto entrávamos pelas janelas e paredes, nos infiltrando pelas rachaduras, os primeiros acordes de uma ópera encheram a casa. Era uma peça melodramática e violenta de Mozart, *Don Giovanni*. Eu a conhecia porque meu pai, por razões desconhecidas para mim quando criança, gostava de ouvir a peça quando bebia seu gim tarde da noite. Eu odiava ópera. Preferiria ouvir unhas arranhando um quadro-negro.

Passei novamente pelas poucas fotos de “família” do professor na parede, a jovem sorridente na bicicleta, lembrança da sua vida passada, e imaginei que a

esposa provavelmente o abandonara por causa das suas mentiras e trapaças.

Hemming estava em sua escrivaninha, a faca ao seu lado. Com uma mão ele a acariciava casualmente. Com a outra sobre o mouse, percorria as fotos em seu computador, os olhos atentos.

Era inquietante. Ele não só estava imperturbável apesar da aparição da faca (como se isso fosse algo que acontecesse todos os dias), como já havia recuperado todo o seu “trabalho” e admirava as imagens das garotas fotografadas, mudando sua orientação, movendo sua coleção de troféus para satisfazer algum tipo de necessidade interior de colocar as coisas em ordem. Observando-o fazer isso, meu desejo de vingança foi ficando cada vez mais forte até me deixar fervendo de raiva. Eu estava pronta para levá-lo a nocaute.

– Vamos começar logo com isso – eu disse.

– Tudo bem – disse Cole.

Cole usou seu poder para fazer a faca subir como uma flecha no ar. Então ela desceu e cravou-se na mesa, bem perto do mouse de Hemming. Ele deu um salto para trás, a respiração acelerada, e olhou ao redor do cômodo. Então assentiu, como se de alguma forma entendesse o que tinha acontecido.

– Tudo bem – disse ele. – Está tudo bem.

Arrancou a faca da mesa.

Eu me aproximei, fiquei bem em frente ao seu rosto e olhei dentro dos seus olhos. Ele piscou. Mesmo que não pudesse me ver, estávamos olhando um para o outro. Ele sabia que eu estava ali?

– Me deixe em paz, Echo.

Ele *sabia*!

– Nós dois sabemos que não posso fazer isso – eu disse, repetindo as palavras odiosas que ele dissera ao me matar.

Ele não reagiu. Não me ouviu. Tratava-se apenas de jogos mentais. Mas eu estava determinada a ganhar. Decidi que iria entrar nele. Dei alguns passos para atrás e, com um grito, investi com tudo, pronta para entrar na cabeça dele e tentar fazer algum estrago ali.

Mas nada aconteceu. Como eu poderia ter sido tão idiota? Ele não estava assustado. Voltou a se reclinar na cadeira e a devorar com os olhos as fotos dos seus troféus.

– Deus, ele é um pervertido mesmo... – disse Darby.

– Assuste-o! Preciso de alguém para assustá-lo até molhar as calças! – eu disse.

– Vou começar congelando os olhos dele! – disse Dougie.

– Aí ele não vai conseguir ver merda nenhuma, cabeça! – disse Cabeça de Zíper. – Vou acabar com a raça dele!

– Acho que devemos ir com calma, começar de leve – disse Cameron.

– Boa ideia – disse Cole. – Lucy, quer fazer as honras?

– *Purrr* que não? – brincou ela.

Lucy se encolheu ao se transformar no seu eu felino, mas permaneceu invisível. Cole usou seu poder para desligar a música. Hemming inclinou a cabeça e apurou os ouvidos. O que ele estava ouvindo era um ronronar... Então ele olhou para baixo. Lucy estava se enroscando na perna esquerda de Hemming, ainda invisível, sua cauda entrelaçando-se à perna dele enquanto ronronava. Ele se encolheu um pouco, mas depois fechou os olhos e relaxou.

– Gatinho bonitinho – falou.

Deus do céu! Eu não tinha ideia do que fazer diante disso. O “gatinho” com quem ele estava falando era invisível! Lucy mudou de tática e começou a miar, saltando na mesa. Ela ficou visível, sibilou diante do rosto dele e lhe deu uma unhada. Ele afastou a cabeça para trás, mas, novamente, não se deixou abalar pela aparição repentina de um gato que se materializara do nada.

– Me deixe pegar um pouco de leite pra você...

Hemming levantou-se da mesa. Nós o seguimos quando ele foi para a cozinha e abriu a geladeira. Quando fez isso, Dougie criou uma explosão de gelo que fez Hemming cair sentado. Ele tinha gelo no rosto e nos cabelos. Hemming olhou o conteúdo da geladeira. Estava tudo congelado. Os recipientes de vidro e plástico tinham se expandido. Algumas garrafas de vidro explodiram.

Tentei entrar nele, mas não consegui.

– Não consigo entrar! – eu disse.

Recuei. Hemming não estava nem um pouco apavorado. Em vez disso, fechou os olhos e se concentrou, refugiando-se em algum lugar interior.

– O que há de errado com esse cara? – gritou Cabeça de Zíper. Esperávamos que ele se comportasse como um ser humano racional. Mas evidentemente ele não era racional.

– Não sei muito bem – disse Cole.

Cabeça de Zíper enviou uma torrente de faíscas na direção de Hemming, que teve um sobressalto como se tivesse tocado um fio desencapado, e seus cabelos ficaram espetados como uma bola de Tesla. Mas, de alguma forma, ele conseguiu manter a calma e continuou de olhos fechados.

– Mas que diabos?! – gritou Darby.

Dougie estava criando um congelamento profundo e Cameron inundando a casa toda. Cabeça de Zíper estava causando descargas elétricas em toda parte e Lucy uivava.

– Todos se acalmem – disse Cole.

Hemming alisou o cabelo, arrumando-o com as mãos. Então seus olhos se abriram e olharam diretamente para nós. Novamente, eu me perguntei: será que ele podia nos ver? Não. Mas sabia que estávamos ali.

– Eu posso sentir você, Echo. E os outros, também. Existe algo que você deveria saber – disse ele.

Esperamos. Segurei a respiração.

– Eu acredito em fantasmas – disse ele. Calmamente. Simplesmente. Sem rodeios.

Ele se levantou e passou por nós, andando na direção de uma estante. Meus olhos buscaram os títulos dos livros. Ele tinha dezenas de volumes sobre a vida após a morte. Títulos com as palavras *poltergeists*, aparições, fantasmas, espectros, relatos de assombração.

– Vamos ver se ele gosta disso – disse Darby, agitando os braços e criando

uma alucinação. Mil baratas surgiram de cada rachadura ou fenda da sala, uma visão horripilante que teria aterrorizado qualquer pessoa normal. Mas Hemming claramente não era normal, em vários aspectos. Ele apenas observou a alucinação, aparentemente reconhecendo o que era.

– Engula isso! – gritou Cameron. Ele então criou uma violenta torrente de chuva que fez Hemming cair no chão e cobrir a cabeça, mas o objetivo – deixá-lo surpreso – não foi alcançado. Em poucos segundos, Cameron desistiu.

– Nunca vi nada parecido com esse cara – disse ele, levantando os braços com raiva.

Hemming reuniu toda a sua dignidade enquanto se levantava e, com toda a calma, buscou um pano de prato na cozinha para se secar.

Darby ficou muito irritada e conjurou a imagem de um cadáver, que sem dúvida era o do próprio Hemming. O corpo voou para cima de Hemming e ele gritou. Tinha de fato se assustado desta vez, a ponto de cair sentado no sofá.

– Agora estamos conseguindo algum progresso! – disse Cabeça de Zíper, com uma risada.

Ele criou, só para garantir que a visão ficasse bem assustadora, uma explosão de faíscas que dançavam ao redor do cadáver.

Hemming ofegava agora e pôs a mão no peito, como se para sentir a pulsação. Então fechou os olhos e voltou para o refúgio da meditação.

– Tudo a que você resiste persiste, tudo a que você resiste persiste... – ele repetiu a frase quatro vezes.

– Que raios significa isso? – perguntou Darby. – Que rima idiota é essa que ele está repetindo?

– Ele está controlando os pensamentos, o que faz com que tenha controle sobre suas emoções – explicou Cole. – Ele é um cara esperto. Doente, mas esperto.

Hemming continuava meditando. Nós o observávamos, impotentes.

Ouvíamos o relógio marcando os segundos, um minuto, dois. Hemming lentamente abriu os olhos e olhou ao redor do cômodo. Ele estava me

procurando.

Claro que não apareci. Se eu pudesse, teria aparecido. Mas não tinha nenhum poder sobre a vontade dele. Todo o meu medo e nojo atravessaram meu ser como um vento gelado.

– Eu odeio você! – gritei.

Hemming abriu um sorriso triste e sentou-se na sua escrivaninha.

– Você deve seguir em frente – disse ele. E continuou repetindo a frase até a minha cabeça começar a latejar. Eu me virei para Cole. Ele parecia muito, muito triste.

– Não sei o que fazer.

Hemming falou para as paredes, os olhos vagando sem rumo, procurando, querendo ter certeza de que estava conectado comigo, conosco. Ele usava seu tom de voz professoral.

– O Senhor disse a Moisés: “Faça uma serpente e coloque-a no alto de um poste; quem for mordido e olhar para ela viverá. Moisés fez então uma serpente de bronze e a colocou num poste. Quando alguém era mordido por uma serpente e olhava para a serpente de bronze, permanecia vivo”.

– Do que ele está falando? – Lucy perguntou.

– Shhh... ele não acabou – disse Cole.

– O povo estava sendo atormentado por cobras venenosas, e Moisés usou uma imagem dessas cobras, a mesma coisa que incutia medo em seus corações, para lhes dar coragem. Os cristãos fizeram o mesmo. Pois cento e cinquenta anos depois de Cristo ser crucificado, a cruz foi usada como meio de terror, para causar medo. Mas sabe por quê? Os cristãos tomaram a cruz e se apossaram dela. Eles abraçaram seu medo! E é isso que estou fazendo. Você não pode me assustar, Echo, pois eu abraço você! Congratulo-me com você em meus braços!

Corri para ele. E meu corpo foi repelido no ato. Ele estava rindo. Eu tentei várias e várias vezes. Mas não consegui entrar nele.

– O que vamos fazer? – gritei.

– Eu... não sei – disse Cole. Sua calma e bravura fraquejavam, ele parecia

nervoso e incerto. Olhei para os outros. Só encolheram os ombros. Tinham feito o melhor que podiam para assombrá-lo. E nada surtira efeito.

Os instantes passavam dolorosamente, cada segundo como um veneno nas minhas veias.

– Acho que nem todo mundo tem um ponto vulnerável – disse Dougie.

Todos olhamos para ele.

– Só estou dizendo...

– Nós não podemos simplesmente desistir! Temos que fazer alguma coisa! – implorei.

Ninguém respondeu. Cabeça de Zíper disparou algumas faíscas. Darby conjurou um cadáver. Hemming continuava imperturbável.

Tínhamos sido derrotados. Meus ombros estavam caídos. Darby grunhiu, irritada. Dougie balançou os pés, agitado. Cole recuou. Partimos derrotados, com o rabo entre as pernas. Que fantasmas fracassados nós éramos. Eu nunca tinha encarado o fracasso muito bem na vida, e na vida após a morte também não era mais fácil.

Saber quem era meu assassino e não poder fazer nada a respeito, não ser capaz de fazer justiça, era o pior sentimento que eu já tivera. Eu me sentia impotente, como se toda a minha vida e a minha *morte* não significassem nada.

Voamos lentamente para um parque onde os vivos faziam o que os vivos fazem: andavam, conversavam, brincavam e viviam. Eu sentia falta de fazer coisas assim. Especialmente com meus pais. Gostaria de não ter sido a adolescente típica, sempre mal-humorada, melancólica. Mas eu era assim, embora quanto mais descobrisse sobre mim mesma, menos apreciasse a minha autoimagem. Vi um pai empurrando a filha num balanço. Sua risada vertiginosa ecoava como notas musicais no ar.

Então tive uma ideia. Tenebrosa. Repugnante. Mas talvez fosse preciso usar o mal contra o mal. Talvez Hemming tivesse um ponto fraco, afinal. Será que seu calcanhar de Aquiles era o que eu pensava? Só existia uma maneira de descobrir.

Me dava nojo pensar naquilo, mas eu quase podia ouvir o universo me dizendo, *Faça isso, não há outro jeito.*

– Darby, até que ponto você consegue ser específica quando conjura as coisas? Estou me referindo a imagens.

– Como assim? Tão específica quanto eu quiser, acho. Tudo o que tenho que fazer é imaginar algo na minha mente para fazer isso aparecer.

– Então, se eu lhe mostrar uma foto, você consegue conjurar a pessoa que está nela?

– Claro, isso é muito fácil.

– E... se eu lhe mostrasse um rosto, você poderia colocar esse rosto em outro corpo?

– Sem problema. Sou um verdadeiro Photoshop ambulante.

– Ótimo. Ainda não terminamos com ele, então – eu disse.

Senti um raio de esperança. Voei direto para o chão. Os outros me seguiram e formaram um círculo ao meu redor.

– O que está pensando, Echo? – perguntou Cole.

– Eu tenho uma ideia...

Seus olhos se arregalaram de expectativa. Sorri para meus novos amigos. Talvez Hemming não fosse tão invencível, afinal.



1 OITO TRACO

QUANDO VOLTAMOS PARA A CASA DE HEMMING, ele ainda estava meditando no sofá do escritório. Parecia tão sereno... e tinha até um sorriso nos lábios. *Ele estava sorrindo!* Se meu plano funcionasse, iríamos arrancar aquele sorriso da cara presunçosa dele. Hemming ficaria tudo, menos sereno. Levei Darby para o corredor e a coloquei na frente da foto de uma garota, uma garota não muito mais nova do que eu, talvez só alguns anos. Marie. A filha de Hemming. Eu não sabia nada sobre o seu divórcio ou se ele tinha a custódia dela nos fins de semana ou algo assim. Mas meu plano tinha uma condição. Em algum lugar da sua psique deturpada, ele tinha que ter um pouco de decência. Tinha que amar a filha. Darby continuou a olhar a foto.

– Conseguiu? – perguntei.

– Já captei a imagem e ela está bem fresca na minha cabeça – disse ela.

Darby e eu voltamos para o escritório e nos juntamos aos outros.

Eles estavam olhando fixamente para Hemming e pareciam céticos. Eu esperava que meu plano funcionasse, embora as chances fossem pequenas.

– O que você quer que a gente faça? – perguntou Cabeça de Zíper.

– Acho que Darby e eu damos conta de tudo. Vocês podem simplesmente ficar de lado, observando.

Fui até o computador de Hemming. Foi fácil carregar o último arquivo que ele estava olhando, sua galeria de vítimas.

As imagens começaram a aparecer. Hemming abriu os olhos e fitou a tela. Ele estava apenas ligeiramente interessado. Até que algo aconteceu e fez os pelos do seu pescoço arrepiarem.

– Jesus... – ele disse.

Ele pulou do sofá e correu para o computador, boquiaberto. Darby apenas fazia o que eu tinha lhe pedido. Sobrepunha o rosto da filha de Hemming, Marie,

ao das meninas que ele manipulava e abusava. Mais e mais imagens surgiam na tela, cada uma delas uma variação da mesma coisa, como se Hemming transformasse sua própria filha em algo que ele nunca poderia imaginar. Ele começou a perder a calma.

– Não!

Tentou desligar o computador, mas Cabeça de Zíper lhe lançava uma faísca toda vez que ele tentava fazer isso. Quando Hemming tentou correr da sala, Cole usou sua telecinese para forçá-lo a voltar para a frente da tela, como uma cena de *Laranja Mecânica*, e o obrigava a manter as pálpebras abertas. Hemming não tinha escolha a não ser testemunhar cada imagem como uma faca em *suas* entranhas. Agora era ele quem tinha uma faca cravada no peito.

– Oh, Deus... Oh, Deus...

Ele se contorcia e gritava como se estivesse sendo queimado vivo.

– Nããão! Echo, pare com isso! Pelo amor de Deus, pare com isso! Por favor! Eu imploro! Faça isso parar!

Todo o corpo de Hemming estava tremendo agora e ele começou a chorar. Corri até ele e entrei facilmente em seu corpo. As imagens distorcidas, mas muito eficazes que Darby tinha conjurado estavam inundando seu cérebro. Ele sentia vergonha e arrependimento, um tsunami de dor. E então outras imagens apareceram. Era eu, mas no momento em que era morta por ele – uma imagem muito familiar para nós dois –, mas desta vez, em vez do meu rosto em agonia quando a faca mergulhava no meu peito, ele via o da filha, Marie.

– Marie! Não! Nããão!

Ele gritou até ficar rouco. E então, tudo se dissolveu num vazio vermelho, escuro e profundo.

Eu me vi deitada no chão, ao lado do corpo de Hemming. Ele estava vivo, mas em choque. Cole me ajudou a me levantar.

– Você está bem?

– Sim, acho que sim. Mas *ele* não está.

– Echo, você é brilhante! – disse Cameron.

– Você acabou com ele, *baby*! – disse Cabeça de Zíper.

– Foi perverso. Quero dizer, achei que eu era má, mas você me superou! – disse Darby.

Eu queria agradecer, mas o que eu tinha feito era sádico e terrível e eu me sentia péssima. Eu sabia que Hemming tinha merecido o castigo, mas ainda assim sentia remorso.

Ficamos observando enquanto todo o corpo de Hemming convulsionava, contorcendo-se violentamente por um minuto inteiro. Por fim, ele parou.

– Ele está morto? – perguntou Cabeça de Zíper.

– Não, ainda está respirando – respondeu Cameron.

Dougie soprou e o vento gelado no rosto fez Hemming abrir os olhos. Ele imediatamente pôs a mão nos olhos, esfregando-os cada vez mais, como se pudesse de alguma forma apagar as imagens que havíamos plantado em seu cérebro. Quando abriu os olhos novamente, eles pareciam duas beterrabas.

Ele arranhou o pescoço com as unhas, como um animal, depois se recompôs um pouco e se sentou.

– Eu não quis fazer... Eu não estava... Ah, Deus... – ele disse.

Eu me sentia absolutamente chocada com o que havia acontecido, mas *tinha* que ser feito. Aquilo o obrigara a encarar toda a sua sórdida vida. Forçando-o a pensar em todas aquelas garotas como filhas de alguém, como suas próprias filhas, ele tinha sido obrigado a encarar a verdade, a realidade, e sua psique havia sido torcida e quebrada como um galho seco. Ele cruzou o cômodo, caminhando como um zumbi; pegou a faca e o HD. Começou então a chorar e a se lamuriar.

Nós o seguimos quando ele saiu da casa. Chorando e soluçando alto, e nem se incomodou em pegar o carro. Em vez disso, tirou os sapatos, os pés rosados pisando nas pedras e em cacos de vidro, na sua penitência urbana. Vagou a esmo, chorando como uma criança e pisando no asfalto áspero e quente. As pessoas olhavam para ele, um homem aos prantos, com uma faca na mão e um HD na outra. Passou pelo parquinho onde o pai ainda balançava a filha. Quando o

homem viu Hemming, tirou a filha do balanço e pegou-a no colo, para protegê-la.

Hemming caminhou quase dois quilômetros até a avenida principal da cidade, onde rasgou a própria camisa e, usando a faca, fez pequenos cortes no pescoço e nos ombros, até ver o sangue escorrer.

– Cruzes, isso é horrível... – disse Lucy.

Hemming continuou chorando alto, os olhos vertendo lágrimas abundantes.

– Acho que ele... pirou de vez – disse Cameron.

– E está ferrado – disse Cabeça de Zíper. – Bom trabalho, Echo. Você conseguiu deixar o cara piradão.

Mark Hemming nunca mais seria o mesmo homem, nem sombra dele. Nunca mais chegaria perto de outra garota. Eu o tinha marcado para sempre e destruído seu lado mais vil. Eu esperava que ele nunca mais viesse à tona.

Quando chegou à delegacia de polícia, ele estava fraco, depois de andar vários quarteirões sangrando e falando coisas sem sentido. Desabou nos degraus da frente do prédio. Os policiais o viram e o prenderam em menos de um minuto.

Enquanto observava tudo isso, não senti nada. Você sempre imagina que, quando o vilão é pego, especialmente o vilão que o matou, você vai fazer uma dancinha da vitória ou gritar de alegria. Mas para mim isso não aconteceu. Tudo o que senti foi um vazio por dentro. Fiquei aliviada, mas meu coração estava vazio.



IV. O GAROTO

DARBY, CABEÇA DE ZÍPER, LUCY, Dougie, Cameron, Cole e eu partimos para a Casa do Meio, fazendo de propósito uma trajetória sinuosa enquanto voávamos sobre as copas das árvores. Nuvens escuras se acumulavam no céu, mas logo elas se dissiparam, deixando que a luz do sol aquecesse a paisagem. Quando voltamos, encontramos a Casa do Meio de volta nos trilhos, novamente sob as rédeas da senhorita Torvous, que com alguma ajuda tinha exorcizado seus demônios. Uma atmosfera mais tranquila, quase festiva, permeava o lugar agora, embora a necessidade obscura que todos sentiam de vingança ainda persistisse. Eu me perguntava se agora que meu assassino estava preso, eu iria fazer minha passagem e encontrar os Posteriores. Como e onde eu faria isso? Como de costume, Cole tinha uma resposta pragmática de uma simplicidade frustrante.

– Você saberá quando acontecer.

Sim, ele tinha razão. Fiz um questionamento interior, com um inventário moral, e descobri que não conseguiria pensar em deixar esta existência sem antes cuidar de alguns assuntos importantes.

Passaram-se alguns dias. Um dos garotos mais jovens, com a ajuda de seus amigos, assombrou o sujeito que o havia sequestrado e depois assassinado. O homem ficou tão arrependido que não só se transformou interiormente, como se enforcou na cela da prisão com um cabide de arame. As autoridades não conseguiram descobrir onde o homem tinha conseguido o cabide. Mas todos *nós* sabíamos. A justiça tinha sido feita.

Eu estava esperando que algo acontecesse comigo. Não fui alçada aos céus num passe de mágica logo depois de assombrarmos Hemming, como Mick tinha sido. Eu precisaria ter mais paciência. Deixei minha mente vagar, sem tentar

forçar nada. Mas os mesmos pensamentos me visitavam e eu os compartilhei com Cole.

– Tenho que me despedir dos meus pais – eu disse.

– Eu sei – disse Cole.

– E de Andy.

Ele me observou atentamente.

– Tarefas nada fáceis. Me avise se precisar de ajuda.

– Obrigada, mas acho que vou sozinha.

Fui à casa onde morava e encontrei operários consertando as calhas, substituindo uma janela quebrada e aplicando uma camada fresca de tinta nas paredes de dentro e de fora da casa. Todos os móveis tinham sido retirados da casa. Uma placa de vende-se tinha sido colocada no quintal da frente. Meus pais não voltariam para aquela casa outra vez – eu sabia disso.

Disse adeus ao meu antigo lar, arriscando um olhar para a casa de Andy. Eu sabia que teria que voltar e me despedir dele também. Mas agora queria ver minha mãe e meu pai.

Não foi difícil encontrá-los. Simplesmente esperei minha mãe terminar seu expediente de trabalho na clínica odontológica e ir para casa. Eles tinham alugado um sobrado aconchegante de um dormitório num condomínio em Kirkland, com vista para o lago. Mamãe havia passado no supermercado e preparou um jantar simples, composto de macarrão com frutos do mar. Ela abriu uma garrafa de vinho. Tomou um gole e olhou em volta. Eles já tinham desembalado todas as caixas, exceto uma, que estava numa mesa no vestibulo, e mamãe foi até lá.

Fiquei olhando enquanto ela levantava a tampa da caixa. Havia três retratos meus ali dentro. Mamãe olhou para eles por um longo tempo, os olhos cheios de lágrimas. Eu queria que ela os tirasse da caixa e os segurasse e beijasse. Quando ela tampou novamente a caixa, comecei a chorar. Não podia suportar a ideia de que minhas fotos fossem guardadas e esquecidas num canto.

Quando mamãe voltou para a cozinha, dei um empurrão na caixa. Ela caiu da

mesa, os retratos se espalhando pelo chão. Mamãe ficou assustada, seus olhos vasculharam a casa vazia. Ela foi até a caixa e se ajoelhou.

– Oh, Echo... querida... Me desculpe...

Ela pegou os três retratos e apertou-os nos braços.

– Eu é que deveria me desculpar... – eu disse.

Eu a envolvi em meus braços... – tive a nítida sensação de que ela notara a minha presença – e choramos juntas por muitos minutos. Seria difícil partir.

Quando ela parou de chorar, eu a soltei. Mamãe parecia ter reunido forças com o nosso encontro. Olhou para os retratos. Achei que iria colocá-los de volta na caixa. Mas não fez isso. Pegou um martelo e alguns preguinhos da caixa de ferramentas de papai e cuidadosamente pendurou-os na parede. Eu tinha partido, mas nunca seria esquecida.

Papai chegou e parecia abatido, como se estivesse extenuado, mergulhado no trabalho, tentando escapar do trauma que os havia abalado tão profundamente. Quando se aproximou de mamãe, viu as fotos e hesitou.

– Achei que você não conseguia...

– Mudei de ideia. Ela esteve aqui. Falou comigo.

– Ah, querida...

Ele deu um longo abraço em mamãe. Ambos tinham tanto sofrimento no olhar...

– A propósito, trouxe uma coisinha...

Papai saiu e voltou com algo que tinha deixado no carro. Um pequeno buquê de margaridas, minha flor favorita. Ele o entregou à mamãe e os dois se abraçaram. Não pude suportar. Como eu podia deixar este mundo sabendo que eles estavam sofrendo tanto? Mas então mamãe beijou papai gentilmente nos lábios.

Imaginei que essa tinha sido a primeira vez que eles se beijavam desde que eu tinha sido assassinada, mas era só uma suposição. O bom é que o beijo evoluiu para outro, mais profundo e demorado. Vi que eles pareciam mais apaixonados e meu pai pegou minha mãe no colo e subiu as escadas. Me demorei um pouco

mais ali enquanto eles entravam no quarto. Dali a alguns minutos, murmurei algumas palavras que eu sabia que eles não ouviriam, mas esperava que sentissem.

– Adeus, mamãe e papai. Amo muito vocês.

Desci os degraus e saí pela porta da frente, alçando voo com um sentimento de que eles ficariam bem. Eram jovens ainda. Talvez tivessem outro filho um dia. Se isso acontecesse, eu esperava que fosse uma menina.

Voei durante horas, deixando o vento me carregar sempre que me sentia fisicamente cansada, algo que normalmente não acontece muito com fantasmas. O fato de os espíritos não terem corpo físico faz com que tenham doses ilimitadas de mobilidade e energia. Só nossa psique fica sobrecarregada a ponto de causar em nós a necessidade de dormir. Eu queria dormir naquele exato momento, só para evitar o que viria a seguir. Meu último encontro com Andy.



Andy

ANDY E EU COSTUMÁVAMOS BRINCAR nos dois balanços que o nosso vizinho tinha posto no quintal, para os filhos. Eles estavam enferrujados e precisavam de conserto, mas ainda assim dava para usar. Eu me sentei no que ainda estava viável e me balancei suavemente, para a frente e para trás, olhando para a casa de Andy e me lembrando dos tempos que não voltariam mais. Os churrascos e guerras com balões de água; as escapadas no meio da noite para nos encontrarmos e nos beijarmos; declarações de amor longas e sinceras ao pé do ouvido. Tudo que dizíamos vinha mesmo do coração.

As correntes rangiam suavemente. As folhas caíam no gramado. Qualquer um concluiria que era o vento que impelia o balanço para a frente e para trás.

Andy. Meu Andy. Na primeira vez em que nos encontramos, tivemos uma briga. Duas crianças de 4 anos dando empurrões uma na outra numa discussão acalorada por causa de um elefante de brinquedo. Andy era um pestinha rechonchudo que, assim que pôs as mãos no elefante azul “dele”, passou por mim como um furacão e me deu um empurrão, fazendo-me cair sentada. Lembro-me das minhas orelhas ficando quentes enquanto eu me levantava e o empurrava também. Seus pequenos olhos se arregalaram com o choque e ele caiu para trás, derrubando o elefante. Eu agarrei o brinquedo e corri para casa enquanto ele chorava, chamando pela mãe, que ainda estava viva na época. Ela apareceu e acalmou o orgulho ferido do filho. Nosso primeiro encontro foi realmente brutal. Claramente, amor à primeira vista.

Agora eu tinha uma tarefa monumental pela frente. Precisava dizer adeus à minha alma gêmea. Eu queria que ele soubesse que poderia ficar com o elefante azul, para sempre. Saí do balanço e flutuei até a casa dele. Ele estava sentado à mesa da cozinha. O pai era uma pessoa antiquada e ainda recebia o jornal

impresso em casa. Andy tinha recortado vários artigos sobre Hemming e os espalhara sobre a mesa.

Seus olhos estavam vermelhos e ele parecia arrasado. Aparentemente a confissão de Hemming e sua prisão, posteriormente, não tinham para Andy o mesmo sentido de libertação que tinham para mim. Na verdade, Andy parecia mais infeliz do que nunca. Seu pai, Hank, entrou na cozinha, estendeu a mão para pousá-la no ombro do filho, mas pensou melhor e resolveu tomar um gole do suco de laranja que estava na geladeira.

– Tenha um bom dia, filho – disse ele.

Hank esperou uma resposta, não a obteve e não pressionou o filho. Saiu da casa, entrou no carro e deu partida, deixando Andy sozinho com sua tristeza.

– Sinto muito, Andy – eu disse. – Eu realmente estraguei tudo.

Ele estava balançando a cabeça, as mãos fechadas em punhos. Eu não queria deixá-lo sentindo essa revolta. Na verdade, havia um único pensamento persistente que se originara no meu coração e só agora chegava ao meu cérebro. Eu não queria partir. Não queria deixá-lo. Nunca.

Mas sabia que tinha que fazer isso. Eu estava presa na matéria. Talvez esse fosse o meu karma: estar sempre próxima a ele, mas incapaz de consumir qualquer tipo de amor carnal.

Quando o celular de Andy tocou e o avatar de Dani apareceu, ele pareceu indeciso. Estendeu a mão para pegar o telefone, depois a retraiu como se fosse se queimar caso o tocasse. O toque parou e apareceu o ícone indicando a chegada de uma mensagem de áudio. Andy não a ouviu. Em vez disso pegou o celular, abriu o aplicativo de fotos e começou a olhar algumas fotos minhas, antigas. As lágrimas que caíram dos seus olhos poderiam muito bem ter caído dos meus próprios olhos. O telefone recomeçou a tocar. Era Dani novamente. Eu sabia o que tinha de fazer.

Afastei-me e, enquanto ele estava decidindo se atendia à chamada ou não, abri a janela, deixando que a brisa quente de verão entrasse. Andy pegou o celular e o atendeu.

– Oi, Dani – ele falou, a voz cheia de charme.

Depois ficou ouvindo. Ela queria encontrá-lo para jantar. Ele não pareceu muito entusiasmado com a ideia, mas ao mesmo tempo sabia que não poderia ficar sentindo pena de si mesmo para sempre, então aceitou o convite. Oito horas no Jonathan's Home Port, em frente ao píer onde ficavam atracados veleiros e iates. Ela tinha um cupom de um site de compra coletiva. Eu sabia que tinha uma missão. Precisava me transformar num cupido.

Voei até o bosque próximo à casa e sentei-me num galho, contemplando minha vida após a morte e fazendo de tudo para reunir coragem e fazer o que era preciso. Um pouco depois, cheguei à casa de Dani. Ela morava numa casa de telhado vermelho perto do Lago Totem. Os pais dela tinham dinheiro. O carro dela, esportivo, estava na entrada, dados cor-de-rosa pendurados no espelho retrovisor. Entrei e encontrei-a em seu quarto.

Balancei a cabeça ao vê-la vestida como uma professora severa e moralista. Ela estava fazendo tudo errado!

– Jesus, Dani, você precisa tomar jeito! – eu disse.

Ela farejou o ar, como se eu tivesse acabado de soltar gases. Eu a medi com os olhos. Ela precisava de uma repaginada completa. Tinha prendido o cabelo num coque de princesa, o que Andy odiava. Como quase todos os garotos, ele adorava cabelos soltos, em volta do rosto e caído sobre os ombros. Ela estava usando uma blusa cor de vinho horrível e calças de ioga. Não combinavam. Andy odiava essa cor e gostava de me ver de saia, porque achava minhas pernas bonitas. Ele também adorava quando eu usava meias pretas até os joelhos. E ela tinha exagerado na maquiagem e, particularmente, no rímel! Era como se estivesse indo à audição de um filme da Disney, para tentar conseguir o papel do guaxinim.

Tirei o grampo dos cabelos dela. Ela fez um movimento com a mão tentando pegar o grampo no ar ao mesmo tempo que olhava pelo espelho o coque se desfazendo.

– Ah, não... – exclamou.

Então passou os dedos pelos cabelos soltos, aumentando o volume dos fios, e felizmente decidiu que não daria tempo para fazer outro coque. Escovou-os rapidamente e passou um batom. Eu tive que ser criativa nesse ponto, então guiei a mão dela para que manchasse a bochecha. Depois soprei pó compacto nela e Dani espirrou, o que me permitiu jogar ainda mais pó na cara dela. Ela ficou parecendo um palhaço e decidiu começar tudo de novo. Entrou no banheiro, lavou o rosto e se secou.

Quando voltou para a caixa de maquiagem, eu tinha escondido a maioria dos itens que só serviriam para atrapalhar.

– Mas que droga! Onde foram parar as minhas coisas? Mãe!

Ela olhou ao redor, abriu e fechou gavetas, depois checou a hora no celular. Não tinha mais tempo. Precisava sair. Então só aplicou um mínimo de maquiagem. Do jeito que Andy gostava. Menos é sempre mais. Suas escolhas infelizes no quesito “figurino” foram fáceis de corrigir. Um líquido derramado aqui, um fio puxado ali e depois de alguns minutos, consegui fazê-la vestir um conjunto bonito de saia e blusa marrons, meias pretas e botas até o tornozelo. No final, ela deu uma olhada no espelho.

– Nossa, que dia mais estranho! – murmurou para si mesma e eu pensei, *Amiga, você ainda não viu nada.*



Dani

O JONATHAN'S HOME PORT ERA UM restaurante de luxo na beira do lago Washington, no centro de Kirkland. Dani dirigiu rápido e com nervosismo, não parou em dois semáforos fechados e chegou cedo ao restaurante. De acordo com as revistas femininas, essa nunca era uma jogada inteligente. Uma garota deve sempre deixar o cara esperando por ela, de modo que *ele* possa vê-la entrar. Tive que causar um pequeno desastre na maquiagem (um olho minimamente borrado) para ganhar tempo. Dani passou dez minutos no banheiro (eu consegui fazer a fechadura do cubículo emperrar), o que deu a Andy tempo suficiente para chegar e se sentar primeiro. Sentei-me ao lado dele e observei-o com cuidado. Suas roupas não pareciam as que ele normalmente usaria num encontro. A jaqueta estava muito apertada e o calcanhar dos sapatos estava gasto. A verdade simples é que ele não queria estar ali com ela. Ele queria estar comigo.

– Sinto tanto a sua falta.

– Sinto tanto a sua falta.

Meu corpo estremeceu. Nós dois tínhamos dito a mesma coisa ao mesmo tempo. Era como um eco. Que irônico. Tudo o que eu queria era me sentar no colo de Andy e fazer com que ele me abraçasse. As emoções se acumulavam dentro de mim, meus desejos se sobrepondo ao meu bom senso. Eu não estava pensando com clareza. Estava num encontro romântico com meu namorado, meu companheiro de brincadeiras na infância, o homem com quem planejava ter filhos e passar o resto da minha vida. Aquele era um sentimento inspirador, edificante... e, pelo fato de eu estar morta, absolutamente devastador.

Dani saiu do banheiro. Sabe aquelas cenas de filme em que a pessoa se aproxima, caminhando diretamente para a câmera, em câmera lenta, parecendo absolutamente calma e deslumbrante, como se estivesse sendo admirada por todos no planeta? A entrada de Dani foi assim. Eu tinha que dar esse crédito a

ela. Ela tinha presença. E todo o seu corpo parecia se mover em perfeita sincronia. Ela estava arrasando. Os olhos de Andy se fixaram nela e ele se remexeu na cadeira. Podia ainda pensar em mim, mas gostava da aparência dela.

Meu coração estava em pedaços, mas por trás da dor, na parte do meu ser onde a razão e a lógica imperavam, eu estava esperançosa. Era melhor para Andy seguir em frente. Que me esquecesse e vivesse a vida dele, deixando o passado para trás e começando uma nova vida com outra garota. A ideia era dolorosa. Mas eu sabia o que era melhor.

Quando ela se aproximou da mesa, ele se levantou e afastou a cadeira para ela.

– Puxa, obrigada! Que cavalheiro!

– Você está... muito bonita – disse ele, ainda impressionado.

– Obrigada. Você também. Gosto da sua camisa.

Andy olhou para a camisa como se a visse pela primeira vez. Era uma bela camisa, de um azul no mesmo tom dos seus olhos, com listras brancas fininhas.

Enquanto eles conversavam sobre amenidades, eu os observava. Andy claramente tentava prestar atenção ao que ela dizia, o que já era muito, pois Dani tagarelava tanto e com uma voz tão aguda que era como se bandos de passarinhos saíssem piando da sua boca. Eu queria pôr um fim naquilo. Meu objetivo era fazer com que se beijassem, fazê-lo pegar a mão dela, e então, com aquela semente plantada, eu esperava que pudesse me retirar e sair pela noite, sozinha para sempre.

Mas a pequena Miss Tagarela falava demais. Todos os blogs que davam conselhos sobre relacionamentos diziam que você precisa dar ao garoto a chance de se abrir e falar sobre si mesmo, e agir como se estivesse muito interessada. Eu já tinha lido todos esses blogs, mas nunca me dera ao trabalho de aplicar seus conselhos, porque Andy sempre fora absolutamente apaixonado por mim. Agora, cabia a Dani fazê-lo se apaixonar. Mas depois da sua entrada triunfante, ela estava perdendo todo o glamour.

Dani fazia todo tipo de coisas idiotas: tentava esfregar o pé na perna de Andy

debaixo da mesa, segurava a mão dele por tempo demais, agarrando-se a ela e tolhendo os movimentos dele, rindo muito alto com as coisas que ele dizia, e piscando com seus longos cílios como uma personagem de desenho animado apaixonada.

Ela continuava falando pelos cotovelos. No fundo, era uma boa pessoa, e, de fato, fez algumas observações inteligentes e relevantes, mas estava deixando seu nervosismo estragar tudo. Quando ela aproximou a cadeira e se sentou mais perto de Andy, depois do prato principal, eu sabia que estava preparando o cenário para que ele a beijasse. Tocou os lábios dele com a ponta dos dedos e umedeceu os próprios lábios. Por mais dor que aquilo me causasse, a estratégia funcionou. Era o momento do “tudo ou nada”. Eu praticamente juntei a cabeça dos dois e fiz com que seus lábios se encontrassem.

Meu coração estava apertado, mas a dor era boa, porque eu tinha esperança de que estava fazendo o melhor para o garoto que amava. Por um breve instante, lembrei-me do dia em que Cole me beijou, mas as imagens se dissiparam como uma nuvem de pó. Tudo o que eu podia fazer agora era testemunhar Andy beijando Dani. Meu tempo tinha acabado e eu não gostava disso; na verdade, eu odiava.

Seus lábios se separaram. Dani estava sorrindo. Andy não. Ela tentou beijá-lo novamente. Ele não deixou. Dani tentou outra vez.

– Eu adorei beijar você – ela sussurrou. – E você?

Os olhos de Andy disseram tudo. Ele *não* tinha adorado. Meu coração saltou de alegria... até que percebi que era uma total estupidez ficar feliz com a mudança no curso dos acontecimentos. Decidi que queria que ele se apaixonasse por ela, e queria que isso acontecesse naquele momento. Eles tinham que trocar um beijo apaixonado. Podia não haver outra chance. Eu tinha que pensar em algo, e rápido. A única maneira de fazer Andy sentir como se estivesse me beijando enquanto estava beijando Dani era *ser* Dani, ou pelo menos estar dentro dela. Só esperava que eu conseguisse fazer isso.

Voei na direção de Dani e girei em torno dela, provocando arrepios na sua

pele. Girei cada vez mais rápido em torno dela, até provocar um suspiro ofegante e assustado. Era tudo o que eu precisava, uma dose mínima de medo e, saltando como um gato, entrei nela.

Ela era uma mistura de alegria vertiginosa com terríveis pensamentos negativos, imagens de Andy rejeitando-a. Dani tinha uma aura alegre em torno dela e eu vi memórias da sua infância, tempos felizes com os pais e irmãos que a amavam. Ela também tinha um sentimento forte, sincero e intenso por Andy. Assim como eu. Ouvi eu mesma dizendo:

– Vamos lá pra fora, olhar as estrelas.

Quando me levantei, olhei no espelho. Eu estava no corpo de Dani, mas estava olhando para mim, para os meus próprios olhos, eles eram inconfundíveis. O sentimento era incrível. Eu tinha um corpo novamente!

Estar ao ar livre, à noite, era algo que Andy e eu adorávamos. Simplesmente deitar na grama e olhar para o céu estrelado, de mãos dadas, entre beijos, sem dizer quase nada. Quem precisa falar quando se pode ouvir os sussurros do universo?

Quando saímos pela porta dos fundos e fomos para o píer, Andy olhou para o céu.

– Aposto que esta é a melhor vista de todo o universo – eu disse.

Ele olhou bruscamente para mim. Isso era algo que eu sempre dizia quando estávamos olhando as estrelas. Ele assentiu com a cabeça e sorriu para mim. Para Dani.

Eu não tinha pressa. Andy estava tamborilando os dedos na cerca de madeira, mergulhado em pensamentos. Eu sabia que estava pensando em mim.

– Dani, ãh... escute... Minha vida... ela está...

Eu tinha que fazer alguma coisa. Não podia deixá-lo começar a falar em como me amava e sentia minha falta. Isso arruinaria todas as suas chances com Dani. Então passei os braços ao redor do pescoço dele, como sempre fazia, e aproximei cada vez mais os lábios. Eu podia senti-lo segurando a respiração, na expectativa.

– Eu... eu... – ele murmurou.

– Shhhh...

Nossos lábios se encontraram. De um modo tão suave. Tão perfeito. Então, nossas línguas se tocaram e a paixão aumentou em nós dois, enquanto eu pressionava meu corpo contra o dele. Se eu pudesse ter engarrafado esse momento e o guardado, assim por toda a eternidade, eu teria feito isso. Era tão bom estar viva de novo! Era esse o momento. Era a segunda chance com que eu tinha sonhado todas as horas de todos os dias da semana anterior.

E então, tudo mudou de repente.

– O que você está fazendo aqui? – perguntei.

Cole estava na outra ponta do píer, observando-me. Andy se afastou, surpreso.

– O quê? Estou... beijando você, obviamente. – Ele estava confuso.

– Eu sei, e eu estou beijando você. Você... gostou?

Em resposta, ele me beijou de novo e o céu explodiu. Eu tive certeza de que tinha feito a passagem e ascendido até a minha vida após a morte. O sentimento era tão glorioso que pulsava através de cada célula do meu, ou melhor, do corpo de Dani.

Cole então fez algo estranho. Usou sua telecinese para congelar a cena. Andy ficou tão rígido quanto uma escultura. Eu ainda podia me mover, então saí do corpo de Dani para confrontar Cole.

– O que você está fazendo aqui? – perguntei novamente.

– Você entrou nela – disse ele.

– Sim.

– E algo está diferente.

– Eu sei.

Ele estava certo. Eu me sentia diferente. Não havia nenhum tumulto. Eu não estava lutando contra ninguém. Ao contrário de todas as outras pessoas em cujo corpo eu tinha entrado, Dani estava calma, receptiva, acolhedora até, ou então minha mente estava me pregando uma peça.

- Você fez isso para beijá-lo uma última vez, não foi?
- Tive que fazer isso. Ela só estava dando fora, ia estragar tudo.
- Cole fez uma careta. Não estava muito convencido.
- E acontece que eu não consegui resistir – admiti.

Os olhos de Cole se fixaram nos meus, buscando a verdade.

– Era isso que estava acontecendo ou era o que você *esperava* que acontecesse?

- Eu... não sei com certeza. Mas, Cole, estou adorando.
- Claro que está.

Eu de fato estava. O sentimento de ser humana novamente, de estar viva, podendo tocar e cheirar e beijar... era o paraíso na terra. Coisas que antes eu nem valorizava mais significavam tudo para mim agora. Cada lufada de ar que eu respirava no corpo de Dani era como um presente precioso.

- Cole, relaxa. Só me deixa ficar um pouco, por favor.

Cole assentiu com a cabeça, a dor nos olhos dele tão óbvia quanto se estivesse escrito na sua testa: *Mas eu também te amo!*

- Quanto tempo você ficou dentro dela?
- Não sei. Pareceu muito tempo.
- E ela não rejeitou você, não tentou expulsá-la?
- Não. Ainda não.
- Faça a coisa certa, Echo. A escolha é sua.



INCLINA

A PALAVRA “ESCOLHA” ME ATINGIU como um soco. Logo me ocorreu que eu poderia *escolher*. Poderia escolher ficar. Ficar viva no corpo de Dani. Fazer com que Andy me amasse – eu já estava a meio caminho – e começar de novo. Era realmente o universo me dando uma segunda chance! Cole liberou Andy do congelamento e ele se virou para mim e estendeu a mão.

– Que estranho... – murmurou. – É como se eu estivesse paralisado, não conseguia me mexer. Tive a impressão de que podia ouvir você falar.

– Tudo bem – eu disse. – Está tudo bem.

Ele balançou a cabeça e olhou para mim com aqueles lindos olhos e disse:

– Sim, eu sei. Tudo está perfeito.

E então ele me puxou para si novamente. Meus dedos se curvaram dentro dos sapatos... Era isso, essa era a minha nova vida.

– Eu... não posso acreditar que isso esteja acontecendo – disse Andy.

– Eu sei. Eu também não.

Eu sentia todo o meu corpo formigar. Então, uma imagem de Dani na infância brilhou no nosso cérebro – ele era nosso agora; nós o estávamos compartilhando – e eu recuei. O pai dela tinha acabado de lhe presentear com um enorme ursinho cor-de-rosa num parque de diversões e Dani estava eufórica. Mais imagens apareceram – e depois desapareceram rapidamente, imagens de Dani quando ela era apenas uma garotinha. Era como se estivessem sendo apagadas. Eu estava causando isso por estar no corpo dela. Toda ação tem suas consequências. A consciência de Dani, seu ser, estava desaparecendo, porque eu estava tomando conta do corpo dela. Meus pensamentos mudaram. A realidade do que eu estava contemplando me atingiu num golpe.

Pensei em como Dougie vivia atormentado por ter batido no irmãozinho e o feito chorar. Tinha sido uma estupidez, e ele estava tentando corrigir esse erro

desde então. Mas ninguém pode apagar os próprios erros. Eles o perseguem até o túmulo... e além dele. Eu não poderia levar a vida de outra pessoa, mesmo que isso significasse um recomeço para mim. Percebi que, no curto prazo, eu estaria num mar de rosas, vivendo a mais pura felicidade, amando e sendo amada por Andy, o maior dos meus sonhos. Mas, a longo prazo, a anulação da vida de Dani acabaria por me assombrar, meu mal comportamento iria me perseguir como uma sombra, sempre presente, sempre me lembrando da minha escolha pessoal.

Eu queria tanto Andy de volta que achava que essa era a minha chance. Mas eu não poderia fazer isso. Embora fosse a realização de um sonho e a coisa que eu mais queria, não poderia ficar no mundo material. Porque eu estaria roubando uma vida, uma vida ainda a ser vivida. Dani não tinha cometido nenhum crime, exceto seu péssimo gosto para roupas. Ela não merecia ter sua existência apagada. Eu tinha que fazer o que Cole dissera. Eu tinha que fazer a coisa certa. E o certo era manter meu plano original, fazendo Andy se apaixonar por Dani e depois me retirar e aceitar o que o destino me reservava.

Na minha jornada como um fantasma, eu tinha aprendido muito sobre mim. Não tinha sido tão boa e pura quanto imaginava. Tinha cometido toneladas de erros e magoado pessoas.

Às vezes, eu era manipuladora e egoísta, convencida de que os fins justificavam os meios. Agora eu sabia que os meios eram o mais importante. Não era o que você tinha na vida que importava; era como você a tinha vivido.

Talvez da próxima vez – se *houvesse* uma próxima vez – eu pudesse agir melhor. Eu queria um karma melhor quando renascesse. E esperava que isso ajudasse a minha causa.

Segurei Andy e o beijei pela última vez. Ele soltou um gemido. Eu me afastei. E então o chamei pelo apelido que tinha dado a ele, o apelido que só eu sabia.

– Lobinho.

Ele ficou chocado.

– O que... Echo?

– Echo... se foi.

– Não é ela?

Eu não pude evitar. Beije-o novamente e movi a língua de um jeito tão familiar que ele tinha que saber que era eu. Nós tínhamos feito isso mil vezes.

– Jesus Cristo! – disse ele, afastando-se.

Eu o abracei, coleí meu rosto ao dele para que não pudesse ver minhas lágrimas.

– Ah, *baby*. Me prometa uma coisa.

– O quê? – ele balbuciou.

– Prometa que vai me amar para sempre... Você vai fazer isso?

– Eu prometo. Juro. Nunca vou deixar de te amar. Nunca.

Sequei as lágrimas dos olhos e olhei para ele. Eu estava olhando para ele com os olhos de Dani agora.

– Adoro seu beijo – disse Dani quando comecei a me afastar.

Andy estava tão abalado que parecia prestes a cair. Eu me segurei ali até o último segundo.

Depois me inclinei na cerca para me apoiar. E então, de repente, num movimento rápido, retirei-me do corpo de Dani. Ela estava por conta própria agora. Andy piscava enquanto olhava para ela.

– Eu estou... tão confuso...

– Nossa... eu também.

Dani estava tremendo.

– Mas vai ficar tudo bem, não é? – ela disse.

Ele olhou profundamente nos olhos dela. O que viu não posso dizer, mas, a cada segundo que passava, os olhos dele brilhavam um pouco mais, cheios de alegria e esperança.

– Sim. Vai ficar tudo bem.

Fiquei observando os dois enquanto voltavam para dentro. Olhei para as estrelas e senti Cole ao meu lado.

– Parabéns. Você acabou de desperdiçar uma oportunidade única. Poderia ter ficado. E viva.

– Tomar a vida de outra pessoa não é viver. É o que chamam de “assassinato”.

Cole sorriu.

– Sim. Acho que sabemos muito bem o que é isso.

Comecei a atravessar o p[er]í. A princípio, não me v[ol]tei para ver Andy. Eu queria imaginar ele e Dani voltando ao restaurante, de mãos dadas, fitando-se nos olhos. Mas não pude evitar e dei uma olhadinha. Eles estavam fazendo exatamente o que imaginei. Eu queria me lembrar para sempre do que eu tinha feito. Estava me sentindo leve, sabendo que não carregaria para sempre o fardo pesado do arrependimento. Levaria isso para a minha vida após a morte e me sentiria orgulhosa.

Cole caminhava ao meu lado.

– Quer voar?

– É bom andar. Você pode ir na frente.

– Não, vou caminhar com você. Quer dizer, se não se importar em ter companhia.

Peguei-o pela mão. Caminhamos pelo que pareceram quilômetros, não fazendo nada além de respirar o ar noturno úmido e ouvir os sons da vida acontecendo ao nosso redor. Chegamos a uma pequena área arborizada de pinheiros altos e caminhamos entre eles. Subi no mais alto e fiquei em pé no topo, depois estendi a mão para baixo e puxei Cole até que ele ficasse ao meu lado.

Ele me conhecia bem o bastante para saber que não precisava dizer nada e parecia feliz só por segurar a minha mão. O brilho da lua fazia tudo parecer coberto por um verniz prateado.

– Cole?

– Estou bem aqui.

– Acha que poderia me fazer um favor antes de eu... você sabe, antes de eu ir?

Ele sorriu calorosamente.

– Você sabe que vou dizer sim. O que quer que eu faça?

– Quero que me beije, assim como fez da primeira vez.

Engoli em seco. Quero dizer, realmente engoli em seco, como uma garotinha nervosa. Mas não desisti. Eu queria mesmo beijá-lo.

– Acha que pode fazer isso?

– Hmm... com certeza. Você sabe... tudo bem...

Ele estava se empenhando para controlar seu nervosismo quando segurei seu rosto e olhei-o nos olhos.

– Não agora.

– Ah. Tudo bem... então, quando?

– Quando for a hora certa. Você saberá.

Coloquei a cabeça no ombro dele e ficamos contemplando a lua.



LUCA

PASSARAM-SE SEIS DIAS E SEIS NOITES. A lua permaneceu no céu enquanto eu me perguntava o que o destino me reservava. A verdade era que eu não queria ir a lugar nenhum; estava apegada a Cole e esse apego ficava maior a cada dia. Nós conversamos sobre a época em que estávamos “vivos” e descobri que ele não era muito bom em esportes e por isso teve alguns conflitos com o pai. A mãe, por outro lado, tinha ficado secretamente satisfeita por ele preferir desenhar e compor músicas, em vez de levar chutes e pontapés nos jogos de bola. Eu não sabia que ele gostava de desenhar e descobri de uma maneira que fez meu estômago formigar. Na sétima noite depois de contemplarmos a lua, vi que ele trouxera algo com ele e, depois de eu muito insistir, ele me contou que, desde a minha chegada à Casa do Meio, ele me desenhava.

Os desenhos eram realmente bons. Eu era aparentemente algum tipo de deusa aos olhos dele, porque a menina nos esboços era muito mais bonita. Na verdade, ela era linda! Com os olhos brilhantes e suaves, mas feições fortes. O fato de que obviamente ele estava me desenhando mais bonita do que eu era significava que aos olhos dele eu era maravilhosa e isso fez com que eu o quisesse ainda mais.

Eu poderia ficar com ele ali para sempre, apenas fitando a lua. Mas a lua se escondeu atrás das nuvens e o tempo fechou, lançando trovões e cuspindo relâmpagos. E então a chuva caiu. Ela foi leve de início, mas rapidamente evoluiu para um aguaceiro impulsionado por ventos raivosos. Cole queria entrar, mas algo me atraía para a noite. Puxei-o pela mão e voamos rápido pelo céu escuro, a chuva caindo nos nossos corpos etéreos. Não demorou muito para percebermos que os outros estavam atrás de nós.

– Tudo certo? – perguntou Darby.

– Dando uma voltinha na chuva? – perguntou Lucy.

Ela sacudiu o corpo, claramente odiando a chuva, mas ficou ali conosco, a contragosto, assim como Cameron e Dougie e Cabeça de Zíper, para nos acompanhar. Seu sexto sentido dizia-lhes que aquela não era uma noite comum.

– É mais fácil cair quando você está molhado – brincou Cabeça de Zíper.

– Sim, você pode até acabar morto – disse Dougie.

Eles estavam rindo disso quando a chuva ficou mais fraca e depois parou, e nós pousamos num dos muitos refúgios arborizados de Seattle, o Seward Park. Lucy tremia da cabeça aos pés. Todos olhamos o céu. Havia uma fenda entre as nuvens e um difuso raio de luar infiltrara-se entre elas e incidira exatamente onde estávamos.

Bem, do que mais eu precisava? Deus num megafone, gritando: “Ei, é isso mesmo: chegou sua hora, garota!”?

Não, eu compreendi que o universo estava falando comigo, por isso havia me atraído até ali – atraído todos nós – por um motivo. Sabíamos que tínhamos sido convocados para estar ali para a minha despedida, mas ninguém queria dizer isso. Eu me aproximei de todos eles, aquele bando de loucos e desajustados, e vi que não seria fácil deixá-los.

– Bem... – murmurou Cabeça de Zíper.

Ele estava prestes a dizer alguma coisa.

– É, você sabe, Echo... – sussurrou Cameron.

As mãos de Darby estavam nos quadris e ela estava tentando desafiar o destino e parecer inabalável.

– Talvez não seja hora ainda – disse ela.

A voz de Darby se dissipou na noite enquanto o raio de luar ficava cada vez mais brilhante e irritantemente concentrado em mim.

– Tudo bem, não preciso de um coro de anjos. Já entendi – eu disse para o céu.

Uma brisa leve soprou do norte e outra, mais forte e sobrenatural, veio das montanhas ao leste, fazendo meu cabelo se agitar em torno da minha cabeça em redemoinho, enquanto o raio de luar brilhava cada vez mais.

– Parece que chegou a hora – disse Cabeça de Zíper.

– Obrigado por falar o óbvio – disse Dougie, com ironia. – Alguém mais tem uma pista quente?

Todos reviraram os olhos para ele. Ninguém ali tinha nenhuma “pista quente”. A noite estava fria, úmida e com vendavais. Mas, piadas à parte, esse era Dougie.

– Ouça... Echo...

Eu me aproximei de Dougie e lhe dei um abraço. Ele estava, como de costume, frio como um bloco de gelo. Mas sustentei o abraço por mais alguns segundos e realmente ele me aqueceu, parecendo quase... alguém com sangue quente nas veias... Eu me afastei e sorrimos um para o outro.

– Obrigada, Dougie. Você sabe que eu não teria conseguido sem você.

Ele começou a andar de um lado para o outro e a esfregar os braços. Agora ele estava frio, o ar dos pulmões saindo em pequenas explosões de névoa.

– Isso não é verdade – disse ele. – Foi você quem desvendou tudo sozinha.

– É, você é uma detetive nata! – disse Cabeça de Zíper.

– E uma líder – acrescentou Cole.

– Não... Não sou uma líder – contestei.

Mas os olhos deles me diziam algo diferente. Me diziam que sempre tinham me visto como uma líder, por isso me seguiam e me apoiavam o tempo todo, enquanto eu empreendia a minha jornada.

– Você é e ponto! – disse Darby. – Aposto que, se ficasse presa aqui, teria me ajudado a encontrar o cretino que disparou contra o meu rosto.

– Darby, eu quero ajudá-la, você sabe disso.

Agora era a minha voz que estava se perdendo na noite. Darby enxugou uma lágrima. Eu apostava que ela já tinha derramado muitas. Isso seria mais difícil do que eu pensava. Algum tempo antes, eu não via a hora de me erguer aos céus e me juntar aos Posteriores, para ocupar o meu lugar na linha da evolução cósmica. Mas agora... Eu estava atormentada com dúvidas e medos. E se ser um Posterior significasse não ser ninguém, não ser nada? E se, em vez de me

encontrar com todos aqueles que tinham partido antes de mim, eu aterrissasse em algum planeta deserto, longe de tudo? Eu não tinha como saber o que aconteceria, e estava apreensiva. Olhei para Cole. Ele estava olhando para o chão. E lambeu os lábios.

Senti alguém me puxando. Era Cabeça de Zíper.

– Vou sentir sua falta, novata – disse ele.

Dei um abraço no meu amigo.

– Vou sentir sua falta também. E fica frio, você vai encontrar o otário que te empurrou e fazer com que ele pague por isso.

Ele sorriu fracamente, tentando ser simpático. Mas não acreditou em nenhuma palavra que eu disse.

– Obrigado por me ajudar a acreditar... Você sabe... – ele disse baixinho.

– Cara, você nunca vai saber o que é transar com uma garota – disse Dougie. Ele começou a rir, mas fiz cara feia e Dougie tentou encobrir a risada com uma tosse. Olhei direto nos olhos de Cabeça de Zíper.

– Eu não estava mentindo – eu disse. – Acredito mesmo em tudo que eu disse. Isso vai acontecer, só vai levar um tempo.

– Isso... eu já saquei... – ele balbuciou.

Eu me virei para Darby. Ela imediatamente entrou no modo de defesa.

– Não fique toda sentimental comigo. Odeio isso.

– Tudo bem. Você é uma chata.

– Você também – ela disse, um sorrisinho se abrindo no rosto.

Sem aviso, ela abriu os braços e me envolveu num abraço de urso.

– Você... você é a única pessoa que sempre foi legal comigo. Obrigada por isso – sussurrou no meu ouvido.

Então Darby praticamente me arremessou para longe dela e virou as costas, assoando o nariz.

Cameron ergueu a mão e fizemos um “Toca Aqui!”.

– Vou pegar você da próxima vez.

– Com certeza.

Lucy, transformada em gato preto, ronronou enquanto se esfregava na minha perna, a cauda serpenteando em torno da minha panturrilha.

– A gente se vê por aí...

Eu disse adeus a todos, exceto a Cole. Ele estava com um olhar perdido.

– Cole...

– Eu estava me perguntando...

Olhei para os outros. Eles recuaram e nos deram o espaço de que precisávamos.

– Eu estava me perguntando se, mesmo que eu viva mil vidas, um dia vou sentir por outra pessoa o mesmo que sinto por você....

Seus olhos tinham tanto amor que só me restava uma coisa a fazer.

– Sabe aquilo sobre o que conversamos? Agora seria bom – eu disse.

Era a deixa para ele me beijar e Cole entendeu. Não posso dizer com certeza quanto tempo o beijo durou, mas, enquanto nossos lábios se encontravam e nossas línguas se tocavam, foi como se nos transformássemos numa única pessoa, nossos corpos e almas se fundindo. Todas as células do meu corpo estavam formigando com uma emoção inimaginável. Queria que o beijo durasse uma eternidade. Não me lembro quem parou primeiro, mas, assim que nos separamos, senti um vazio devastador.

Mais nuvens se dissiparam em torno do insistente raio de luar. Minha voz soou rouca quando eu disse:

– Se cuidem. E estou falando sério. Todos vocês.

Levantei os braços, como se esperasse que as mãos do universo se estendessem e me puxassem para cima. Por vários instantes, nada aconteceu. Mas então comecei a subir. Todos ficaram olhando com seus olhos tristes e fitei cada um deles, um a um, dizendo um adeus silencioso e sincero. E então olhei para Cole. Sua boca fez um movimento, sem emitir nenhum som, mas entendi o que ele quis dizer: *eu te amo*. Meu coração pesava uma tonelada. Nossos olhos estavam fixos um no outro como raios laser.

Continuei subindo em direção ao céu enquanto uma galáxia de pequenas luzes

começava a girar ao meu redor, escoltando-me até eu começar o próximo capítulo da minha existência.

Sabe aquele sentimento que você tem quando está fazendo algo absolutamente convencido de que é a coisa certa a fazer? De que, de alguma forma, você foi ao encontro do seu destino e está vivendo algo que o tempo todo soube que aconteceria? Pois não era esse o sentimento que eu tinha... Eu sentia justamente o contrário. Parecia que eu estava fazendo uma curva para o lado errado e indo parar num beco sem saída de um buraco negro. Tudo estava ao contrário e complicado.

Tentei pensar no meu futuro e no que aconteceria quando reencarnasse como outra pessoa. Tentei melhorar meu astral enquanto meu corpo fantasma se elevava com tamanha grandeza. Mas meus pensamentos continuavam voltando para Cole e a minha vida na Casa do Meio.

Eu queria ajudar Cabeça de Zíper a encontrar quem o empurrara para a morte. Queria ajudá-lo a conhecer o amor. Queria estar na liderança quando o nosso bando descobrisse quem atirou em Darby e, depois, assombrar o filho da mãe até que ele se arrependesse amargamente do que fez. Queria ajudar Cameron e Dougie e Lucy a resolverem seus assassinatos e fazerem suas passagens também. Mas, acima de tudo, e sabia que isso era totalmente egoísta, eu queria ficar com Cole. Queria estar ao lado dele quando encontrasse seu assassino e o levasse à justiça. E se por acaso eu ganhasse um ou dois beijos surpreendentemente belos ao longo do caminho, então essa seria apenas mais uma das vantagens de ser um fantasma.

A constatação desabou sobre mim como um deslizamento de terra. Eu queria voltar. Então baixei os braços. Eu continuava a subir e juro que podia ouvir harpas – ou talvez fossem apenas pássaros noturnos chilreando ou o meu cérebro perturbado. Mas, no mesmo instante, a noite inteira caiu num silêncio tumular. Era o meu momento da verdade.

Comecei a flutuar de volta para o chão. Tentei não ficar muito feliz com isso, para não correr o risco de inverter o fluxo, então fechei os olhos. Pedi ao

universo para fazer comigo o que quisesse. *Me leve ou me deixe, você é quem sabe.* Repeti essas palavras várias vezes, em voz baixa na minha cabeça. E então senti meus pés no chão. Abri os olhos.

Todo o bando estava sorrindo para mim e parecia que todos estavam prestes a comemorar com palmas e assobios.

Eu tinha voltado. Por quê? Talvez eu só viesse a descobrir dali a muito tempo. Mas estava claro que eu tinha pendências na terra. Cole deu um passo à frente.

– Bem-vinda de volta! Parece que você tem questões inacabadas por aqui.

– É. Parece que sim.

Ele sorriu. E então me puxou para os seus braços.



AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer ao meu fabuloso e talentoso editor, Brendan Deneen, da Thomas Dunne Books/St. Martin Press, por sua persuasiva orientação, bem como ao meu incansável coagente, Patrick Hughes, cuja fé no meu trabalho continua a me inspirar. À minha irmã Marsha Holand, pelo seu incentivo e apoio, e ao meu caro amigo Mike Karson, pela generosidade de me emprestar seu castelo celestial, para eu dançar com as musas.

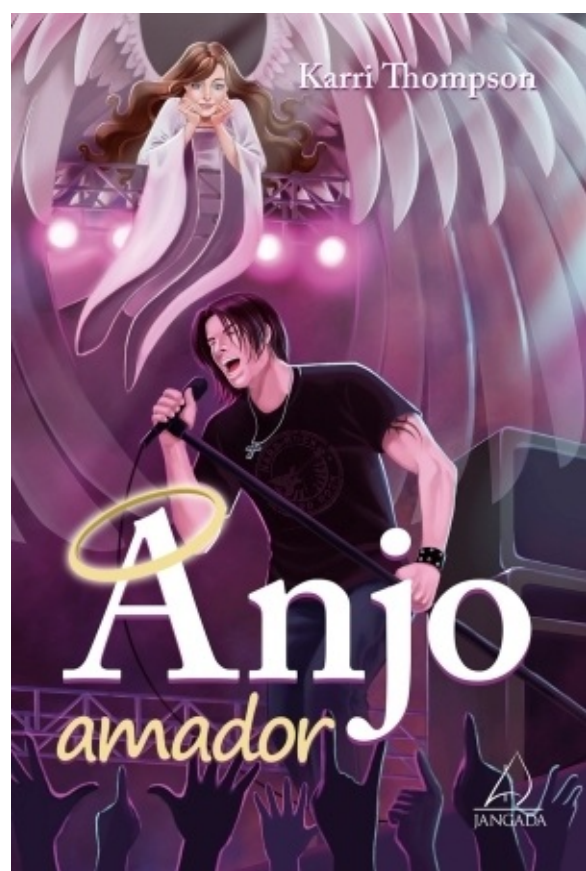
Próximos lançamentos

PRÓXIMOS LANÇAMENTOS



Para receber informações sobre os lançamentos da
Editora Jangada, basta cadastrar-se no site:
www.editorajangada.com.br

Para enviar seus comentários sobre este livro,
visite o site www.editorajangada.com.br ou mande
um e-mail para atendimento@editorajangada.com.br



Anjo Amador

Thompson, Karri

9788564850309

256 páginas

[Compre agora e leia](#)

Ashley não é uma adolescente comum. Ela não apenas está morta, entrou por engano na fila errada - uma fila destinada a anjos da guarda treinados, prestes a iniciar a sua missão na Terra. Com um par de asas nas costas, ela é enviada para Los Angeles com a tarefa de proteger o sexy roqueiro Cannon Michaels, líder da banda Sendher, o maior ídolo de Ashley. Enquanto tenta compreender o comportamento de Cannon, um jovem mimado e imprudente, com um estilo de vida totalmente "rock and roll", Ashley está longe de satisfazer os requisitos de um verdadeiro anjo da guarda. Ela sente falta da família e dos amigos, tem dificuldade para aceitar a própria morte, e acaba pondo em risco a sua missão como anjo e a própria vida de Cannon ao se apaixonar perdidamente por ele.

[Compre agora e leia](#)



O Estranho Mistério das Quartas-Feiras

Bourbeau, Julie

9788564850743

248 páginas

[Compre agora e leia](#)

O vilarejo de Max é absolutamente normal em todos os sentidos e em todos os dias da semana... exceto às quartas-feiras. A maioria dos habitantes tranca portas e janelas para se esconder das muitas coisas estranhas que acontecem nesses dias, coisas como gatos presos dentro do aspirador de pó, bolos de aniversário que pegam fogo ou escorregões com desfechos catastróficos. E Max, de 10 anos de idade, não gosta de ficar trancado em casa. Inquieto e curioso, ele quebra todas as regras do vilarejo e sai à procura da causa de todas essas esquisitices das quartas-feiras. O que ele descobre é um segredo tão bizarro e sobrenatural que sua vida jamais será a mesma. O próprio Max nunca mais será o mesmo! De repente, os acidentes inexplicáveis tão comuns às quartas-feiras passam a acontecer com ele também às quintas, às sextas e até mesmo aos sábados! O que aconteceu com Max? E, mais importante, será que existe uma cura para esse estranho mistério das quartas-feiras? Mistério, magia, monstros perigosos e outras bizarrices você encontra aos montes nesta história fantástica de um garoto que quer desesperadamente que sua vida volte ao normal!

[Compre agora e leia](#)



A guardiã do tempo

Monir, Alexandra

9788555390524

272 páginas

[Compre agora e leia](#)

No primeiro volume, Michele Windsor descobre que consegue viajar no tempo através do diário que encontrou na casa da avó. E em sua viagem para 1910, ela se apaixona por Philip Walker. Agora, neste último volume e de volta ao seu tempo, ela vê entrar em sua classe um novo aluno e mal pode acreditar: é o seu grande amor Philip Walker. Porém, ao procurá-lo, Michele descobre que ele não se lembra dela e nem do Philip Walker de 1910. Michele busca respostas nos diários antigos de sua família, e descobre que seu pai era um viajante do tempo, que tinha envolvimento com uma organização misteriosa chamada Sociedade Temporal, e vivia um conflito com uma antepassada vingativa. Michele logo se vê no centro de um embate que existe há 120 anos e cujo desenlace pode trazer consequências fatais.

[Compre agora e leia](#)



A poção secreta

Alward, Amy

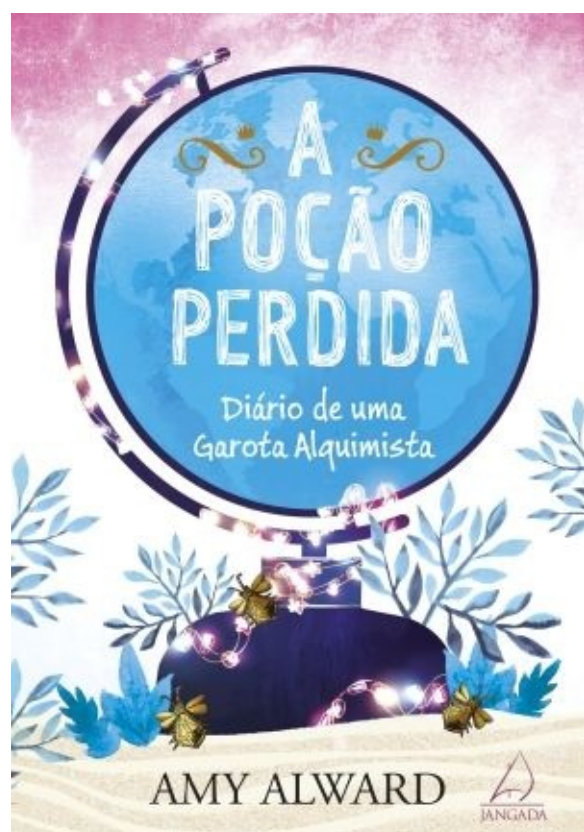
9788555390852

368 páginas

[Compre agora e leia](#)

A Princesa do Reino de Nova toma acidentalmente uma poção do amor, e se apaixona por si mesma! Para encontrar um antídoto que possa curá-la, o rei mobiliza todos numa expedição chamada Caçada Selvagem. Competidores do mundo todo saem em busca dos mais raros ingredientes em florestas mágicas e montanhas geladas, enfrentando perigos e encarando a morte para encontrar a fórmula da poção secreta. Dentre eles, está Samantha, uma garota comum que herdou dos seus ancestrais alquimistas o talento para preparar poções. Esta pode ser a oportunidade para reerguer a decadente loja de poções da família, afinal o mundo todo estará acompanhando a Caçada nas mídias sociais. Será que ela conseguirá descobrir a cura e salvar a Princesa?

[Compre agora e leia](#)



A poção perdida

Alward, Amy

9788555390982

448 páginas

[Compre agora e leia](#)

Depois de vencer a Caçada Selvagem, salvando a Princesa Evelyn, a vida de Sam Kemi mudou completamente! Tudo parece estar indo muito bem, o trabalho na loja de poções da família, sua amizade com a princesa e os preparativos para uma grande viagem internacional, até que de repente não está mais... Alguém adulterou a mente do avô de Sam para tentar descobrir a fórmula da Aqua Vitae, uma poção capaz de curar qualquer doença e que estava perdida entre as páginas de um antigo diário da família Kemi. Sem suas memórias e precioso conhecimento, o avô de Sam está cada vez mais perdido e confuso. E, conforme o tempo passa, seu estado só piora. Agora Sam precisa encontrar a receita perdida da poção mais poderosa do mundo, pela qual as pessoas matariam para pôr as mãos, e trazer as memórias do seu avô de volta. Trocando vestidos, príncipes e palácios por dragões, centauros e cavernas, Sam começa a aventura mais importante e perigosa de sua vida – na qual tudo pode acontecer!

[Compre agora e leia](#)